A close-up photograph of a woman's hands, which are restrained by silver handcuffs. She is holding a vibrant pink rose gently in her palms. Her fingernails are painted black. The background is dark, making the hands and the rose stand out.

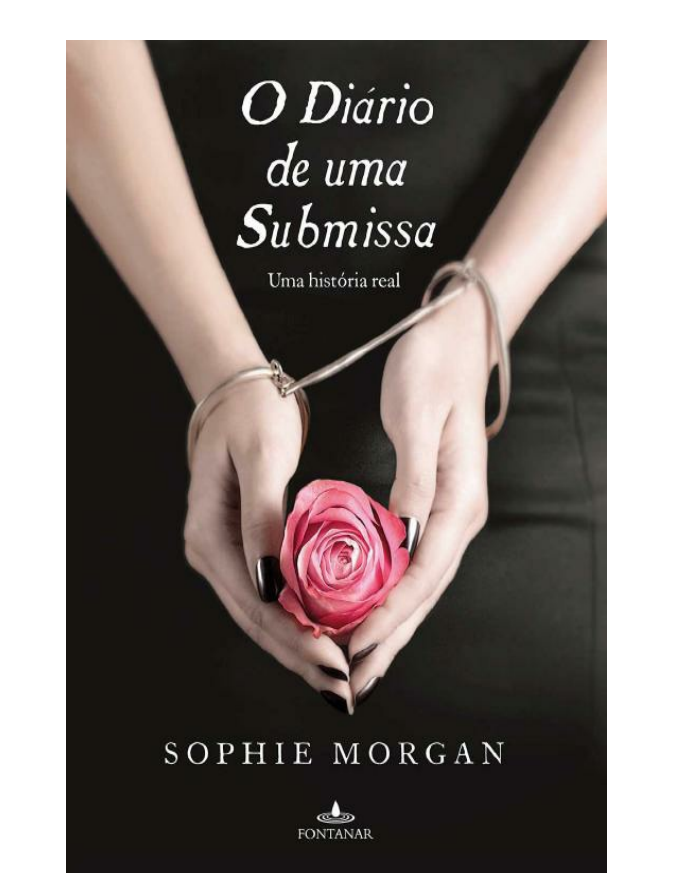
*O Diário
de uma
Submissa*

Uma história real

SOPHIE MORGAN



FONTANAR



*O Diário
de uma
Submissa*

Uma história real

SOPHIE MORGAN


FONTANAR

Sophie Morgan

**O diário de uma
submissa**

Uma história real

Tradução de Camila Mello



FONTANAR

Copyright © Sophie Morgan 2012

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Objetiva Ltda., rua Cosme Velho, 103 Rio de Janeiro — RJ — CEP: 22241-090 Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825 www.objetiva.com.br

Título original *The Diary of a Submissive*

Capa Pronto Design sobre design original

Revisão

Raquel Correa

Máisa Fonseca

Édio Pullig

Coordenação de e-book Marcelo Xavier

Conversão para e-book Freitas Bastos



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M846d

Morgan, Sophie

O diário de uma submissa [recurso eletrônico]: uma história real / Sophie Morgan ; tradução Camila Mello. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. recurso digital

Tradução de: *The diary of a submissive* Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web

207p. ISBN 978-85-390-0445-4 (recurso eletrônico)

1. Dominância (Psicologia). 2. Fantasias sexuais. 3. Fetichismo (Comportamento sexual) 4. Livros eletrônicos. I. Título.

12-8982. CDD: 306.77

CDU: 392.6

Prólogo

Talvez você tivesse saído para atender a uma ligação quando nos viu pela primeira vez ou, se preferir, estava terminando um cigarro discretamente antes de voltar para o aconchego do bar. De qualquer maneira, chamamos sua atenção, em pé em um vão entre prédios do outro lado da rua, não tão distantes de onde você está.

Não se engane, isso não quer dizer que sou especialmente linda, nem ele. Somos como qualquer outro casal na noite, não usamos roupas estranhas nem somos barulhentos, nem significantes em nossa insignificância. Porém há uma intensidade, alguma coisa fermentando entre nós, que paralisa você, faz você olhar, apesar de estar superfrio e de você estar realmente se preparando para entrar e se juntar novamente aos amigos.

A mão do homem está agarrada no meu braço em um aperto tão visivelmente firme que, até a distância, por um instante, você se pergunta se vai machucar. Ele me empurrou contra a parede e sua outra mão está enfiada nos meus cabelos, me paralisando, então quando tento olhar para outro lado — para pedir ajuda? —, não consigo.

Ele não é particularmente alto ou forte. Na verdade, você provavelmente o despreveria, caso fosse se dar ao trabalho de descrevê-lo, como um cara qualquer. Mas tem alguma coisa nele, alguma coisa em nós, que faz você se perguntar rapidamente se está tudo bem. Não consigo tirar meus olhos dele e a profundidade óbvia do meu espanto significa que por um segundo você também não consegue. Você o encara fixamente tentando enxergar o que estou enxergando. E então ele puxa meus cabelos, aproximando minha cabeça da dele em um movimento brusco que faz você se aproximar instintivamente para intervir, antes que aquelas histórias dos jornais sobre bons samaritanos com finais trágicos inuntem seu cérebro e paralisem você.

Agora, mais perto, você consegue escutá-lo falando comigo. Não as frases inteiras — não está tão perto assim —, mas palavras suficientes para que você

tenha uma noção. São palavras evocativas. Palavras perversas. Palavras feias que fazem você achar que realmente deve interferir a qualquer momento se a coisa piorar.

Putá. Vagabunda.

Você olha para o meu rosto, tão perto do dele, e vê fúria reluzindo em meus olhos. Não me vê falando, pois não digo nada. Estou mordendo o lábio como que reprimindo o desejo de responder, mas permaneço calada. A mão entrelaça meus cabelos com mais força e me retraio, mas continuo ali, não exatamente passiva — você pode sentir o esforço que tenho de fazer para não me mexer como se ele fosse uma coisa tangível — mas certamente controlada, amenizando o ataque verbal.

Pausa. Ele espera por uma resposta. Você se aproxima. Se alguém perguntasse, você diria que era para checar se eu estava bem, mas na verdade sabe que é curiosidade, pura e simples. Tem alguma coisa selvagem e primitiva em nossa dinâmica que atrai para mais perto ao mesmo tempo em que repele. Quase. Você quer saber como vou responder, o que acontece depois. Tem algo obscuro, porém atraente na cena, o que significa que normalmente você sentiria horror, mas sente curiosidade.

Você me vê engolir a saliva. Passo a língua no lábio inferior para umedecê-lo antes de tentar falar. Começo uma frase, não termino direito, pisco, olhando para baixo para fugir do olhar dele conforme sussurro minha resposta.

Você não consegue me escutar. Mas consegue escutá-lo.

— Mais alto.

Agora estou corada. Há lágrimas nos meus olhos, mas você não consegue distinguir se são de aflição ou de fúria.

Minha voz fica mais clara, até mesmo alta no ar da noite. Meu tom é desafiador, mas o rubor nas bochechas, que se espalha até as clavículas visíveis embaixo da jaqueta aberta, delata uma vergonha que não consigo esconder.

— Eu sou uma vagabunda, senhor. Fiquei molhada a noite toda imaginando o senhor me comendo e ficaria muito grata se a gente fosse pra casa agora e fizesse isso. Por favor.

Minha rebeldia morre na última palavra, que sai como uma doce súplica.

Ele passa um dedo distraído na barra da minha camisa — o corte é cavado o suficiente para dar uma sugestão de decote, mas não exatamente vulgar — e estremeço. Ele começa a falar e seu tom de voz faz com que você reprima um impulso de tremer também.

— Isso soou quase como alguém implorando. Você está implorando?

Você me vê começar a concordar com a cabeça, mas sou impedida pela mão nos cabelos. Em vez de concordar engulo a saliva rapidamente, fecho os olhos por um segundo e respondo:

— Sim. — Há uma pausa que se transforma em um longo silêncio. Uma

respiração que pode ser quase como um suspiro. — Senhor.

O dedo ainda está passeando pela curva dos meus seios enquanto ele fala.

— Pelo visto você faria praticamente tudo agora pra conseguir gozar. Você faria? Tudo?

Fico em silêncio. Minha expressão é de cautela, o que surpreende você, considerando o desespero óbvio na minha voz. Você se pergunta o que o "tudo" já incluiu no passado, o que vai significar agora.

— Vai se ajoelhar e chupar o meu pau? Aqui mesmo?

Ficamos calados por um bom tempo. Ele tira a mão dos meus cabelos, se afasta um pouco. Espera. O barulho de uma porta de carro a distância me faz tremer, então me mexo para olhar os dois lados da rua com nervosismo. Vejo você. Trocamos olhares por um segundo, arregalo os olhos com surpresa e vergonha antes de olhar para ele de novo. Está sorrindo. Completamente imóvel.

Faço um som no fundo da garganta, meio choro, meio súplica, e engulo a saliva com força fazendo um gesto vago.

— Agora? Você não prefere que a gente...

Ele pressiona os dedos contra meus lábios, que ainda se movem. Está sorrindo de maneira quase indulgente. Mas sua voz é firme. Até mesmo imperiosa.

— Agora.

Dou a olhada mais rápida do mundo para você. Você não sabe, mas na minha cabeça estou jogando a versão adulta de um jogo infantil — se não olhar para você diretamente, você não vai estar lá de verdade para testemunhar a minha humilhação, não pode ver porque não posso ver você.

Faço um gesto nervoso mais ou menos na sua direção.

— Mas ainda está meio cedo, tem gente andando...

— Agora.

Você está em um estado de hipnose vendo as emoções conflitantes no meu rosto. Vergonha. Desespero. Raiva. Resignação. Abro minha boca para falar várias vezes, penso melhor e fico calada. Enquanto isso, ele fica de pé. Observando-me, absorto. Assim como você.

Finalmente, com o rosto vermelho, dobro os joelhos e me abaixo na frente deles nos paralelepípedos úmidos. Minha cabeça está inclinada para baixo. Meus cabelos caem sobre o rosto e dificultam a visão, mas você acha que vê lágrimas brilhando no meu rosto sob a luz dos postes.

Por alguns segundos, fico só ajoelhada, imóvel. Depois você me vê dando um suspiro profundo, calmante. Ajeito os ombros, olho para cima e pego nele. Contudo, assim que minhas mãos trêmulas tocam a fivela do cinto, ele me detém e faz um carinho suave na minha cabeça, como se faz com uma cadelinha leal.

— Boa menina. Eu sei como isso foi difícil. Agora se levante e vamos pra casa terminar lá. Está um pouco frio pra brincar aqui fora hoje.

O toque é solícito e ele me ajuda a levantar. Passamos por você de braços

dados. Ele sorri. Faz um gesto positivo com a cabeça. Você meio que corresponde antes de acordar e se perguntar que diabos está fazendo. Estou concentrada no chão, cabeça baixa.

Você vê que estou tremendo. Mas não vê o quanto essa experiência toda me deixou excitada. O quanto endureceu meus mamilos no confinamento do sutiã. O quanto meu tremor é tanto por causa da onda de adrenalina de tudo que encenamos na sua frente quanto do frio e da humilhação. O quanto cresço com isso. O quanto me completa de uma forma que não consigo explicar totalmente. O quanto odeio e amo. Anseio por isso. Desejo.

Você não consegue ver essas coisas. Tudo o que consegue ver é uma mulher trêmula com joelhos sujos indo embora com pernas cambaleantes.

Esta é a minha história.

A primeira coisa que tenho a declarar é que não sou uma pervertida. Não mais do que qualquer outra pessoa. Se você viesse ao meu apartamento se surpreenderia mais com a louça na pia do que com meu calabouço — o custo de vida na cidade é tão alto que tenho sorte de ter encontrado um apartamento com sala que eu pudesse bancar. Digamos que um calabouço não era realmente uma opção.

E abordando alguns estereótipos desagradáveis, não sou um capacho nem uma ignorante. Não tenho vontade de passar o dia cozinhando enquanto alguém caça e colhe frutas para mim e mantenho as coisas em ordem, o que é bom porque, fora uma carne assada decente no domingo, sou uma cozinheira meio ruim. Também não sou que nem a Maggie Gyllenhaal em *Secretária*. Infelizmente.

Sou simplesmente uma submissa, quando a vontade vem e quando tenho alguém em quem confio para praticar. Você não perceberia se me conhecesse. É apenas uma faceta da minha personalidade, um dos vários elementos do caráter que me fazem ser... eu, coexistindo com meu amor por morangos, a compulsão de continuar discutindo com teimosia mesmo quando sei que estou errada e a tendência de desprezar 99% da programação da TV mas ficar obsessiva com o 1% de uma forma que até eu me assusto.

Sou jornalista em um jornal da região. Amo minha profissão e — isso nem precisa ser dito — ser submissa não afeta meu trabalho. Honestamente, se afetasse eu ia acabar fazendo chá e ouvindo histórias de escola, o que realmente é um destino pior do que a morte. Além disso, as salas de redação são lugares cruéis. Todo mundo quer se comer vivo e você precisa dar o seu melhor. Eu dou.

Eu me considero uma feminista. Com certeza sou independente. Capaz. No controle. Para algumas pessoas, isso pode parecer incongruente com minhas escolhas sexuais, com o que me excita. Foi meio estranho para mim durante um tempo. Na verdade, ainda é de vez em quando, mas cheguei à conclusão de que existem coisas mais importantes com que me preocupar. Sou uma mulher crescida com a cabeça geralmente no lugar. Se quero ceder meu controle pessoal para alguém em quem confio, para que nos leve a um lugar emocionante e prazeroso para ambos, então, contanto que eu não esteja fazendo isso onde

possa assustar criancinhas e animais, acho que estou no meu direito. Eu me responsabilizo pelas minhas ações e escolhas.

Demorei um certo tempo para chegar a esse estágio. Se a televisão não tivesse se apropriado do mundo e o transformado em uma coisa nauseante e carente de uma montagem de vídeo com *soft-rock*, diria até que tem sido uma aventura, e na verdade foi assim que este livro nasceu. Não é um manifesto ou um manual, apesar de que, se você está nessa onda e quer experimentar, talvez use algumas ideias. Conto apenas o que aconteceu comigo, como descobri e explorei esse lado, minhas experiências e considerações. Se você pedir que outra sub conte suas ideias e defina o que é ser submissa, vai sair outro livro.

Olhando agora para o passado, minhas tendências submissas começaram cedo, apesar de não as chamar assim naquela época. Eu só sabia que algumas coisas me atiçavam, pensava nelas avidamente sem nunca entender por quê.

É claro que eu não sabia disso quando era criança — estava apenas vivendo a vida em uma boa casa de classe média no interior da Inglaterra. Odeio estragar mitos, mas não há nenhum trauma profundo no meu passado nem a falta de nada nos meus anos de formação que agora exacerbem meu amor pela obscenidade. Não tenho problemas com meu pai, não havia angústia no lar e minha infância foi feliz, amorosa e simples — isso é bom para mim, mas não tão interessante para um livro. Tive e ainda tenho muita sorte com minha família — somos bem diferentes, mas o laço de amor e um senso compartilhado do absurdo nos une nos altos e baixos e me sinto genuinamente abençoada por tê-los.

Cresci em uma casa agradável com mãe, pai e irmã.

Minha mãe, que era contadora antes do meu nascimento, devotou a vida criando a mim e a minha irmã. É o coração da família. Passava bastante tempo conosco, nutrindo nosso crescimento, fosse ajudando com o dever de casa ou brincando no jardim. Não acreditava em ficar só olhando; se íamos andar de patins, ela também ia. Sua outra paixão era reformar cada parte da casa sozinha, um cômodo de cada vez. As melhorias na casa eram equivalentes a repintar a ponte escocesa Forth Road, mas com papel de parede da loja Laura Ashley.

Meu pai tem um negócio próprio e é o homem mais trabalhador que conheço, um provedor que garantiu uma infância com todas as bicicletas e brinquedos novos que quiséssemos (ainda bem que mamãe fazia com que esses presentes fossem dados com algum critério para que não ficássemos insuportáveis), além de oportunidades de viagens e uma vida maravilhosa em casa. Engraçado e inteligente, ele tem um senso de aventura que acho que herdei, além do espírito independente e de ser quem é sem dever nada para ninguém, uma atitude que estimulou nos filhos. De vez em quando batia de frente com seus próprios pais, confrontando o que eles achavam que devia fazer da vida.

Minha irmã é meu oposto em vários sentidos. Geralmente sou quieta e fico mais confortável com alguns poucos e bons amigos, ao passo que ela é a luz e a

alma da festa, aquela que energiza os lugares, que faz as coisas acontecerem. Apesar das diferenças, é para ela que eu ligaria às três da manhã se precisasse, ainda mais porque ela é praticamente um ser noturno. Tenho muita sorte por essa mulher ser tão incrível, ela que provavelmente vai estar ao meu lado por mais tempo que qualquer outra pessoa. No entanto, o que é hilário e contradiz esse discurso favorável, com três dias juntas na casa da família no Natal, voltamos à adolescência, brigando por causa do tempo passado no banheiro com banhos muito longos (ela geralmente demora mais).

Nosso confortável lar também contou com uma coleção de animais, desde Ouro, o peixe-dourado — sem julgamentos, eu tinha 3 anos quando escolhi esse nome —, até Cheesy, o hamster, e Barry, o cachorro. Esse último foi batizado na fase em que eu ficava questionando por que cachorros não podem ter nomes de pessoas (uma pergunta prontamente respondida quando meu pobre pai correu em um estacionamento brurrando "Barry!" de um jeito que sem dúvida perturbou outros donos de cachorros). Sempre amei animais e uma das memórias mais fortes que tenho da infância é a de enterrar um pássaro que encontrei morto no jardim — expressamente contra a vontade da minha mãe, que, compreende-se, estava preocupada com questões higiênicas. Quando ela descobriu que eu não só tinha desobedecido o pedido de não levar o pássaro para seu abrigo final, mas que também estava presidindo o funeral na companhia de minha irmã e dos filhos dos vizinhos — se era para quebrar regras, que fosse em grande estilo —, ela me colocou de castigo no quarto. Apesar de ser a tática principal dos meus pais para má conduta — não havia punição corporal lá em casa —, esse castigo geralmente não parecia ser uma punição para mim. Meu quarto era um dos meus lugares favoritos, repleto dos livros que comprei com o dinheiro que juntava. Eu passava horas felizes sentada no parapeito da janela lendo e vendo o mundo passar lá fora. No entanto, nessa ocasião a injustiça foi muito grande para suportar. Escrevi uma carta revoltada para o botânico e apresentador de programas ecológicos David Bellamy sobre o regime opressor e anticonservacionista em que era forçada a viver, onde pássaros mortos eram ignorados por adultos cruéis. Ele não respondeu, o que provavelmente foi melhor, porque se tivesse respondido acho que me mandaria ouvir a mamãe, e isso só me deixaria mais irada. O fato de isso ser o mais perto que cheguei de um confronto com minha mãe atesta que nunca fui uma rebelde. Eu ia fazendo as minhas coisas calmamente, mas não gastava tempo testando limites, principalmente porque podia fazer quase tudo que queria e também porque não gostava de discutir. Isso com certeza mudou, conforme cresci.

Meu interesse por escrever começou cedo, me lembro de escrever e ilustrar histórias em blocos de folha A5. Minhas histórias eram peculiares, baseadas em programas infantis de TV, livros e filmes que curtia. A escrita era consideravelmente melhor do que o desenho, mas isso não significava muito

naquela época. Comecei a brincar com arte bem cedo, depois de ver alguma coisa no jornal sobre uma criança precoce cuja arte valia milhões. Infelizmente, quando fiz alguns trabalhos com lápis de cor e canetinha, minha mãe aceitou meu primeiro desenho com prazer e até pagou cinquenta centavos pelo segundo original. No entanto, quando pedi dez dólares — achei que era razoável naquelas circunstâncias —, ela me deu um "não" firme, apesar de doce, massacrando qualquer plano futuro de uma vida artística e me fazendo voltar à produção de pequenos livros e quadrinhos. Na primeira oportunidade eu levava amigos e família comigo para Nárnia, Terra Média ou Newcastle, como retratada em *Jossy's Giants*, um programa de TV sobre um time escolar de futebol. Essa última era mais perto de casa e um tanto mais obscura, visto que a descobri via TV a cabo.

Meu amor por *Jossy's Giants* e futebol em geral veio de uma grande vertente masculina em mim. Eu era, e ainda sou, distante do estereótipo da menininha. Tenho um desgosto patológico pela cor rosa e nunca fui apaixonada por maquiagem, roupas caras ou sapatos estilosos — até hoje se me colocarem em salto alto pareço o Bambi tentando andar no gelo, se bem que tudo que não gasto em sapatos eu mais que compenso com esmaltes e bolsas. Definitivamente não me interessava muito por meninos enquanto crescia, um fato que, ironicamente, fez com que tivesse vários amigos na escola, enquanto jogava futebol numa boa com eles na hora do almoço e não me empenhava em ficar de conversinha. Se você perguntasse quais eram as minhas coisas favoritas quando eu tinha 10 anos, eu responderia: ler, andar de skate e de bicicleta e subir na árvore no canto do nosso jardim, o que dava vista para os outros terrenos — fonte infinita de fascínio por razões que pareciam muito importantes naquela época. A árvore era meu lugar privado — minha irmã não se interessava pelos arranhões inevitáveis e pela sujeira do pulo inicial, nem mesmo com meu sistema de roldana e corda desenvolvido engenhosamente e que me impulsionava para o primeiro galho escalável. Eu era uma criança solitária em vários sentidos, confortável na solidão, lendo e sonhando acordada, o que provavelmente não surpreende tanto se considerarmos a descrição que acabei de fazer de mim como uma garota antissocial.

É claro que nenhuma mulher é uma ilha, mesmo que elas fiquem escondidas em uma cerejeira sempre que podem. Minha irmã era uma companheira constante e me acompanhava nas conspirações em casa, ao passo que na escola — mista até meus 11 anos e depois só de meninas — tive um círculo heterogêneo de amigos, muitos dos quais ainda sou próxima. Não era uma das populares — tendia a me aproximar dos nerds da música, do teatro e da tecnologia —, mas me dava bem com todo mundo e usava o humor para amenizar problemas quando ocorriam. Durante o ensino médio, era uma aluna bem comum. Levou certo tempo até me encontrar, pois passei de uma das melhores alunas no ensino

fundamental para mediana na maioria das matérias no ensino médio, o que mostrou de repente que as coisas não eram tão fáceis e demandavam esforço. Foi um choque cultural em vários sentidos, mas provavelmente bom porque afastou qualquer atitude precoce que pudesse ter surgido por eu vir de um lar que me apoiava e no qual todo mundo achava que eu era um gênio porque gostava de ler. Não era a mais bonita ou a mais inteligente na sala, apesar de logo perceber que isso ia a meu favor porque me parecia que as mais lindas e inteligentes atraíam mais maldade. Em vez disso, eu tinha consciência e me esforçava, uma consequência da necessidade herdada de agradar. Apesar das preocupações ocasionais em não decepcionar meus professores e pais, em geral eu gostava da escola. Eu sei, é nojento.

Ironicamente, fui meio tardia na área do romance. Dei meu primeiro beijo com 12 ou 13 anos em um menino que conheci por meio de umas amigas e, pensando friamente, não fiquei impressionada. Não houve trovões soando ou música romântica, só um sentimento de anticlímax — sem querer fazer trocadilho — depois. Acho que um de nós falou "é isso aí". Nem preciso dizer que o mundo não passou a ser especial.

Dito isso, eu lia as revistas juvenis *Just Seventeen* e *Minx* e conhecia a mecânica do sexo, apesar de não ter vontade de experimentar naquele momento. No entanto, eu havia aprendido que quando não conseguia dormir, esfregar a mão entre as pernas trazia um prazer que me fazia cair no sono, e sempre que minha mente se distraía quando eu criava esse prazer ela acabava retornando aos mesmos tópicos.

Sempre gostei de mitos e lendas, e Robin Hood era meu favorito quando era nova. Assisti aos filmes, ao programa na TV — vamos ignorar as versões mais recentes antes que eu comece a ranger os dentes — e li todos os livros que consegui encontrar, ficcionais ou históricos. Mas em todos os formatos eu tinha dificuldades com Marian. Odiava o fato de ela estar toda hora em perigo por motivos idiotas e ter de ser salva. De não lutar, de não ter a dignidade de ser uma companheira genuína e passar a maior parte do tempo remendando as feridas dos Homens Felizes e olhando pensativa para o horizonte enquanto iam se aventurar.

Apesar disso, minhas partes favoritas dessas histórias envolviam a personagem no mesmo perigo que me fazia detestá-la. Quando foi capturada — como isca inevitável em uma emboscada para pegar Robin Hood, o que também parecia o maior objetivo da vida de Marian —, a maneira como desafiou Guy de Gisborne e o xerife de Nottingham instigaram minha imaginação. Ela ficava presa em um lugar úmido, como um calabouço, e aparecia nas figuras amarrada ou acorrentada. Impotente. Mas não se curvava, era digna em sua indignidade e de alguma forma isso me tocou, fez meu coração disparar. Sabe quando você é pequeno e alguma coisa que leu ou viu cativou sua imaginação tão

profundamente que você se transportou para essa coisa, era você naquele momento vivendo e sentindo a cena? (Na verdade, digo quando "pequeno", mas ainda sinto isso quando leio ou vejo alguma coisa incrível, a diferença é que acontece menos.) Bem, todas as cenas que eu remontava na cabeça eram as de Marian, mesmo que ela fosse meio fraca e mesmo com minha tendência a mascarar as partes chatas depois de Robin salvá-la, quando ela voltava ao acampamento e cuidava da fogueira. Era nessas histórias que eu pensava deitada na cama à noite.

Pelo menos até descobrir a pornografia.

Quando eu tinha uns 14 anos rolou um tumulto por causa de uma revista que deu um livro erótico de brinde para mulheres. Eu não tinha internet no quarto e, francamente, apesar de saber que era o lugar para buscar inspiração erótica, não tinha interesse em fotos de seios porque eu tinha os meus e não achava que eram tão bons assim. Esse livro, no entanto, foi diferente. Os debates sobre decadência moral e afins me fizeram passar a maior parte do mês desesperada por uma edição. Em parte porque eu tinha começado a suspeitar que era mais safada do que minhas amigas da escola, ou pelo menos mais safada do que ousavam admitir em voz alta. Além de poder ver exatamente se o livro era muito escandaloso, achei que poderia servir como barômetro de obscenidade.

Só havia um problema.

Minha vizinha trabalhava na única banca de jornal grande o suficiente para vender a revista em nossa pequena cidade. Ela não só não me deixaria comprar a revista, porque sabia que eu era menor de idade, como também contaria para mamãe, o que abriria espaço para uma daquelas conversas tão horrorosas que você quer arrancar as próprias orelhas. Definitivamente não era uma opção. Então um dia peguei um ônibus diferente para casa, um que me levou para a maior cidade nas redondezas, e comprei a revista; mãos suadas, ainda de uniforme, morrendo de medo que a mulher desinteressada atrás do balcão percebesse que eu era menor e que estava comprando, sem vergonha nenhuma, aquilo que o *Daily Mail* descreveu como lixo e pedisse que eu devolvesse a revista antes que fosse corrompida para sempre. Ela não fez isso. Coloquei a revista na bolsa e, com o coração ainda batendo, andei os três quilômetros para casa e expliquei para mamãe que estava atrasada por causa do treino de hóquei.

Quando penso no livro, que não consigo jogar fora apesar de estar tão manuseado que as páginas começaram a cair, o escândalo e a revolta da época ficam risíveis. Todavia, a leitura foi uma revelação. Meus capítulos preferidos ainda têm orelhas para facilitar a procura. Tinha uma parte em especial sobre uma mulher briguenta, porém vulnerável, tendo uma discussão com um homem de quem ela claramente gostava, mas com quem brigava o tempo todo. Acabou amarrada em uma árvore com heras (eu sei, é meio ridículo, mas abstraia — usaram hera grega especial, que pode ter qualidades de *bondage* desconhecidas

para nós) enquanto ele fazia o que queria com ela — passava a mão em seu corpo, dava beijos perversos, abusava verbalmente. Ela estava paralisada e excitada, mesmo que não quisesse, e ele fez com que ela gozasse, tudo sem que ela pudesse fazer nada além de apoiar a cabeça na árvore e gemer de prazer. Soa meio brega agora, mas me afetou naquela época. De repente, passei a reprisar essa cena na cabeça quando me deitava, esfregando uma das mãos entre as pernas para trazer um sono delicioso.

É claro que chega um momento na vida de qualquer menina, em que um menino de verdade se sobrepõe aos livros e aos Guys de Gisborne da nossa imaginação (Robin nunca foi meu tipo). Meu primeiro namorado sério, mais velho porém não mais astuto, inicialmente pareceu aproveitar sinais que nem eu sabia que estava emitindo. Ao contrário de outros homens que eu já havia beijado, ele segurava minha cabeça com firmeza, meu rabo de cavalo em sua mão durante os beijos de boa-noite, e eu amava isso. Amava me sentir sob seu poder, imóvel enquanto nossas línguas duelavam.

Eu costumava sonhar acordada com as possibilidades daqueles beijos e o que podiam anteceder, com a sugestão de um lado diferente, um lado que o mundo não via mas que eu sentia, como se esse lado do meu namorado evocasse um complemento em mim. E então certa noite, durante um beijo de despedida, ele mordeu meu lábio inferior com tanta força que soltei um choro em sua boca, um tipo de prazer surpresa. Ele se afastou imediatamente, quase levou um chumaço do meu cabelo no movimento apressado, e se desculpou por me machucar. Era estranho explicar que na verdade eu tinha gostado, então aceitei as desculpas, disse que tudo bem, e entrei em casa decepcionada, com mamilos eretos e calcinha molhada.

Ainda não entendia o significado de aquele beijo ter me excitado. Só sabia que meninas boas não se empolgavam com coisas desse tipo, e caso se excitassem, não falavam sobre isso. Então não falei. Vivi minha vida passando pelos marcos comuns. Finalmente, meu primeiro namoradinho e eu, aproveitando que a mãe dele tinha de cobrir o horário de uma colega na recepção de um médico, perdemos a virgindade. Um misto de inexperiência de ambos, um pouco de dificuldade em relaxar e ter de ficar atenta para ver se a mãe voltava inesperadamente fez com que aquilo fosse mecânico e, apesar de prazeroso, sem muito impacto. Depois, cheguei à conclusão de que não era tão prazeroso quanto ficar na cama me tocando, apesar de na época não ter conectado isso ao fato de eu não ter tido um orgasmo. Revendo a forma inocente e experimental dos nossos amassos, é um milagre que tenhamos feito sexo naquela primeira vez. No entanto, descobrimos que a prática, se não torna o ato perfeito, certamente o deixa "bom o suficiente para que os dois fiquem tontos e sorriam um para o outro por um bom tempo depois", porém a falta de privacidade fazia com que estivéssemos constantemente com medo de sermos pegos no flagra.

Desenvolvemos táticas para mudanças rápidas das quais Clark Kent ficaria orgulhoso, e possivelmente um pouco chocado.

Meu primeiro romance de juventude acabou quando ambos saímos de casa e fomos para universidades em lados opostos do país. Sentimos saudades no início, mas, como acontece com calouros em todos os lugares, logo nos envolvemos na vida acadêmica e na diversão extracurricular que ela oferece.

Dito isso, por um bom tempo meu prazer extracurricular envolvia em grande parte usar a cozinha compartilhada para fazer pão — minha mãe não gostava que usassem sua cozinha, então eu finalmente estava curtindo a possibilidade de cozinhar para mim. Havia também as bebedeiras pós-aula, pontuadas com os tipos de discussões que hoje parecem bobeadas pretensiosas, mas que, aos 18 anos de idade, são muito importantes para mostrar como você é madura. Foi em um desses encontros embriagados que conheci Ryan. Se não exatamente me desvirtuou (eu já sabia que era capaz de criar pensamentos suspeitos o suficiente, mesmo sem a crescente coleção de livros e o acesso à internet, outro bônus da vida acadêmica), ele certamente abriu a porta para um mundo que eu não sabia que queria visitar, mesmo que soubesse vagamente que existia. Então pelo menos algumas daquelas horas debatendo Foucault, feminismo e Chomsky (eu disse que eram pretensiosas) valeram a pena.

Vi Ryan pela primeira vez na biblioteca, no terceiro ano da faculdade. O canto preferido dele ficava de frente para o meu, o que nos faz parecer mais diligentes do que éramos de verdade. Nossa comunicação era na base de gestos educados com a cabeça. Mas depois até passamos a pedir que o outro tomasse conta das coisas para irmos ao banheiro, embora eu levasse a minha bolsa. Não dou muito crédito para rostinhos bonitos. Mas ele dava.

Uma noite, minha amiga Catherine levou Ryan ao pub e ele entrou em uma briga de bêbados. Percebi que observava todo mundo em vez de se envolver na discussão em si. Quando interferia para falar alguma coisa, falava devagar e com cuidado, era articulado e berros não o calavam. Eu o achei impressionante e bem diferente do resto dos homens amontoados em volta da mesa.

Era um pouco mais velho do que eu, era norte-americano e estava fazendo um semestre de intercâmbio na faculdade de política da nossa universidade. Apesar de ser gentil, engraçado e boa companhia, levava os estudos, e a maioria das

coisas, muito a sério. Mas eu gostava disso. A vida na faculdade era divertida, embora eu não curtisse a semana de trotes e beber até vomitar. Sempre tinha consciência de que estudar custava dinheiro, portanto devia estudar muito. Gostava da ética de trabalho dele e de ele sentir o mesmo que eu. Além disso, não pude deixar de notar que era sexy de um jeito introspectivo, ligeiramente nerd, e tinha um sotaque que conseguia me dar frio na barriga, isso quando ele estava a fim de falar.

Levou certo tempo. Debatíamos sobre um calendário organizado por um dos times femininos para arrecadar fundos. As meninas posavam nuas, mas com uma seleção de objetos aleatórios cobrindo as partes. Alguém que morava no meu andar estava resmungando que era humilhante, principalmente porque a namorada aparecia em uma das fotos. Eu argumentei que não era humilhante e que não era da conta dele, contanto que ela se sentisse confortável. A discussão ficou mais exaltada, o que era inevitável porque ele estava preocupado com as pessoas tendo desejos sexuais pelas amplas qualidades de sua donzela. Toda a articulação que ele não tinha foi compensada pelo volume da voz depois de cinco cervejas, quando já estava extrapolando nos gestos e nas hipérboles. Não me aguentei. Não estava realmente me importando, mas bater boca era divertido e discutir com ele era como discutir uma causa ganha. E uma causa bêbada.

Logo ficou claro que eu não era a única que via o debate como um esporte. Ryan apoiou meu vizinho embriagado e me chamou de antifeminista. Discutiu a natureza da intenção e do efeito das fotos usando exemplos de cartões postais antigos, caindo diretamente em um debate sobre os prós e os contras da pornografia.

Depois de certo tempo, o círculo de pessoas falando diminuiu; foram comprar mais cerveja, ou se misturar ou, sinceramente, se esconder. Mas continuamos discutindo, ele contra qualquer forma de pornografia, eu a favor, contanto que todos os envolvidos trabalhassem por vontade própria e fossem bem pagos. Catherine movia a cabeça de um lado para o outro como se estivesse assistindo a uma partida de tênis verbal.

No meio da discussão, comecei a rir internamente. Minha teoria sobre o pornô era bem cada um na sua (de acordo com a legalidade), e sendo assim eu não me importava tanto com isso, mas não podia deixar que ele desse a última palavra e quera ver em quanto tempo se cansaria. E também, sendo honesta e um pouco caprichosa, eu meio que estava gostando de ter o americano totalmente focado em mim, mesmo que de vez em quando colocasse a cabeça nas mãos em resposta à minha intransigência no debate.

Demorou um pouco, mas vi nos olhos dele o momento em que percebeu que eu estava discutindo por esporte. Estava com a cabeça nas mãos de novo, ajeitou os ombros, me deu uma longa olhada, viu meu sorriso querendo sair sem que eu pudesse controlar e se inclinou para me dar um aperto de mão.

— Mandou bem, menina. Mandou bem.

Sorri para ele e paguei uma cerveja. Parecia o mais educado a se fazer.

Quando o bar nos expulsou e começamos a cambalear de volta para casa, Catherine e eu estávamos tontas e risonhas. Ele se ofereceu para me levar para casa, e enquanto eu colocava o cachecol Catherine pegou o braço dele.

— Você pode levar nós duas em casa. Moramos no mesmo andar. — Pode ter sido só uma doce ilusão, mas ele não pareceu ficar tão empolgado com essa sugestão. Honestamente, nem eu — o homem que eu vinha observando há semanas na biblioteca era bastante divertido e eu queria que pensasse o mesmo de mim. No entanto, considerando que era todo certinho quando não estava bêbado, eu não sabia quando teria outra oportunidade de presenciar aquilo de novo.

Mas façamos um brinde à internet. Acordei no dia seguinte, a cabeça latejando e com desejo de comer sanduíche de bacon, e me deparei com um e-mail perguntando se queria ver um filme no cinema da cidade. Fiquei tão animada que respondi antes de me levantar para tomar um chá que curasse a ressaca.

Fomos ao cinema. Ele cometeu o erro de me deixar escolher o filme por cavalheirismo. Sem querer, levei um homem que não gostava dos choques e da tensão do horror e da improbabilidade da ficção científica para um filme que tinha ambos. Mesmo no escuro consegui ver a leve expressão de desdém no rosto dele sob a luz trêmula da tela — pelo menos quando suas mãos não estavam no rosto.

Fomos jantar depois do filme. A conversa foi boa, principalmente porque eu o sacaneava por ser mais frouxo do que eu, e ele condenava o filme por ser extremamente bobo e implicava com os menores deslizes na trama de um jeito que me fazia gargalhar. Foi muito divertido, e quando ele disse que devíamos repetir o encontro, concordei sem hesitar.

Então nos encontramos. Fomos a uma apresentação de comédia, a um show no diretório acadêmico e mais tarde ele simplesmente me convidou para ver um DVD — o que, até mesmo no meu jeito relativamente inocente, eu entendia como um momento de tudo ou nada no flerte. Fiz brownies de chocolate e, apesar de não saber se ficaram tão bons quanto os de casa, ele devorou enquanto bebia quantidades massivas de café e mudava de canal sem parar. E finalmente, depois de eu desistir de tentar decifrar se ele estava interessado em mim, ele se aproximou e tomou uma atitude. Parecia estar apenas tirando pequenos pedaços de comida do canto da minha boca, mas logo seus lábios seguiram seus dedos. Sorri internamente, mas não senti vontade de me preocupar com minúcias. Eu já vinha pensando nesse momento havia semanas.

Ele começou devagar, beijando meus lábios com doçura, estampando

beijinhos várias vezes e depois, com mais coragem, colocou a língua dentro da minha boca e me deu um beijo de verdade. Não fiquei decepcionada. Tinha gosto de chocolate e café, boca suave na minha. Conforme me explorava, abriu a boca com vontade. Era um convite para ir mais fundo.

Suas mãos me envolveram e acariciaram minhas costas me levando para mais perto. A sensação das pontas dos dedos na minha coluna me fez tremer de prazer; todas as minhas terminações nervosas estavam alertas ao toque, a todo sussurro de conexão que seu corpo fazia com o meu — mãos, boca e até a virilha pressionando a minha insistentemente.

Por um longo tempo apenas nos beijamos, internalizando o outro. Ele beijava muito bem, com leveza e paixão, e conforme nossas mãos passeavam pelo outro sobre a roupa, ele continuou me atçando com a língua de uma forma que amoleceu meu cérebro um pouco. Surgiu em mim um pensamento fragmentado e incompleto nesse estado de embriaguez: *Se consegue me causar isso só com o beijo, como vai ser transar com ele?*

Quando se inclinou e começou a desabotoar meu jeans, achei que estava prestes a descobrir. Toquei o cinto dele, mas ele interrompeu minhas mãos, abriu meus dedos, levou-os à boca e beijou com carinho antes de afastar minha mão e voltar ao meu zíper. Abaixou meu jeans até as coxas deixando minha calcinha de bolinhas azuis à mostra, o que me fez sentir um pouco de vergonha.

Sorriu.

— Que gracinha.

Comecei a balbuciar uma justificativa para minha escolha inusitada, mas ele me interrompeu com um olhar.

— Fique sentada pra mim rapidinho. — Eu me movi e ele tirou o jeans e a calcinha, de modo que fiquei nua de verdade na sua frente.

Por um bom tempo ele só olhou. Tentei não me encolher, mas é sempre estranho quando uma pessoa vê a sua intimidade pela primeira vez, principalmente quando os dois não estão jogando a versão adulta do "mostre o seu que mostro o meu" com igualdade. Eu o vi sorrindo e dando uma olhada em sua própria virilha; fiquei aliviada por ele parecer estar gostando do que estava vendo. Eu me inclinei para a frente de novo e estiquei as mãos para tocá-lo, mas ele me impediu.

— Calma. Espere um pouco.

— Não sou uma pessoa paciente — gemi.

— Considere isso fortalecimento de caráter então — disse ele, ajoelhando-se na minha frente. Chutei o joelho dele carinhosamente com pés descalços e gemi quando ele passou os dedos por dentro da minha coxa, perto de onde eu o queria, mas não tão perto. Ele ia ver só. Esperei, minha coxa quase não tremia, e ele acariciou meus lábios para cima e para baixo. Queria muito que ele tocasse alguns centímetros mais para dentro, que me tocasse naquele lugar onde eu o

queria mais. Fechei os olhos e lutei para manter o controle. Acho que estava quase conseguindo, pelo menos até eu sentir sua boca na minha boceta, as lambidas delicadas, até que deslizou com cuidado para provar o meu sabor. Gemi, assim como ele, e aqueles ruídos de prazer enquanto ele me saboreava intimamente pela primeira vez me eletrizaram. Então ele começou a me beijar da mesma maneira errante que tinha usado para tomar minha boca minutos antes. Deslizei no sofá para chegar mais perto enquanto ele me causava contorções com as lambidas, alternando entre leves e provocadoras e mais firmes e fortes. Meu orgasmo surgiu, reduziu, surgiu de novo e finalmente, quando ele beliscou meu clitóris com os dentes e o sugou com força, tive um orgasmo alto, pleno e com tanta força que vi estrelas. Foi uma revelação, e fez com que eu gargalhasse de tanta alegria. Estava desesperada para recuperar o fôlego e fazer tudo de novo.

Olhei para ele, que ainda me observava com seriedade, tomei seu rosto em minhas mãos e fiz carinho. Ele sorriu e virou o rosto para beijar minha mão. Eu me inclinei para beijá-lo e me deitei no chão ao seu lado, enrolando-me em seu corpo de maneira que ele pôde sentir meu coração ainda batendo forte. Quando recuperei o fôlego e voltei à realidade, senti a ereção dele pressionando meu corpo e, dessa vez, quando abaixei a mão, Ryan não me impediu. Abri a calça e botei ele para fora, me abaixei para colocá-lo na boca mas Ryan me impediu.

— Por favor, deixe eu colocar em você.

Concordei rapidamente e me virei de costas enquanto ele pegava um preservativo. Seria grosseiro discutir com ele quando meu próprio orgasmo ainda estava se dissipando. Ele me penetrou, e aquele primeiro momento de conexão me fez apertar os punhos. Ele gemeu e enterrou o rosto no meu ombro. Movi a cintura, empurrando-o mais para dentro, mas antes de começar a se mover ele abriu minha blusa e tirou meus seios do sutiã com um gemido.

Seus olhos estavam famintos quando viu meus mamilos excitados, mas não conseguiu conter um comentário.

— O sutiã também não é de bolinha? Estou decepcionado.

Fiz careta e comecei a mover com mais insistência fazendo sem querer com que meus seios pulassem mais. Ele os pegou, fez carinho e deu beijos, levou cada mamilo à boca e, finalmente, começou a se mexer.

Nossa respiração ficou mais ofegante durante a transa. Nada mais importava além dos movimentos, da nossa conexão e do prazer. Ver o rosto de Ryan perder a seriedade, vê-lo completamente sem defesa, dava muito tesão, e vê-lo gozar me deixou tão perto do êxtase que escorregar meus dedos entre nós até tocarmos meu clitóris por apenas um segundo me fez explodir também.

Na manhã seguinte, a única tristeza foi saber que nosso relacionamento, até mesmo nesse estágio inicial, tinha um limite de tempo. Eu estava decepcionada, até chateada, mas depois de ter passado a noite toda deitada nua no quarto dele,

viendo TV e bebendo, com pausas para beijos, amassos e sexo, eu estava absolutamente determinada a curtir ao máximo cada momento da presença dele. Aproveitar cada segundo como se fosse o último.

Começamos a namorar casualmente, apesar de o retorno aos Estados Unidos pairando sobre nós não permitir que fizéssemos planos para algo sério. Era um amante atencioso, sempre paciente quando dava e quando recebia prazer. Ele me deixou explorar seu corpo aos poucos e fiquei mais confiante quando lambia e chupava seu pênis, acariciando-o por quanto tempo eu quisesse, aprendendo a lhe dar prazer, o que me satisfazia. No entanto, eu jamais diria que ele gostava de qualquer coisa que fosse remotamente extravagante, o que fez com que eu aprendesse a não presumir nada sobre as pessoas.

Minha primeira experiência com perversões, acho que como a de várias pessoas, foi com umas boas palmadas.

Gosto de achar que tenho uma boa imaginação. Certamente tenho, e não digo isso com orgulho, mas como um fato; tenho uma mente bem suja, o que significa que fico mais do que feliz em criar usos alternativos para objetos aparentemente inocentes. Isso e minhas prioridades financeiras na universidade — livros e cerveja, não necessariamente nessa ordem — fizeram com que meus brinquedos sexuais preferidos fossem itens domésticos reutilizados para outros fins.

Sendo assim, gostava de achar que cercada dos meus próprios objetos em meu quarto não havia nada que pudesse ser escolhido e usado para fins nefastos contra mim que eu já não tivesse imaginado e possivelmente usado, ainda bem. Por isso a escova de cabelos ter sido uma surpresa tão grande.

Tenho cabelos grossos e volumosos. Não tanto para que eu me pareça com um lobisomem — pelo menos não quando mantenho uma rotina de depilar todas as partes principais —, mas o bastante para que de manhã, quando acordo, meu estilo fique um pouco à moda das selvagens de Bornéu.

Quando acordo e quando acabo de transar.

Naquele momento, no entanto, nem tínhamos chegado a esse ponto. Estávamos nos beijando havia horas, eram beijos de duas pessoas tentando ativar a tensão por mais tempo, cada beijo e movimento um prelúdio e uma promessa de algo mais. Finalmente, chegamos ao acordo silencioso de avançarmos. Meu rosto estava arranhado por causa da barba por fazer, dava para ver meus mamilos embaixo da camisa e um volume óbvio nas calças dele. Quando nos afastamos ele soltou as mãos dos meus cabelos com alguma dificuldade.

Quando tentei pentear os cabelos com os dedos para ficarem menos bagunçados, ele pegou minha mão e beijou cada dedo. As covinhas dele ficaram fundas com o sorriso quase maquiavélico.

— Deixa pra lá. A gente vai desarrumar mais ainda. E tudo bem, gosto de ver você bagunçada.

Fiz uma careta para ele e comecei a desabotoar a camisa.

— Não consigo controlar meus cabelos. Mas tudo bem, os seus também estão bem bagunçados agora. — Aponte para trás, brincando com ele. — Tem uma escova ali se precisar.

Os cabelos de Ryan eram tão escuros e revoltados quanto os meus, até mesmo antes de eu cravar meus dedos neles enquanto nos beijávamos. Era curto, mas a parte da frente ficava caindo sobre os olhos, o que fazia com que ele mexesse a cabeça para o lado inconscientemente para afastar os cabelos quando falava alguma coisa importante. Eu achava isso, e ele, uma graça.

Eu me virei, tirei a calça e me abaixei para pegá-la do chão, já que estava em volta dos meus pés. Foi quando ele me bateu.

Acho que o negócio foi o som da batida. Isso e o fato de não estar esperando. Quando alguém bate na sua bunda com tanta força que o som ecoa e é totalmente inesperado, dói. Mesmo que você pense "foi apenas um tapa, pelo amor de Deus", não tem como resistir à vontade de passar a mão no local. Ou pelo menos eu não resisti.

Eu me virei, com a mão ainda na bunda, e vi os olhos dele grandes e inocentes, o sorriso maior ainda, enquanto balançava a escova para mim.

— Você disse que eu podia usar.

Ah. O velho aviso de ter cuidado com a maneira como se coloca as coisas. Sentindome como se estivesse à beira de algo incrível que havia anos eu esperava para viver, sorri para ele, reuni coragem e dei a permissão que esperava.

— Você está certo. Eu disse isso.

Cabelos rebeldes precisam de escovas rebeldes, e foi isso mesmo o que aconteceu. Quando ele puxou minha calcinha, me colocou em seu colo e começou a me bater com a escova, o som reverberou no quarto. Fiquei preocupada com o que o vizinho ia pensar — pelo menos nos primeiros segundos, depois não dei a mínima.

Sempre havia me perguntado como seria levar uma surra. Mas jamais esperei que fosse assim.

É claro que doeu. Muito mais do que eu esperava — dá para perceber que não sou da geração que era punida na escola. O ar saía todo dos meus pulmões com cada impacto nas primeiras batidas e só conseguia pensar em quanto doía — definitivamente, não era a palmada sexy da minha fantasia. Em um monólogo interno em pânico, tentava decidir se agia de forma proativa e dava fim àquilo ou se tentava aguentar até que ele prosseguisse quando, de repente, a sensação mudou, quase floresceu. Ainda doía, mas as pontadas na minha bunda se diluíram em uma dor prazerosa segundos após o impacto. À medida que a adrenalina corria pelo meu corpo até a dor das pancadas iniciais se mesclaram com o calor do prazer que elas me proporcionavam.

Ele começou na nádega esquerda, batendo em um ritmo regular até que meu coração começou a bater praticamente ao mesmo tempo; meu corpo respondeu ao ritmo das batidas. Ele variou o lugar onde a escova tocava até que a nádega inteira estivesse quente e eu estivesse me contorcendo no colo dele em uma confusão nervosa. Naquele momento, o mundo era ele e eu, a dor quente, a umidade entre minhas pernas e a sensação do pênis duro na minha coxa conforme eu me contorcía. Se me perguntasse o que queria que ele fizesse, se eu conseguisse formar palavras, imploraria para que parasse, pois a dor estava quase insuportável. No entanto, o calor entre minhas pernas ao mesmo tempo dizia que certamente se ele parasse eu estaria carente em poucos segundos e imploraria para que continuasse. Não tive escolha, o que para ser honesta foi melhor porque àquela altura não tinha como falar nada.

Ele mudou de nádega, e o processo recomeçou. Mas enquanto eu tentava amenizar a reação à dor, senti um dedo passando nos lábios da minha boceta e com facilidade — com tanta facilidade que fiquei feliz por estar com o rosto virado para que ele não visse o rubor repentino — enfiou os dedos em mim.

Nesse momento eu já estava praticamente retorcida no colo dele, respiração pesada, lágrimas por trás dos olhos fechados. Ele não parou de bater. Quando me virei para ele, vi um feixe de esforço e excitação em seu rosto e uma expressão que me fez gemer. Ele estava tão sexy. O olhar e a posição da cabeça não eram mais os do Ryan que conheci antes. Não consegui parar de olhar. Ele era poder. Controle. Ele me fez sentir calor e frio, excitação e nervoso, e como se o mundo todo estivesse de cabeça para baixo e tudo o que eu podia fazer era segurar firme e confiar nele.

Nossos olhares se encontraram e foi como se um feitiço tivesse se quebrado. Estávamos mais do que prontos para transar, e mesmo que ele não fosse deixar o trabalho pela metade, as últimas três pancadas pelo menos foram rápidas, apesar de fortes o suficiente para que eu gemesse de dor. Minha mente estava girando porque eu não conseguia respirar o suficiente entre cada batida para me preparar para a próxima. Lidei com as ondas de dor na melhor maneira possível e ainda estava gemendo quando ele me colocou de quatro para que — *por favor, por favor, por favor* — transássemos.

Preencheu minha boceta e gemi de alívio. Mas o alívio virou confusão quando ficou claro que não era o pênis dele dentro de mim. Eu me virei e tentei me concentrar, e o vi sorrindo de novo, segurando a escova do lado contrário para mostrar minha secreção brilhando na haste. Colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha. As covinhas surgiram novamente, uma amostra do Ryan brincalhão.

— Desculpa, não resisti.

Tossi para limpar a garganta e abri a boca para tentar formular uma resposta, mas parei no meio do caminho quando ele me penetrou profundamente. À medida que transávamos, eu fazendo pressão fervorosamente contra seu corpo e

ele correspondendo com força, a dor dos hematomas que já se formavam e o calor doloroso das pancadas eram ásperos lembretes da punição.

Ele se inclinou e manipulou meu clitóris, à medida que nossos movimentos se tornaram mais frenéticos e desesperados, ambos quase gozando. Justo no momento em que senti que não dava para forçar mais nem para aguentar mais um estímulo, ele passou a escova, cerdas de metal para baixo, na minha bunda ainda dolorida. Foi como passar agulhas na minha pele. Não aguentei, berrei. Se conseguisse, teria implorado para que parasse, simplesmente porque a força da sensação foi tanta que achei que fosse me estilhaçar. Porém, por mais que meu cérebro fosse rápido em dizer que não dava para aguentar, que era demais para mim, meu orgasmo veio e com ele uma inundação de calor que me fez querer ficar encolhida e descansar por dez minutos antes de fazer tudo de novo. Porque foi incrível.

Ficamos deitados, enrolados nos cobertores, enquanto o suor dos nossos esforços secavam e a respiração voltava ao normal. Olhei para ele e seus olhos se fecharam. Os longos cílios faziam com que ficasse tão angelical que era quase impossível reconhecê-lo no homem que tinha acabado de fazer com que aquela noite fosse sentida por dias toda vez que me sentasse. Como eu nunca tinha pensado em uma escova daquele jeito? Nem preciso dizer que nunca mais ignorei suas possibilidades.

Também nunca mais vi Ryan do mesmo jeito. Quando saímos do nosso pico de adrenalina houve um momento de vergonha. Ele passou a mão gentilmente na minha bunda, avaliando o estrago e perguntando com educação se doía muito. De alguma maneira isso parecia uma coisa bem britânica de se fazer. Eu disse que estava bem, obrigada, e ficamos em silêncio. Acho que ele se sentiu desconcertado por gostar tanto de me machucar — olhando para trás, me pergunto se ele fez uma descoberta sobre si mesmo naquela noite com a escova.

Ele com certeza me ajudou a montar as primeiras peças do quebra-cabeça. Quando estava se preparando para voltar para os Estados Unidos algumas semanas depois, minha bunda já tinha passado por momentos íntimos com aquela escova — e com as mãos dele — várias outras vezes, incluindo uma ocasião notável em que ele ficou tão excitado em me punir que gozou nas minhas nádegas e espalhou o esperma na área ainda machucada. Começamos uma dança de dominação e submissão, mas nenhum dos dois sabia ao certo qual era o próximo passo, nem como nomeá-lo dessa forma. Na nossa última noite antes de ele voltar para os Estados Unidos tive uma prévia de qual poderia ter sido o próximo passo. E mesmo hoje — anos depois e com as experiências que já tive desde então — ainda acho que nosso relacionamento podia ter sido incrível. Foi uma daquelas coisas que acabou mais cedo do que eu gostaria.

Antes de acabar, no entanto, ele realmente deu tudo de si.

Eu não era fã de moda. Usava minha velha calçola cinza de ginástica e uma

saía com pregas para uma noite na boate e me dava por satisfeita com um vestido mais arrumadinho para festas. Mas no geral eu ainda tinha uma consciência muito forte do meu corpo para gostar de me arrumar. Eu me sentia ridícula, e não é difícil entender que quando você se sente ridícula é difícil se sentir sexy.

Mas com o espartilho foi diferente.

Naquela última noite, quando tirei os sapatos, joguei as chaves e fui para o quarto me arrumar para o jantar de despedida com Ryan, encontrei uma caixa na cama. Era uma daquelas caixas tão simples e discretas que, apesar de não ter etiqueta, berrava que era de uma "loja ridiculamente cara". Enquanto eu passava os dedos no laço creme que dividia a caixa ao meio, Catherine, que havia me acompanhado na recepção para pegar a caixa quando foi entregue mais cedo, se sentou no banco da minha penteadeira, xícara de chá nas mãos, e esperou para ver o segredo. Ryan tinha dito que ia me dar um presente de despedida, que não queria que eu carregasse do restaurante para casa, mas eu não fazia ideia do que era.

Como sou impaciente e uma menininha quando o assunto é dar e receber presentes, não tinha como esperar até a hora do encontro para abrir a caixa. E, como falei para Catherine, ele com certeza não se importaria, ou não teria deixado o presente lá mais cedo. Bem, era minha desculpa e era nela que eu ia me agarrar.

Quando abri a caixa só vi papel de presente. Quando tirei os papéis e o espartilho deslumbrante que estava acomodado lá dentro, fiquei sem ar. Era de um verde bem vivo. O tipo de verde que lembra campos de vegetação exuberante e verão e foder ao ar livre no meio do cheiro de grama recém-cortada e luz do sol.

— Soph, que lindo. Vai usar hoje à noite?

O presente era tão surpreendente quanto lindo. Não sou muito arrumadinha, então não era o tipo de roupa que eu usaria normalmente e, sendo sincera, era um presente meio demais para vir dele.

Mas isso logo passou. Acariciei o acabamento delicado e olhei para Catherine.

— Como não usar?

Com apenas quarenta minutos para sair e encontrá-lo, no entanto, não havia muito tempo para exageros. Peguei a calça que eu sabia que mais valorizava minha bunda, entrei rapidamente no banho e já estava pronta para ser embrulhada em vinte minutos.

O corpete era rígido e duro com laços pretos que passavam pelas casas nas costas. Visto que não tinha como eu fechar aquilo sozinha, Catherine me ajudou e, depois de colocar o espartilho e tentar me arrumar nele da melhor maneira, o processo de enlaçamento começou. Foi um longo processo.

Quando os dedos (felizmente) ágeis dela apertaram os laços entre cada casa,

senti meu corpo — e meu estado de espírito — se alterar. Minha postura mudou, minhas curvas pareciam se avolumar e se contraírem até tomarem a figura de uma ampolheta de um jeito que nunca achei possível. Minha respiração ficou lenta, os movimentos limitados e o dia cheio, os contrastes da volta para casa e até a melancolia da noite à frente, tudo ficou obscuro. Só consegui sentir minhas terminações nervosas formigando e um som de urro na cabeça. Meus mamilos, pressionados com força contra o forro duro, estavam tensos e doloridos e, de repente, mandaram uma mensagem para minha boceta. Senti que estava ficando molhada só de ficar em pé vestindo aquilo, e por um momento me arrependi de ter escolhido usar calça. A costura no meio das pernas só pioraria as sensações que me distraíam.

Não havia tempo para mudar de roupa, mesmo que quisesse. Ainda bem que já havia feito minha maquiagem e meu cabelo minimalistas, enquanto Catherine fechava o espartilho com uma eficiência que fez com que meus movimentos ficassem seriamente — e surpreendentemente — travados. O espartilho me apertou de uma forma que meus seios estavam estufados para fora, pálidos e macios em contraste com o verde. Notei que o decote era exagerado para mim — imagina para quem olhasse de frente. Achei melhor colocar uma jaqueta para pegar o metrô.

Catherine segurou minha cintura e me virou para dar uma olhada geral. Inconscientemente, passou o dedo na borda do espartilho perto do meu seio, e só se tocou quando tremi de leve. Ela ficou constrangida e ambas rimos.

— Desculpa, é o veludo. Tá implorando pra ser tocado.

No final da noite, não foi a única coisa que implorou por um toque.

A ida ao restaurante foi interessante. Nós nos encontramos na estação Oxford Circus e, fora um ar de satisfação quando nos vimos que foi desejoso o suficiente para me deixar corada, Ryan não comentou sobre minha escolha de roupa quando entramos no restaurante e fomos levados à mesa. Mas quando tentei arrumar um jeito de me sentar confortavelmente, ele quase sorriu. Percebi que o espartilho não era tão inócuo quanto parecia. Era uma forma linda, porém monstruosa, de restrição.

O jantar foi ótimo, mas comer muito não era uma opção. Quando pedi licença para ir ao banheiro ele sorriu por causa da maneira como me movi, tão diferente do jeito relaxado e rápido de sempre. Meus movimentos eram cuidadosos e lentos, e me sentia uma pessoa diferente, mais ciente da minha feminilidade, ciente de todas as terminações nervosas, mais submissa, até mais modesta, e nunca fui boa nisso.

Inesperadamente, também senti muito tesão. Quer dizer, na verdade era só uma roupa — você não está esperando que eu vá dizer que mudou minha personalidade toda, certo? Porém logo percebi que esse espartilho era um tipo sutil e inesperado de *bondage*. Foi uma das refeições mais sensuais da minha

vida, o que é impressionante para um pequeno restaurante italiano com preços universitários atrás da Oxford Street. Passei a noite excitada e desesperada para ir para casa. Minha pele estava reluzente e meus olhos brilhavam sob a luz das velas.

Finalmente fomos para a minha casa. Ele tirou minha calça e calcinha, prendeu minhas mãos atrás do corpo com a fita da caixa, que deixei cair no chão na pressa de me arrumar, e transamos. Ele se sentou no banco, subi nele e me mexi até que estivéssemos sem ar.

Ele libertou meus seios da prisão do espartilho, mas o alívio foi breve, pois tocou meus mamilos doloridos com dentes e dedos. Ofegante, com respiração lenta e constringida pela beleza cruel da transa, ele mexeu no meu clitóris e chupou meus seios até eu gozar, tremendo e gemendo em um misto de prazer e dor.

Com pequenos tremores ainda reverberando pelo corpo, fui para o chão e terminei o serviço nele com a boca. Olhei para ele por entre meus cabelos já selvagens e vi que estava observando com cobiça o anacronismo da mistura entre pureza e devassidão vadia que eu apresentava ajoelhada aos seus pés. Quando pegou meus cabelos e fodeu com minha boca, o chupei profundamente, sem deixar cair uma gota.

No dia seguinte nos despedimos. Estávamos exaustos, satisfeitos, e meu corpo estava cheio de machucados. Não só minha bunda mas também o entorno dos seios e o tronco, devido ao entusiasmo de Catherine em apertar o espartilho e à transa impetuosa. A escova de cabelo que deu início a tudo (e com a qual recebi a pior punição de todos os tempos naquela noite) foi para os Estados Unidos com Ryan, como parte do presente de despedida.

Nunca mais o encontrei, apesar de pensar nele de vez em quando. Penso em procurá-lo nas milhões de redes sociais na internet, mas ele também não me procurou. Talvez seja melhor deixar como está. Pode soar papo de hippie, mas realmente acredito que as pessoas se encontram por um motivo. Analisando agora, o que Ryan e eu fizemos foi relativamente leve. Mas foi minha primeira amostra de brincadeiras com alguém que fez o papel de dominador sob minha submissão, que não julgou o que me excitava e que me permitiu ver a profundidade do que causava o mesmo nele. Serei sempre agradecida e vou sempre sorrir quando me lembrar dos momentos divertidos que tivemos juntos.

Ele também deixou o espartilho, que considero uma prova de que roupas podem ser divertidas. Ainda o tenho. Até uso de vez em quando, apesar de estar tão cheio de memórias daquela noite, mesmo depois desses anos todos, que só de colocá-lo e começar a ficar apertada por ele já fico molhada, com mamilos endurecidos e respiração ofegante.

O resto da faculdade passou rápido. Depois que ele foi embora percebi que meus sentimentos por Ryan eram mais profundos do que gostaria de admitir, até para mim mesma. Sentindo-me abandonada e ainda lutando com provas e dissertações chatas, só trabalhava e não me divertia.

Mesmo quando encontrei pessoas que podiam me tentar a sair do exílio imposto por mim mesma, nossas trocas eram rasas e as tentativas de mudança acabavam em desastre. Pedi que um parceiro (Graham, Geografia) batesse em mim enquanto transávamos e o vi me olhar horrorizado antes de — com o perdão do trocadilho — me dar uns tapinhas de bundão e voltar ao que estava fazendo antes. Ele nunca mais ligou.

Em outra ocasião, quando perguntei para outro parceiro (Ian, Matemática) na esperança de soar sedutora, se tinha fantasias com alguma coisa particularmente perversa, ele ficou levemente corado e disse que gostaria de fazer sexo comigo usando minhas roupas. Acho que consegui não demonstrar meu horror — Deus sabe que tenho inclinações próprias suficientes a ponto de não ser rude e negar as dos outros —, mas acabou que, curiosamente, não nos vimos mais.

Posso dizer que senti saudades de Ryan. Se bem que ficou mais fácil me sentar nas cadeiras de madeira das salas depois que ele foi embora.

O final da faculdade trouxe uma série de prazos — artigos, trabalho final e a rápida demais, porém inevitável, avalanche de provas. Estudei desesperadamente, focada na próxima prova, memorizando fatos e figuras, lendo e relendo textos e depois regurgitando tudo em blocos infinitos de folha A4, tentando dar uma aparência de lógica antes de passar para a próxima matéria e fazer tudo de novo. Três semanas depois das provas finais, basicamente esqueci tudo que tinha aprendido; isso teria horrorizado meus pais, mas eu nem liguei. A coisa mais importante que a faculdade me ensinou, acho eu, foi a ter confiança. Não necessariamente em mim — quem gostaria de ser um ego ambulante? Mas uma sensação de que eu conseguia lidar com qualquer coisa que a vida me jogasse com calma e senso de humor. A próxima tarefa era achar meu lugar no mundo. Eu sabia que queria escrever, mas era realista. As pessoas trabalhavam durante anos para tentar se tornar romancistas e, visto que eu tinha a concentração de um plâncton e que a coisa mais extensa que havia escrito era uma dissertação, decidi arrumar um emprego primeiro.

Voltei a morar com meus pais logo após o término da graduação e entreguei meu currículo em agências de empregos temporários em administração e digitação (em consequência da quantidade de trabalhos que tive de escrever na faculdade foi que passei a digitar muito rápido). Uma das consultoras responsáveis pelo recrutamento me mostrou como usar um aparelho que ditava, operado com o pé, e testou se eu conseguia digitar bem rápido o que o aparelho enunciava. Quando o resultado deu 75 palavras por minuto, mesmo com minha digitação de dois dedos, ela ficou animada e durante meses me mandou para vários lugares para trabalhar, digitar, preencher — para ser uma secretária em geral. Juntei dinheiro enquanto decidia o que fazer em seguida.

Voltar ao lar da infância — com todas as refeições e bagunças — foi um sentimento maravilhoso, mas quando chegou o Natal eu já sabia que tinha de planejar uma mudança. Tinha me acostumado à independência e, apesar da rotina confortável para a qual voltei, sentia falta de ter meu próprio espaço, de comer cereal no jantar à uma da manhã, ou de tomar banho às três se acordasse e não conseguisse dormir de novo. Mais ou menos na mesma época comecei a

achar que meu trabalho temporário estava ficando irritantemente permanente. Não me importava com o trabalho, mas comecei a me preocupar que em pouco tempo meu cérebro saísse pelos ouvidos. Era repetitivo, às vezes chato, e um dos escritórios me pediu uma vez para transcrever uma carta que só posso descrever como uma série de balbucios. Quase entrei em desespero. Não podia ficar só nessa. Tinha de escolher o que fazer e começar logo — e visto que minha promessa de começar a escrever um romance tinha sido destruída pelas viagens até o trabalho, pelos jogos na internet e pelas idas ao cinema, tinha de ser alguma coisa que eu conseguisse atingir logo.

Fui até o jornal da região. Tive uma conversa longa e muito útil com a editora de notícias sobre a vida de um jornalista. Olhando agora, sem o deslumbre otimista da juventude, percebo que ela estava praticamente chamando minha atenção para o péssimo pagamento, as longas horas de trabalho e as reuniões intermináveis. Mesmo assim, sugeri que eu fosse a campo com o fotógrafo do jornal, voltasse ao escritório e escrevesse a matéria. Peguei um caderno e segui o fotógrafo até o carro.

Ninguém nunca levou um festival de colheita escolar tão a sério quanto eu naquele dia. Anotei os nomes e as idades de todas as crianças — parece simples, mas é como reunir gatos e controlar onde estão. Fiz umas dez perguntas para a diretora, que era meio estranha, e algumas pareceram confundi-la de verdade. Fui como o famoso jornalista investigativo Woodward. Como Bernstein. Fui ambos ao mesmo tempo, apesar do meu interesse específico em bens enlatados. Quando voltamos ao carro, Jim, o fotógrafo, estava sorrindo para mim.

— Você realmente gostou, não gostou?

Fiz que sim com a cabeça, sentindo-me um pouco envergonhada e monstruosamente idiota.

— Bom trabalho. Mandou bem.

Estava nas nuvens quando voltei ao escritório para preparar o que viria a ser o artigo indiscutivelmente mais verborrágico sobre um festival da colheita de todos os tempos. A editora assentiu com a cabeça quando entreguei o material.

— Ficou bom. Não precisa de mais nada.

Aprendi depois que esses escritórios não são lugares de muitos elogios, porém mesmo a reação frustrante — *ficou bom? Só bom? E quando pedi que a diretora falasse sobre as coisas mais esquisitas que as crianças levaram nas caixas?* — não foi capaz de desanimar minha alma. Eu já tinha escrito para revistas e jornais da escola e da faculdade, mas não era o caso. Agora era de verdade. Meus pais recebiam o jornal e tudo mais. Foi o começo. Eu ia virar jornalista. Assim que descobrisse exatamente como se fazia isso.

Sete meses depois me mudei de novo, permanentemente. Fiz uma pesquisa sobre

curso respeitáveis de pós-graduação em jornalismo no país, fiquei horrorizada com os preços nas redondezas e concluí que a faculdade que ficava a quatro horas da casa dos meus pais era a melhor opção — era quase um quinto do preço de outros cursos por perto; com minhas economias e com o trabalho nos fins de semana, daria para viver enquanto eu estudava. Meus pais me levaram para o apartamento novo, com minhas coisas literalmente intocadas em cada canto do carro. Eles me levaram ao supermercado depois de esvaziarmos o carro para comprarem o suficiente para o primeiro semestre. Minha mãe insistiu em almoçarmos (parecia estar genuinamente temerosa que eu fosse parar de comer), e assim que meu pai checou a segurança de todas as janelas e portas e deu uma olhada na vizinhança para verificar se eram suspeitos, foram embora e me deixaram arrumar as coisas. Fui morar sozinha pela primeira vez, e estava amando.

O ano passou voando. Cada semana reafirmava que eu tinha tomado a decisão certa. Adorava o desafio de entrevistar as pessoas, a criatividade de escrever e até os elementos mais áridos no caminho — leis e palestras intermináveis sobre como as prefeituras funcionavam — eram fascinantes, como chaves que abriam a porta do emprego dos meus sonhos. Nossa turma tinha gente de todo o estado e variava desde os que queriam se tornar repórteres até um cara cujo sonho era ser correspondente de futebol para o Tranmere Rovers. Todos queríamos estar lá, no entanto, e formamos um grupo bem coerente, apesar de temperado com um tipo de competitividade amigável que gerava conversas etílicas hilárias sobre nossos trabalhos. Como sugerido pelo professor, garantimos o máximo de experiências profissionais possíveis naquele ano, na vaga esperança de que levariam ao trabalho assalariado assim que terminássemos o curso.

Dei sorte. Uma sorte de baixa renda e nada glamorosa, mas foi sorte mesmo assim. O jornal no qual tive a maior parte da minha experiência profissional me ofereceu um emprego. Meu pai ficou horrorizado quando contei meu salário inicial — certamente não era um salário para formandos, muito menos para um pós-graduado —, mas morar longe da cidade permitia que eu pudesse bancar minha sobrevivência, contanto que não me preocupasse muito com luxos. Como o aquecimento. Ou com sair muito. Mas eu não ligava. Virei uma jornalista de verdade com um nome. Um dia, voltando para casa, até vi uma pessoa lendo uma página com meu nome no meio. Fiquei tão animada que quase perdi o ponto. Escrever para um jornal nacional não me deixaria mais orgulhosa. E escrever artigos sobre restaurantes e teatro permitia que eu ainda tivesse alguns luxos de vez em quando, mesmo que, por ser a mais nova, eu ficasse com peças amadoras horrorosas que davam nos nervos.

A vida de um jornalista em começo de carreira é atribulada. Eu estava longe de casa e com poucas oportunidades de ter vida social, salvo drinques pós-prazos

de entrega enquanto desconstruíamos como nossas histórias foram substituídas. Minha melhor amiga da faculdade, Ella, arrumou um emprego em um jornal a 32 quilômetros de distância, então eu a encontrava o máximo possível, mas com trabalho durante a semana e no fim de semana e tudo mais, passava muito tempo sozinha.

Ligar o aquecedor portátil não era uma necessidade, mas ter conexão à internet sim. Era um meio de mandar e-mails e de manter contato com o pessoal da faculdade e do curso de jornalismo, de manter contato com a família, de jogar e, quando me sentia sozinha e queria flertar com alguém, a internet me permitia não só conversar com pessoas tão entediadas quanto eu, mas também discutir coisas que nunca ousaria discutir ao vivo.

Genuinamente acho que a internet, para todas as intenções e objetivos, mudou o cenário da sexualidade. Não importa o quão perversa é sua tara, pode apostar que tem alguma pessoa na internet que a compartilha. Infelizmente, para cada uma dessas pessoas devem existir umas outras três que acham que sua tara não é pervertida o suficiente e, se você der meia oportunidade, vão ficar falando que a maneira como fazem é mais intensa/sexy/simplesmente melhor do que a sua. É frustrante, mas o mais notável sobre a subcultura BDSM on-line é que há tanto julgamento de dentro do "estilo de vida" — prometo que é a última vez que uso essa expressão porque acho que soa pretensiosa ao extremo — quanto de fora.

Dito isso, há ótimas pessoas que você descobre assim que passa pelas estranhas. Já tive conversas incríveis, sensuais e inteligentes com pessoas que conheci em vários sites, pessoas que despertaram minha imaginação, que me deixaram segura, que até se tornaram boas amigas na vida real.

No entanto, você realmente tem de lidar com um bando de besteira.

Entreí no meu primeiro site pornô no ano em que comecei a trabalhar. Fora aqueles interlúdios com Ryan, que me mantiveram com fantasias de masturbação durante anos, não conheci ninguém que me interessasse sexualmente, muito menos que mostrasse qualquer sinal óbvio de compatibilidade com minhas crescentes tendências submissas. Estava tão focada no trabalho e na vida cotidiana que esforços para encontrar uma pessoa me pareciam muito descontrolados. Juntando isso e mais o gosto pelo *literotica.com*, que era um tesão mas muito irrereal para minha visão sempre bem prática, achei que minhas fantasias parariam por aí. Com o tempo até eu comecei a me perguntar se não estava romantizando minhas experiências com Ryan. Será que a dor realmente me trazia aquele prazer ou eu estava apenas olhando com lentes cor-de-rosa para um período sensual da minha vida?

Então uma amiga com quem eu estava tomando uns drinques me contou sobre um site que era basicamente de papo e de encontros para pessoas com perversões. Os detalhes que me deu foram vagos — e eu jamais perguntaria, para não delatar meus interesses — mas o suficiente para que eu encontrasse o

que queria fazendo uma busca no Google quando cheguei em casa.

Algumas pessoas dizem que hoje em dia esses tipos de sites estão cheios de perfis falsos, grupos e pessoas querendo que você pague. Não notei a presença de profissionais, mas, tendo acabado de sair da faculdade e ganhando salário de estagiária, se alguém estivesse procurando uma pessoa para roubar não seria eu. A página foi como um novo mundo cheio de pessoas que se conheciam e que falavam uma língua que eu não conseguia compreender. Eram vários pronomes elaborados (sempre em letra maiúscula para o dominador, sempre em letra minúscula para o submisso, independentemente de ser começo de frase), o que achei ridículo. Logo percebi que assassinar a gramática era um limite duro para mim.

As salas de bate-papo eram cheias de pessoas falando sobre eventos nos quais tinham ido, coisas que compraram, coisas que fizeram — algumas me excitavam, outras me faziam tremer. Li discussões sobre a arte do *bondage* com a técnica *shibari*, a cruz de Santo André, mosaicos na pele feitos com agulhas, *ponygirls* e mil outras coisas que nunca haviam entrado no meu mundo. E por algum tempo fiquei observando no canto virtual, quieta e incerta, como se o rato do campo, da fábula de Esopo, fosse passar um fim de semana com o rato da cidade e o encontrasse usando couro e com um chicote em uma orgia BDSM. Foi surreal, porém inebriante. Será que essas pessoas eram reais, faziam essas coisas e tinham empregos, pagavam os impostos em dia e lidavam com todas as outras pequenas complexidades da vida? Parecia muito distante da minha existência. Fiquei intrigada.

Fiz meu cadastro e coloquei alguns poucos detalhes sobre quem era e por que estava no site (escolhi passar uma mensagem vaga sobre querer uma "amostra", coloquei uma foto genérica sem traços distintos e uma mensagem pequena para dizer que estava procurando amigos ou talvez quem sabe um relacionamento online, apesar de não me ver conhecendo ninguém tão cedo). Comecei a receber mensagens na caixa de entrada sempre que me conectava. Quando as pessoas viam que você tinha se conectado mandavam logo uma mensagem, acho que sem nem ver seu perfil e sem se preocupar com conceitos básicos de pontuação.

— *Vc tá com tesão, piranha? Quer se ajoelhar pro seu mestre?*

— Não, porque você fala na língua da internet e não sabe digitar "você" e eu sou tão fascista com gramática que não acho que vou conseguir me submeter a você, foi mal.

— *Acho que uma vadia que nem você pode ter serventia. Venha à minha casa em Bournemouth pra ver se você atende aos meus requisitos.*

— Em primeiro lugar, não gosto de Bournemouth. Em segundo lugar, você realmente quer que uma pessoa que você nem conhece vá à sua casa? Sério? Porque se for o caso acho que você não bate bem. Eu passo. Valeu mesmo assim.

— *Vc tá on-line? Quer falar sacanagem?*

— Estou sim, mas não quero, não. Obrigada.

Não me entenda mal, tinha gente inteligente, articulada e interessante para conhecer, mas a maioria esmagadora era um pouco louca ou abusada de um jeito decepcionante. Sim, eu gostava da ideia de alguém batendo em mim, até fantasiava com um avanço maior, ser mais machucada. Mas, bem, não acho que seja anormal primeiro querer me certificar de que não são loucos.

Recebi o e-mail estranho ao qual respondi em vez de deletar, mas no geral tudo era meio decepcionante.

E então comecei a conversar com Mark

Começamos a nos falar porque marquei a página dele. Li o perfil, achei interessante, mas estava tarde, então fiquei na dúvida se devia mandar uma mensagem. Resolvi só marcar a página para mandar mensagem depois. Não pensei em nada além disso.

Pelo menos não até ele me escrever dizendo: *Botar minha página nos favoritos é uma graça. Mas qual o objetivo se você é muito tímida pra dizer oi?*

Fiquei mortificada, não sabia que o site avisava às pessoas que alguém tinha se interessado por elas dessa forma. As primeiras mensagens que trocamos foram eu me desculpendo por ser uma retardada tecnológica e ele dizendo que estava tudo bem. E eu rindo do tamanho do meu horror. Começamos a conversar sobre coisas em geral. Ele adorava tecnologia. Era interessante. Articulado. Não estávamos afobados. No começo, nada sobre perversões, mas as coisas evoluíram depois.

Não havia pressa. Nenhuma, na verdade. Apesar de gostar de Mark, eu não queria me encontrar com uma pessoa da internet sem conhecê-la o suficiente para me sentir segura. Ainda mais sendo pelo motivo que era. Sou cínica e resguardada em relacionamentos, até mesmo antes de contar a dinâmica D/s. Mas isso não nos impediu de nos divertirmos muito on-line e ao telefone. Ele tinha uma mente suja e uma voz sensual e nossas conversas geralmente acabavam em sexo por telefone, nós dois gozando enquanto conversávamos sobre o que poderíamos fazer se estivessemos no mesmo quarto. Mas fiquei distante deliberadamente. Eu me sentia um pouco desconfortável em mandar fotos de mim pelada — mesmo que houvesse uma maneira de tirar uma foto na qual não ficasse deformada ou com cara de secretária tirando fotocópias dos seios depois de muitas doses de gim e tônica no almoço; vamos admitir que, com a câmera do celular sem disparo programado e com braços de tamanhos normais, não seria fácil. Sendo assim, nossos encontros eram os de mentes obscenas e pervertidas usando palavras para entrelaçar cenários eróticos um com o outro.

Nunca nos conhecemos. Morávamos relativamente perto, mas nunca dava tempo e, como geralmente acontece, as conexões forjadas de maneira intensa

na internet surgem e acabam rápido, não antes de ele me mandar bolinhas tailandesas para que eu usasse durante uma longa jornada de trabalho (uma eleição para prefeito). Comecei o trabalho às sete da manhã, quando encontrei o prefeito para cobrir a votação dele, trabalhei o dia todo e depois fiquei sentada durante a contagem dos votos, tudo isso com as bolas dentro de mim. Foi uma votação ridiculamente simples, sem problemas ou mudanças de liderança, mas fiquei animada durante o processo todo — provavelmente não pelas razões que meus colegas de trabalho imaginaram.

Nos meses seguintes conversei com várias pessoas on-line. Fiquei tentada a conhecer algumas delas, mas atravessaria a rua se outras passassem por mim. Compartilhei fantasias incríveis, tive uma ideia do que achava erótico — e do que definitivamente não achava —, mas ainda me sentia muito nervosa para encontrar com alguém pessoalmente, para dar o passo final.

Alguns reclamam que a internet é cheia de pessoas com fantasias que querem se esconder atrás da tela do computador sem tentar alguma coisa na vida real, mas para mim foi um ótimo lugar para começar, um lugar que dava a sensação de segurança e que me deu a chance de explorar algumas das minhas fantasias e pensar sobre alguns sentimentos em um ambiente completamente seguro e sem julgamentos. No entanto, mais cedo ou mais tarde, as reflexões e conversas sobre ser machucada ou humilhada ficariam em segundo plano e dariam lugar a algo mais prático. E finalmente conheci um homem tridimensional e real com quem me senti confortável o suficiente para partir para explorações ao vivo.

Conheci Thomas em uma fila. Eu sei, soa ridículo e muito britânico, mas era uma fila grande e estávamos nela havia muito tempo. Se fosse possível dizer que ficar em uma fila traz sorte sem querer, então seria o caso daquela fila, porque quando o vi pela primeira vez achei que era um babaca. Se pudesse ter escapado para qualquer lugar eu teria saído discretamente e nunca mais teria falado com ele, o que seria uma pena, considerando tudo que aconteceu depois.

Ella e eu nos encontramos em um cinema no meio do caminho entre nossas casas para ver uma exibição única de *Jejum de amor* — éramos jornalistas nerds. Estávamos conversando, esperando para entrar no cinema, e ele interrompeu. Estava sozinho e obviamente entediado, e me lembro de achar que foi rude, arrogante e que claramente se achava, apesar de minha irritação ter vindo de um jeito instável porque eu o considerei atraente. Depois de uma conversa antes e outra depois do filme, com uma quantidade surpreendente de gargalhadas, desenvolvi um gosto relutante por ele. Quando sugeri um café em uma cafeteria um pouco pretensiosa ao lado do cinema, Ella e eu concordamos, felizes por ele não ser um assassino e por ser uma companhia suportável por algum tempo — e depois, que diferença faria?

Ironicamente, depois de algum tempo descobri que fazia diferença para mim. Ele pegou nossos endereços de e-mail quando foi embora e acabamos conversando sobre filmes, assuntos atuais e vida em geral. Era engraçado, inteligente e tinha acabado de sair de um relacionamento longo. A ex dele ficou com a custódia da maioria dos amigos em comum e ele parecia estar um pouco solitário. Às vezes eu ficava sentada em casa sozinha à noite e o imaginava fazendo o mesmo. A diferença era que Thomas parecia não estar tão confortável com sua própria companhia quanto eu. Eu fechava a porta — e passava a tranca imediatamente, atendendo aos pedidos do meu pai — e sentia como se tivesse voltado ao meu santuário, onde podia colocar um pijama e simplesmente curtir a paz. Talvez ele não sentisse o mesmo. Ella e eu nos encontramos com ele para beber, jantar e ir ao cinema, mas como trabalhávamos nos fins de semana e Ella vivia consideravelmente mais longe dele do que eu, acabamos nos encontrando sozinhos para filmes baratos no meio da semana. Ele era uma pessoa atenciosa;

perguntava várias coisas sobre mim e se lembrava das respostas. Acabei confidenciando coisas sobre minha vida. Quando alguma coisa engraçada ou interessante acontecia no trabalho, meu instinto passou a ser mandar um e-mail ou uma mensagem para ele. Poderíamos ter ficado amigos por causa da solidão em comum, mas quanto mais nos conhecíamos, mais tínhamos em comum. Eu gostava de ter um amigo homem que era direto e honesto. De vez em quando era meio exagerado, o que por duas vezes me fez cuspir meu chá enquanto ele falava sobre mulheres que gostava e queria encontrar. Porém eu admirava seu jeito articulado, e me fazia rir como poucas pessoas. Citávamos frases dos mesmos filmes, gostávamos das mesmas bandas. Não demorou e eu estava passando muito tempo na casa dele.

Por que na dele, você pergunta? Bem, o inverno chegou. Eu ganhava o bastante para viver no apartamento pequeno, mas a falta de aquecimento central logo virou um problema. Em um fim de semana ele me mandou uma mensagem perguntando o que estava fazendo e respondi que estava no Starbucks para me aquecer. Thomas sugeriu que eu fosse para a casa dele e passasse a noite no quarto de hóspedes. Eu fui. No outro fim de semana eu estava trabalhando, mas no outro sugeriu o mesmo. Cheguei no sábado à tarde e fui embora no dia seguinte depois de fazer o almoço de domingo — obrigada, mãe, sua receita de batata assada faz maravilhas. Era confortável, sossegado, divertido. Saíamos para passear com o cachorro, trouxe meu laptop e conectei o Wi-Fi dele para jogarmos jogos on-line, e assistíamos a várias caixas de DVD e filmes, tudo com aquecimento. Prazeres simples, mas maravilhosos. Veio o Natal e a primavera floresceu, e me vi indo à casa dele cada vez mais, apesar de a temperatura não ser mais um problema. Ella também vinha se estivesse livre, mas se não fosse curtíamos numa boa.

Isso provavelmente soa ingênuo, mas eu não pensava em transar com ele. Era bonito, tinha cabelos louros sujos, usava óculos e tinha um estilo desleixado que eu gostava, mas como fez questão de apontar na primeira vez em que me convidou, minhas visitas eram platônicas, sem expectativa de sexo por parte dele. Eu era muito pragmática sobre essas coisas e presumi que Thomas não estava interessado, e não queria estragar nossa amizade forçando a barra, ainda mais porque sabia que ainda pensava na ex. Tudo bem. Eu gostava da amizade dele sem sentir que tinha que pular nele.

Mas as coisas mudaram certa noite. Começou de maneira bem inocente. Thomas, Ella e eu reservamos ingressos e um quarto de hotel para vermos um show juntos. Mas na semana anterior, Ella propôs uma mudança de planos. Outra amiga tinha conseguido ingresso, então se eu ficasse no quarto com Thomas, a quarta pessoa podia ficar com Ella, o que reduziria os custos para todos. Praticamente convencida e, considerando que nos víamos sozinhos há meses, qual o problema? Nenhum, e tivemos uma noite fantástica. Curtimos o show e

voltamos para o hotel meio tontos, elétricos e roucos, na adrenalina da energia da música.

Cada um usou o banheiro separadamente, trocou de roupa e foi para a cama. Conversamos no escuro por um tempo, ainda muito acordados para dormir, falamos sobre a noite, a música, a semana, a vida em geral. E aí, com calma, ele falou.

— Sophie, você já pensou em dormirmos juntos?

Surpresa, deixei o silêncio se estender enquanto tentava formular uma resposta. Tentei ser evasiva em vez de entrar de sola falando alguma coisa que pudesse magoá-lo ou reavaliar minhas motivações para ser amiga dele — ele queria *mesmo* que eu pensasse nesse tipo de coisa? Ou se sentiria estranho por saber que eu me sentia daquele jeito? A estratégia era ser vaga.

— Não tem por que, você não gosta de mim.

Ele riu.

— Por que você acha isso?

Joguei um travesseiro nele.

— Você nunca tentou nada. É tudo platônico, lembra?

O silêncio foi tão grande que achei que tivesse caído no sono. Quando finalmente falou, sua voz foi um pouco mais alta que um sussurro.

— Não precisa ser.

— Ah.

Não foi minha melhor resposta, concordo, mas honestamente não sabia mais o que dizer naquela situação. De repente, ele fez carinho no meu ombro na escuridão, por cima do cobertor, experimentando, um pouco tímido. Deixei que ficasse assim por um segundo ou dois antes de finalmente sucumbir. Peguei o pulso dele e o puxei.

Nossas mãos vasculharam nossos corpos, primeiro por cima das roupas — ele curtiu comigo por causa do pijama, ele era muito moderninho para qualquer coisa que não fosse uma camiseta e cueca samba-canção, e levou um tapa no braço — e depois abriu minha camisa lentamente, deslizou a mão para tocar meus seios, fez carinho em volta deles e nos mamilos. Gemi baixinho, curtindo a sensação de, depois de tanto tempo, ter alguém me tocando. Depois ele deslizou a mão mais para baixo, pelo elástico da minha calça e embaixo da calcinha. Gemi quando tocou entre minhas pernas, que afastei para incentivar seus dedos a continuar a dança descontraída, adorando a sensação. Enquanto isso, coloquei minhas mãos dentro da cueca dele, peguei o pau, imitando seus movimentos, e tirei dele um mesmo gemido. Nossas mãos se moveram por bastante tempo, indo e vindo enquanto curtíamos os prazeres que causávamos um no outro. Sua mão, segura, pressionou meu clitóris com firmeza várias vezes até que eu não conseguisse mais me conter. O orgasmo literalmente fez meus pés se enroscarem. Minha respiração voltou ao normal e, quando sussurrei para ele, não

tinha como esconder a vontade.

— Por favor, pegue uma camisinha.

Ele parou abruptamente.

— O quê?

— Como assim o quê? Uma camisinha. Por favor. Quero que você me foda.

— Fodeu!

— Isso, foder.

— Não foi isso que eu quis dizer. Fodeu!

Sua voz estava tão aflita que eu teria rido em outra situação.

— Não *tenho* camisinha. Não estava esperando fazer isso com você hoje. — Fez uma pausa. — *Você* não deve ter uma...

Eu ri.

— Não transe há mais de um ano e definitivamente não estava esperando nada hoje.

— Ah. — Ele souu *mais* aflito ainda.

Não consegui esconder o espanto na minha voz — ou minha vontade de disfarçar.

— Cara, não se preocupe, vamos dar boanoite... — O pau dele se mexeu na minha mão quando falei e ele fez um som que parecia ser de revolta e frustração. Eu o apertei e me abaixei na cama para chupá-lo.

O gemido dele quando minha boca o tomou foi forte e me fez sentir como uma deusa. Eu o lambi, lânguida, sem pressa, curtindo o momento em que as mãos dele apertaram a coberta, a maneira como seu corpo se arqueou e se esticou quando comecei a lhe dar um prazer imenso. Não fazia isso havia algum tempo e, por mais que não estivesse planejando provocá-lo muito, não tinha intenção de parar tão cedo. Fui com calma e, quando ele finalmente gozou, acariciando meus cabelos e sussurrando meu nome, tive uma sensação estranha de êxito. Não me entenda mal, eu não colocaria isso no meu currículo, mas foi ótimo, dormi com um sorriso no rosto.

É claro que o problema com noites como essa é que você tem de acordar no dia seguinte. Retomei a consciência e me vi acordando com o nariz quase grudado no dele, pernas enroscadas. Abri os olhos e vi que estava olhando para mim. Fechei os olhos imediatamente, fingindo que dormia.

— Sophie, está acordada?

Fiquei quieta. Merda. O que ia fazer agora?

— Sophie? A gente tem que tomar café da manhã logo. Você está bem? Fale comigo.

Meus olhos ficaram fechados.

— Estou bem. Ótima. — Muito efusiva? — Estou bem.

— Vai abrir os olhos então? — Sua voz certamente estava começando a soar preocupada.

— Vou, num minuto! — A minha voz, por outro lado, tinha um tom musical parecido com o da minha mãe quando está fingindo estar contente. Uma imagem que não ajudou muito.

Ele segurou minha mão.

— Tudo bem. Não tem importância.

Abri os olhos com pressa e encarei seu olhar seguro, calmo, estranhamente doce, mas meu olhar deve ter transparecido alguma coisa porque ele levantou as mãos como se estivesse se rendendo.

— Desculpa, não foi isso que quis dizer. Foi excelente. Eu adorei, foi ótimo.

— Foi mesmo — falei com mau humor, apesar de um sorriso estar começando a aparecer no canto da minha boca.

— Só estou dizendo que não precisa acontecer de novo se você não quiser, e isso não mudou em nada a nossa amizade.

Fiquei olhando para ele por um bom tempo.

— Tem certeza?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Tenho.

Nesse exato momento, meu estômago roncou. Fiquei com vergonha.

— Tá, hora de comer então. Vou ao banheiro primeiro. — Pulei da cama, peguei minhas roupas e fui tomar banho, tentando agir de maneira um pouco normal. Ele ficou deitado me observando sem se virar nem se mover. No meio do caminho, não consegui me conter. — Pare de olhar pra minha bunda!

— Não estou olhando, estou admirando o pijama.

Quando nós dois terminamos de tomar banho, nos vestimos e nos arrumamos para encontrar Ella e a amiga que, sem querer, deu início a tudo isso, as coisas já tinham voltado ao conforto da normalidade. Ficamos nos provocando, como sempre, e o café da manhã foi como teria sido se eu não tivesse ficado íntima do pênis dele na noite anterior. Nada mais foi dito sobre o assunto, até que recebi uma mensagem à noite.

Que bom que você chegou bem. Cheguei bem também. PS.: queria ter levado camisinha.

Idiota.

Analisando hoje, era inevitável que não demorasse muito para dormirmos juntos de novo decentemente — o irônico foi que os dois compraram camisinhas dessa vez. Minhas visitas continuaram como sempre foram, só que passei a dormir na cama dele em vez de no quarto de hóspedes. Continuamos sendo amigos no

começo, conversando francamente sobre tudo, e isso se estendeu à nossa relação sexual. Gostávamos um do outro, muito, mas eu não era a mulher para ele. Thomas era maravilhoso, engraçado, inteligente e eu o achava muito atraente, mas não me dava aquele frio na barriga quando o via. Não lhe disse isso dessa forma — não queria soar como uma boba ingênua —, mas em longos passeios com o cachorro passamos a entender quais eram os termos para nosso relacionamento. Era divertido, sem expectativas, sem responsabilidades. Se um de nós comesse a ver outra pessoa, parariamos. Caso contrário, se os dois estivessem se divertindo e se não tivessem sentimentos mais profundos um pelo outro, valia tudo. E durante muito tempo foi assim.

No entanto, posso dizer honestamente que, apesar das nossas semelhanças, nunca achei que fosse acabar com os punhos amarrados na cama do Thomas enquanto ele me olhava de cima com um meio sorriso maldoso que por um segundo me fez questionar onde estava me metendo. O que lembra de novo o caráter aleatório da fila e — como mamãe sempre dizia — a necessidade de não julgar o livro pela capa (se bem que não era isso que ela devia ter em mente).

Éramos amigos coloridos havia algum tempo, então foi inevitável ter uma conversa sobre fantasias não consumadas. Porém, quando matei uma taça de vinho e contei vagamente sobre o que tinha acontecido com Ryan e sobre minha aventura na internet antes de admitir timidamente que gostaria de libertar — ou seria amarrar? — meu lado submisso em experimentações com BDSM, não achei que ele fosse o cara que me proporcionaria isso. E nem estava esperando que ele virasse esse cara — até onde eu sabia, estávamos tendo uma conversa cheia de tesão como prelúdio de um fim de semana perfeito de sexo. Passei a gostar da inteligência e da mente deliciosamente suja dele, mas não sabia que tinha avançado com alguém que acabaria sendo o *yin* do meu *yang* submisso.

Conversar com ele era fácil. Qualquer receio que eu tivesse em sugerir meus instintos sexuais para um parceiro foi anulado pela própria natureza da nossa amizade. Era meu amigo, eu sabia que seria respeitoso e gentil durante uma conversa sobre coisas tão profundamente pessoais e talvez constrangedoras, mas não estávamos namorando, então não me senti estranha em lhe contar o que me excitava, o que queria experimentar. Não estava preocupada que ele fosse se tornar um namorado que acharia que eu era estranha ou maluca, ou que pudesse ser incapaz de casar meu lado comportado com os aspectos um pouco mais ásperos da minha personalidade, porque mesmo que me julgasse um pouco isso não afetaria nenhuma relação namorado/namorada. É claro que depois percebi que ele não ia me julgar em nada porque tinha tantos pensamentos poluídos quanto eu — e suas inclinações complementavam as minhas muito bem.

Ele estava totalmente vestido, o que me fez sentir ainda mais vulnerável quando se ajoelhou sobre meu corpo nu para tocar meu mamilo. No começo, estava

apenas brincando, passando os dedos sobre ele e ao redor, vendo-o endurecer. Comecei a relaxar, meus olhos se fecharam para curtir a sensação, e então ele beliscou. Com força. Levei um susto com a dor e abri os olhos, ele estava olhando para mim com atenção. Soltou o mamilo por um segundo, mas o descanso foi breve. Ajustou os dedos para um beliscão mais forte e começou a puxar com tudo, esticando meu seio para cima.

A dor aumentou e comecei a ficar sem ar. Mordi os lábios e arqueei as costas para tentar aliviar a tensão, mas como ele estava ajoelhado sobre mim e meus punhos estavam amarrados, não consegui me mexer muito. Ele observou meu contorcionismo com prazer e um leve movimento de sua mão trouxe de novo o prazer amargo da dor. Meu gemido preencheu o quarto e tudo que veio à mente foi a certeza de que aquilo era tão excitante quanto me lembrava, pelo menos até a quentura da dor no mamilo encher minha mente e eu não conseguir mais pensar em nada.

Ele se voltou para o outro mamilo, lambendo com delicadeza em torno dele antes de sugá-lo com força e arranhá-lo com os dentes. Ergui meu peito de tanta dor. Se minhas mãos estivessem livres, estariam acariciando seus cabelos, mas tudo que pude fazer enquanto ele alternava entre carinho e crueldade, era abrir e fechar meus dedos sem ter certeza de qual dos dois eu queria naquele momento.

Na verdade, estou mentindo. A dor estava me excitando mais do que esperava. Mais do que o prazer de Ryan me surrando sugeriu. E quando Thomas passou a mão pelo meu corpo, abri as pernas sem pudor para que ele visse a prova reluzente.

Ele riu e passou os dedos com carinho pela umidade até meu clitóris. Ao contrário do tratamento que deu aos meus mamilos, seu toque era leve, até frustrante, e levantei o quadril para fazê-lo enfiar o dedo em mim. Mas quando me mexi, ele se afastou. Olhei para ele com frustração e ele ergueu as sobrancelhas.

Sabia o que ele queria; eu havia passado uns bons vinte minutos falando que achava que seria sexy ter de fazer isso. No entanto, implorar era muito mais fácil na fantasia do que na vida real. O que posso dizer? Acho que sou do contra, mas depois de passar anos sonhando com uma renúncia verdadeira do controle, quando o momento veio de verdade, com um homem sexy cuja mente era um mistério para mim, senti que talvez não estivesse pronta para fazer essa renúncia.

O silêncio se prolongou e começou uma guerra de vontades, o que era idiota porque eu sabia que se ele me tocasse nós dois ganharíamos. Ele segurou minha boceta com cuidado e um dos dedos tocava meu clitóris devagar — uma, duas, três vezes — como se estivesse batendo os dedos em uma mesa enquanto eu decidia o que fazer. Sua calma me enfureceu mais ainda. Fiquei em silêncio. Eu definitivamente era mais teimosa do que achava, uma questão recorrente que me meteu em diversos problemas várias vezes desde então.

Uma pausa.

Tom tirou a mão e olhou para mim, depois passou um dedo molhado da minha secreção em volta da minha boca. Chupei o dedo com vontade, sentindo meu gosto e limpando o líquido na tentativa de retomar alguma sombra de controle. E sim, sei que é contraditório depois de passar tanto tempo querendo perdê-lo, mas vamos manter esse assunto como o mais uma questão recorrente. Quando suguei o dedo mais para dentro da boca ele sorriu com a sugestão silenciosa — e certamente nada sutil —, abaixou as calças e puxou o pau para fora. Forcei o corpo para a frente, sedenta, e ele me deixou tomá-lo. Chupei, sorrindo com ele na boca ao ouvir os suspiros de prazer.

Sempre amei pagar boquete — mas nunca tanto quanto em Thomas. Até nas trepadas mais normais ele parecia estar tão sob controle. Eu adorava perturbar isso um pouco, ver suas reações, ouvir a respiração mais rápida, senti-lo cada vez mais rígido na minha boca, o gosto quando gozava. Posso ter abdicado do controle e me submetido ao poder, mas com a boca no pau dele eu tinha um tipo diferente de poder que fazia meu coração cantar e minha boceta ficar molhada. E naquele momento, amarrada, com o pau dele se esfregando nos meus lábios, deitada de barriga para cima na cama de Thomas, me senti segura.

Comecei a chupar com mais força e ele agarrou meus cabelos. Gemi com o pênis na boca e olhei para cima, sugando com mais força, mexendo com vontade, rápido, rápido, sem parar, até que senti o gosto no fundo da garganta. Ele se sentou para recuperar a respiração e fez carinho devagar nas minhas coxas. Nessa altura eu já estava passando mal. Já tinha aprendido que me mover não me ajudava, então fiquei parada enquanto ele passava as pontas dos dedos onde eu o desejava. Se não estivesse amarrada eu já estaria descontrolada para ter algum alívio. Mas em vez disso tive de ficar deitada, tive de me submeter; passou os dedos no meu clitóris, uma explosão muito breve de prazer, antes de acariciar minhas coxas distraidamente.

A questão toda de implorar ou não implorar de repente não fazia diferença. Estava tão desesperada para gozar que diria qualquer coisa para que ele me deixasse ter um orgasmo. Minhas mãos estavam fechadas em punhos, mordei meu lábio inferior e finalmente, com a garganta seca, consegui dizer:

— Por favor.

Seus dedos voltaram para meu centro, acariciando gentilmente. Ele estava definitivamente esnobe agora.

— Por favor, o quê?

O tom de sua voz foi diferente, mais obscuro, e isso me animou ao mesmo tempo em que me deixou com dúvidas. Aquele não era o Thomas tranquilo e relaxado. No final das contas, meu pau amigo era um homem surpreendente. Mas não um homem paciente.

Beliscou meu mamilo de novo, virando-o com força. Meus olhos se encheram

de lágrimas e fiquei sem ar de tanta dor. A voz era de comando, não podia ser desobedecida e me deixou ainda mais molhada, mesmo com o nervoso na barriga.

— Por favor, o quê?

Meu cérebro congelou. Não sou uma pessoa que fica sem saber o que dizer, mas não fazia ideia do que devia responder e estava morrendo de medo de ele me entender mal e demorar ainda mais. Ou, pior ainda, parar. No final, apesar de tudo isso, falei todas as variações que pudessem dar certo.

— Por favor, enfie o dedo em mim. Por favor, me toque. Me deixe gozar, por favor. Por favor.

Quando terminei a súplica final, ele começou a me masturbar — as dedadas fortes e longas que eu tanto queria. Enfiou dois dedos em mim e começou a foder com eles, esfregando mais forte e mais rápido até que não consegui mais conter os berros. Tremi, gemi e gozei, pulsando em seus dedos, mãos batendo na cabeceira da cama com a força do orgasmo.

Quando desatou os nós e liberou minhas mãos, ele sorriu. Massageei os punhos e sorri em resposta, ciente de que havia encontrado um espírito semelhante no lugar mais estranho, que faríamos de novo. Até valia a pena implorar por aquilo. O que eu não sabia, pelo menos não naquele momento, era que aquilo não chegou a ser uma súplica de verdade, e que era apenas o começo.

Ainda não tínhamos planos de namorar, mas de alguma maneira aquilo fez com que a discussão sobre o que nos excitava ficasse mais fácil — dizer para um namorado que você fantasiava com ele batendo em você até você chorar, e depois foder, mesmo com os machucados, enquanto luta para afastá-lo, podia ser meio estranho. Mas Thomas me escutava com cuidado e, apesar de eu não perceber na época, estava gravando tudo para fazer em um futuro indeterminado, quando me deixaria molhada e zonha.

Começou em um sábado à noite com uma punição por um bando de motivos falsos que, se eu estivesse me sentindo no clima de debater, teria questionado. É claro que quando a voz e o jeito dele mudaram de calmos para implacáveis e ficou lógico exatamente aonde estávamos chegando, eu realmente não ia argumentar. Acabei pelada com a bunda para cima, deitada no braço do sofá.

Ele começou com uma surra relativamente branda que deixou minha bunda ardendo e quente. Logo aprendi que Tom era fã de surras, e não demorou para ele desenvolver uma predileção por me colocar sobre seu colo e me punir sem freio enquanto a ereção crescia embaixo do meu corpo trêmulo. Ficar com a calcinha no meio das pernas era mais vergonhoso do que tirá-la completamente, e era uma maneira eficaz de me deter um pouco se não conseguisse parar de relutar. Geralmente, quando minha bunda já estava quente, ele me jogava no

chão e me comia, a cintura me ancorava com força enquanto ele enfiava, o que não dava alívio nenhum do contato áspero do carpete com minha pele dolorida, mas essa vez foi diferente. Ele me perguntou uma coisa que não respondi da maneira que ele achava correta e ouvi o som do cinto dele sendo tirado da calça.

Quando você passa tanto tempo pensando sobre uma coisa, fantasiando sobre ela, a possibilidade de acontecer de verdade é aterrorizante. Não só porque vai doer e porque de repente o Tom fofo, gentil, o que me ajudava a fazer palavras cruzadas, tinha virado uma versão de outro universo de si mesmo. Não porque estou tentando controlar meus nervos desesperadamente para que eu não desista, para que consiga aguentar o que ele vai fazer, para lhe dar prazer, para me absolver com coragem e estoicismo — ah, sim, Marian ficaria orgulhosa. Nem mesmo porque, depois de passar boa parte de uma década deitada na cama fantasiando como seria receber uma boa e velha surra de cinto, estou preocupada com a possibilidade de não ser excitante, de apenas doer tanto que eu tenha de pedir que pare. É aterrorizante porque pedir que pare não é apenas uma representação decepcionante de uma fantasia antiga, mas também uma forma de rendição, um fracasso, uma derrota muito grande.

Virei a cabeça, que estava caída para baixo, e isso me deixou mais tonta ainda do que a tontura da expectativa; vê-lo em pé na minha frente ainda vestido segurando o cinto de couro nas mãos, puxando e fazendo um círculo com ele, preparando-se para me machucar. Seu olhar fez meu estômago revirar com o mesmo misto de excitação e medo que sentimos em uma montanha-russa. Aí ele foi para trás de mim e tudo que pude fazer foi esperar e tentar não tremer. Faltava pouco.

A primeira batida não doeu tanto assim; o som chocou mais do que o impacto em si. Senti um momento de alívio ao perceber que a dor na verdade era tolerável, então ele me bateu duas vezes mais, rápido, e berrei alto — acho que ele não acertou o alvo ou não foi forte o suficiente na primeira, porque agora estava começando a doer muito.

Disse que quanto mais eu berrasse mais forte ele bateria, então mordi a boca e tentei ficar em silêncio. O som de cada impacto na minha bunda parecia um tiro e a dor depois de cada um deles era uma onda de agonia. Se não fosse pelo braço do sofá embaixo do meu abdômen me dando suporte, minhas pernas teriam cedido até que eu ficasse no chão na frente dele. No entanto, quando a ponta do cinto se curvou para atingir uma das nádegas no mesmo lugar onde já havia atingido várias vezes, a dor que deixava a pele branca quente me fez perder o equilíbrio e deslizar até o chão. Ele puxou meus cabelos para me incentivar — de maneira implacável e dolorosa — a voltar à posição.

Minhas pequenas arfadas eram quase soluços quando me pediu que contasse as pancadas. A dor era muito maior do que eu havia imaginado, mas não pensei em pedir que parasse. Em vez disso, meu foco mental era o de suportar, abafando os

gemidos e choros borbulhando na garganta a cada chicotada, se bem que tentar controlar a respiração no meio da dor deve ter denunciado que estava machucando, mesmo que as marcas vermelhas na minha bunda, as lágrimas e as pernas tremendo não denunciassem.

Depois de dez pancadas ele tocou meu clitóris, me masturbou com força e enfiou os dedos em mim, rindo suavemente porque era óbvio e audível que eu estava excitada.

— Isso. Você é uma putinha que gosta de dor, não é, Sophie?

Fechei os olhos. O barulho dos dedos no meio das minhas pernas confirmava.

Conforme ele me masturbava e eu começava a gemer, ele me explicou o conceito da cenoura na ponta da vara — e como eu ainda não estava pronta para a cenoura orgástica. Ele me colocou de volta na posição de punição sem tirar a mão de dentro de mim e senti um momento de fúria por ser tratada como uma porra de um boneco de fantoches. Era quase possível vê-lo sorrindo quando lutei, na ponta dos pés, para voltar ao braço do sofá enquanto ele enfiava os dedos com crueldade dentro de mim. Conteí mais dez pancadas de cinto com a garganta seca — e "mais uma para dar sorte", que tenho certeza de que ele deu só para se divertir vendo meu alívio óbvio no final da punição sendo substituído por um nervoso trêmulo enquanto esperava pela pancada final — e mais forte.

Antes mesmo de conseguir pensar de novo, seus dedos voltaram ao meu clitóris. Ele foi frenético e me esfregou com tanta força que até mesmo lubrificada o prazer era amargo. Gozei muito, e minhas pernas cederam, deixando-me jogada na ponta do sofá.

Depois de suficientemente recuperada, me ajoelhei aos seus pés e o chupei até gozar na minha boca. Depois dormi o sono dos justos. Dormi de lado porque minha bunda foi tão surrada que até o mais leve movimento do cobertor gerava uma onda de dor. Levaram dias para os hematomas sumirem, e toda manhã depois do banho eu checava as cores dos machucados mudando no espelho de corpo inteiro, cutucando para ver o quanto doía e sorrindo para mim ao mesmo tempo.

É, eu estava começando a entender minhas tendências masoquistas por completo. E Thomas não só as reconhecia como gostava de exercê-las. Se bem que eu logo descobriria que o elemento mais desafiador de brincar com meu dominador incongruente não era necessariamente a dor.

No dia seguinte ao meu encontro íntimo com o cinto, Tom e eu fomos à cidade para almoçar e ir ao cinema, aproveitando uma folga no meio da semana, a sensação de que o resto do mundo está ralando e você está curtindo.

Compramos jornais e fomos para o restaurante. Quando minha bunda encostou no banco de madeira — por que são tão populares? São horríveis e o designer de interiores do restaurante Wagamama é o culpado — franzi o rosto de leve. Tom percebeu e sorriu, mas não falou nada até que a garçonete tivesse anotado nossos pedidos.

— Sua bunda está doendo?

Orgulho? Teimosia? Uma vontade de acabar com o ar sensual, porém metido, no rosto dele? Provavelmente.

— Tá tudo bem.

— Está? Você pareceu bem desconfortável quando se sentou.

Trocamos um olhar que dizia que ele sabia o que eu estava pensando, e eu sabia que ele sabia, mas mesmo assim eu faria o possível para ignorar.

Não tive paz. Conversamos sobre as possibilidades de filmes para a tarde, sobre uma mulher no trabalho de quem eu gostava, sobre a última saga de amor e ódio entre dois amigos em comum, e comemos o almoço. Quando acabamos, ele deu um gole na bebida e me olhou por muito tempo sem falar nada.

— Que foi? — perguntei.

Abaixou o copo.

— Nada, é que você fica mudando de posição na cadeira e sempre que faz isso sua cara muda, então estou vendo que está doendo.

Sorriu. Babaca.

Tentei agir como se fosse supernormal conversar sobre uma surra enquanto comia um sanduíche.

— Na verdade achei que a vara doía mais. Mas ontem à noite... — Eu me mexi sem pensar para tentar achar uma posição mais confortável e só me liguei quando vi que estava sorrindo. — Bem, o cinto doeu muito mais. Não sei por que exatamente. — Levantei o queixo. — Mas não dói tanto assim.

Ele ergueu uma sobrancelha e percebi que sem querer tinha acabado de lançar

um desafio que me assombraria depois.

— Sinceramente, eu bati com força porque sabia que você aguentaria e, na verdade, adoraria. Mas só dei cerca de 75% do que podia — porque a gente estava tão perto da parede que não deu pra tomar o impulso que eu queria.

Minha bunda chegou a doer com a possibilidade de uma surra mais forte com o cinto, agora um objeto inocente na cintura dele. Não consegui parar de olhar para o cinto.

— É claro que não sei se você aguentaria muito mais. Sua bunda estava bem machucada quando terminei. E você mal conseguiu se levantar pra se jogar no braço do sofá, as suas pernas tremiam muito. Eu teria ficado preocupado, mas vi você toda molhada, até nas coxas, aí deu pra saber exatamente o quanto estava gostando. Safadinha.

Fiquei sem palavras. Acho que consegui falar um "ah", mas nada mais. Dei uma olhada no restaurante — senhoras almoçando com um grupo de crianças na mesa ao lado, dois adolescentes bebendo vitamina bem devagar enquanto mexiam nas compras — e tentei retomar um ar de controle e ignorar uma queimadura que estava começando no meio das minhas pernas. Estava meio que dando certo até que...

— O que mais amo naquele cinto é como bate do lado da sua bunda em cada chicotada. Com certeza é doloroso, mas o último impacto na curva parece ser mais. Mas as marcas que ficam são lindas. E amo como você treme quando passo as unhas nas marcas. Eu posso tocar uma punheta só de ver sua bunda depois da punição. Se bem que isso deixaria você bem frustrada. — Ele sorriu de um jeito que mostrava que não se importava tanto assim. Tentei retomar a conversa coerente de minutos antes.

— Tudo bem, eu com certeza me viro se precisar.

Outro sorriso de lobo.

— Ah, uma desculpa pra te amarrar. Não que precise de desculpas.

Minha respiração estava ficando rápida e eu com certeza já estava molhada. Cruzei os braços em cima da mesa na frente dos seios para que ninguém visse meus mamilos, que inevitavelmente estavam excitados.

Sorri de leve com um ar sutil de desespero que não consegui disfarçar.

— Acho melhor a gente parar de falar sobre isso.

Ele sorriu.

— Por quê? Está excitada? — Como se não soubesse. Ele sabia, mas perguntou porque gostava de me ver com vergonha quando respondia.

Meu "sim" foi baixo.

— Tire os braços de cima dos peitos.

Murmurei o nome dele, uma súplica e uma exclamação surpresa, braços ainda cobrindo firmemente a prova da minha excitação.

A maré mudou e a voz dominadora apareceu. Acabou a provocação.

— Não foi um pedido, Sophie.

Movi os braços devagar.

— Vá pra trás um pouquinho pra eu ver você direito.

Fui para trás com o rosto quente.

Ele riu de leve.

— Foi bem pouco mesmo. Mas tudo bem, foi o suficiente.

Encarou meus seios e não desviou o olhar quando a garçonete veio perguntar se queríamos sobremesa. Ele pediu sobremesa para nós dois e, quando ela saiu, comentei que tinha visto ele me encarando.

— Ah, eu não estava encarando seus seios, estava apenas os imaginando sem roupa por cima.

Dei um gole na bebida. Ah, então tudo bem.

Enquanto esperávamos pela sobremesa, a conversa voltou para a mulher no trabalho que talvez estivesse interessada em mim, porém qualquer esperança de conseguir me recompor — eu estava que nem uma poça incoerente na frente dele — logo se extinguiu. Ele havia conhecido a mulher rapidamente e tinha certeza de que era uma *switcher*, uma pessoa que consegue ser tanto dominadora quanto submissa, dependendo de com quem interage. Começou a me explicar exatamente como iria mostrar a ela como "tirar o melhor de mim".

Enquanto descrevia como ia me amarrar, fazer com que eu a chupasse, mostrar para ela como usar a vara da melhor maneira na minha bunda e seios, fazer com que eu assistisse aos dois fodendo e muito mais, comecei a me mexer na cadeira por outros motivos. Minhas mãos tremiam enquanto tentava comer a sobremesa.

E ele notou tudo, é claro.

Quando terminamos e pedimos a conta, eu já não tinha intenção nenhuma de ir para o cinema. Queria voltar à casa dele para uma transa violenta no meio da tarde. Sorrii quando falei isso — tudo bem, não "falei", posso ter implorado um pouco; eu estava com muito tesão naquele momento. Ele sorriu.

— Tudo bem, podemos voltar, mas não agora, tenho que pegar umas coisas antes.

Ele viu a frustração no meu rosto, mas eu não ia reclamar porque sabia que ele só ia postergar mais ainda. Pagamos a conta e começamos a andar. Eu estava usando jeans sem calcinha, a pedido dele, então ficar andando com a costura na minha boceta me deixou maluca.

Depois de uma loja de DVD, duas livrarias e um supermercado, eu já queria berrar de frustração. Ele nem estava comprando nada. Eu já tinha desistido de fingir que estava analisando os produtos e me concentrei em não pagar nenhum mico implorando para que ele me levasse para casa e me comesse, ou tendo um orgasmo por causa da costura da calça. Finalmente, ele veio por trás de mim enquanto eu olhava para o nada na frente de umas revistas e me deu um tapa na

bunda, o que me fez dar um grito e voltar à realidade.

— Pronto, acabei. Vamos pra casa.

Porra, até que enfim.

Finalmente voltamos para casa e assim que passamos pela porta sugeri um boquete. Estava desesperada e queria retomar um pouco do controle. A habilidade que Tom tinha de me decifrar acabava comigo e achei que chupá-lo retomaria o equilíbrio. Boquetes não o tiravam do comando, mas ele geralmente fazia um pequeno barulho no fundo da garganta, ou abria e fechava os punhos, o que me garantia que pelo menos uma vez estava lutando para ter controle por minha causa, uma ideia muito satisfatória. Quase tão satisfatória quanto senti-lo respondendo à minha língua e ficando mais duro na minha boca, quanto engolir todo o gozo, quanto o orgasmo que geralmente era garantido. Ah, sim.

Então na escada perguntei se queria que o chupasse. Ele sorriu.

— Acho que isso pode me convencer. Mas tinha outra coisa em mente primeiro.

Antes de poder começar a imaginar o que seria ele pegou meu punho e me jogou na cama. Enquanto tentava me ajeitar ou pelo menos ficar em uma posição um pouco mais confortável, virou meu braço nas costas com uma das mãos e começou a puxar minha calça com a outra. Quando parei de relutar e me resignei ao fato de que não ia ser capaz de sair da posição na qual ele me queria, ele pegou a escova de cabelo na mesinha e o som da primeira pancada na minha bunda ecoou no quarto.

O ritmo era implacável. Às vezes as punições dele eram leves e descontraídas, mas essa não, mesmo apenas algumas horas depois de ter usado o cinto. Não sei por quanto tempo continuou, estava focada apenas em lidar com as ondas de dor.

Quando parou para passar as unhas e depois as cerdas da escova nas marcas quentes e vermelhas, tudo que sei é que meu rosto e minha boceta estavam encharcados. Ele me levantou e passou uma das mãos na minha xoxota enquanto eu me mantinha de pé com as pernas tremendo. Rindo, enfiou o dedo na minha boca para que eu o chupasse, mostrando que apesar das lágrimas e do choro durante a punição eu estava saboreando a prova de que gostava de ser tratada daquele jeito. Fiquei com o rosto corado quando lambi minha secreção nele e odiei a cara de esnobe — e o fato de estar certo.

Quando o dedo já estava limpo ele me mandou tirar a roupa e assim que fiquei pelada ele me fez ajoelhar. Pegou cada mamilo nas mãos e beliscou, amassando-os nos dedos até que eu mordesse os lábios para evitar uma reclamação. Finalmente ele se cansou do jogo e abriu a calça. Avancei como se estivesse faminta.

Mas ele queria controle de tudo. Passou os dedos nos meus cabelos e começou

a foder com meu rosto na velocidade que queria, indiferente ao meu couro cabeludo dolorido e à luta para respirar à medida que me impulsionava para a frente e para trás no pau dele. De repente ele apertou as mãos e me afastou de sua virilha.

— Não vou gozar na sua boca.

Olhei para ele sem entender.

— Vou gozar nos seus seios. E assim que terminar você vai se deitar na cama e vou fazer o que você implorou o dia todo. Vou fazer você gozar.

"Mas existem regras. Se a minha porra pingar e cair na cama eu paro o que estiver fazendo imediatamente. Vou fazer você se vestir e ir pra casa toda molhada, chorando e insatisfeita. Entendeu?"

Assenti com a cabeça e fiquei olhando bater a mão para cima e para baixo no pau. Ejaculou um jorro longo e leitoso nos meus seios e barriga. Deu um passo para trás e sorriu.

— Tá esperando o quê?

Eu me deitei com cuidado na cama, ofegante de tanta dor por me encostar com a bunda que ainda latejava.

— Tá doendo?

Fiz que sim, era impossível esconder.

Riu de novo, agarrou meus punhos e os moveu até que eu me segurasse na cabeceira da cama.

— Que pena. Não se esqueça do que acontece se deixar cair.

Passou a mão na parte interna da minha coxa. Tremi.

— Tenho a impressão de que você não quer ir pra casa frustrada.

Ele começou a me masturbar e perdi o controle. Passou os dedos na minha boceta e os enfiou com força em mim. Ele me comeu com os dedos sem parar enquanto massageava meu clitóris com o dedão. Eu estava gemendo e me contorcendo de prazer, mas cada movimento causava dores alucinantes porque minha bunda estava se esfregando no lençol. As sensações se misturaram até que a dor, o prazer, a humilhação e o puro erotismo fossem um. Meus gemidos altos quebraram o silêncio.

Tom parou por um instante e se afastou para olhar para mim. Ficou encarando. Fiquei com vergonha imaginando que tipo de cena ele estava vendo, eu deitada de pernas abertas quase tendo um orgasmo. Então percebi que ele estava checando se eu tinha deixado cair alguma gota enquanto me mexia.

Fiquei desesperada. Tentei mexer as mãos, mas ele fez um som de reprovação. Parei rapidamente. Por uma fração de segundos, nos olhamos. Franzi os olhos quando percebi exatamente o que ele queria. Os olhos dele brilharam e um sorriso se abriu em resposta à minha reação quando entendi o que tinha de fazer se queria garantir meu orgasmo.

Estou enganando quem? Não tinha "se". Mesmo com meu cérebro ainda

processando o que ele esperava, e mesmo pensando se faria, eu já estava movendo o corpo. Eu me mexi de um jeito estranho na cama, cada contato do lençol com meus machucados me fazia respirar fundo. Teve um movimento específico, quando vi uma gota caindo fatalmente na curva da minha cintura de um jeito que me deu pânico, em que bati o lado da bunda com tanta força na cama que chorei.

Mesmo assim, continuei me movendo enquanto ele assistia às minhas tentativas inevitavelmente fúteis de vencer a gravidade.

Finalmente, teve pena.

— Se estiver difícil, deixo você usar as mãos.

Porra, obrigada. Passei as mãos desesperadamente nas costelas e nos lados dos seios para deter o gozo e lambi os dedos com vontade; depois voltei com as mãos para meu peito reluzente e corado. Limpar tudo pareceu excitá-lo — ainda bem — e ele começou a enfiar os dedos em mim de novo.

Foi como nadar em correntes conflitantes. A masturbação contínua, os dedos batendo na minha boceta, a dor ainda crua da minha bunda na cama enquanto eu me contorcía. Com tantas sensações diferentes e ainda tentando desesperadamente não derramar mais nada, levei muito tempo para atingir o orgasmo, mesmo com tanto desespero. Nem preciso dizer que já estava passando mal quando a necessidade de gozar foi maior do que o medo de fracassar no desafio dele.

Quando gozei, foi forte, meus gemidos e berros altos. Tremi por muito tempo por causa da intensidade de tudo. Ele fez carinho nos meus ombros enquanto os calafrios passavam. Olhei para ele, ainda estava totalmente vestido. Até eu era capaz de subestimá-lo de vez em quando. Foi um dos passeios para compras mais memoráveis da minha vida, o que é ótimo porque sequer comprei alguma coisa.

Foi minha primeira experiência real com os desafios de uma relação D/s que não tinha só a ver com dor, mas que também abrangia perder a dignidade e o controle. Para minha surpresa, comecei a descobrir que esses momentos eram os que mais me deixavam com vergonha, os que eu achava mais desafiadores. Minha resistência à dor me permitia tolerar a força bruta, mas o lado psicológico de ser diminuída ficava comigo por muito tempo depois de as feridas sararem. Eu me lembrava desses momentos e sentia tanto vergonha quanto excitação, além de me sentir confusa. Entender as coisas que me excitavam às vezes era difícil; aceitá-las era ainda mais difícil quando a intensidade da cena e a onda de adrenalina passavam e restava a lembrança de até onde tinha sido levada, até onde me levava. Eu estava muito excitada, mas um pouco preocupada — como encontrar o equilíbrio certo? Como evitar que fosse longe demais?

O problema em ser masoquista é que, no final das contas, se o dominador não é um sádico de primeira, então as punições no sentido comum da palavra não funcionam como uma intimidação.

Sei que é irônico porque, vamos admitir, não estamos falando sobre "punições" no sentido comum da palavra. Não sou uma criança rebelde nem um cachorro que precisa de treinamento, e me sentiria muito desconfortável de estar com alguém que sentisse que isso é aceitável na nossa dinâmica. Cada um com seu cada qual e acho que se ambas as partes estão felizes, tudo bem, mas não funciona para mim. Além disso, sou esquecida, desajeitada e muito, muito sarcástica — se alguém quisesse me treinar para me mudar, primeiro eu me daria mal o tempo todo, segundo assim que terminassem eu seria chata e completamente diferente do que sou.

Dito isso, comecei a perceber que, se estivesse no clima adequado, realmente amava dor. As pontadas, o desafio, a onda de adrenalina que produzia, a catarse depois. E se Tom quisesse inventar razões "falsas" e arbitrárias para me punir, eu realmente não ia discutir.

Afinal, o ir e vir da dor quando uma vara atinge a curva da minha bunda onde encontra a coxa me excita. Não curto drogas, mas a onda que tenho quando a adrenalina está pulsando no meu corpo é um equivalente legal (e grátis). A onda fica comigo pelo menos até enquanto as marcas ficam, e de vez em quando atinge minha mente dias depois de uma sessão, me pegando desprevenida no meio de um expediente careta de trabalho. Uma recordação pode deixar meus mamilos duros, meu corpo doendo e meus olhos brilhando de um jeito que meus colegas de trabalho se perguntam no que estou pensando naquele momento em que pareço estar longe.

No entanto, tendo isso em mente, a dor não era uma punição e no final das contas deixou de ser um desafio na perspectiva de Tom. Por que me fazer suportar aquilo se podia me mandar fazer outra coisa, uma coisa com a qual nunca tinha sonhado, que me surpreendeu quando ele me contou?

Quando você está brincando com um dominador tão irritantemente criativo quanto Tom, ele observa até encontrar uma coisa que você não acha sexy. A

coisa que você faz sob o comando dele contra sua vontade como um ato de submissão pura. A coisa que você odeia e faz só para agradar, geralmente fingindo não se incomodar porque sabe que se ele percebe o quanto você a odeia, vai mandar fazer mais só porque tem esse poder. A coisa que você não quer fazer. Não sabe se consegue. A que deixa você com olhos confusos cheios de raiva e humilhação, faz querer mandar ele à merda, mesmo sabendo que não pode porque, apesar de tudo, você quer isso mesmo que não consiga explicar por quê.

Para mim, é o negócio do pé.

Existem várias coisas incríveis em Tom, tanto em termos de caráter quanto de aparência. É inteligente, engraçado, tem os olhos azuis mais expressivos e lindos, um sorriso sacana e a habilidade de me deixar em dúvida como poucas outras pessoas. Ele me desafia pessoal e sexualmente de uma maneira que faz a vida ficar um pouco mais afinada e as cores um pouco mais vivas. Eu podia contar várias coisas incríveis, excitantes e brilhantes em relação a Tom. Mas não incluiria seus pés como um fator. Dois, na verdade.

Estávamos com um grupo de amigos fazendo bagunça, brincando de briga, de bobeira mesmo. Nossa relação D/s era sutil e esporádica no mundo externo, éramos Dom/ sub com benefícios, por assim dizer, e nossos amigos em comum não sabiam de nada. No entanto, quando bati na cabeça dele com a revista de estreias no cinema enrolada como um tubo e atingi seu nariz com tanta força que seus olhos se encheram de lágrimas, as coisas mudaram. Peguei um lenço de papel na bolsa e me desculpei por ser tão estabanaada. Ele pegou o lenço e sorriu enquanto secava os olhos.

— Tudo bem — disse ele bem alto para que todos ouvissem —, mais tarde eu castigo você por isso — adicionou com um tom que só eu ouvi.

Nem preciso dizer que passei grande parte do filme imaginando exatamente o que quis dizer. O tom de voz não foi de quem está puto, mas prometia alguma coisa fora do normal, então não era a mão. A vara? O chicote? O cinto? Uma régua? Será que ia me punir e transar comigo até que ele gozasse e me deixaria insatisfeita? Ele já tinha feito isso em uma noite memorável e absurdamente frustrante alguns meses antes; fiquei com as mãos presas atrás das costas enquanto ele dormia feito um bebê. Meu Deus, tomara que não seja isso. Eu definitivamente queria alguma coisa mais divertida que me satisfizesse.

No final ele fez com que uma noite de frustração não fosse nada. Na verdade, acho que eu preferia ter um mês de frustrações — e nem faço o tipo mulher casta.

Eu estava pelada de quatro na cama dele quando me explicou o que ia acontecer. Acariciava minhas costas, passava os dedos na minha coluna de um jeito que — junto com o frio do quarto e a expectativa feroz — me deixou distraída o suficiente para que, por um minuto de esperança, eu achasse que

tivesse escutado errado. Quem dera.

— Entendeu? — perguntou.

Fiquei em silêncio esperando que ele voltasse atrás e escolhesse bater em mim até chorar e foder minha bunda machucada e latejante sem lubrificante como recompensa. Isso machucaria muito e definitivamente seria uma punição. Podia ser isso? Eu poderia sugerir? Seria uma inversão de papéis?

Ele parou de acariciar minhas costas e beliscou um dos meus mamilos. Com força.

— Eu disse, entendeu?

Engoli a saliva e, sem conseguir falar, fiz que sim com a cabeça. Como é que dizem? Entendeu mas não compreendeu? Foi isso. Ele tinha me pedido para fazer uma coisa que eu não achava que seria capaz de fazer. Não queria fazer. A ideia me deixou enjoada de humilhação e raiva. Isso não era nem um pouco atraente. Nem mesmo a satisfação submissa que sempre sinto por estar dando prazer para alguém ao estar me diminuindo não era o suficiente para deixar aquilo interessante. Em nenhum sentido.

Ele se moveu e começou a tirar a calça.

— Então vamos lá. Você pode beijar até lá embaixo. Ir se acostumando.

A satisfação na voz dele era nítida e me deixou furiosa. Ele sabia que estava me pedindo que fizesse uma coisa que todas as fibras do meu ser diziam que não iam e não podiam fazer. Ele começou a se ajeitar nos travesseiros, braços para cima, assistindo com um sorriso enquanto eu tentava processar a informação.

— Por que não começa lambendo o meu pau?

Ok, isso dava para fazer. Eu gostava disso. Ótimo. Eu me mexi na cama para ficar na posição certa. Ele já estava excitado, mas quando comecei a lambê-lo, o volume aumentou e o pênis começou a bater no meu rosto, quase tão exigente quanto o dono. Dei voltas com a língua, diligente e focada, me perdendo em uma atividade que gostava. Mas, de repente, fui arrastada para a realidade. Literalmente. Ele puxou meus cabelos tão abruptamente que um filete de saliva ficou pendurado entre meus lábios e a cabeça, e depois se partiu, antes de eu conseguir retomar a respiração e limpar a baba. A brutalidade da cena me fez ficar corada de humilhação.

— Muito bom, mas chega disso. — Ele deu um tapinha na minha cabeça como se eu fosse um animal de estimação. — Agora por que não desce um pouco e beija o meu saco?

Obediente, enterrei o rosto entre as pernas dele. Tive um flashback repentino da primeira vez que me mandou fazer isso e de como fiquei constrangida e hesitei em fazer algo que obviamente servia para me diminuir. Conforme o chupava com cuidado agora, eu me perguntei o que tinha acontecido comigo. Como fui da vergonha para a obediência feliz e até ambiciosa? Em alguns meses, quanto mais minhas fronteiras se alargariam? Como ele conseguia me fazer passar dos limites

com tanta facilidade?

Mas não houve tempo para autoanálise. Ele me pediu que fosse descendo com beijos na parte interna das coxas, passando pelos joelhos e canelas, chegando nas pontas dos pés. Obedeci com beijos cada vez mais rápidos quanto mais descia, apesar do meu medo de ser punida por isso. Cheguei muito depressa nos dedões. O quarto estava completamente em silêncio e ele esperava. Estava despreocupado, tudo nele gritava a certeza de que eu faria o que me mandou fazer mais cedo ou mais tarde. Senti ele se mexer atrás de mim, mudar de posição para ver a guerra acontecendo na minha mente e no meu rosto. Ele não perdia nem um detalhe.

Eu podia ter levantado e ido embora. Podia ter mandado ele à merda. Se tivesse feito bastante estardalhaço, ele não me obrigaria àquilo. Provavelmente. Mas em algum momento no meio do processo, um orgulho teimoso e um pedaço do meu cérebro me diziam que eu era capaz. Que devia fazer aquilo. Até mesmo que era sexy — afinal de contas a submissão não é submissão de verdade se você só obedece o que gosta de fazer. Era um pedaço bem pequeno do meu cérebro que me dizia isso e quanto mais me aproximei, menor ficou.

Não estava conseguindo entender por que aquilo estava me afetando tanto. Eu sabia que os pés dele eram limpos — ele não era uma pessoa ruim, afinal — e que eram apenas pés. Não tinha ninguém vendo, apenas eu e ele. Tá, no geral os pés eram meio que um tabu, uma coisa aviltante, mas tentar passar por cima disso não era tão difícil, era? *Seria tão pior do que beijar mãos?*, pensei tentando ir adiante, pensando de uma maneira mais racional.

Abaixei a cabeça nos pés dele. *Eu consigo. Vou dar prazer pra ele se fizer isso. Se for logo vamos passar para alguma coisa bem mais sexy.* Fechei os olhos. *Os pés dele estão fedorentos mesmo? Ou estou imaginando isso porque não estou vendo?* Eu me aproximei, mas não consegui dar o último passo. Respirei fundo duas vezes e tentei de novo. Nada. Meus lábios estavam secos, minha mente acelerada. *Eu consigo*, falei para mim. Se fizesse logo, ele não ia perceber o quanto estava me incomodando.

— Eu mandei você ficar respirando no meu pé?

Ele sabia o quanto estava me incomodando. Era evidente. Minha voz foi baixa.

— Não.

— Então tá esperando o quê? Vai logo.

Insegura, me mexi devagar na cama e me inclinei para dar um beijo no dedinho do pé. Foi um beijinho de leve. Lambi meus lábios secos e me inclinei de novo, indo contra cada instinto latente em mim. Ele deu um pequeno gemido de prazer quando beijei o dedo de novo. Eu sabia que era mais por causa da minha submissão à vontade dele do que pela sensação da minha boca em seu pé. Era possível imaginar o sorriso dele atrás de mim e isso me deixou furiosa — com ele, comigo e com a parte de mim que queria aquilo mesmo que tivesse raiva do

meu rebaixamento, causado parcialmente por mim mesma. Beije cada dedo, com carinho, respeito e devagar — eu não ia deixar que ele me mandasse fazer de novo —, e terminei com um beijo mais demorado no dedão. Então levantei a cabeça para olhar para ele, respiração ofegante, rosto e pescoço corados de vergonha. Tentei não demonstrar raiva, mas o sorrisinho dele me fez achar que não estava escondendo minha ira tão bem assim.

Ser sucinta ia me impedir de arrumar problema, então preferi ser breve, apesar de meu tom ser rebelde.

— Tá bom?

Sorriu.

— Ainda não. Tem o outro pé. Abaixei e chupe os meus dedos.

Abaixei logo a cabeça, era melhor olhar para os dedos do que para os olhos dele, que viam tantas coisas. Tom tinha mais experiência em D/s do que eu, o que era uma fonte constante de surpresa e irritação — o fato de ele entender essa parte da minha natureza melhor do que eu me deixava com medo e enfurecida, ao mesmo tempo em que a intensidade da cena me excitava. Eu passava de sentir uma alegria tão grande que era como se estivesse voando a querer bater nele na cabeça por ser tão arrogante, mesmo que uma pequena voz dentro de mim dissesse que era injusto chamá-lo de arrogante quando estava certo na maioria das vezes.

Eu me mexi, passei pelas pernas esticadas dele para chegar ao outro pé. Julguei ser capaz de aguentar essa última dose de submissão. Faça, não pense. Comecei beijando o topo do pé antes de reunir toda a minha coragem e finalmente abocanhar vários dedos. O gosto até que não era ruim, então beijei o pé todo e chupe o dedão. Lambi. Veneri. Na minha mente, um mantra — vai acabar logo. Vai. Acabar. Logo.

Aí, inesperadamente, ele colocou a mão entre as minhas pernas. Gemi, com o pé dele na boca, de prazer e de surpresa. Como era de se esperar, ele aproveitou para enfiar o pé mais ainda em mim.

— Você está muito molhada. A sua boca está inchada e macia. Você obviamente está gostando de alguma coisa que estamos fazendo agora.

Fechei os olhos e continuei chupando. Meu corpo respondia e ele enfiava os dedos mais profundamente no que era — para minha vergonha — a minha umidade.

O quarto estava em silêncio, exceto pelo som das chupadas e dos dedos descontraindo me masturbando. Apesar de tudo, eu estava molhada, com tesão e desesperada para gozar, fazendo pressão contra a mão dele enquanto entrava em mim.

Deu uma gargalhada.

— Depois de tudo isso acabou que você gosta de ser obrigada a lamber e chupar meus pés. Você realmente gosta de ser tratada que nem uma puta,

mesmo com tantas dúvidas. Né, sua puta?

Eu o ignorei e ele repetiu a palavra que chamava brincando de "a palavra com P". Eu sabia que estava tentando instigar uma reação. Fiquei ainda mais corada mas, como estava de costas e com os cabelos no rosto, sabia que ele não estava vendo. Continuei lambendo e concluí que era melhor estar com os dedos na boca senão eu poderia falar alguma coisa que me arrumasse mais problemas ainda. Tentei focar o máximo possível em fazê-lo tão feliz que me deixaria passar para outra atividade — mas manter o foco é muito difícil quando você está tão desesperada para gozar que, apesar de tudo, faria qualquer coisa para ter alívio.

Quando acariciou meu clitóris com o dedão eu gemi de alegria, estava muito próxima de gozar, mesmo naquela situação. Acho que foi quando teve a ideia.

— Pelo visto você está adorando os meus pés agora. — Respirei forte em sinal de irritação e passei a língua entre os dedos de um jeito quase cruel. — Acho que vou fazer com que você continue chupando até gozar na minha mão. Isso seria divertido, não seria?

Divertido não era a palavra. Fechei os olhos tentando desesperadamente afastar as lágrimas de fúria e de humilhação. Apesar de odiar estar fazendo aquilo, eu sabia que ele seria capaz de manipular o meu corpo até tirar o máximo de prazer possível. Ele acelerou o ritmo e enfiou os dedos em mim com mais força e mais para dentro, atingindo meu clitóris com o dedão a cada impulso até que meu rosto estivesse enterrado no pé dele e meus gemidos envolvessem os dedos. No dia seguinte eu sentiria dor, mas a penetração dura e insistente estava funcionando. O orgasmo começou a se formar e depois retrocedeu conforme ele diminuiu o ritmo, curtindo o poder que conseguia impor sobre mim sem nem se esforçar; depois instigou o orgasmo de novo. E de novo.

Não sei por quanto tempo o lambi, mas quando gozei minha mandíbula estava dolorida. Meus gritos foram roucos porque minha garganta estava muito seca. No final das contas não sentia mais nada, a não ser a mão e o pé dele. Fiquei como uma trouxa primitiva, desesperada para gozar, capaz de fazer qualquer coisa que ele quisesse, contanto que permitisse meu gozo e me desse o alívio que tanto queria. Eu teria implorado, mas em vez disso enfiei os dedos do pé o mais para dentro da boca que consegui, lambi a sola e mostrei sem palavras que faria tudo por ele, até mesmo uma coisa que teria visto como um limite difícil uma hora antes.

Certa vez eu li que a chave para a humilhação sexual não é induzir alguém a fazer o que não quer, mas levá-lo a realizar coisas que secretamente sonha em fazer. Posso dizer honestamente que nunca sonhei em me rebaixar de maneira tão humilhante e ainda fico constrangida quando penso nisso. Ao mesmo tempo, quando gozei nos dedos dele, meu orgasmo foi um dos mais intensos que já tive. E mesmo quando me fez lambe sua mão com a secreção que provava o quanto eu tinha gostado da punição inusitada, antes de me puxar pelos cabelos para que

eu pagasse um boquete, foi inevitável pensar em como seria fazer tudo de novo.

Como geralmente era o caso de Tom, consegui descobrir uma coisa que me afetava profundamente e na qual pensei por muito tempo depois — *qual* o problema dos pés, afinal de contas? Só de pensar, meu corpo ficava quente e reagia como se eu estivesse de volta àquele momento.

Palavras são coisas engraçadas. Quando estou no ambiente submisso, me rebaixo, imploro, digo qualquer coisa que o dominador exigir. É fato que algumas palavras saem livremente, ao passo que outras ficam presas na garganta. Implorar que ele me coma, me castigue, me use, são coisas que já achei difíceis, mas que agora — graças principalmente à obsessão de Tom em me fazer dizer coisas que acho constrangedoras só para se divertir — minha voz é assertiva, apesar da humilhação. Falo com orgulho e excitação quando dou prazer me rebaixando. Chamá-lo de senhor é mais difícil, minha voz fica mais baixa e, se tiver como, escondo a humilhação que não consigo deixar de sentir por trás da cortina de cabelos. Mas apesar de me irritar, eu consigo. E faço. E minha submissão traz grande prazer e alívio sexual para os dois.

Mas a palavra que acaba comigo, independentemente de quantas vezes é dita, é *puta*.

Eu sei. É uma palavra pequena. E em termos BDSM nem é depreciativa. Eu me sinto confortável com a natureza dupla da minha personalidade, o fato de ser independente, capaz e no controle da maior parte do meu dia, e no entanto desejar dar o poder ao meu superior para receber noites delirantes. E tardes. E manhãs também, na verdade. Mas tem alguma coisa na palavra *puta* que, mesmo inserida na cena mais excitante, me tira do momento como uma agulha arranhando um disco. Os homens que gostam de sexo são garanhões. As mulheres que gostam de sexo são putas. Sei que é o sentido mais simples da palavra. Sei que quando estou pelada na frente de Tom chupando o pau dele e ele me chama disso nesse contexto, o sentido é completamente diferente. Porém, mesmo assim dou uma olhada enfezada para ele ao mesmo tempo em que enfio o pênis mais ainda na boca.

Ele ri quando me vê com raiva disso. Não sou santa e existem várias outras palavras que a sociedade em geral consideraria piores e que não me afetam em nada, mas *puta* eu odeio. E ele sabe disso, adora me provocar, me fazer explicar exatamente a *puta* gulosa, grata e com tesão que sou antes de me deixar ter um orgasmo. E apesar de uma parte de mim se retrair com a terminologia e querer mandar ele à merda, obedeço. Obedeço mesmo com cada fibra do meu ser

dizendo que não preciso fazer isso, obedeço pela pequena voz que sussurra que preciso sim. Não é a coisa mais degradante que ele me manda fazer, mas é a que mais fere. Um ato de pura submissão.

Então quando vi a palmatória, tive de comprá-la.

O aniversário de Tom estava chegando e, apesar de eu ter comprado presentes comuns, queria alguma coisa extra. Simbólica. Especial. Sexy.

Estava dando uma olhada em chicotes quando vi a palmatória. Não sabia se era ruim dar um presente que me daria pelo menos tanto prazer quanto para ele.

Estava no final da prateleira, em uma caixa linda, e assim que percebi o que era senti um tremor no estômago.

PUTA.

ATU [11](#), na verdade, talhado em 30 centímetros de couro preto malicioso com um punho resistente.

Não consegui nem olhar para ela. Analisei os brinquedos ao lado, atrás, dei pequenas olhadas nela. Eu sabia que ele ia amar. Ia amar me deixar marcada com ela. Mas a ideia de ficar com aquela palavra gravada na minha bunda como um ferrete me fez tremer de revolta. Era perfeito, mas odiei. E sabia que ele ia gostar ainda mais disso.

Fiquei na frente da prateleira uns bons dez minutos até que a vendedora veio perguntar se eu precisava de ajuda; deve ter achado que eu era uma ladra demente em potencial. A chegada da vendedora era o ímpeto que eu precisava. Eu disse que estava tudo bem, peguei a caixa — mais pesada do que achei que seria — e quase corri até o caixa para pagar. Até parei de ficar corada na metade do caminho para casa.

Nos dez dias entre comprar a palmatória e o aniversário dele, pensei no objeto constantemente. A sacola na minha mesa era um lembrete contínuo. Pensei várias vezes em não dar o presente, não tinha certeza se aguentaria a cena inevitavelmente intensa que aconteceria quando ele a usasse. Mas no final das contas, embrulhei o presente. Sabia que ele ia amar. E dava para aguentar. Não dava? Eu teria tempo de me recuperar. Sério. Ia dar tudo certo. Provavelmente.

Os olhos dele brilharam quando entreguei a caixa. Seus dedos percorreram as costuras, dobraram o couro e bateram a palmatória no ar na minha frente de um jeito que me fez tremer. Ele observou cada reação minha com atenção e fez de tudo para não demonstrar o quanto me incomodava.

É claro que ele sabia o quanto me incomodava.

Eu me empolguei tanto pensando em como seria receber as palmadas que quando ele sorriu e me agradeceu e colocou a palmatória em cima da lareira foi quase um anticlímax. Então ele começou a acariciar meus seios e foi descendo, acabei distraída com outras coisas.

A palmatória ficou lá por duas semanas e dois dias, não que eu estivesse cantando. Toda vez que eu chegava e a via, meu estômago vibrava. Estava com

medo de ser punida com ela, mas parte de mim se perguntava como eu ia responder. Será que aguentaria fisicamente? Quanto tempo ficaria com marcas?

Descobri em um sábado à noite. Demos uma trepada ótima e caímos no sono quase instantaneamente. Acordei de um sonho estranho e fiquei vendo a hora passar com uma insônia daquelas que deixa você com a convicção de que é a única pessoa acordada no mundo, incapaz de fechar os olhos. No final, decidi que um orgasmo era a única maneira de voltar a dormir. Eu me afastei dele, coloquei a mão no meio das pernas e comecei a me tocar.

Era uma masturbação com finalidade, buscava o alívio e, se tudo desse certo, o sono depois. Meu toque era certo, os dedos trabalhando na fricção deliciosa que traria o orgasmo de que eu precisava desesperadamente. Eu estava quieta, quase gozando e totalmente focada, e por isso quando ele falou no escuro eu pulei de susto.

— Tá fazendo o quê?

Minhas mãos pararam abruptamente. Opa. Demorei a perceber que ele provavelmente acharia aquilo um despropósito.

— Não consigo dormir. — Minha voz estava rouca.

— Já percebi. — Ele estava tranquilo, mas sua voz tinha o tom que eu chamava brincando de voz dominadora. Eu só falava isso quando não estávamos em ação, caso contrário eu não ousaria. — O que você está fazendo?

Ainda bem que estava escuro. É mais fácil você fingir que é indiferente ao fato de ter sido pega de surpresa quando não tem de olhar dentro dos olhos da outra pessoa.

— Estava me masturbando. Não consegui dormir então achei que um orgasmo rápido me ajudaria...

Parei de falar quando ele veio até mim e segurou meu punho, ainda se mexendo no meio das minhas pernas. O hálito quente dele fez cócegas na minha orelha quando puxou minha mão, o que me fez tremer.

— Então duas horas depois de eu dar um orgasmo muito intenso e gostoso pra você, pelo que os seus gemidos mostraram, você já quer mais?

Balancei a cabeça.

— Não é isso, é que...

Ele colocou minha mão na minha boca, me silenciando com meus próprios dedos melados.

— Acho melhor você ficar quietinha agora. Não é melhor?

A voz de Tom era perigosa e me deixou mais molhada, mas com um pouco de medo. Fiquei sem me mover, nem concordei com a cabeça para não desagradá-lo ainda mais. Meus mamilos estavam duros. Meu corpo tentava processar a falta do orgasmo, apesar de ter chegado tão perto.

— Você é uma puta gulosa. — Percebi aonde aquilo ia chegar e meu coração disparou. — Você me acordou com os seus movimentos porque está com tanto

tesão que não pode esperar algumas horinhas pra gozar de novo. — Quis argumentar, mas sabia que isso só ia piorar as coisas. — Você merece ser punida. Não merece?

Fiquei calada, mesmo com a pergunta direta. Eu sabia o que ia acontecer e parte de mim dizia que eu estava ferrada e que não estava pronta para a intensidade inevitável, que tudo o que eu queria era ir dormir. Mas não ousei falar isso, então fiquei quieta. Ele beliscou meu mamilo com força. Fiquei sem ar de tanta dor.

— Não merece?

Odeio quando faz isso. O ato da submissão é uma coisa, porém admitir a necessidade dele, desejá-lo, sempre me deixa com vergonha. É claro que ele sabe disso. Tentei não soar insolente.

— Sim.

Deu um tapa no meu seio.

— Um pouco de respeito agora pode evitar mais dor no futuro.

Tentei controlar a voz.

— Desculpa. Sim. Você está certo, mereço ser punida. — Torci para que meu tom penitente me ajudasse, mas não tinha muita esperança.

Ele estava fazendo carinho no meu seio desnudo, passando os dedos em círculos deliciosos. Apesar da tensão no corpo comecei a relaxar com o movimento, a gostar da sensação, o que fez com que o próximo comando fosse terrível.

— Vá lá embaixo e pegue a palmatória. Agora.

Eu já estava de pé, do outro lado do quarto e no meio das escadas quando meu cérebro começou a processar o que isso significava. A palmatória. A. Palmatória. Merda. Será que eu aguentaria? Já não tinha mais certeza, desde o começo não estava tão confiante. Eu devia estar mais preparada e não sonolenta, frustrada sexualmente e com a cabeça em outro mundo.

Peguei a palmatória com mãos trêmulas e voltei para o quarto, ciente de que fazê-lo esperar só ia piorar. Respirei fundo do lado de fora da porta do quarto e reuni minhas forças. No entanto, antes de minha mão tocar a maçaneta, a porta foi aberta e uma luz clara inundou meus olhos, o que me deixou meio cega e desorientada.

Quando meus olhos se acostumaram à luz ele já tinha tomado a palmatória e me levado para a cama. Eu me ajoelhei de quatro, esperando com nervosismo pelo que ia acontecer, desejando ter ido dormir com mais roupa do que apenas a calcinha.

Fiquei olhando para os lençóis tentando me preparar para o que viria, o que seria mais fácil se eu tivesse alguma ideia do que poderia ser. Ele fez carinho na minha bunda por cima da calcinha e o toque me fez tremer. Riu quando tentei retomar a compostura. Fazia círculos com a mão.

— Sua calcinha está tão molhada que dá pra ver como você é puta.

Fechei os olhos. Ele me tocou por cima do pano da calcinha e prendi um gemido de prazer. Meu corpo berrava pelo orgasmo que quase havia tido minutos antes. Passou os dedos pela minha boceta e empurrou o pano para dentro da pele molhada. Minha respiração ficou mais forte. Eu estava tão perto de gozar que minhas pernas começaram a perder a força. Senti esperança — será que ele ia me deixar gozar?

É claro que não. Até parece. Ele parou e tentei não suspirar de frustração. Subiu na cama e colocou o dedo na minha boca. Fiquei constrangida, mas chupei com força, tirando minha secreção da pele dele. Ele riu da minha voracidade.

— Você é uma puta. Nós dois sabemos disso e agora eu vou marcar você de um jeito que todo mundo vai saber também.

Tirou o dedo da minha boca com força, veio para trás de mim e puxou minha calcinha, deixando minha bunda exposta. Passei tanto tempo preocupada com o que aconteceria naquele momento que já estava tremendo e tentava desesperadamente ficar na posição e controlar meu medo. Fiquei me xingando mentalmente por ter comprado a palmatória. A ideia de apanhar com ela era tranquila, mas a ideia de andar com um PUTA marcado na bunda em manchas roxas me dava repulsa. O que deu em mim? E se eu não conseguisse fazer aquilo e tivesse de usar a palavra de segurança 1 pela primeira vez?

O pânico me fez ouvir a primeira palmada antes mesmo de senti-lo se movimentando atrás de mim. O som era igual a um tiro e me fez pular de susto. Por um segundo, não senti nada, achei que ele tivesse errado. Aí veio a dor, meu Deus uma dor que me deixou sem ar. Fiquei engasgada. Acho que até gritei. Meus olhos se encheram de lágrimas. Acho que ele até perguntou se eu estava bem. Para ser honesta, não sei. Ouvi um barulho estridente dentro da cabeça. Não conseguia lidar com nada, ver nada, sentir nada, só o barulho — e a dor onde a palmatória havia batido. Doía muito mais do que eu tinha esperado. Mais do que o cinto ou a vara. Eu me dei conta do impacto total do presente que havia lhe dado.

A pancada seguinte veio antes de eu conseguir enxugar as lágrimas da primeira. Estava tentando controlar a respiração, tentando não chorar. Queria conseguir aguentar, com certeza era muito orgulhosa para dizer que precisava parar. Então engoli os soluços e senti as lágrimas escorrendo pelos olhos fechados enquanto tentava suportar a dor de cada golpe.

Depois de uns doze golpes ele parou. Tentei me recompor, trouxe a mente de volta ao presente, senti que ele estava se mexendo atrás de mim. Eu me encolhi um pouco, temendo mais punição, mas ele moveu a mão sobre a minha bunda. Até mesmo o toque relativamente delicado me fez tremer. Senti ele se aproximar para ver o trabalho que tinha feito, tocando as marcas que deixou na minha pele pálida, como um pintor olhando para seu quadro.

— Hmm. Acho que tenho que bater mais forte. E fazer com que a pancada fique no lugar certo senão não vai fazer o efeito direito. Eu acho que vou praticar em um lado pra ter certeza de que estou fazendo certo e aí quando achar que estou pronto dou uma pancada final bem forte que provavelmente vai deixar a marca. O que você acha?

Tentei não tremer e fechei os olhos para que ele não visse que estavam com mais lágrimas.

— Acho que quem decide é você.

Ouvi o tom de risada na voz dele quando fez carinho na minha cabeça.

— Boa resposta, minha puta.

Pegou a palmatória de novo e me posicionei para receber mais dor, mas ele passou o objeto no meio das minhas pernas. Engoli um gemido de vergonha — a palmatória deslizou com facilidade, denunciando minha excitação. Era possível imaginar o sorriso dele quando colocou a palmatória na minha frente.

— Beije e me agradeça por estar dando a punição que você parece gostar tanto.

Encostei a boca no couro, agora reluzente com a minha secreção. Minha voz estava engasgada e não consegui falar mais nada além do mínimo que ele exigiu.

— Obrigada por me punir. Desculpa por ter acordado você.

Ele recomeçou.

Eu gostaria de poder dizer que quando voltou eu consegui aguentar a punição melhor. Mas as lágrimas ainda corriam, assim como o líquido entre minhas pernas. Quando minha bunda parecia estar brilhando de tanta agonia, ele parou. Cheguei a ficar tonta de alívio antes de perceber o que isso indicava.

Ele deixou a tensão se alongar antes de me dar a pancada final na nádega ainda intacta. Tremi durante a espera e quando a porrada finalmente veio e o barulho reverberou pelo quarto, dei um berro e minhas pernas e braços desabaram. Ele botou toda a força no golpe, virou os braços e me pegou bem na pele vulnerável onde a bunda se conecta com a coxa. Comecei a chorar de dor, mas também de alívio por ter aguentado a punição. Ele acariciou minhas costas e fez barulhos para me acalmar, falando que estava muito feliz por eu ter sido tão forte e que minha bunda estava linda, toda vermelha e quente.

Depois ele me virou de barriga para cima e fodeu comigo do jeito que eu geralmente desejo, rápido, forte, sem piedade, me preenchendo inteira. É claro que, naquelas circunstâncias, isso foi mais uma tortura prazerosa — cada momento da minha bunda contra os lençóis me fez chiar de dor, assim como os beliscões dele enquanto enfiava mais ainda, misturando dor e prazer a cada pressão.

Finalmente gozei em espasmos em torno do pau dele, berros de prazer superando os berros de dor. Ele gozou dentro de mim, depois tirou o pau e eu finalmente consegui ter a noite de sono que queria.

A minha nádega direita ficou um caos de hematomas por mais ou menos uma semana. A nádega esquerda estava pálida e clara, comparada com a outra, exceto pela palavra PUTA marcada como um brasão. Tive de tomar muito cuidado no vestiário da academia.

Ainda odeio a palavra puta, mas infelizmente Tom a adora. Amou a droga da palmatória. Por anos depois disso, fez questão de me marcar em lugares diferentes cada vez que praticávamos, fosse na bunda, na parte interna da coxa — onde os hematomas se formam com mais facilidade e onde, por causa das pernas abertas, era bem mais fácil ver o detalhe vergonhoso da minha boceta molhada com as punições dele — ou, em uma ocasião notável, em um dos seios.

Quando eu via a palmatória meu coração se acelerava; meu corpo reagia de uma maneira que provava que realmente sou uma puta sedenta pelo castigo — e pelo prazer — que ela era capaz de causar em mim, embora admitir isso em voz alta fosse mais do que eu podia aguentar. Dizem que uma imagem vale mais do que mil palavras. Se você tivesse visto meu corpo quando ele terminou de brincar comigo eu não precisaria dizer nadinha.

Tom e eu continuamos nos divertindo nos meses que se seguiram. Ele continuou expandindo meus limites, me apresentando coisas novas. Mas quando chegamos mais perto do fim do ano, as coisas desaceleraram um pouco.

Trabalhar em jornal significa que Natal e Ano-Novo são momentos ocupados e péssimos. A paginação do jornal fica menor, assim como o número de notícias, ninguém quer trabalhar mais do que o necessário e, com as escolas fechadas, os políticos locais sabe-se lá onde e o recesso nos negócios, fica cada vez mais difícil achar histórias. Isso, além do fato de os prazos serem mais curtos e de os bancos entrarem em recesso, faz você acabar escrevendo dois jornais em vez de um, enchendo-os com as coisas menos bobas que conseguir e com a odiada coluna "Retrospectiva do ano", sendo que tudo que você quer é acabar mais cedo e ir para o pub. É uma época bem chata.

Quando termino o trabalho e vou passar o Natal com a família, geralmente o que mais quero é descansar, o que na verdade é um problema porque nos poucos dias em confinamento com meus entes mais queridos e próximos, por vários motivos não há descanso. Depois de muita comida, alguns presentes ótimos e vários passeios para visitar familiares, preciso de um recesso do recesso. Foi quando Tom me chamou para ficar na casa dele por um tempo entre o Natal e o Ano-Novo.

Sinceramente, a ideia de passar cinco dias brincando com o cachorro, vendo a TV gigante de Thomas enquanto ele trabalha (sim, ele era ainda menos festivo do que eu), lendo e comendo chocolate — e fazendo sexo para aliviar a tensão — era excelente. Entrei no carro assim que consegui inventar uma desculpa de emergência, arrumar a mala e dar um beijo na família. Eu sei, sou uma péssima filha.

Quando cheguei, nos abraçamos. Não costumávamos nos beijar porque, por algum motivo, parecia ser meio errado. Era coisa de namorado. Talvez ficássemos parecendo duas prostitutas, mas fazia sentido para nós. No entanto, assim que me encolhi perto dele e me deixei relaxar naquele cheiro familiar, ele

se afastou. Sem nem falar, me empurrou no chão, deu um chute na porta para fechá-la e abriu a calça.

Puxou meus cabelos para que eu ficasse na posição certa. Abri a boca e de repente meus pensamentos sobre festas natalinas e tudo mais que não fosse o gosto dele fugiram da minha mente.

Ele se moveu para se apoiar na porta e eu me arrastei junto com ele. Não quis e não consegui (porque ele estava segurando meus cabelos) tirar o pau da minha boca. Eu o chubei e curti as reações dele. Gozou com vontade, cobrindo minha garganta de um jeito que me fez pensar que ele também estava querendo gastar algumas energias festivas. Muito em breve a respiração dele diminuiu e se retirou da minha boca.

— Essa foi ótima.

Sorri enquanto ele fechava a calça e me ajudava a ficar de pé. Eu estava satisfeita e excitada por ver que nós, pelo visto, não estávamos perdendo tempo em dar início à porção sexual dos feriados de fim de ano.

Ele deu um tapa na minha bunda.

— Vamos almoçar.

Ah. OK.

Eu já estava molhada e dava para ver meus mamilos embaixo da blusa, mas percebi um lampejo de humor em seus olhos. Não ia dar o gostinho de mostrar o quanto queria ter um orgasmo. Dava para esperar. Sou bem paciente. Tá, vou parar de me enganar, não sou não. Mas o que são duas horinhas entre dois amigos?

O resto do dia foi prazeroso. Fomos à cidade e vimos as liquidações. Comprei livros e uma bolsa que amei tanto que mal consegui esconder a alegria.

Almoçamos, fomos ao cinema e passeamos com o cachorro, andando devagar no gelo. Em geral, foi ótimo, calmo e tudo mais que a semana entre o Natal e o Ano-Novo deve ser — com o adicional da tensão sexual por eu saber das possibilidades quando voltássemos para casa.

Voltamos. Bebemos chá. Vimos televisão. Fizemos jantar. Quando fomos dormir minha paciência já tinha se esgotado. Quando deitamos, ele beijou minha testa e foi dormir.

Excelente.

Depois do episódio em que o acordei me masturbando algumas semanas antes, eu jamais arriscaria. Fiquei deitada observando a luz da rua refletida na parede e ouvindo a respiração calma e descansada dele, controlando a vontade de abafá-lo com o travesseiro. Finalmente dormi. A última coisa que passou pela minha cabeça foi: *amanhã de manhã*.

Acordei sentindo a ereção de Tom no meu cotovelo. Obaaa! Sendo uma pessoa que não se dá bem com manhãs, há poucas coisas que me fazem acordar

sorrindo. Essa definitivamente é uma delas. Passei a mão nele para checar se estava acordado.

— Bom dia. Posso ajudar com alguma coisa?

A voz dele estava seca, apesar de indicar que estava acordado sim, o que era ótimo.

— Bom dia. Tem uma coisa que talvez eu queira sim.

A risada dele fez seu peito vibrar no meu rosto.

— Dá pra perceber. Tenho a impressão de que você está com tesão esta manhã.

Não tinha como negar, então nem tentei.

— Por que você não me chupa então?

Nem precisava pedir de novo. Eu me virei para me inclinar para baixo e lambi a ponta antes de começar a chupar de verdade.

Ele ficou deitado sem se mexer, só gemia quando minha língua tocava algum lugar especial. Eu gostava de poder controlar o ritmo então dei uma provocada. Quando começou a crescer na minha boca eu me afastei e chupei o saco. Ele gostava, mas não seria o suficiente para fazê-lo gozar ainda. Achei que ele fosse reclamar, mas, dessa vez, pareceu estar contente em me deixar brincar. Se bem que começou a fazer carinho na minha bunda e a mexer na minha calcinha. Eu senti que estava ficando mais molhada, desesperada para que ele movesse a mão só um pouquinho embaixo da calcinha e começasse a meter os dedos em mim. Ele era bom em provocar também.

Eu nem sabia quanto.

Quando começou a me tocar embaixo da calcinha eu gemi com o pau na boca, um pedido para que parasse de me provocar. Ele me ignorou e passou os dedos para cima e para baixo na minha boceta até que eu, admito que de forma não muito sutil, comecei a forçar o corpo contra a mão dele para que me desse a pressão que eu precisava.

No final, parei de chupar por um segundo.

— Por favor, você pode me tocar? Direito?

Ele riu e continuou no seu quase toque.

— Você está desesperada esta manhã, não está? Coitadinha da puta.

Consegui não responder ao uso da "palavra com P". Queria muito ter um orgasmo, mas não consegui esconder a frustração na voz.

— Bem, você gozou ontem. Eu não, lembra?

Ele riu de novo, um tipo de risada que faz meu estômago revirar.

— Você tem razão. E vou fazer você gozar depois, quando estiver pronto.

Enquanto isso, sugiro que você volte pro que estava fazendo.

Tossi discretamente e obedeci. Se queria um boquete eu ia pagar o melhor boquete de todos os tempos e depois ele ia me fazer gozar.

Chupeí da melhor maneira que minha habilidade permitia. Usei todas as

artimanhas que conhecia em relação ao corpo dele, fiz tudo que sei que ele ama, desde fazer carinho e beijar o saco até lambe-lo o pau e respirar fundo para fazer cócegas. Eu o venerarei. Aquele pênis era o foco do meu mundo e eu ia fazer com que gozasse e seria ótimo. Depois teria o meu orgasmo. Porque, bem, não sou o centro de tudo, mas uma mulher tem suas necessidades.

As mãos dele apertaram minha cintura enquanto gozava. Eu o deixei descansar na minha boca antes de lambe-lo tudo. E então ele começou a se mexer. A levantar.

Não consegui formular palavras, mas tinha um ruído na minha garganta que não consegui evitar.

— Que foi? Vou fazer café pra gente.

— Mas você falou...

— Eu sei, eu falei que você ia gozar depois. E isso vai acontecer. Mas não nesta manhã.

Não se irrite, Soph. Só vai piorar se você arrumar confusão. E então tive uma ideia.

— Posso...?

— Não, não pode. Eu vou dizer quando puder. Agora você espera. — Beliscou meu mamilo. — Agora se levante. Vamos. Se tiver sorte faço café pra você.

Eu me levantei. De mau humor.

A primeira coisa a levar em consideração é que sim, eu poderia ter me masturbado. Mas qual o objetivo disso? Ele obviamente tinha alguma coisa em mente e, como já disse antes, se submeter só pelas partes que você prefere não faz sentido. Eu queria provar que conseguia esperar e estava curiosa para saber o que estava aprontando para mais tarde, quando me deixaria ter um orgasmo. E eu era teimosa. Eu sei, escondo bem.

Sendo assim, depois do café da manhã que normalmente me deixaria totalmente satisfeita, o dia passou. Ficamos sem fazer nada de especial. Escrevi um pouco e joguei pôquer on-line, passeamos com o cachorro, fiz um assado gigante, assistimos a DVDs, conversamos sobre as notícias. E no meio disso tudo eu nem pensei sobre ter um orgasmo. Tá, posso estar mentindo um pouco. Eu fiquei pensando em não mostrar o quanto queria um orgasmo e no geral acho que consegui, exceto pelos momentos estranhos em que Tom passava a mão na minha bunda ou no lado do meu seio acidentalmente. Na verdade, eu não tinha certeza se era acidentalmente e não quis chamar a atenção dele caso fosse, não queria soar muito sensível aos toques. Meus mamilos ficaram doloridos na maior parte do dia. Mas eu jamais daria sinais disso. De jeito nenhum. Ha ha. Isso daria uma lição nele.

Comecei a perceber que eu não era do tipo que gostava de negação de orgasmo. E essa não foi uma percepção que alcancei numa boa. Se a primeira noite foi difícil e a manhã seguinte me deixou distraída o dia inteiro, a segunda noite então me trouxe a certeza — quando paguei um boquete demorado ajoelhada no chão entre as pernas dele enquanto assistia ao jornal e mexia no meu cabelo como se eu fosse um bichinho. Ele gozou nos meus seios nus e me deixou insatisfeita de novo.

Não me entenda mal, eu definitivamente não tenho aversão à expectativa. Mas dois dias de abstinência — mais drásticos porque Tom ainda estava tendo prazer de várias maneiras tentadoras — estavam me deixando realmente de mau humor.

Eu me deitei e esperei que o sono viesse, o que, posso garantir para você, foi bem difícil porque eu sempre tendia a dormir depois de um orgasmo. Em todos os dias da minha vida adulta, salvo pela noite estranha em que dividi o quarto, era com minhas próprias mãos ou com as de outra pessoa. Eu estava um pouco melada e tão frustrada que tremia. Estava pensando em agredir Tom fisicamente, que já estava deitado de lado com um tremendo sorriso para mim.

— Tudo bem? — perguntou mesmo sabendo que não.

— Tudo bem — falei. Geralmente quando digo que está tudo bem significa que estou tão mal que sou capaz de ou começar a chorar ou quebrar a casa toda com um taco.

— Então essa coisa toda de não ter um orgasmo não está te incomodando em nada? — Ele sabe que está, mas sabe também que prefiro morder a língua do que admitir.

— Nada. — Minto muito mal. Torci para que pelo menos minhas respostas curtas deixassem a mentira menos óbvia.

— Que bom, porque achei que seria interessante explorar isso um pouco mais enquanto você está aqui. Decidi que você não vai gozar até o Ano-Novo.

Ele se virou para dormir e meu queixo caiu que nem nos personagens de desenhos animados. Quando calculei quantos dias eram — mais quatro dias de tortura e de práticas não recíprocas, presumindo que me deixaria gozar no Ano-Novo — quis entrar em desespero.

— Se não está incomodando você até agora então com certeza vai ser tranquilo.

Estava de costas para mim, mas imaginei o sorrisinho e quis jogá-lo no chão. Mas não fiz isso. Não falei nada. Não confiava em mim. E quando finalmente consegui dormir, a última coisa que pensei foi: *Ele está brincando. Só pode estar de sacanagem.*

Não estava. Depois de dois dias tentando não pensar na falta do orgasmo, eu já

estava subindo pelas paredes. Nunca tinha entendido de verdade como era fundamental conseguir gozar sempre que queria e, para minha surpresa, só me dei conta do que tinha quando perdi. Cada toque casual era uma tortura. O toque do braço de Tom no meu cotovelo quando passava por mim já me deixava molhada. Tomar banho era um tormento com a pressão das gotas de água, que davam uma sensação incrível e, ao mesmo tempo, não tão incrível, o que só aumentava a frustração.

Nos dias seguintes Tom inventou maneiras cada vez mais exóticas de ter um orgasmo. A diversão dele ao me ver chupando enquanto eu tremia de frustração arrefeceu depois de algumas vezes, então ele avançou para planos mais diferentes e maldosos. Eu estava deitada de costas na cama, amordaçada com a minha calcinha (que estava molhada porque passei o dia com ela), admirando a cena sexy, porém irritante, de Tom ejaculando no meu rosto, quando percebi que não sou do tipo abstinente. Eu não diria que é um limite intransponível, principalmente porque não daria o gostinho a Tom, mas a abstinência de orgasmo não era uma coisa que eu ia estimular no nosso repertório sexual. Gozou no meu rosto e nos meus cabelos, e depois passou a mão no meu rosto. O gesto que teria sido carinhoso em outra ocasião, mas me fez morder o tecido úmido para conter a fúria. Decidi que em breve teria um orgasmo de um jeito ou de outro.

Também percebi que Thomas era divertido e irritante ao mesmo tempo porque me conhecia muito bem, às vezes até melhor do que eu. Sabia até aonde devia ir, geralmente um pouco além de onde eu me sentiria confortável, e observava com atenção todos os atos sensuais e humilhantes que me mandava fazer. Observava os sentimentos no meu rosto, divididos entre me submeter ou não, seguro de que mais cedo ou mais tarde eu me submeteria. Tom lia meus sinais melhor do que qualquer outra pessoa. Em parte porque sou muito direta, mas o fato de ser péssima em mentir e de não conseguir esconder meus sentimentos muito bem devem ter ajudado. Eu devia ter entendido que ele estava me testando, aumentando as possibilidades. Se pensasse racionalmente, fazia todo sentido. No entanto, depois de quatro dias sem orgasmo eu já estava tão distraída que virei um emaranhado de nervos, às vezes choroso, às vezes furioso. Formular uma frase era difícil, algo bem constrangedor para uma pessoa cujo trabalho dependia disso. Eu me tornei tão direta que chegava a ser grossa, mal-humorada e provavelmente péssima companhia, mas Thomas continuou sorrindo — e estava adorando ter o poder de bagunçar meu equilíbrio, o que me deixava ainda mais irritada.

Tudo tem limite. Na hora que fomos para a cama depois de uma noite

civilizada — um jantar alegre, eu enroscada lendo com o cachorro nos meus pés e Tom distraído no MSN e navegando na internet — eu estava basicamente pronta para ter uma combustão espontânea. Nós nos deitamos juntos de barriga para cima, Tom com um dos braços nos meus ombros fazendo carinho no meu pescoço. Apesar de todos os esforços, até mesmo esse toque inócuo acelerou minha respiração, um fato que, é claro, ele percebeu.

— Você parece estar com frio — disse ele, e passou o dedo perto de um ponto do meu pescoço onde, se fizerem carinho, ronrona que nem um gatinho satisfeito, para minha vergonha. — Tudo bem?

Não sou idiota. Sabia que ele queria ouvir exatamente o quanto estava me afetando. Sabia que fingir que estava bem não ia dar certo e que, se quisesse ter um orgasmo antes do ano seguinte, teria de explicar precisamente o quão frustrada e desesperada eu estava, antes mesmo de ter qualquer esperança de conseguir ter um orgasmo. Eu sabia, mas ainda assim me irritava. Sim, eu sei, dei poderes para que ele me controlasse. Sim, sei que ele sabia tudo que eu ia dizer. Mas mesmo assim. Engoli a saliva.

— Estou bem. Só um pouco sensível.

Os dentes dele brilharam sob a luz fraca do quarto.

— Sério? Por quê?

Saco. Seria muito mais fácil falar se ele não estivesse ganhando. E sim, sei que é uma vitória que lhe entreguei, mas, sério, ele estava a três passos de fazer a dança da felicidade.

Rangi os dentes.

— Você sabe por quê. — Droga. Eu tinha decidido fazer o tipo suplicante, respeitadora e desesperada. Como duas frases de repente me transformaram em mal-humorada e teimosa?

— Explique.

É por isso que acabo mudando de tipo. Fechei os olhos, sabia que tinha de fazer aquilo. Que era o mínimo que teria de fazer. Passar por cima. Suspirei.

— Ok, você venceu. Você sabe que estou desesperada pra gozar há dias, não sabe? Só consigo pensar em você fodendo comigo, seus dentes no meu clitóris, suas mãos na minha bunda... — Parei de falar e me perdi nos pensamentos. Minha garganta ficou seca quando pensei nas coisas que podíamos fazer, meu corpo doendo com a necessidade de ter alívio. Tossi e continuei. — Tentei esconder, mas nós dois sabemos que estou desesperada pra gozar, que só penso nisso há dias, que meu corpo está necessitado. — Passou um dedo na minha clavícula e um tremor profundo e involuntário de necessidade percorreu meu corpo de um jeito que meu rosto ficou corado. Voltei a falar com a voz trêmula. — Então, sim, eu sei que temos mais dias até o seu prazo, mas achei que você devia saber que estou praticamente implorando. Com certeza você sabe que eu faria basicamente qualquer coisa agora pra você me deixar gozar.

Ele riu.

— Qualquer coisa engloba muita coisa, Sophie. E por mais que isso me deixe tentado a me divertir com você hoje e explorar exatamente o que isso significa — e aqui meu monólogo interior começou a cantar *Aleluia* —, você entende que está concordando que eu tire você completamente da sua zona de conforto, certo? Você está desesperada em que nível? Quis dizer qualquer coisa mesmo?

Aquela voz interna me aconselhou ter cuidado, mas o resto do corpo estava desesperado, a ponto de concordar com qualquer coisa. Ainda assim tive de tomar coragem para conseguir falar. Abaixei a mão e comecei a mexer no pau dele, que já estava meio duro.

— Dentro das coisas que combinamos antes, sim, estou concordando com tudo. Se minha vida tivesse uma trilha sonora, algum acorde dramático e sinistro tocaria agora. Mas foi *Song 2*, do Blur, que começou a tocar. Foi meio constrangedor até que minha mente cheia de luxúria percebeu que era o celular de Tom.

Senti uma onda de fúria quando ele foi atender.

Não me entenda mal. Eu também sou uma daquelas pessoas irritantes que fica cirurgicamente colada no celular. Gosto de fingir que é porque estou sendo requisitada no trabalho, mas na verdade não é isso. Curto ficar em contato com as pessoas; de ter controle, por assim dizer. Meu telefone fica carregando no quarto onde durmo, está comigo quando acordo, viaja comigo de férias, essas coisas. Mas acho que se eu fosse homem e estivesse abraçado com uma mulher pelada tremendo de tesão com a mão no meu pau dizendo que faria qualquer coisa para gozar e meu telefone tocasse, eu deixaria entrar na caixa postal. Não. Tom não. Quando atendeu e começou a conversar com sei lá quem — o som meio Charlie Brown que ouvi parecia ser de mulher, mas foi tudo que identifiquei — senti um surto de fúria e outro de frustração. Meus olhos ficaram cheios de lágrimas por causa da irritação extrema. Eu estava deitada nele; sua mão livre ainda fazia carinho no meu ombro, mesmo durante a conversinha. Não só eu tinha implorado, uma coisa que, convenhamos, ainda não era fácil para mim, apesar de ele gostar tanto que continuava me provocando, como também tinha acabado de falar que faria tudo que ele quisesse, qualquer coisa. Pensei em empurrar o braço dele, me levantar, pegar minhas roupas e ir embora, em dizer que aquilo não fazia parte da brincadeira, que era desrespeito puro e simples, que era um pouco além do limite. Mas não consegui me mover. Isso me fez sentir ainda mais patética e com vontade de chorar.

Então ele disse:

— Sim, ela está aqui agora deitada comigo tremendo de vontade. Antes de você ligar ela me disse que faria qualquer coisa se eu a deixasse gozar hoje. Isso, tudo. Eu sei. Ainda bem que tenho algumas ideias para o que esse tudo possa ser; posso contar pra você, se interessar.

Eu me virei para tentar ver o rosto dele no escuro. Era como suspeitei, ele não estava falando comigo. Quando percebi exatamente o que poderia acontecer, meu estômago começou a ficar embrulhado. Praticar com outras pessoas era algo que combinamos que só iam fazer depois de muita conversa. Mas aquilo... aquilo estava dentro dos limites. No limite do limite. Se bem que, meu Deus, a possibilidade de alguém saber o quanto eu estava desesperada me fez corar de vergonha e horror.

É. Fui perfeitamente enganada.

Charlotte era uma pessoa com quem Thomas vinha falando havia algum tempo. Era engraçada, sarcástica e exatamente o tipo de pessoa que dava para imaginar dando gargalhadas com você depois de algumas bebidas na vida real. Mesmo que ainda não tivessem se envolvido ao vivo, eu sabia que Thomas estava conversando bastante com ela tanto on-line quanto por telefone, com possibilidade de encontro para transar e talvez até para namorar. Isso não me incomodava — já havíamos decidido havia tempo que nunca namoraríamos e que nosso esquema morreria quando um de nós encontrasse alguém especial. Honestamente, eu já tinha visto Tom namorar umas pessoas realmente podres, então a possibilidade de ele acabar com uma pessoa que era uma igual e que também era submissa me agradava. Além disso, eu já tinha conversado com ela e parecia ser fofa, o tipo de pessoa que ele merecia.

Mas nada disso ajudou a manter meu equilíbrio quando Thomas explicou para ela em detalhes explicitos exatamente o que estava acontecendo nos últimos dias. Ouvi-lo explicar me deixou furiosa e constrangida, e depois — pior de tudo, porém inevitável — excitada.

— ... Ah, sim, ela estava encharcada, estava muito molhada. Não, não toquei nela, só mandei que tirasse a calcinha pra eu usar de mordaca...

Eu era capaz de me levantar e sair andando.

— ... Foi tão bonitinho, a gente estava na fila e eu passei o dedo no peito dela. É, sem querer de propósito.

Rangi os dentes. Sabia.

— Deu pra ver os bicos embaixo da blusa e os olhos dela estavam tão melancólicos. É, ela é linda — é como se me olhasse como quem quer me matar, mas tem um quê de tesão que não consegue disfarçar. E isso faz com que agüente na esperança de que eu permita que ela goze...

Na verdade, eu podia matá-lo com um sapato. Também funcionava.

— ... É e ela morde a boca. É como se estivesse tentando não falar ou gemer ou dar mole. Nem percebe os suspirinhos que não consegue prender ou quando treme. É incrível. Eu agora controlo todos os aspectos dela. Até isso...

Eu estava furiosa. Mas fiquei. Porque apesar de estar com vergonha e de me

sentir tímida e cheia de dúvidas em relação ao que ia acontecer depois, comecei a perceber que ele estava certo. Até mesmo quando minha mente se rebelou contra a ideia de ele estar tão no controle — ainda mais se gabando com outra pessoa por conta disso —, eu sabia que aquilo podia ser divertido, desafiador, incrível. Tom estava escutando Charlotte com atenção. Riu e eu voltei a prestar atenção na conversa.

— Essa ideia é bem maligna, sabia?

Meu estômago se encolheu e eu cheguei mais perto dele para tentar ouvir o que ela estava falando. Eu me movi para a frente e percebi que estava também me esfregando nele. Ainda segurava seu pau, apesar de estar mexendo mais devagar.

Ele sabia o que eu estava fazendo e puxou meus cabelos, deixando bem claro que não ia rolar. Fechou a mão e comecei a mexer como ele queria para minimizar a dor no couro cabeludo. Ele me puxou até que minha cabeça estivesse na virilha dele e me empurrou para baixo. Soltou meus cabelos e colocou a mão na ponta do telefone.

— Pode me chupar. Estou discutindo com Charlotte como, e se, vou deixar você gozar. Pagar um bom boquete vai contar a seu favor.

Obedeci e comecei a mover a boca para cima e para baixo curtindo a textura dele na língua. Gemeu baixinho. Charlotte disse alguma coisa e ele respondeu:

— Sim, ela está me chupando agora. É incrível. Ela é boa, bem entusiasmada.

Meu rosto ficou corado no escuro, mas senti um orgulho irritante. Tentei afastar o pensamento e me concentrar, sem prestar muita atenção na conversa, até que o ouvi dizer:

— Ah, você está se tocando enquanto escuta? Muito malvada mesmo. Não sei se você vai poder gozar hoje.

Ouvi um tom de súplica no outro lado da linha e, juro, o som do cérebro do Tom bolando um plano.

— Na verdade, acho que talvez eu lance um desafio. Talvez eu deixe uma de vocês duas gozar. Só uma. Vocês podem me persuadir e a melhor ganha.

Ouvi Charlotte discordando no telefone, apesar de eu francamente já estar com um sentimento de injustiça e de medo — sabia que se houvesse uma escolha entre nós duas, era mais fácil ele deixá-la ter um orgasmo do que eu. Depois de todos os dias de humilhação e da conversa ao telefone, a possibilidade de passar outra noite insatisfeita era insuportável. Comecei a chupá-lo ainda mais.

Ele riu.

— Ah, Sophie está apostando tudo. Está chupando praticamente meu saco todo agora. — Gemeu de prazer e mexeu nos meus cabelos. — Ai, é muito bom mesmo. Vai ser difícil você superar isso.

Meu coração começou a acelerar com essas palavras e com a mão dele na minha bunda, cada vez mais perto de onde eu queria que chegasse. Senti que

estava ficando ainda mais duro na minha boca.

— Ai, Charlotte, adoro ouvir você implorando.

Merda, implorando? Não havia esperança para mim. Mesmo que a satisfação de Thomas me fizesse passar muito mais tempo suplicando do que imaginei que pudesse, de fato eu não era uma pedinte por natureza. Na verdade, era uma pedinte relutante e ligeiramente mal-humorada. Merda.

Comecei a fazer carinho com calma no saco enquanto chupava mais profundamente. Eu pagava boquetes com capricho, mas até mesmo para mim aquilo era inusitado. Mal dava para respirar de tão profundo. A mão dele na minha bunda fazendo carinho era reconfortante e me inquietava ao mesmo tempo. Senti a secreção se acumulando no meio das minhas pernas e estava odiando a cena.

Ele explicou para Charlotte exatamente o que eu estava fazendo. Em um determinado momento ele interrompeu a conversa e me deu um tapa na bunda e pediu que enfiasse o pau mais para dentro ainda. Eu estava tão focada na tarefa que só voltei a ouvir a conversa quando ele disse:

— Ela está especialmente submissa hoje. Eu estava esperando que ela discordasse de mim ou que pelo menos me desse uma olhada enquanto me obedecia, mas está tão desesperada pra gozar que está feliz com qualquer coisa.

Repetiu para Charlotte que era má. Logo descobri por quê. E ele tinha razão, ela era mesmo.

Minha mandíbula já estava doendo quando completou meia hora de telefonema. Escutei Thomas provocando Charlotte ao telefone, ridicularizando-a, fazendo com que implorasse. Não consegui me conter, fiquei molhada e quis ouvir a prova da submissão dela da mesma maneira que ela ouvia a minha. E como ouvia.

Assim que Thomas terminou de contar para ela como eu estava sendo submissa, ele esticou o telefone e me mandou falar. Tive de explicar exatamente porque estava tão molhada, que era uma puta por estar gostando tanto de ser tratada daquele jeito. E falei tudo com a garganta engasgada de lágrimas de humilhação, apesar de nem pensar em desobedecer. Ele me fez dizer para ela que eu faria tudo para poder ter um orgasmo naquela noite e depois, quando terminei e ele retomou o telefone, reforçou o que eu tinha dito.

— Ela disse qualquer coisa. Qualquer coisa. Acho que ela me obedeceria com tudo agora. Sério. Escute.

Ele me mandou descer e venerar seus pés. Aquele negócio com o dedão do pé ainda era o que mais me irritava, mas — socorro! — estava tão desesperada para gozar que comecei a me mexer sem hesitar, até que ele pegou meus cabelos e me fez parar.

— Na verdade, Sophie, antes de fazer isso, implore pra lamber meus dedos dos pés.

— O quê? — retruquei. Foi mais forte do que eu.

— Implore. Você vai implorar para lamber, chupar e venerar meus pés e se fizer isso direito vou deixar. E se chupar meus dedos como uma boa menina, enfio um dedo da mão em você. Já estou imaginando como vai estar molhada.

Gemi. Eu sabia que o que estava imaginando se confirmaria, e tanto queria quanto temia o momento em que ele mesmo tivesse a constatação.

Graças à escuridão no quarto não tive de olhar nos olhos dele e pedi para adorar seus pés. Puxou meus cabelos e mandou que eu falasse mais alto para que Charlotte conseguisse escutar.

Com a voz cheia de nojo e lágrimas consegui falar de novo.

— Por favor, estou implorando pra você me deixar chupar seus pés.

— Só chupar?

Meu Deus, que ódio. Meu Deus, que tesão.

— Não, beijar e lamber também. Quero venerar seus dedões. Seus pés todos.

— Achei que seria suficiente, mas cada palavra estava carregada de agressão e frustração, então era melhor moderar no tom. — Por favor.

Ele deu um tapinha no meu rosto, um gesto carinhoso que fez com que todo o resto parecesse fácil por um segundo, até que voltou a falar.

— Eu deixo.

Porra, ainda bem. Eu me arrastei para baixo e mandei ver. Virei o corpo para o primeiro contato e o ouvi narrando tudo para Charlotte. Quando tomei o dedão na boca e comecei a chupar, ele explicou para ela que eu estava sendo gulosa e enfiou o pé mais para dentro de mim. Falou que estava me fazendo limpar seus pés exigindo que eu lambesse as solas. Ouvi Charlotte gritar de nojo e rir do meu sofrimento, as palavras eram indiscerníveis, mas o tom de diversão ecoava no quarto.

Lágrimas silenciosas encheram meus olhos conforme fazia o que ele pediu. Não queria mostrar que estava extrapolando meus limites, mas ainda assim queria continuar desesperadamente. Quando enfiou um dedo na minha calcinha, cheguei a me engasgar e ele aproveitou para colocar o pé ainda mais para dentro da minha boca.

Eu me concentrei na sensação do dedo entre as minhas pernas e o ouvi dizer:

— Ela está encharcada, está muito molhada. Não vai custar muito levá-la ao limite.

Então escutei o som abafado de Charlotte falando alguma coisa; ele parou e tirou a mão de mim. Gemi de frustração ainda com o pé na boca. Ele limpou a mão na minha bunda e disse:

— É uma ótima ideia.

Meu sangue congelou.

— Pode parar agora, Sophie.

Essas palavras geralmente me enchiam de alegria, mas naquele momento me

encheram de terror. Seria autorizada a gozar? Conseguiria não chorar se fosse deixada na frustração de novo? Que ideia ótima era essa? Se os dois iam me deixar gozar, o que iam fazer comigo que era pior do que o negócio do pé? Eu permitiria que fizessem qualquer coisa? Ou seria melhor ficar sem nada? Seria capaz de ficar sem nada? Pensamentos quase histéricos passaram pela minha cabeça em relação às coisas que poderiam fazer comigo ou me mandarem fazer. Eu sabia que se fosse alguma coisa incrivelmente terrível eu podia recusar, acabar com a cena, só que naquele momento eu não tinha a intenção de fazer aquilo. Era refém das minhas próprias necessidades. As possibilidades me aterrorizavam. E no final das contas, a ideia deles nunca tinha nem passado pela minha mente — convenhamos — bem suja.

Foi ideia de Charlotte, provavelmente um dia vou agradecer-la pessoalmente por isso, de preferência assistindo-a passar pela mesma coisa. Quando Thomas me falou o que tinha de fazer, fechei os olhos e apertei os lábios, balancei a cabeça em sinal de rebelião silenciosa sem vontade e sem capacidade de pensar em fazer aquilo. Com o prolongar do silêncio percebi que era minha chance, que se não fizesse não teria um orgasmo. Fiquei longos segundos tentando pensar em outra maneira. Qualquer outra coisa que conseguisse. Porém, devagar e com asco, aceitei meu destino.

E fui para a posição.

Eu me ajoelhei e abri uma das pernas dele. Olhei para ele na escuridão, deitado sobre o travesseiro com o telefone no ouvido. Se eu só conseguia vê-lo em parte, então ele também me via vagamente. Eu gostaria de dizer que isso ajudava, mas não. Fiquei ajoelhada por alguns segundos sem vontade de continuar mesmo que dentro da minha cabeça eu já tivesse me entregado à certeza de que faria aquilo. À certeza de que naquele momento eu ia começar a transar com a perna dele como um animal para conseguir meu orgasmo.

Uma das coisas que acho interessante na dinâmica D/s é que força você a fazer coisas que caso contrário nunca faria. Não porque não quer fazê-las — geralmente você quer muito. Mas porque são coisas que você pode até considerar sensuais/divertidas/interessantes, porém rejeita — seja porque você se sente "suja", porque é muito constrangedor, porque sua bunda vai ficar deformada, sei lá. Amo ter de superar essa parte da minha mente que condena essas novas experiências. E não, isso não significa ser forçada a fazer uma coisa que não quero, ser coagida, meu corpo simplesmente reage antes da mente ter tempo de se situar; meu corpo delata que são coisas que gosto mesmo que meus olhos e palavras não transpareçam isso, e mesmo que eu não consiga explicar por que ou como me deixam tão excitada. A ideia é ter alguém que sabe aonde eu gostaria de chegar e que me ajuda a ter coragem de ir.

Thomas fazia isso, e geralmente (irritantemente) nem se esforçava. Instigava meu lado teimoso, cuja resposta é "não, eu *vou* fazer isso, você não vai conseguir

pensar em nada com que não me sinta confortável" — mesmo quando me sentia desconfortável. Em geral, gosto dessa dicotomia, gosto de ser tirada da zona de conforto, de fazer coisas que dão frio na barriga, me deixam nervosa, me deixam corada e enfurecida e com vergonha, e ainda assim excitada. Mas transar com uma perna? De repente comecei a pensar nos pés dele com carinho. Odiei. Odiei a ideia. Era indigna, o ângulo em que eu teria de ficar para conseguir fazer aquilo era estranho, e eu vinha fantasiando havia cinco dias sobre como ele me faria gozar; em vez de ser de qualquer uma das maneiras que imaginei, eu teria de fazer tudo sozinha. E não de um jeito legal, não seria deitadinha com as mãos entre as pernas ou com meu brinquedo preferido que fica na gaveta, mas transando que nem uma cadela no cio. Eu me senti presa à cama por raízes. Não tinha como fazer aquilo. Não dava.

— Está com vergonha? Não quer fazer? — A voz dele tinha um tom debochado devido à plateia ao telefone. Senti instintos assassinos. Mais do que antes.

Tossi e comecei a responder gaguejando e insegura, mas fui interrompida.

— Não estou nem aí. Mandeí você transar com a minha perna. Nós dois sabemos que você vai acabar fazendo isso de um jeito ou de outro porque, se não fizer, não vai ter outra chance de gozar antes do Ano-Novo, então se eu fosse você facilitava as coisas e começava logo.

Bem. Transei com a perna dele.

Tá, tem mais detalhes. Muito mais. Não sou do tipo que faz mistério para provocar. Mas na verdade, sinceramente, até escrever sobre isso me dá vergonha, me deixa meio enjoada de tanta humilhação. E você sabe que não sou tímida com essas coisas.

Eu odiei. Não tipo "fingindo que odeio quando estou amando", mas tipo "odeio mesmo e me irrita e surpreende que eu seja capaz de gozar assim, considerando que me incomoda, que minha onda não é essa, que me faz querer mandar Thomas à merda". Como já disse, entendo que se submeter só ao que é divertido não é submissão, e é por isso que não empurrei Thomas e fui para minha cama confortável mexer na gaveta de brinquedinhos. Mas transar com o joelho dele, tentando me esfregar no ângulo certo para atingir o clitóris, gozar e acabar com aquela indignidade enquanto ele se mexia deliberadamente para me atrapalhar e prolongar meu sofrimento — contando para Charlotte (é claro) que eu estava encharcando a perna dele, que eu estava chorando ao mesmo tempo em que minha respiração ficava mais ofegante ao me aproximar do orgasmo, desesperada... isso me enfureceu. Fiquei tão furiosa que teria recordações durante dias e não conseguiria pensar direito. Não doeu e nem soa tão humilhante no papel. Parece uma coisa tão boba. Transei com a perna dele. Mas não foi uma coisa pequena para mim e ainda não entendo por que, muito menos consigo

explicar. Se comecei a escrever sobre D/s em parte porque gosto da empreitada intelectual de tentar explicar o que estou sentindo e por que as coisas que me excitam me excitam, esse momento é tão inexplicável para mim que seria mais fácil tentar descrever em dialeto flamengo.

Transei com a perna dele que nem um animal enquanto ele narrava tudo para Charlotte, como eu estava me esfregando no joelho, usando a fricção para que meu clítoris tivesse a sensação que precisa para gozar.

Eu me segurei nele e fiquei pensando em como tinha me rebaixado, em quão degradada e humilhada tinha me tornado na busca pelo prazer. As lágrimas corriam no meu rosto e gotejavam no queixo, refrescando meu peito. Eu estava tomada de vergonha, ainda bem que o escuro escondia grande parte disso. Em termos práticos, era uma posição que dificultava qualquer tipo de estímulo. Thomas estava deitado com as pernas esticadas na cama. Só abrindo bem minhas pernas e me inclinando para baixo dava para chegar perto do joelho e fazer o nível de pressão que precisava para me aproximar de um orgasmo. Eu tentei, e como tentei, desesperadamente chegar ao fim, ter um orgasmo e acabar logo com aquilo.

Você deve estar pensando que, depois de cinco dias sem nenhum orgasmo, depois de todo aquele tempo em que só pensei em sexo, do desespero e da vontade, eu gozaria rapidamente. Mas, é claro, a mente é curiosa, deturpada e às vezes horrível. Charlotte estava me escutando enquanto eu fazia aquela coisa humilhante, enquanto dava gemidos e engasgos de prazer — apesar da humilhação e do horror —, enquanto ficava mais lubrificada e excitada, sentia um prazer feroz, vergonhoso com o joelho de Thomas. Isso me bloqueou. Ouvi-lo contar para ela sobre o som do meu corpo escorregando no joelho e dizer que eu o estava deixando todo molhado também. Tentei ignorar tudo, tentei fazer mais força, mas não consegui a pressão que precisava para dar fim naquilo.

— Não dá... — Engoli as lágrimas e a coriza, tossi para limpar a garganta e tentei de novo. — Este ângulo não ajuda. Não vou conseguir gozar assim.

— E o que você quer que eu faça em relação a isso? — disse ele com um sorriso. — Você sabe o que tem que fazer e sinceramente já estou ficando sem paciência com você se esfregando em mim e molhando a minha perna toda. Se eu fosse você, andava logo.

A possibilidade de ter feito aquilo tudo e ainda não conseguir gozar me deixou em pânico.

— Seu joelho... se você levantasse só um pouco já ajudava. Por favor.

Acho que vi seus dentes brilhando no escuro.

— Você está implorando pra que eu mova o joelho pra que fique mais fácil você transar com a minha perna?

Silêncio. Tive de passar a língua nos lábios antes de conseguir falar, e mesmo assim minha voz estava trêmula e chorosa. Eu geralmente teria desobedecido,

tentado evitar aquilo, mas francamente eu estava morta, desesperada e assombrada. Todas as células do meu corpo estavam exigindo um orgasmo.

— Sim. Sim, estou implorando.

— Que bom. Peça direitinho e mais alto pra que Charlotte escute exatamente o seu desespero, que é tão grande que você está se esfregando em mim como um animal no cio.

Fechei as mãos com força e minhas unhas se cravaram nas palmas enquanto minha voz preenchia o quarto.

— Estou implorando. Por favor, levante o joelho um pouco pra que eu possa fazer pressão...

Ele me interrompeu.

— Não. "Transar com o seu joelho."

Suspirei mas não fiz pausa.

— Transar com o seu joelho até gozar nele. Por favor.

Ele levantou o joelho com tanta força que bateu no meu púbis de um jeito que lançou um choque elétrico pelo meu corpo. Voltou a falar com ar de metido.

— Pronto, não foi tão difícil, foi? Agora você vai se fazer gozar pra mim.

A mudança do ângulo fez toda a diferença. O movimento dos meus quadris contra a fricção deliciosa do joelho de repente atingiu meu clitóris perfeitamente. Tentei não escutar quando falou para Charlotte que comecei a quicar que nem uma louca, mais desesperada do que nunca; tentei ignorar o som da minha excitação conforme escorregava para cima e para baixo no joelho dele; tentei ignorar tudo e focar no prazer começando a ressonar pelo meu corpo; tentei transpor todos os obstáculos que me separavam da descarga que desejei por grande parte daquela semana.

Eu estava chorando de humilhação e horror quando meu orgasmo se aproximou, mas, inevitavelmente, isso não me fez diminuir a marcha. Quando os tremores começaram a percorrer meu corpo, o choro ficou mais alto. Tive um espasmo na perna de Thomas, como um animal, meus berros altos o suficiente para que Charlotte escutasse do outro lado da linha. Depois de dias de frustração acumulada, o orgasmo intenso sacudiu meu corpo. Nunca senti um gozo como aquele na minha vida e, por um segundo ou dois, meu mundo ficou escuro. Fiquei deitada, corpo tremendo com a força do orgasmo. Quando voltei a mim, percebi que Thomas estava se masturbando. Tentei alcançá-lo, mas ele me impediu com ar de desaprovação.

— Acho que não. Você precisa limpar a bagunça que fez primeiro.

Eu sabia o que isso significava, e devia ter sentido raiva, mas minha cabeça estava tão longe que logo me abaixei e comecei a lamber o joelho dele — quer dizer, praticamente a perna toda. Eu o deixei todo melado do meio da coxa até o meio da canela, para minha vergonha. Continuei lambendo enquanto ele contava para Charlotte o que eu estava fazendo. Continuei lambendo enquanto ele se

tocava, excitado e orgulhoso por essa humilhação final. Continuei lambendo quando ele gozou no lado do meu rosto e nos meus cabelos. No final, ele derramou um último jorro no meu rosto, esticou o telefone até meu ouvido e escutei Charlotte tendo um orgasmo.

Sim. Na primeira vez em que ouvi Charlotte ao telefone ela estava gozando. Até eu tenho de admitir que meu mundo é bem estranho de vez em quando. Mas foi um recesso de Natal memorável.

Se ouvir uma pessoa com quem você nunca falou gozar no telefone é uma experiência ligeiramente bizarra, é claro que a encontrar para tomar uma cerveja algumas semanas depois é ainda mais desconcertante.

Thomas vinha frequentando regularmente uma das comunidades BDSM online e quando organizaram um "*munch*" ele quis ir e conhecer todo mundo. Quando entendi que um *munch* era essencialmente uma reunião para beber e comer, e que não estava me convidando para um evento em que as pessoas ficavam peladas em uma cruz de Santo André enquanto as outras a torturavam a caminho do bufê, fiquei feliz em ir com ele. Principalmente quando me toquei que conheceria Charlotte e poderia agradecer pessoalmente pela trepada na perna.

Então em um domingo à tarde fomos a um pub em um subúrbio arborizado, bebemos cerveja e comemos um assado ótimo — nada melhor do que carne de porco e pudim caseiro de Yorkshire. Havia cerca de vinte pessoas interessantes e pervertidas.

A primeira coisa que notei é que as pessoas não eram notáveis. Não quero dizer isso de uma maneira ofensiva ou para esculhambar, mas para esclarecer que, se tivesse visto qualquer uma delas na rua, nunca teria dito que são safadinhas. Todas vestiam roupas casuais (não havia máscaras ou roupas de PVC), eram inteligentes, articuladas, gentis; eram apenas pessoas conversando e se conhecendo.

Sendo uma observadora de pessoas, eu gostava de adivinhar o desenrolar das coisas. Carol e Neil, um casal do Norte que se mudou para o Sul quando ele arrumou um emprego de diretor em uma escola perto da cidade, estavam conversando com animação e soltando umas gargalhadas bem obscenas para Bev e Ian, que tinham um negócio de importação de móveis sustentáveis da China. Enquanto isso, Ciara, que estava solteira havia meses e que falava para todo mundo que preferia assim até que encontrasse alguém especial com quem praticar, estava passando o dedo na borda do copo e sorrindo bastante enquanto

conversava com Jo, de um jeito que parecia que ela realmente tinha encontrado o que estava procurando. Thomas passava de grupo em grupo, conversando confortavelmente com pessoas diferentes, como sempre faz. Tenho um pouco de inveja da habilidade que ele tem de se enturmar com quase todo mundo; apesar de conseguir segurar uma conversa amigável no ambiente de trabalho, não sou muito de falar. Se deixarem, eu me sento em um canto com as poucas pessoas que conheço em vez de, como dizem, socializar.

Não que tivessem me deixado ficar parada que nem uma planta. Charlotte veio direto falar conosco quando entrou no recinto, e quando veio até mim, pegou minha mão e me puxou para me dar um abraço. Meus dedos ficaram dormentes. Tinha um toque calmo e firme. Apertou minha mão com mais força do que eu estava esperando e ficou segurando por mais tempo do que o normal. Olhou nos meus olhos. Fiquei meio tonta — e não foi por causa da taça de Shiraz que ficou comigo a maior parte da noite.

A conexão me surpreendeu. Tive uma pequena fase bissexual na universidade e dormi com algumas mulheres desde então, mas era raro sentir uma atração tão intensa por uma pessoa que tinha acabado de conhecer. Entendi por que Thomas se sentia atraído por ela. Era linda. Traços de elfo, olhos verdes, cabelos curtos deixando a nuca à mostra.

Adoro nuças. Existem outros lugares que me excitam, mas sinceramente acho que o pescoço é uma zona erógena pouco valorizada. Quis tocá-la na nuca e ver se tremia. Quis beijar até os ombros, abrir sua camisa e continuar descendo até descobrir se aquela cor de cabelo era natural.

Conversamos e aprendi coisas que me fizeram gostar dela mais ainda. Era inteligente e rápida, e tínhamos gostos parecidos em tudo, desde pipoca com manteiga até detestar Dan Brown. Tinha uma gargalhada safada e a maneira como lambia os lábios sempre que tomava um gole da vodca com Coca me fez pensar em coisas bem baixas. Tive de me controlar para não esquecer os arredores e me inclinar para passar a língua naquela boca.

Quando terminamos o almoço viramos boas amigas, apesar de eu ainda não tê-la perdoado pelo episódio da transa com a perna, que a divertiu muito. Thomas parou de se misturar e veio se sentar conosco para comer a sobremesa e ficar flertando e falando sacanagens. A dinâmica era divertida, confortável e — fora eles me chamando de Perninha, o que me deixou corada — bem sexy.

Charlotte era sensual inconscientemente, sem fazer esforço, com uma atitude livre meio foda-se o mundo que era refrescante e que fazia sua beleza ficar ainda mais natural e interessante. Mexendo no cabelo distraidamente enquanto falava, gesticulando ferozmente enquanto imitava o chefe, tudo que fazia era honesto, cru e emotivo — e, sério, sexy demais. À medida que o vinho fluía, ela me contou exatamente como se sentiu ao telefone naquele dia. Mordeu o lábio inferior carnudo quando me disse que foi um tesão me ouvir implorando a

Thomas que me deixasse beijar seus pés e gozar.

Fiquei corada quando as memórias do que eu havia dito, de como me senti desesperada, vieram à mente. O clima na mesa de repente mudou sem percebermos. Senti meus mamilos ficando duros, mas ver que os de Charlotte também responderam me deixou menos incomodada. Nós nos olhamos, reconhecemos uma na outra a mesma situação e ambas cruzaram os braços e riram como conspiradoras envergonhadas. Eu me movi de leve e uma parte dos meus cabelos caiu sobre o rosto, escondendo a vergonha. Ela se inclinou para a frente e colocou os cabelos atrás da minha orelha. Fez carinho nos meus cabelos e fiquei ainda mais corada. Tive de resistir ao ímpeto de virar a cabeça e beijar seus dedos. Thomas ficou observando com atenção, mas não falou nada.

É claro que quando Thomas não expressa opinião sobre uma determinada coisa é sinal que um apocalipse se aproxima, e o silêncio não dura muito tempo. Depois de deixarmos Charlotte na estação, estávamos no carro voltando para a casa dele e ele foi implacável.

— Vocês pareceram se dar bem. Gostou dela?

— Achou ela bonita?

— Você ficou molhada quando ela tocou seu rosto e seus cabelos?

— Quis dar um beijo nela?

Quando finalmente chegamos em casa eu já estava a ponto de explodir.

— Sim! Gostei dela. É sensual, encantadora e divertida. Tá feliz? Dá pra calar a boca agora?

Eu sei. Foi uma resposta irritada que não costumo dar.

Aposto que você está achando que fiquei com ciúmes de Thomas dando atenção para outra pessoa. Faria sentido de alguma maneira. Mas não estava com ciúmes de Charlotte talvez se divertir com meu Dom colorido; na verdade, estava meio malhumorada com a ideia de Tom se divertir com ela. Gostei de Charlotte.

Nas semanas seguintes, Thomas continuou conversando com Charlotte e se encontraram umas duas vezes. Isso me deu tempo para pensar. O relacionamento deles ainda não estava caminhando para um namoro monogâmico. O primeiro sinal disso foi Thomas alegremente me amarrar, botar um *plug* no meu ânus, me bater com a vara e me comer — isso uns dois dias depois de me contar que eles tinham dormido juntos pela primeira vez. No entanto, a dinâmica entre nós estava mudando um pouquinho e comecei a pensar sobre o fato de que um dia teríamos de parar de transar. Conheço várias pessoas que estão felizes com relacionamentos mais casuais, abertos e afins, mas acho que não é a minha, nem a de Thomas na verdade. Na mesma época, apareceu um trabalho mais perto de casa e eu me candidatei e fui chamada, para minha

felicidade e da minha família. Eu não estaria perto o suficiente de Tom para aparecer no fim de semana, mesmo que ele tivesse tempo livre para me receber. Os tempos estavam mudando.

Toda vez que me submeti a ele naquele período entre a carta de demissão e a mudança foi mais intensa — uma pequena voz sussurrava que talvez fosse a última vez que ele usava o pregador nos meus mamilos, ou a última vez que usava o cinto comigo, a última vez que fazíamos sexo anal. Enquanto isso, conversávamos bastante sobre Charlotte — os dois no quarto sussurrando comentários sujos que me excitavam sobre como seria tê-la no quarto conosco, e fora dele. Falei com ela diretamente algumas vezes também, mas tirando uma noite quando saímos para beber era tudo bem inocente.

Até o fim de semana do feriado bancário na Inglaterra, o último fim de semana antes de eu me mudar.

Planejamos ir juntas a um churrasco na casa de Thomas. O dia estava lindo e Charlotte e eu nos preparamos para dormir lá. Queríamos beber sem ter de nos preocupar com a volta para casa.

A tarde estava arrastada. Charlotte e eu nos deitamos no jardim curtindo a queentura do sol na pele, tentando pegar um bronzado. Thomas jogava frisbee para o cachorro, cuidava do churrasco e andava de um lado para o outro. Não conseguia ficar parado. Fizemos uma refeição tranquila e ficamos à mesa conversando sobre nada em especial, aproveitando o bom tempo.

A luz mudou e as sombras começaram a aparecer. A conversa ficou mais quente. Charlotte disse que adorou meus seios na blusa de alcinha que eu tinha colocado para pegar uma cor nos ombros. Eu me inclinei para tirar um rastro da salada de batata em sua boca. Thomas estava sentado observando tudo. Seu olhar nos analisava de uma forma que só podia significar uma coisa.

Como sempre, ele tomou a iniciativa. Fiquei me perguntando se isso se deu porque teve conversas com Charlotte similares às que teve comigo. E como sempre, foi direto. Bem direto. Tipo como quem gostaria de conseguir soar um pouco mais sedutor, mas não consegue.

— Que tal a gente subir e transar?

Charlotte e eu nos olhamos e soltamos uma gargalhada. Ela me deu a mão e sorriu.

— Acho que seria uma boa — disse Charlotte.

Virei os olhos para cima.

— Com uma oferta dessas, quem diria não? — Mas por dentro eu estava nervosa.

Thomas entrou em ação com a energia de um jogador — definitivamente já tinha pensado naquilo. Empilhou os pratos para levá-los para dentro e me mandou subir, tirar a roupa e esperar por eles de quatro na cama com o rosto

para o lado oposto à porta. Ser a primeira a ficar pelada me deixou constrangida, mas eu sabia que desobedecê-lo naquele momento só atrasaria o processo e, verdade seja dita, poderia me prejudicar mais tarde.

Concordei e fui para o quarto dele.

Não sou uma pessoa paciente. Ficar ajoelhada esperando com obediência até que a porta do quarto se abrisse, sentindo frio na barriga e mamilos eretos diante do prospecto do que estava por vir, me tirou do controle. Não havia relógio por perto e eu estava sem relógio de pulso, então a sensação foi a de que anos se passaram. Quanto tempo demorava para colocar as louças na máquina?

Quando ouvi movimentos, estava quase convencida de que tinham começado lá embaixo sem mim e me perguntei se daria para ir até lá nas pontas dos pés sem atrair atenção e ver. Ainda bem que não fui porque a porta se abriu. Tive de me controlar muito para não me virar, mas sabia que isso seria ruim. Em vez disso, fiquei olhando com atenção para a estampa do lençol da cama tentando escutar qualquer coisa que desse uma dica do que aconteceria.

A única coisa que ouvi foi... um rangido baixo?

Quando Charlotte ficou de pé ao meu lado, entendi o porquê. Tinha colocado um corpete de couro lindo que usava com calcinha, meias e nada mais. Minha garganta ficou seca. Estava linda e a vestimenta elaborada me fez sentir ainda mais ciente da minha nudez.

Thomas veio para o outro lado da cama e parou no lado oposto ao dela. Fiquei no meio sem saber para onde olhar primeiro ou se devia olhar para outro lugar que não fosse o ponto fixo no lençol. Finalmente, quando achei que o silêncio não teria fim, Thomas falou.

— Tá pronta?

Abri a boca para responder, mas Charlotte falou.

— Estou.

— Boa menina. Não esqueça o que discutimos.

Antes mesmo de eu conseguir entender o que isso queria dizer, Thomas foi para o pé da cama. Ficou diretamente na minha frente, pegou meu queixo e puxou meu rosto para que eu olhasse em seus olhos.

— Você quer me dar prazer, não quer? Me obedecer?

Meus sentimentos normais de querer dar prazer e de desejar ter desafios ainda estavam lá. Mas foram ofuscados por um medo na boca do estômago de ter de responder a uma pergunta mais intensa do que podia imaginar. Minha voz estava baixa e indicava confusão.

— Sim.

Ele fez carinho nos meus cabelos e por um segundo a afeição do momento me tranquilizou. Até que as palavras fizeram a ficha cair.

— Que bom. Porque agora eu vou me sentar e deixar você nas mãos hábeis de Charlotte. Ela sempre quis tentar ser dominadora, mas não tinha confiança. Falei

que podia se divertir com você. Experimentar umas coisas. Você tem que obedecê-la como me obedece. Estou de olho.

Quando Charlotte veio até mim senti raiva e dúvida. Que porra era aquela? Ela achava mesmo que eu ia me submeter a ela? E desde quando queria dominar alguém? Acho que eu não conhecia Charlotte tão bem quanto achava.

Ela se abaixou um pouco para me olhar nos olhos.

— Você vai trepar com a minha perna hoje, Sophie — falou.

Mentalmente, virei os olhos para cima. Acho que Charlotte também não me conhecia tão bem. Falei em tom de deboche.

— Você acha? Que fofa. Está enganada, mas é fofa.

Existe uma subcultura de mulheres submissas que foca em ser contrária, desobediente, mimada. Mulheres que gostam de encenar uma malcriação para que possam ser domadas, punidas até se submeterem. Não me entenda mal, gosto de ser domada por alguém mais forte tanto quanto essas mulheres, mas geralmente obedeço. Existem coisas que me fazem relutar e que vou fazer de mau humor e com vergonha, mas minha submissão é muito relacionada a dar prazer para a pessoa com quem estou praticando. Em geral, não sou malcriada.

No entanto, quando olhei para Charlotte, mesmo vestida naquele corpete lindo que fez maravilhas em seu corpo, alguma coisa estalou na minha mente. Posso ser bem teimosa de vez em quando, mas aquilo foi diferente, mais forte do que isso. Eu estava inflexível. Não ia me submeter a ela só porque Thomas disse que eu devia.

Isso faz de mim uma submissa ruim? Desobediente? Provavelmente, sim. Mas convenhamos, não é como se durante o processo todo eu tenha sido impecável e aquela foi uma ruptura repentina, diferente do que eu costumava ser. Para mim, a submissão é um presente, algo a ser conquistado. Mesmo que tenha dado minha subserviência para Thomas de graça, a ideia de entregá-la para Charlotte, mesmo a pedido dele, foi insuportável.

Olhei para ela sem vacilar, não exatamente com raiva, mas sem nenhum ar de submissão. Era um olhar que eu sabia que não passaria em branco com Thomas, mas francamente não estava nem aí.

Ninguém falou nada. Vi Thomas sorrindo de leve no canto do olho. Tive medo de ele intervir, não sabia ao certo como eu responderia se ele tentasse me convencer de que "se submeter a ela é se submeter a mim". Mas ele pareceu estar mais entretido do que nunca e louco para ver o que aconteceria.

Devagar, deliberadamente, Charlotte chegou mais perto. E bateu na minha cara. Com força. Senti dor e constrangimento, raiva e vergonha daquele desrespeito. Fiquei corada não só onde havia batido, mas no rosto e no pescoço inteiro. Por um segundo, pensei em bater de volta, mas antes que a ideia pudesse crescer, ela pegou meus cabelos e me puxou para dar um beijo.

Eu tinha passado um bom tempo pensando em como seria dar um beijo em

Charlotte, mas nunca esperei que fosse assim. Tinha gosto de menta e cheiro de flores, mas, apesar de os lábios serem tão macios quanto previ, a mão nos meus cabelos e a maneira como me beijou me fizeram gemer baixinho. Tomou o controle do ato e de mim. Enfiou a língua na minha boca, seus dentes morderam meus lábios, a mão puxou meus cabelos. Me dobrou até que eu fosse refém do desejo dela.

Ela se afastou e o encanto foi quebrado. Eu sabia que estava meio encantada com ela. Minha boca estava inchada por causa do beijo e da mordida. Quando moveu a mão para tocar meu rosto, tive de me controlar para não me encolher, o que delataria meu estado de nervos. Mas não havia o que temer; em vez de me bater de novo, fez carinho.

— Vamos ver?

Com toda sinceridade, naquele momento eu não estava mais me ligando no que dizia. Minha mente estava viajando naquela mulher linda que eu parecia ter subestimado.

Quando fez carinho nos meus cabelos, sua voz tomou um timbre diferente também. Não era uma voz de Dom no estilo Thomas — ou tecnicamente de Domme —, mas estava segura e inabalável. Não tinha dúvidas que conseguiria me fazer submeter e isso me deixou nervosa. Qual foi a merda que os dois ficaram discutindo nas mesmas semanas em que Thomas ficou me perguntando se os seios dela me excitavam?

— A gente tem conversado sobre você, Sophie. Sobre como é teimosa. Desobediente.

Porra, eu sabia.

— O negócio, Sophie, é que não tenho a intenção de deixar você me desobedecer. Acho que no fundo você quer me obedecer. E eu vou garantir que você faça isso.

Fechei os olhos por alguns segundos para que não me visse virando-os para cima.

— Conversamos sobre o que fazer quando você não obedece.

Com os olhos abertos, continuei olhando para a frente tentando me desligar um pouco. Não estava esperando que ela fosse capaz de acionar meus pontos emocionais com facilidade e não queria morder a isca.

— Então me conte. O que Thomas faz quando você não se comporta como deve?

Contra minha vontade, comecei a sentir que estava corando. Eu sabia o que devia dizer e agora estava meio preocupada com o que ia acontecer se eu a desobedecesse. Mas eu odiava admitir esse tipo de coisa em voz alta. Admitir para ela, daquele jeito? A submissão dupla — não somente a ela, mas à parte de mim que queria aquilo, precisava daquilo, que se excita com a humilhação — estava atravessada na garganta.

Tentei organizar as ideias e ela me bateu de novo. Na visão periférica, vi Thomas se inclinar para a frente para ver minha reação.

— Responda. O que aconteceu?

Tossi para limpar a garganta e me perguntei por que estava me sentindo tão humilhada. Tentei amenizar a voz para que minhas emoções não ficassem evidentes.

— Ele me castiga.

Sua mão girou em meus cabelos, um puxão de advertência.

— Não ouvi.

Merda, Thomas contou todas as melhores tiradas dele. Essa mulher era perigosa. Parte de mim a odiava e outra parte estava ficando mais excitada a cada minuto.

Mais alto:

— Ele me castiga.

— Melhorou. Castiga como?

Eu estava ficando irritada, ela sabia como Thomas me castigava porque ele contou, certamente enaltecendo as coisas que me obrigava a fazer, as coisas que era capaz de fazer comigo. Ela sabia, ele sabia, eu sabia e ainda assim estava me fazendo falar em voz alta porque me envergonhava. Eu estava com raiva e molhada. Sentir que estava ficando cada vez mais molhada, ali ajoelhada na cama na frente deles, só me deixou com mais raiva ainda.

Tentei esconder a irritação, mas dava para ouvir a aridez na minha voz.

— Depende. Chicote. Cinto. Vara. Chibata. Mão. O que ele quiser.

Quando ela se afastou de mim e a conexão entre nós foi quebrada por um instante, soltei a respiração que nem percebi que estava prendendo. Por um segundo, o alívio chegou a ser palpável até que ela voltou segurando uma coisa que fez meu estômago cair.

Quando deu um tapinha de leve no meu ombro com a vara, comecei a tremer incontrolavelmente. Ele com certeza não ia deixar que ela...

— Sempre quis saber como é dar uma surra de vara em alguém.

Merda.

Depois de seis pancadas, Thomas ficou com pena de mim e se aproximou para treiná-la. Eu teria ficado grata, mas já estava chorando e, sinceramente, não sabia se ele conseguiria ajudar. Minha mente já estava rodando por causa da agonia. Ou ela nunca tinha recebido uma surra de vara, ou detestava tanto que estava tentando compartilhar seu ódio.

A surra prosseguiu enquanto Tom ensinava a melhor maneira de bater em mim, quando virar o punho, quando usar o braço todo. O ângulo certo. Como misturar lugares já atingidos com lugares novos para ver as várias reações aos

diferentes tipos de dor. Quando fazer uma pausa. Quando ir mais forte.

As pausas dificultaram o processamento da dor porque não tinham ritmo, não havia como seguir os altos e baixos. Em vez disso, me concentrei, mal conseguia ouvir a discussão deles sobre as marcas na minha bunda e quanto tempo demorariam para sarar. Prestei atenção no som da vara no ar para tentar me preparar para a próxima onda de agonia.

Não sei por quanto tempo se estendeu, mas finalmente veio um descanso. Quatro mãos tocaram as marcas. Os dedos de Charlotte traçavam as linhas dos hematomas quentes, os dedos de Tom apertavam brutalmente as partes mais punidas até que eu gemesse. Depois, pelo momento mais passageiro, de maneira tão gentil que me perguntei se estava imaginando, um dedo passou pela minha boceta. Gemi de frustração quando se afastou.

A voz dela mostrava surpresa.

— Ela tá ficando molhada.

Suspirou de prazer e Thomas riu.

— Você também.

Sua voz mostrava satisfação. Ela riu e senti uma pontada surpreendente de ciúmes. Thomas veio até mim e passou um dedo entre meu lábio superior e meu nariz antes de se virar. Minha frustração com esse toque tão breve logo se transformou em raiva excitada assim que o cheiro dela atingiu meu nariz. Ouvir o som de Tom e Charlotte se beijando, se tocando, até fodendo logo ao meu lado, sabendo que a umidade no meu rosto era a secreção dela, era uma tortura erótica. Mas não ousei olhar. Esperei, dócil, até que voltassem a atenção para mim.

Posso dizer exatamente quando meu estado mental mudou. Veio de repente. Em um minuto eu estava furiosa, envergonhada e um pouco preocupada em ter me submetido a Charlotte, e no outro estava completamente engajada e nada mais importava.

Depois que ela finalizou com a vara e Thomas finalizou com ela — pelo menos naquele momento —, Charlotte voltou ao meu campo de visão e pegou a palmatória maldita. Enquanto meu monólogo interno se perguntava por que achei que era uma boa ideia comprar aquilo, ela examinou as letras no couro e sorriu.

— Então esta é a famosa palmatória da puta.

Levantei o rosto para responder, mas Thomas falou. Esse negócio de ficar calada não era a minha.

— É essa mesmo. Ela odeia. Está sempre preocupada de eu deixar marcas e alguém ver na academia.

Charlotte sorriu e senti medo na barriga. Será que era a primeira vez que eu notava a curva ligeiramente sádica nos lábios dela? Ou eu tinha inspirado isso? Fiquei excitada e com medo, mesmo ajoelhada com a bunda no ar esperando pelo que ia acontecer.

— Então funciona mesmo? Dá pra marcar ela com o "puta"?

Thomas riu.

— Bem, eu consigo. Quase. Tem que se esforçar muito e dar umas porradas bem fortes. É ainda mais precisa que a vara em vários sentidos. Só funciona se você bater no lugar certo e muito, muito forte.

Ela foi para trás de mim e, por um segundo, eu o odiei. E então todos os pensamentos, exceto aguentar aquilo, se esvaíram da minha mente.

Bem, o esforço dela vale alguns pontos. Ela me bateu com muita força e várias vezes. Não sei quantas porque estava tentando aguentar as pancadas, minimizar o choro e segurar os tremores das batidas na minha bunda, que já estava machucada. Sendo sincera, não sei se consegui.

Os movimentos dela não tinham ritmo porque, quando dava um golpe que achava que tinha deixado a marca, parava para checar. Eu me ajoelhava rezando para que tivesse conseguido só para que pelo menos parasse. Mas ela pegava a palmatória e continuava, recomeçando a agonia. Qualquer debate mental sobre se eu devia, podia ou iria me submeter a ela de repente virou papo furado. De alguma maneira, com aquela punição, naquele quarto, eu pertencia a Charlotte. Nem pensei em desobedecê-la, apesar de querer que fizesse logo a marca para que parasse de me bater.

Depois de um tempo — um longo tempo — acho que ficou entediada de tanto tentar. Deixou a palmatória na cama e falou para Thomas que já voltaria.

Quando ela saiu, ele se aproximou e se abaixou para ficar com o rosto perto do meu. Limpou as lágrimas do meu rosto e falou com uma voz doce.

— Como você está? Tudo bem? Tá gostando?

Fiz que sim com a cabeça e apertei os lábios para conter o tremor. Não tinha nem como começar a explicar exatamente o que estava sentindo. Talvez conseguisse depois, mas naquele momento era simplesmente além das minhas capacidades.

Sorriu.

— Que bom. Porque ver você se submetendo a ela me dá muito tesão. Amo saber que você faria qualquer coisa pra ela porque mandei.

Aquela voz interna de sempre estava lá protestando que não faria exatamente "qualquer coisa", porém estava nebulosa, afastada pelas sensações, pelas várias formas de dor e pelo calor em declínio do prazer entre minhas pernas. A porta se abriu novamente e ele se inclinou para me beijar, rápido e brutal, e depois se foi. O ato me surpreendeu, assim como o carinho da boca de Tom na minha. Mas naquele momento, o beijo foi um lembrete de seu domínio, um aviso. Uma retomada de confiança. O que foi particularmente bom porque de repente ele e Charlotte estavam atrás de mim e ela disse:

— Não achei que fosse acontecer, mas fiquei de saco cheio de bater nela. Quer

dizer, não estou entediada, mas meu braço ficou cansado.

Thomas riu da voz dengosa. Percebi o humor mas não sorri, queria saber o que ia acontecer em seguida.

— Tive outra ideia.

Merda. Era isso que ia acontecer em seguida.

Senti cócegas na bunda. Depois de toda a punição da noite, eu devia ter recebido aquilo como uma mudança bem-vinda, mas na verdade foi só um tipo diferente de dor. Minhas pernas tremeram quando as linhas da vara foram traçadas, o fogo vermelho da palmatória. Não era forte, mas tinha foco, como se estivesse passando o dedo na minha pele.

Logo percebi que não era o dedo de Charlotte. O murmúrio positivo de Thomas foi o primeiro sinal.

— Gostei. Pode mandar ver.

Mais pressão, dessa vez na outra nádega. Um risinho de Charlotte. Tentei virar a cabeça um pouco para ver rapidamente o que estavam fazendo, mas o movimento chamou a atenção de Thomas. Um beliscão no mamilo deixou claro que não era permitido fazer esse tipo de coisa.

Ele reprovou e disse:

— Parece que Sophie quer saber o que estamos fazendo. Vamos mostrar?

Charlotte riu de novo.

— Acho que devemos virá-la pra conseguir ver.

Ele me viraram de costas. Charlotte fez um "ohhh" empático quando gemi de dor assim que minha bunda encostou na cama.

Ela se inclinou para a frente para tirar meus cabelos do rosto. Por um segundo, me lembrei da menina sorridente e envergonhada bebendo vinho enquanto estávamos no jardim.

— Decidi escrever em você em vez de deixar meu braço mais cansado do que estava. O efeito é o mesmo e é mais simples, você não acha?

E a menina do jardim desapareceu.

Quando terminaram, meu corpo estava coberto de insultos marcados em batom vermelho-sangue. Na minha bunda, "puta", é claro, mas em outros lugares havia "vagaba", "piranha", "escrava". E assim que acabaram de escrever em mim, me maltrataram com as mãos, se divertindo tentando borrar o batom — "as putas de verdade têm batom borrado". Os toques me fizeram contorcer de prazer involuntariamente.

Depois de pouco tempo, Charlotte ficou cansada do jogo e mandou eu me aproximar para pintar minha boca com o batom melado cor de sangue. Thomas ficou ao seu lado e senti uma pontada quando vi que casal lindo faziam — ainda vestidos (bem, ela estava pelo menos com o corpete), imaculados, sensuais. Eu, por outro lado, estava uma confusão desganhada — pelada, coberta de insultos de batom e marcas da punição. A mancha bem vermelha na minha boca foi o

toque final.

Eles se beijaram e Charlotte me mandou chegar para a frente, apontando para Thomas.

— De joelhos. Quero que você mostre pra gente o quanto consegue enfiar na boca. Vou checar a marca do seu batom de puta no pau dele e se não ficar alta o suficiente com certeza consigo me forçar a punir você mais um pouquinho.

Em um dia comum, meu monólogo interno estaria berrando, mas eu não estava nem aí. Saí da cama com vontade, ignorando a dor na bunda, com pressa de me ajoelhar na frente dos dois. Abri o zíper, tirei o pau e o enfiei na boca, curtindo aquele gosto, sentindo-o crescer. Ajeitei a cabeça para chupar mais ainda. Senti Charlotte se mexendo e de repente ouvi os dois se beijando em cima de mim enquanto eu continuava chupando. A mão de Charlotte veio fazer carinho nos meus cabelos. Foi uma das coisas mais incongruentes e excitantes que já passei na vida. Bem, pelo menos até eles começarem a transar. Eu me enfiei no meio deles para abocanhar o clitóris de Charlotte.

Quando Thomas já tinha gozado uma vez e Charlotte duas, eu estava morrendo de desespero para ter um orgasmo. Nós três estávamos na cama. Charlotte fazia carinho no meu braço e dei um beijo em sua barriga.

— Quer gozar, Sophie?

Abri um dos olhos, desconfiada. Sabia aonde aquilo ia parar e o pior de tudo era que, àquela altura, já não tinha pudor. Sabia que seria capaz de transar com a perna dela.

— Sim, por favor.

Seu sorriso foi lindo, a boca curvada, quando veio me dar um beijo carinhoso.

— Sério, Sophie, você sabe fazer isso melhor. Já ouvi você implorando antes, lembra? Sei como é boa.

Fiquei constrangida quando Charlotte e Thomas me encararam. Mirei um ponto atrás deles e consegui pedir aos dois — não ia arriscar uma quebra de etiqueta àquela altura do campeonato — com voz gaguejante para que, por favor, me permitissem gozar.

Charlotte reprovou meu pedido.

— Você está implorando, Sophie?

Suspirei.

— Sim, Charlotte, estou implorando pra você. Por favor, me deixe gozar.

Charlotte riu.

— Vou deixar se você beijar minha bunda.

Com certeza eu arregalei os olhos de um jeito engraçado.

— O quê?

— Beijar minha bunda. Eu na verdade acho que quero sentir a sua língua no meio da minha bunda. Se fizer isso, deixo você gozar.

Fiquei ansiosa. Era uma coisa que eu sabia que Thomas não gostava, que nunca

me pediria para fazer. Nunca tinha me preocupado com isso, simplesmente não era uma opção.

Meu corpo doía, estava muito desesperada para gozar. Mas a bunda?

De repente, a voz de Thomas veio alta perto do meu ouvido.

— Já falei pra você que ela não faz isso. Mande transar com a sua perna.

Senti uma pontada de ódio, era como se eu fosse um pedaço de carne, uma coisa a ser discutida entre eles. Aí Charlotte veio mais para perto, me deu um beijo gostoso e olhou direto no meu rosto.

— Sophie, eu podia mandar você transar com a minha perna. Você sabe que se eu desse um tapa em você ou se pegasse aquela vara de novo você ia chorar e me implorar pra fazer o que eu quisesse e bem depressa. Thomas e eu poderíamos te amarrar, eu poderia sentar a minha bunda na sua cara, poderia forçar você. Mas não quero forçar. Quero que você se submeta a mim voluntariamente. Quero que você venha aqui e venere a minha bunda, quero que faça uma coisa que nunca fez e uma coisa que nunca fizeram em mim. E enquanto você estiver fazendo isso, Tom vai fazer você gozar. Não quero punir você, mas quero sua obediência. Sim, você está me obedecendo porque Thomas me deu você — acho que não era exatamente isso mas não quis interromper o fluxo —, mas quero que faça isso por mim. Só por mim. Agora.

O quarto ficou em silêncio e quieto por alguns segundos. Não me movi, mas sabia exatamente o que ia fazer. Sabia que ia obedecê-la.

Deslizei com cuidado pelo corpo dela e dei um beijo na bunda linda e macia. E quando Thomas enfiou os dedos em mim profundamente comecei a lamber e beijar Charlotte da maneira que talvez fosse a mais íntima de todas. Era uma humilhação na qual eu nunca tinha pensado, mas naquele quarto, naquele momento, ela me convenceu. Eu me submeti a ela, e não a Thomas, para dar prazer, e fiz isso com vontade. Ela gemeu de prazer e pegou meus cabelos. Gozei. Fiquei ofegante e gemi com o rosto na bunda de Charlotte à medida que o alívio me tomou.

Assim que meu orgasmo delirante se dissipou um pouco, uma Charlotte sorridente explicou a aposta que havia feito com Thomas. Ele tinha certeza absoluta que eu não lamberia o ânus dela. Se Charlotte conseguisse, poderia transar comigo com um *strap*, uma cinta com um pênis de borracha acoplado, que tinha adquirido recentemente. Se não conseguisse, seria severamente punida e perderia a aposta. Passamos a noite como um emaranhado de corpos trocando as experiências mais sensuais que já tive. Fiquei grata por ter sido inspirada a me submeter.

Ficou faltando minha revanche em cima de Charlotte pelo episódio da perna. Mas ela recebeu pontos extras por ter me ajudado, junto com Thomas, a fazer a mudança na semana seguinte.

A mudança demorou para acontecer, mas quando aconteceu foi ridiculamente rápida. Eu trabalhava no mesmo jornal havia quase três anos. A premissa básica de fazer jornalismo em escala regional é: o pagamento começa baixo e não sobe muito, a não ser que você seja promovido. Passar de estagiário a repórter sênior é um processo rápido. O próximo passo óbvio, se quer ficar na mesma empresa, é fazer uma especialização ou passar para gerenciamento, cujo primeiro estágio é ser editor de notícias.

Eu genuinamente amava minha empresa, minha área e meu escritório. As pessoas, tanto as que trabalhavam comigo quanto as que conhecia enquanto escrevia uma história, eram, em sua maioria, interessantes e boas. Nossa área de notícias era grande o suficiente para que sempre tivesse alguma coisa acontecendo. Mas a questão não era só amar a dinâmica do escritório. Não havia especializações disponíveis e o editor de notícias, o vice-editor e o editor-chefe somavam cerca de quarenta anos de experiência. Não iam sair dali até a hora de se aposentarem.

Não havia chance de promoção e, apesar de ficar triste com a ideia de sair, algumas coisas me ajudaram a decidir que era o momento. Primeiro, o salário. Mesmo como editora sênior, só permitia uma vida moderada, considerando o pagamento do empréstimo da faculdade, o aluguel e as contas. Em segundo lugar, sentia cada vez mais saudade da família. Meus pais vinham me visitar sempre que podiam. Enchiam a geladeira e saíamos para almoçar e comprar roupas, de maneira que me sentia cada vez mais desprovida quando iam embora. Eu ia para casa passar o fim de semana a cada dois meses, para ver meus pais e meu irmão, mas de repente passei a sentir que não era o suficiente. Cada vez que ia, meus pais pareciam estar um pouco mais velhos — cabelos com mais fios brancos, sempre uma história sobre visitas ao médico e novas doenças. Queria estar perto, vê-los com mais frequência, apesar de não planejar voltar totalmente ao meu ninho, pois certamente a novidade de me ter em casa logo acabaria se tivessem de viver comigo o tempo todo.

Considerando que não tinha como me promover, fiz o que uma jornalista em busca de progresso na carreira faria — fui para uma área e um jornal maiores,

em que o salário era um pouco melhor e que, felizmente, ficava bem mais perto dos meus pais. É claro que, quando encontrei um lugar onde morar, o acréscimo no salário foi devorado. No entanto, mamãe aparecia cerca de duas vezes por semana com receitas novas que estava testando, ou com um bolo, o que me ajudou a fazer o dinheiro render (e o bolo de limão conquistou amigos no emprego novo — não dá para comer tanto bolo sozinha).

Além do retorno aos bolos épicos e aos almoços dominicais em família, a maior mudança que a nova situação de vida trouxe foi a quantidade de tempo que passei com Thomas. A distância de algumas horas de carro, o custo do combustível e a relação crescente entre ele e Charlotte reduziram nosso tempo de convivência assistindo a DVDs, como costumávamos fazer. A mudança demandou certo ajuste, e eu senti a diferença. Gostava de estar com ele, e as coisas que fizemos juntos foram marcos divertidos e obscenos. Mas eu sabia que queria um namorado direitinho, porém não tão certinho, alguém com quem talvez fosse morar, viajar nas férias, casar, ter filhos, essas coisas. E apesar de encontrar Thomas um fim de semana sim outro não, e de me divertir muito sem compromisso, acabava não tendo o ímpeto de me abrir para novos relacionamentos ou pretendentes em potencial — parecia muita perda de tempo, principalmente porque sou a pior pessoa do mundo quando o assunto é regras de namoro.

Minha mudança foi um bom momento para decretar o fim. Não na nossa amizade, isso nunca. Tínhamos muito em comum, compartilhamos muitas coisas e ele era, e continua sendo, uma das melhores pessoas que conheço. Mas o lado sexual do nosso relacionamento, sim. Fazia sentido. Eu estava de mudança, as coisas estavam ficando sérias entre Tom e Charlotte. À nossa maneira tipicamente sem confusão, sem alarde, decidimos parar o lado colorido da amizade.

Para mim, foi o momento certo. Conversamos sobre um relacionamento a três por certo tempo, mas sempre me preocupei porque, convenhamos, o sexo é projetado em suas formas mais básicas para ser um jogo entre duas pessoas. Sendo assim, eu achava que o sexo a três acabaria deixando uma das pessoas meio de fora ou ignorada. A intensidade do *ménage* ainda me confundia um pouco, apesar de os riscos serem reduzidos, pelo menos para mim, porque eu não tinha nenhum ciúme sexual. Teria ciúmes se fosse meu namorado fazendo coisas obscenas, porém gostosas, na minha frente com outra mulher. Eu gostava de estar com eles, mas, de alguma maneira, o sentimento de estar pronta para passar da diversão devassa com alguém em quem confiava para um relacionamento maduro se solidificou na minha mente. Além disso, apesar de nunca ter me sentido ignorada, até mesmo no meu olhar distraído, a conexão entre Thomas e Charlotte era forte. Senti que era hora de me retirar.

É claro que, mesmo sabendo disso, senti saudade por certo tempo. Voltar para

casa é legal e positivo, mas você esquece que as pessoas mudam enquanto estão distantes. Depois de deliberadamente abrir mão de Tom como apoio e círculo social, e de ir para um novo apartamento e um novo emprego, posso dizer que demorei para encontrar um chão.

É irônico, mas quando vi James pela primeira vez não gostei dele — se bem que, para dizer a verdade, não gostava de ninguém naquela época. Apesar de ter voltado para "casa", me senti confusa com a saudade de Thomas e fiquei meio estranha. Conversávamos com a mesma frequência de sempre e continuamos sendo os mesmos bons amigos. Ele contava tudo e era franco. Estava claramente feliz com Charlotte, que tinha começado a passar os fins de semana com ele do mesmo jeito que eu. Mas doía. Eu estava aborrecida com ele, confusa com meu aborrecimento, chateada comigo mesma por não saber se devia me sentir assim. Tinha recordações constantes das coisas que fazíamos juntos. Eu me sentia excitada e furiosa ao mesmo tempo. Meu cérebro estava sempre funcionando, tentando entender. Estava exausta.

Fiquei praticamente como um ermitão. Não tinha interesse em conhecer pessoas, sair ou ter conversas que sugerissem que estava interessada em qualquer coisa, fora minha tristeza. Infelizmente, quando se é jornalista, há momentos em que você é arrancada do escritório para fazer esse tipo de coisa, quer queira ou não, e pode ter certeza de que eu não queria. Apesar do emprego novo, da área nova e da responsabilidade cada vez maior, a apatia estava impactando meu trabalho pela primeira vez, o que, é claro, só me fez sentir pior. No entanto, mesmo nas profundezas do abatimento, minha nova editora todo-poderosa não ia me deixar naquele estado por muito tempo. Já havia me lembrado várias vezes de uma entrevista marcada para um artigo. No final, ela me entregou casaco, bolsa e guardachuva e me empurrou para a porta. Eu estava muito apática para conseguir discutir, e era a única culpada por isso.

O homem que eu ia entrevistar me deixou esperando. Fiquei sentada por mais de meia hora, fervendo, na recepção de um prédio comercial chique. Cromo, vidro e arranjos minimalistas de flores que mais pareciam galhos coletados na rua, mas que com certeza valiam mais do que eu ganhava em uma semana de trabalho. Quando finalmente deu o ar da graça eu já estava com raiva. Só que não foi ele quem viu minha raiva, pois mandou outra pessoa descer e me levar ao escritório. Não era um comportamento tão incomum, tudo bem, mas naquele momento foi mais um item na lista de motivos para ele estar, sem se esforçar, me emputecendo. Os olhares do assistente jovem, que pareciam pedir desculpas, mostravam que não era a primeira vez.

James era, e continua sendo, corretor da bolsa de valores. Contra minha vontade, fui enviada para entrevistá-lo sobre os novos financistas, éticos e almotofadinhas, que pareciam tomar conta do mundo pós-crise do crédito. Eu

estava esperando um corretor meio hippie, daqueles que comem broto de feijão e usam sandálias — talvez usando um terno feito de cânhamo ou coisa assim. O que encontrei foi o tipo de cara para quem eu teria olhado com interesse em um bar, mesmo segura de que estaria muito ocupado com mulheres de bumbum perfeito, com nomes como Pippa. Não notaria uma mulher como eu, segurando uma taça de vinho e um pacote de salgadinhos. Certamente não era do tipo que suja os dedos com fragmentos de queijo e cebola. Na verdade, arrisquei dar uma olhada rápida em seu peitoral e poderia apostar que havia músculos definidos embaixo da roupa, o que comprovaria que não gostava de comer besteira.

O aperto de mão foi firme, e apesar de pedir desculpas pela demora, sua voz não demonstrava lamentar-se. Para ser sincera, quando a entrevista terminou achei que seria melhor se tivesse me deixado na recepção. Se aquela matéria era para ser tranquila, e não controversa, então esqueceram de mandar um memorando avisando. Arrancar uma resposta direta sobre qualquer coisa foi difícil; ele deixava tudo minimamente claro até que nenhuma controvérsia ou ponto interessante restasse. Quanto mais eu mudava a pergunta para que ele se abrisse, mais se fechava. Foi muito frustrante.

No final, depois de mais de uma hora, desisti. Tinha material suficiente para mandar, mas sabia que não tinha conseguido nem uma frase boa, nada para dar uma levantada no artigo. Isso me deixou ainda mais malhumorada. Quando acabamos, fechei o notebook e o joguei no fundo da bolsa com mais força que o necessário. Foi quando ele me chamou para jantar.

Não consegui me controlar. Dei uma risada.

— O quê? — E ri de novo com a cara de espanto que fez, só porque não concordei instintivamente, e dei um ataque de desmaio de tanta emoção.

— Perguntei se quer jantar comigo. Ou beber alguma coisa. Sei que jornalistas gostam disso.

Fiquei mais irritada ainda e dei uma olhada séria nele.

— Por que você quer beber comigo? E por que eu beberia com você? Você não conseguiu responder a nenhuma pergunta diretamente. Será que consegue bater um papo normal quando está num encontro casual?

— Quem disse que vai ser um encontro? — falou com desprezo.

Fiquei corada e senti uma pontada de ódio — dele por ser tão bruto e de mim por ter achado que ele estava me convidando para sair com alguma intenção a mais. Eu realmente era péssima nesse negócio de flerte. Virei as costas e me encaminhei para a porta, mas ele segurou meu braço. Foi gentil, porém forte o suficiente para impedir que eu fizesse uma saída em grande estilo.

Falou com tom mais suave.

— Vai ser divertido. Só de discutirmos agora já foi divertido. Tentando ver quem é mais esperto. Foi que nem uma competição.

Virei os olhos para cima.

— Acho que você não entende o conceito de competição. E também acho que jantar com você seria cansativo. Obrigada pela entrevista, mas...

Meus dedos já estavam na maçaneta quando ele me interrompeu.

— Está com medo de quê, Sophie?

Não me contive.

— É Sophie, na verdade. E não estou com medo.

Ergueu uma das sobrancelhas, deu um passo para trás e cruzou os braços. Deve ter achado que estava sendo cativante, mas quis dar-lhe um soco por ser tão metido.

— Não mesmo?

E foi assim que acabamos nos encontrando para beber. Pensando bem, os sinais já estavam lá.

Nem preciso dizer que me arrependi de concordar em sair com James no momento em que disse sim. Mas a única coisa pior do que ser indecisa é ser indecisa e covarde, por isso deixei que pegasse meu telefone. Enquanto ele digitava no BlackBerry, disse que se não conseguisse falar comigo para marcamos o encontro, ligaria para o meu trabalho. Foi uma forma de assegurar que nos encontraríamos, mas também uma ameaça. Nós dois sabíamos que eu ia atender, que não ia arriscar fofocas no trabalho por causa da minha vida pessoal. Os dois sabiam que eu ia encontrá-lo, mas que faria isso com certa raiva. Quando voltei ao escritório, coloquei a fita da entrevista e percebi que estava tensionando o queixo. Ele era inteligente, mas sabia disso. Aquela presunção me dava vontade de chutar alguma coisa.

Mas não foi só a presunção inata que me deu nervoso de passar algumas horas com ele, com bebidas e petiscos caros demais. Nem o fato de ainda estar me recuperando do que tinha acontecido com Thomas. Ainda tentava entender como minhas compulsões sexuais conseguiam dominar meu cérebro de maneira tão extrema.

Basicamente, estava exausta. Os momentos com Thomas me fizeram perceber que não importa o quanto o sexo é incrível, pois é preciso ter algum tipo de ligação emocional também. No entanto, estava preocupada. Achar meu ideal romântico seria como procurar agulha no palheiro. Sei que sou exagerada, mas não queria me juntar a ninguém que não tivesse alguns requisitos: que pelo menos fosse amoroso, cuidadoso, inteligente, engraçado, que tivesse um trabalho do qual gostasse (era a única maneira de garantir que aguentaria o meu. Amo minha profissão, mas os horários são terríveis). Que gostasse de crianças e de animais, e que não se importasse com bafo de Marmite. ^[21] Ah, e que gostasse de machucar, controlar e me humilhar das maneiras mais mirabolantes e

degradantes possíveis, mas sem ser um psicopata. Era mais fácil dizer logo que queria um homem que não existia.

O elemento D/s era obrigatório. Não fazia ideia de como encontrar a pessoa certa e comecei a me preocupar, em silêncio, que talvez não fosse conseguir. Que tudo que procurava era irreal.

Foi quando fui persuadida a sair com o corretor.

Nós nos encontramos numa terça-feira à noite. Foi sugestão minha, por um lado porque não queria tomar um precioso e raro fim de semana inteiro para estar com ele. Por outro lado, porque achei que a desculpa de que teria de trabalhar cedo no dia seguinte era ótima. Nós nos encontramos em um pub perto da casa dele, apesar da sugestão delicada e surpreendente de nos encontrarmos em um pub perto da minha, para poupar meu tempo. Era melhor ficar na área dele para não encontrar ninguém conhecido. Por que gerar situações desconfortáveis por causa de um mero encontro?

À medida que conversamos e bebemos, conforme perguntou sobre meu trabalho — como entrei no jornalismo e se gostava —, comecei a lamentar que fosse apenas um encontro. Era uma companhia surpreendentemente boa. Engraçado. Inteligente. Ligado nas notícias. Não era uma daquelas pessoas que acham que assuntos atuais são deprimentes, então não se importam. Conversamos um pouco sobre política e, quando o acusei de ter planos tão de direita para a Saúde que Átila, o Huno, ficava até fofo, inclinou a cabeça para trás e deu uma gargalhada. Observando o movimento, senti uma pontada de desejo na boca do estômago, e em seguida uma necessidade de abafá-lo. Não daria certo mesmo que ele gostasse tanto de mim que sugerisse um segundo encontro. Era óbvio que não curtia uma relação D/s — era muito fino, muito preciso e educado. Levantou-se quando cheguei, ajudou a tirar meu casaco, segurou a cadeira. Aposto que seu sorriso suave (não que fizesse diferença, não mesmo; apenas notei, assim como você notaria) se transformaria em espanto se eu falasse sobre tapas na cara. Tomei um gole e sorri diante dos meus pensamentos ridículos. Voltei à conversa sobre programas infantis na TV que crescemos assistindo. Decidi que em vez de ficar pensando muito, devia simplesmente me divertir e parar de me preocupar.

Depois de uns dois drinques, concordamos, sem palavras, que as coisas estavam indo bem. Decidimos passar para o jantar. Andamos pela cidade procurando por uma brecha no trânsito para atravessarmos. Quando veio uma oportunidade que considerou boa, correu de mãos dadas comigo para atravessar. A quentura de sua mão na minha me fez querer mais, e senti que estava ficando constrangida. Parecia uma adolescente com seu primeiro amor. Chegamos na outra calçada e tentei me afastar, mas ele entrelaçou os dedos nos meus. Tentei

calar a voz dentro de mim que ficava me lembrando que *estávamos de mãos dadas*. Disse que não significava nada, e que ele provavelmente teria feito o mesmo com um parente mais velho para atravessar a rua. Mas isso não me fez parar de sorrir. Eu me esforcei para acompanhar o ritmo de suas longas pernas a caminho do restaurante. Ele claramente não queria ficar do lado de fora no frio por mais tempo do que fosse necessário. Revirei os olhos e acelerei o passo, tentando não tremer.

— Está tudo bem? Que foi? — perguntei quando começou a desabotoar o casaco.

— Está tudo bem, Sophie, só que você está tremendo.

— Estamos no frio, né, isso não ajuda. — Juro que tentei não soar sarcástica.

Ele colocou o casaco nos meus ombros. Acho que estiquei as costas no instinto de não aceitar. Segurou meus ombros em um gesto que era meio massagem, meio aviso.

— Fique com ele. Quanto mais você ficar aqui fora, mais frio vai me fazer sentir.

Inclinei a cabeça para baixo para esconder um sorriso. Peguei sua mão e comecei a correr devagar. Senti o cheiro delicioso de colônia de limão na jaqueta. Involuntariamente, sorri mais ainda.

O jantar foi bom. Ele me levou a um restaurante não muito conhecido, mas de boa qualidade, mesas isoladas e serviço atencioso, porém quase imperceptível. A conversa fluíu bem e rimos muito. Houve bastante provocação verbal também, o que é importante porque palavras fazem diferença. Gosto de pessoas que são articuladas, espertas e que pensam racionalmente. Ele conseguia fazer tudo isso e ainda era bom nos argumentos, o que me deixou ligada, cérebro concentrado. Não me sentia interessada em conversar com alguém havia tempo, e de repente me lembrei de como era legal conhecer uma pessoa. Ele até fazia trocadilhos horríveis. É claro que eu reclamava e zoava as bobearias, mas estava sorrindo por dentro. Nunca subestime o poder dos trocadilhos, não importa o quão terríveis, para entreter e impressionar uma jornalista. Ele parecia estar gostando da conexão entre nós. Seu rosto era expressivo e os gestos largos. Conversamos sobre diversos assuntos, uns sérios, outros não. Apesar de algumas piadas sobre meu caráter forte e um "meu Deus, mulher, alguém tem que lhe controlar", quando eu fazia algum comentário surpreendente, parecia não estar assustado com minha inteligência e dons argumentativos. Gostei disso. Gostei dele. E quando percebi que estava olhando para sua boca pela milésima vez quando tomava um gole da bebida, comecei a sentir sinais concretos de desejo.

Quando deu 23h30, me arrependi de ter marcado no meio da semana. Meu expediente, que começava às seis da manhã, dependeria de muito café e croissant de chocolate. Foi com pesar que sugeri pedirmos a conta. Ele pagou, dispensando meu cartão de débito como se estivesse espantando uma mosca.

Fiquei grata quando dei uma olhada no valor do jantar. Fomos até o ponto de táxi e esperamos um carro. Dei pulinhos para me esquentar enquanto esperávamos; a noite estava bem fria, mesmo com o casaco que me entregou de novo. Estava parado na minha frente e parecia menos seguro do que no começo da noite.

Talvez fosse porque a gravata estava solta e o blazer desengonçado, mas parecia mais atingível, mais sujeito às mesmas emoções que o resto de nós. Ele tossiu.

— Eu na verdade gostei muito da noite.

Ri.

— Na verdade? Pelo visto você ficou surpreso.

Ele começou a gaguejar o início de uma resposta para se justificar, mas, considerando que fui ao encontro de má vontade, me senti mal por deixá-lo constrangido.

— Tudo bem — falei sorrindo —, também estou surpresa. Você é uma companhia muito mais agradável do que achei que seria quando nos vimos pela primeira vez.

Sua expressão foi impagável. Ficou confuso tentando decidir se focava no elogio ou no insulto das minhas palavras. Abriu a boca para falar, mas o detive com um beijo. Por um segundo, reinei em liberdade. Mas depois, a surpresa dele se dissipou e sua língua veio encontrar a minha. Tinha gosto de vinho tinto e carne vermelha, o que me fez sorrir com a boca colada na dele, antes de a insistência de sua língua captar toda a minha atenção. Foi um beijo certo, forte, lábios firmes nos meus, língua me invadindo. Segurou meus punhos e me aproximou. Colocou minhas mãos para trás e me forçou a chegar ainda mais perto. Senti que um táxi havia estacionado e comecei a me afastar, mas ele me segurou com força e continuou o beijo. Gemi em seus lábios, um som de excitação e um pouco de arrependimento. Quando finalmente me deixou ir, nos olhamos com surpresa e respiração forte. Antes que ele pudesse falar, entrei no táxi, disse "até mais" rapidamente e bati a porta. Falei para o motorista aonde queria ir. Quando o carro começou a andar, sorri e acenei para James, que estava de queixo caído — seus encontros provavelmente não terminavam com a mulher escapando dele. Ri de sua expressão e fiz uma careta. Um sorriso começou a aparecer em seu rosto, cada vez mais distante. Quando me virei para a frente, meu olhar encontrou o do motorista no retrovisor.

— A noite foi boa, né?

Meus lábios, inchados por causa do beijo, se curvaram em um sorriso.

— Pior que foi.

Quando cheguei em casa, ele já havia mandado mensagem.

Você tem sorte, só esperei dois minutos pelo outro táxi,

senão você ia apanhar
da próxima vez.

Fiquei animada com o "da próxima vez". Talvez não fosse a única a querer retomar aquele beijo.

Promessas, promessas : P

Parei os dedos em cima das teclas e me perguntei se devia responder à ameaça de surra. Com três taças de vinho na cabeça e ainda afetada por causa do beijo, mandei a precaução para aquele lugar.

Enfim, duvido que você bata forte o suficiente pra machucar : P

Quando saí do táxi e cheguei em casa, ele já tinha respondido de novo.

Por que, tem apanhado muito?

Achei mais seguro não responder. James era um doce, mas se o beijo de uma mulher um tanto atrevida já o tinha deixado de boca aberta, ouvir alguns detalhes sobre minha vida sexual poderia traumatizá-lo. Uma coisa é saber que o cara é careta; outra coisa é destruir tudo antes mesmo de começar. Fui dormir, mas o telefone soou com outra mensagem:

E ainda por cima roubou meu casaco.

Pronto. Acho que *teria* de encontrá-lo de novo...

Nunca tinha conhecido um homem que gostasse tanto de flertar por mensagem. Sei que era um homem ocupado. Apesar de não entender o que os corretores da bolsa fazem, acho que é uma profissão que envolve muita pressão e longas horas de trabalho — por uma boa recompensa financeira. Mas apesar de todo o trabalho, dos expedientes começando cedo, do entretenimento corporativo, da viagem aleatória para Genebra e, é claro, do ciclismo (é por *isso* que estava tão em forma), James ainda tinha tempo suficiente para me mandar mensagens ou emails sobre qualquer coisa, sobre tudo. Se lia algo que achava interessante, me mandava um e-mail com o link. Mandou uma mensagem com uma foto de um

cardápio com erro de ortografia porque sabia que aticaria meu lado de fascista da gramática. Mandou até um comentário sobre a história que escrevi a respeito dele. Fiquei constrangida porque, como havia mandado a matéria antes do nosso primeiro jantar, o texto sugeria que *ele era esnobe*, apesar de escrito em tom educado. Ainda bem que não notou. Ou se notou, estava muito encantado comigo para dizer qualquer coisa. Vai saber. Talvez em um mundo onde as mulheres dizem sim, ele tenha me achado excêntrica.

Desfrutei a atenção dele, tentando desesperadamente lembrar que não significava nada. Que pessoas como ele não ficavam com pessoas como eu, mesmo que eu *quisesse* namorar com ele. Não tinha certeza de que queria. Ele tinha de ter alguma coisa errada, algo que eu descobriria com o tempo. O preocupante era que cada mensagem me fazia gostar mais dele. Passei por fases em que tentei controlar o impulso de responder, tentei esconder que estava gostando, mas foi um desafio enorme. Eu me peguei relendo as mensagens várias vezes, não conseguia me conter em responder com pelo menos algumas frases. Era articulado, engraçado e fazia referências ao *West Wing — Nos bastidores do poder*, o que para mim era um ótimo medidor de caráter. Devagar, descobrimos mais um sobre o outro, sobre nossas vidas cotidianas e sobre coisas que tínhamos em comum. Durante o flerte, ele fazia alguns comentários que me davam frio na barriga — ou que teriam dado se eu não achasse que o beijo lhe causou pânico. Foi aquela reação inicial ao beijo que me deu a certeza de que ele não aguentaria o tipo de sexo que era crucial para mim. Mesmo sabendo disso, mesmo sabendo de todas as coisas que nos faziam incompatíveis — saldos bancários, posições sociais e visões políticas, que ocupavam polos opostos —, eu me peguei pensando em James ansiosamente. Gostei dele, mas tentei me convencer de que não era tão incrível assim. Autopreservação? É possível. Mas realismo também. Não estava pronta para uma decepção amorosa.

Com o passar dos dias, me peguei pensando no brilho de seus olhos antes de falar alguma coisa engraçada, na maneira como seus lábios se curvavam quando sorria. Como seria passar uma noite com ele? Perigo, Will Robinson. Encontrá-lo de novo era loucura. Bobeira. No mínimo, terminaria em constrangimento; ou em dor, na pior das hipóteses. Era melhor deixar o casaco no escritório dele, em um embrulho para que ninguém visse. Nunca mais o encontraria. Não lhe escreveria mais. Não concordaria em jantar com ele em um restaurante lindo em Londres.

E certamente não voltaria para casa sem minhas roupas íntimas. Não tiraria a calcinha no restaurante e a entregaria para ele antes da sobremesa.

Enfim, são vãos os sonhos.

Sei que a cena da calcinha é surreal; fiquei chocada também. E não estava prevendo que fosse acontecer. Na verdade, coloquei uma calcinha confortável e

nada atraente de propósito, de tão certa que estava de que nada aconteceria. Mesmo sonhando acordada de vez em quando com momentos juntos em casa, lendo jornais, cercados de milhões de catálogos da Ikea. Não ia dar em absolutamente nada. Eu entregaria o casaco, teríamos um jantar perfeitamente tranquilo e eu iria para casa. Como eu teria devolvido o casaco, ele nunca mais entraria em contato. E na maior parte da noite, pareceu que ia ser assim.

Cheguei tarde — crise no trabalho por causa de uma história com um acidente de trem — e o encontrei sentado no bar. Levantou-se formalmente para me cumprimentar, e vê-lo fez meu coração disparar. Seus olhos brilhavam de tanto bom humor e, apesar do meu medo em relação ao beijo etílico e à fuga, me senti confortável instantaneamente — o que foi bom, considerando o que aconteceu depois.

Foi compreensivo com meu atraso e aceitou minhas desculpas quando fomos para a mesa. Depois fizemos uma ótima refeição. Nós nos alongamos tanto que, se não fosse uma segunda-feira fria de janeiro, os garçons teriam insinuado que pedíssemos a conta, ou que fôssemos para algum bar.

Conversamos sobre filmes e mídia. Debates se as manchetes pejorativas sobre o ministro do Interior eram desnecessárias (ele), ou se valiam a pena estar no jornal (eu, é claro). Foi um encontro divertido, instigante e cheio de gargalhadas. Para quem via de fora, deve ter parecido um encontro amoroso. Com certeza as pessoas passando notaram meu rosto corado em alguns momentos, como se eu tivesse tomado vinho demais. Mas não tinham como saber que eu estava bebendo água com gás, agitada porque James estava me sacaneando por causa do tom no meu rosto — e eu que esperava que o meu tom excessivamente meloso passasse despercebido para ele — e por ter roubado o casaco.

Foi solícito durante o jantar, o mesmo James que conheci pelas conversas textuais. Mas também era inegavelmente uma força tangível no restaurante, atraindo atenção tanto de homens quanto de mulheres. Era compreensível. Sentada na frente dele, era difícil formar frases de vez em quando. Em outros momentos, meu humor oscilava, e eu me forçava a lembrar que ele não fazia meu tipo.

O mantra "não faz meu tipo" ecoava sem parar na minha cabeça quando pedimos o café. Fiquei meio distraída. Encostou-se na cadeira, limpou a boca com o guardanapo, colocou-o com cuidado sobre a mesa e disse que, antes de ir embora, eu devia um presente a ele para compensar o tempo que fiquei com o casaco. O clima mudou imperceptivelmente; seu sorriso ainda era charmoso e caloroso, mas agora tinha alguma coisa escondida nele. Juntei as mãos para esconder o pequeno tremor e fingi não estar nem aí. Perguntei se tinha alguma ideia. Rezei aos deuses para que não fosse nada que me obrigasse a fazer hora extra para pagar o aluguel.

— Sua calcinha — respondeu.

Que bom, pelo menos não vai custar na... — perai, o quê?

Tive de me esforçar para não tremer inteira. Orgulho? Provavelmente. Uma necessidade teimosa de provar que eu não me deixaria perturbar por nenhum desafio? Definitivamente. Esperou em silêncio pela minha resposta. Eu me ajeitei na cadeira.

Com o que achei ser uma voz incrivelmente calma e uma expressão facial neutra, considerando as circunstâncias, perguntei se ele já havia pensado em ir a uma loja apropriada para comprar calcinhas. Soltou uma gargalhada, mostrando os dentes brancos sob a luz de velas. Balançou a cabeça.

— Você sabe que não é isso. O que quero é a sua calcinha. Agora.

Fiquei confusa. Aquele homem era mesmo James? O que ficou surpreso com um beijo, o chique, o fino? O que foi que disse? Esperou, claramente adorando a confusão que transpareceu no meu rosto, mas não fez nada para amenizá-la.

De repente, fez sentido. Ah! Depois do beijo e da fuga de táxi, senti-se constrangido por ter ficado em desvantagem. Para compensar, resolveu brincar comigo e tentar *me* colocar em desvantagem. Eu nunca deixaria que soubesse que quase me enganou. Se queria brincar, por mim tudo bem.

Tomei um gole devagar e me inclinei para a frente. Perguntei educadamente e com doçura como poderia atender àquele pedido. Considerando que nos encontramos depois do trabalho, eu estava usando calça, já que não acho que saias sejam práticas. Será que me permitiria ir ao banheiro para tirar a calcinha e entregá-la depois? Fez uma expressão de quem está escandalizado — é claro que sim, não queria fazer cena em público.

Ficou me observando com atenção enquanto conversávamos. Seu sorriso foi crescendo até que estava praticamente gargalhando de mim. Cansada do jogo, perguntei do que estava rindo. Fez um gesto na minha direção.

— Você é ótima. Está com o queixo em pé e uma voz casual. Mas o corpo lhe denuncia.

Involuntariamente, ergui o queixo ainda mais e tentei soar calma. Foi um efeito difícil de alcançar. Torci para que não me conhecesse tão bem a ponto de perceber.

— Não entendi o que quis dizer.

Ele me tocou. Sua pele na minha causou um choque elétrico que percorreu meu corpo. Fazia carinho na minha mão enquanto falava. O movimento causou uma hipnose estranha e fez meu pulso bater mais rápido, minha respiração ficar mais ofegante. Tentei me concentrar no que estava dizendo. Era surreal discutir os detalhes práticos de como daria minha calcinha para um homem que só tinha visto duas vezes, e de quem ainda não tinha certeza que gostava. Fiquei imaginando o prazer que seria capaz de causar no meu corpo, considerando que um mero toque já tinha me deixado em transe.

— Você está se concentrando muito para manter a voz e as palavras sob controle. Mas seu rosto está corado, e veja a sua mão — bateu o dedo nela suavemente —, está segurando a ponta da mesa pra manter o equilíbrio. — Pisquei os olhos e olhei para baixo. Meus dedos estavam apertando a madeira escura. Senti como se minha mão fosse de outra pessoa e me vi na perspectiva dele. Tinha razão; fiquei ainda mais corada. Grande controle. Que droga. Relaxe os dedos e deixe a mão em cima da mesa, fingindo uma casualidade que ambos sabíamos que não estava sentindo. Engoli a saliva e lutei para retomar o equilíbrio.

— Não entendi mesmo o que está falando.

Sorrii de novo, quase com indulgência. Era como se estivesse falando com uma criança inocente.

— Acho que entendeu sim. Ou talvez não. Mas você é inteligente, vai acabar compreendendo. — E deu outra batidinha na minha mão.

— Vamos pedir a conta? — Eu me abaixei para pegar a bolsa e ele me encarou. Sua voz foi calma, firme e afetou uma parte de mim que estava adormecida desde a cantada no escritório.

— Vá ao banheiro.

Minhas pernas pareciam pertencer a outra pessoa. Já estava no meio do caminho para o banheiro antes de conseguir entender o que estava fazendo. Com certeza tinha enlouquecido. *Foda-se ele*, pensei enquanto estava no banheiro colocando a calcinha na bolsa. Se queria brincar, aposto que eu conseguiria chocá-lo muito mais do que ele a mim. Quando voltei para o salão do restaurante, já não tinha tanta certeza.

Quando cheguei, descobri que a conta já estava paga e que meu casaco estava com ele. James estava perto da porta admirando a noite. Saí do restaurante e fui até ele. A costura da calça ficou passando na minha boceta. A fricção deliciosa aumentava a excitação que essa cena surreal causava.

Quando me ajudou a colocar o casaco, colocou uma das mãos nas minhas costas de maneira solícita. Só eu sabia que, na verdade, tinha passado um dedo embaixo do cós para checar se sua ordem foi obedecida. Soltou um gemido de prazer quando percebeu que sim. Fiquei corada. Droga.

Foi comigo até o ponto de táxi, de onde partíamos para destinos diferentes. Um pouco antes de chegarmos no primeiro carro da fila, me puxou pelo punho. Pressionou meu corpo contra a parede, ancorou uma das mãos nos meus cabelos e me deu um beijo profundo, devastando minha boca. A outra mão ainda estava me segurando e me fez sentir a ereção embaixo da jaqueta. Fiquei com vergonha, constrangida — já tinha passado da idade de agarrar e apalpar alguém em público daquele jeito. Mas não resisti e passei a mão na frente de sua calça, sentindo o pênis ereto.

Finalizou o beijo e nos afastamos, ambos com respiração ofegante. Fiquei

pasma; qualquer tentativa de parecer calma estava fora de questão. Me olhava, esperando por alguma coisa, mas juro que não consegui captar o que devia dizer. Não sei se era capaz de formar palavras. Depois de algum tempo, sorriu e estendeu a mão para mim.

— Acho que você tem uma coisa pra me dar.

Fechei os olhos. Tentei disfarçar a vergonha de ter me esquecido da brincadeira, de tão distraída que fiquei com o beijo.

— Minha calcinha? Você quer mesmo? Sério?

Seu sorriso fez meu estômago girar.

— Quero. Sério. Acho que você me deve isso.

Eu me virei discretamente e escondi a bolsa para puxar a calcinha, que estava dobrada com cuidado. É claro que a dobrei. Deixá-la de qualquer jeito seria meio sem noção. Entreguei a calcinha, muito concentrada em não tremer. Morri de medo que ele fosse desdobrá-la, cheirá-la, sei lá. Sorriu, agradeceu e colocou-a no bolso. Soltei a respiração, que nem percebi que estava presa. Deu um último beijo nos meus lábios inchados e se inclinou para sussurrar ao meu ouvido.

— Vamos nos encontrar em breve. Você vai buscar sua calcinha na minha casa e vamos continuar esse beijo. — Olhou para minha boca. — Entre outras coisas.

Eu teria discutido, ou pelo menos feito um comentário sarcástico por ser tão convencido. Porém, quando entrei no táxi, ciente do quanto estava excitada, ciente de que teria ido para a casa dele naquele instante, não consegui me enganar. Estava confusa, excitada, e dividida entre o que meu coração, minha cabeça e minha boceta diziam. Meu telefone fez um barulho.

Está livre amanhã à noite?

Não estava, tinha de cobrir o lançamento de um livro. Mas já sabia que ligaria para o trabalho e pediria para ser substituída — e certamente teria de trabalhar nos fins de semanas seguintes para compensar. Tudo para ter a certeza de que estaria disponível. Vence o desejo.

Tenho tendências a pensar demais. É uma coisa que desenvolvi quando criança — sempre fui precoce. Escutava uma coisa simples e ficava girando-a na cabeça até se transformar em algo completamente diferente. Minha mãe sempre conta a história de quando eu tinha uns dez anos de idade e tive uma aula sobre aquecimento global na escola. Depois de pensar sobre isso durante a tarde toda, concluí que tínhamos de arrumar um barco urgentemente para que nós, o cachorro, os vizinhos e a sra. Johnson, a professora, pudéssemos ficar seguros quando viesse o tsunami. Cheguei a desenhar um planejamento, infantil é claro, para que minha mãe fosse a uma loja e começasse a se preparar. Minha incrível mãe, acostumada a essas conversas surreais, mostrou a foto de uma barca e disse que papai já tinha construído a embarcação, que esperava por nós no porto para qualquer eventualidade.

Infelizmente, essas fantasias não passaram com o tempo. Na verdade, acho que pioraram — ou melhoraram, se tento usá-las com uma atitude positiva, para enxergar algo "por todos os ângulos". Mas esse nunca é o caso às três da manhã, quando todo mundo está dormindo e cada estalo na casa parece ser um objeto caindo. Nesse contexto, as coisas simplesmente ficam mais complicadas.

Pensei em tudo várias vezes, como em uma série erótica de livros "E agora você decide", oferecendo finais de níveis diversos de satisfação. No meu final favorito, James era um dominador em segredo que ficou com vergonha de se revelar. Soltava dicas sutis de que gostava da mesma coisa que eu, desde segurar minha mão com força até exigir minha calcinha. *Tinha* de ser um sinal. Mesmo que não fosse de propósito, no final caímos nos papéis de dominador e submissa, certo? A não ser que eu tivesse entendido tudo de maneira errada, tivesse me jogado no mundo da fantasia e presumido que se encaixava no dele. Ele podia estar em casa pensando no que fazer com aquela calcinha gigante e como se livrar da mulher louca que a entregou. Meu Deus, o QUE faria com a calcinha? Será que me devolveria? Tentaria lavá-la antes disso? Ou tinha ajudantes para lavar por ele? Ai, meu Deus, o que seria pior? Extrapolei as possibilidades e

imaginei a calcinha sendo enviada por correio para o meu escritório. Seria aberta pelo assistente editorial porque não estava com nenhuma indicação de confidencialidade. Minha imaginação estava quase frenética. Fiquei corada com tantas possibilidades horrorosas.

Tudo que podia fazer era encontrá-lo, ir à sua casa e ver o que acontecia. Até lá, tinha de ficar na boa, não criar expectativas e não tomar nenhuma atitude horrenda que me fizesse ter de ficar escondida embaixo das cobertas por um mês. Simples.

É claro que nada é tão simples.

Comecei a ligar para arrumar uma substituição. Paguei um almoço excelente para nosso repórter de crimes. Eu o deixei louco com histórias (OK, mentiras otimistas) de celebridades reluzentes, bolsas com brindes e, é claro, um barzinho depois para fazer com que concordasse em ir ao lançamento. Fiz as sobrinhas na hora do almoço e comprei uma calcinha nova. Se tudo acontecesse como eu queria, melhor ter alguma coisa mais sexy para tirar de dentro da bolsa. Era meio presunçoso e coisa de menininha, mas não consegui me conter. Pela primeira vez em muito tempo, senti que era um encontro — não apenas uma noite com um amigo que oferece um adicional obsceno, e sim um encontro, talvez até o começo de um relacionamento decente. Era um sentimento bom e desconcertante, mas interessante. Pensei até em comprar um vestido novo. Fora calças, só tinha vestidos que já havia usado em casamentos e batizados nos últimos anos, provavelmente as roupas erradas para uma social chique ao ar livre. No final, acabei desistindo. Já estava fora da minha zona de conforto o suficiente para ficar me preocupando se mostraria mais do que queria quando cruzasse as pernas. Estava pronta. Preparada. Estava com aquele frio na barriga que indicava que a noite ia ser metade ansiedade, metade tortura. E a espera era meio divertida. Voltei do almoço toda alegre, queria que a tarde passasse logo.

Evidentemente, o escritório virou um inferno enquanto eu estava fora.

Sendo nova na equipe, ainda não estava recebendo histórias principais. Era compreensível. Por um lado, estava tentando me encontrar. Por outro, tinha de esperar que o editor de notícias se sentisse confiante em me dar alguma matéria mais suculenta, que não fosse dar um trabalho enorme na revisão. Além disso, os outros repórteres queriam proteger seus contatos em histórias em andamento. Isso não me deixava de mau humor, pois sabia que tinha de mostrar serviço enquanto as pessoas me conheciam. Aceitava todas as histórias que me eram passadas, fazia a pesquisa e escrevia da melhor maneira possível; estava recomendo o processo de montar minha própria agenda de contatos para que pudesse criar material.

Mal percebi que o pouco trabalho que tive a chance de fazer ia custar caro.

Quando voltei à mesa, Ian, o editor de notícias, olhou para mim e fez um sinal me chamando. Chequei no relógio se ia levar um esporro por ter demorado

muito no almoço. O horário estava OK. Esperei até que terminasse uma ligação. Desligou.

— Oi. Que bom que voltou. Precisamos que você saia de novo.

O quê? Que saco. Se bem que não era tão ruim porque daria para ir em casa se terminasse logo. Sempre otimista.

— A equipe na St. Luke está revoltada.

Pisquei os olhos, confusa.

— O quê?

— Escola St. Luke. Tem alguma confusão com um aluno sendo expulso. A autoridade local está envolvida, então temos que ter muito cuidado. Mas alguém ligou falando que tem uma carta dos pais circulando, acusando vários professores de serem muito rígidos ao disciplinarem os alunos nas aulas. Acusações de racismo. Parece que a equipe está furiosa e vários professores estão ameaçando tomar medidas legais. Pode ter greve.

Minha mente já estava zunindo com as possibilidades enquanto ele falava.

— Sabemos quem ligou?

— Não, queriam ficar anônimos, não queriam ser citados.

— Tá, pode ser um pai ou um professor tentando fazer pressão.

Ian sorriu.

— Vou deixar isso por sua conta — é pra isso que pagamos seu saláriozinho. Mas o vereador que você entrevistou na semana passada sobre cortes nas bibliotecas atua lá. Achei que talvez você conseguisse fazer com que falasse, mesmo que em confidência.

Concordei.

— Vou ligar pra ele antes de ir. Mas se eu for agora dá pra encontrar a diretora, e ainda fico por lá pra ver o que rola na hora da saída.

Ele assentiu com a cabeça.

— Só preciso que você veja como está o clima. Dê uma sondada primeiro e depois decidimos se a história é grande. Ligue quando souber mais ou menos no que vai dar.

Passei na minha mesa rapidinho para pegar o contato e fui embora. Lá se foi minha tarde tranquila. A adrenalina de ter de descobrir o que estava acontecendo começou a agir, principalmente por causa da hora.

Hoje, percebo que devia ter mandado uma mensagem para James para avisar que talvez fosse me atrasar. Mas antes de saber quanto trabalho aquilo daria, não achei que valesse a pena fazer estardalhaço. Quando terminei de falar com a diretora — que não ajudou e que estava mal-humorada, o que era compreensível — e com algumas das mães que esperavam no portão da escola, estava claro que ia dar em alguma coisa. Teria de voltar ao escritório para escrever. Sentada no meu carro do lado de fora da casa do vereador às 17h30, mandei mensagem. Não teria como chegar à casa dele às sete da noite.

Mil desculpas, loucura no trabalho. Podemos adiar o encontro? Bjs.

Só recebi resposta uma hora depois, quando já estava de volta ao escritório. Meu caderno estava cheio de anotações com os argumentos dos pais. Franzi o rosto quando li a mensagem.

Tudo bem. Me avise quando pode, se quiser me encontrar mesmo.

Droga. Reli a mensagem que tinha mandado e percebi que, apesar de querer dizer adiar o encontro por uma hora (OK, duas, sendo realista), ele entendeu como cancelar completamente. Comecei a digitar outra mensagem, mas achei que fosse soar ainda mais tensa. Joguei o celular na bolsa de novo — era melhor ver isso depois que terminasse o trabalho.

É claro que tentar dirigir pela cidade toda às 18h30 era piada. Quando voltei ao escritório e fiz o que tinha de fazer, achei melhor que ele tivesse cancelado mesmo, ou eu cancelado acidentalmente — sei lá o que foi que aconteceu. Fiquei chateada por não tê-lo encontrado, e o pior é que nem demonstrou ter se importado tanto; o tom da mensagem foi frio, se comparado com as mensagens amigáveis de antes. Não quero ser *daquelas* meninas que desconstroem mensagens de texto com base nos beijos mandados, mas não pude deixar de notar que alguns deles desapareceram no decorrer do dia.

Quando cheguei em casa, tentei ligar mas caiu na caixa postal. Deixei uma mensagem breve e fui tomar banho antes de dormir, exausta, mas não do jeito que tinha imaginado no início do dia.

No dia seguinte, mandei um e-mail perguntando se queria me encontrar no fim da semana. A resposta foi evasiva e me deixou na dúvida se algum dia ele realmente quis alguma coisa comigo. Resolvi aprender com a experiência e seguir em frente. Coloquei meu conjunto novo de sutiã e calcinha na gaveta de roupas íntimas e torci para que pudesse usá-lo em outra ocasião. Tudo indicava que não seria com ele. Estava decepcionada, mas decidi que não me interessava tanto assim por aquele sorriso sensual, pela mente rápida e pelos atos de cavalheirismo, como compartilhar o casaco.

O cavalheirismo era supervalorizado. Fiquei repetindo isso na semana seguinte, mas até eu sabia que estava me enganando. Na segunda-feira seguinte, não aguentei e mandei um link para um blog sobre política que eu sabia que ia deixá-lo incandescente de raiva.

Respondeu alguns minutos depois. A imagem de James digitando a reclamação enorme furiosamente no BlackBerry me fez sorrir.

Respondi com calma e moderação, discordando completamente de tudo que disse, o que era inevitável sempre que discutíamos sobre política. Voltamos a conversar por mensagens. Toda vez que meu celular bipava eu ficava com frio na barriga, torcendo para que fosse ele, e na maioria das vezes era.

Finalmente, no final de um e-mail em que a discussão já tinha chegado a ponto de eu acusá-lo de ter tendências despóticas, enquanto ele dizia que minhas observações eram "hippies demais", veio uma frase que fez meu coração pular.

Sei que deve ser má ideia, mas quer jantar comigo lá em casa?

Tinha razão, era uma ideia terrível, e não sei se estava me sentindo bem por ele sentir o mesmo. No entanto, abandonando a cautela, aceitei imediatamente. Poderíamos ser idiotas juntos, e pelo menos eu veria no que ia dar.

Tenho um senso de direção terrível. Péssimo. Se tem uma coisa que odeio em mim acima de qualquer outra, é o fato de ser incapaz de achar os lugares. Isso me faz sentir fora de controle e fraca — e não de um jeito legal. Já fui conhecida por me perder dentro da casa das pessoas.

James vivia no outro lado da cidade em uma área tão nobre que eu só tinha passado por lá umas duas vezes a trabalho. Decidi ir de carro porque assim poderia voltar cedo ou tarde, como quisesse, sem depender de transporte público. É claro que minhas habilidades péssimas de condução me estressaram, mesmo antes de descobrir que o condomínio era tão exclusivo que nem tinha placa com nome. Além disso, minha mente estava focada no que ia acontecer depois que eu chegasse. Confiava em James, já tinha visto o suficiente para que meu radar de loucos não estivesse soando. No entanto, não conseguia casar o James que pareceu tão surpreso com uma bêbada beijando-o com o James que exigiu minha calcinha. Ou com o James que achou que jantar com ele era má ideia. Quem era o James real? Onde eu estava me metendo? E por que estava tão preocupada, quando vivíamos em mundos tão diferentes? Meu frio na barriga só aumentou quando recebi uma mensagem algumas horas antes:

Estou com problemas pra me concentrar hoje. Não consigo decidir o que fazer com vc. Bj.

Como assim? Estava falando das obscenidades que sugeri antes do nosso encontro sabotado pela escola, ou se perguntando se devia pegar o *Scrabble* para jogarmos depois do jantar? Eu não fazia ideia; minha capacidade social ficou completamente distorcida. Ele tinha ferrado meu cérebro com alguns beijos e e-mails. Não havia esperança para mim.

Isso basicamente destruiu minha produtividade naquela tarde. Mesmo com a maior força de vontade do mundo, escrever artigos sobre permissões de construção nunca vai prender a atenção de uma mente repleta de sacanagem. Não consegui parar de pensar no que ele estaria maquinando. Certamente havia um elemento D/s nas minhas ideias, mas seria a praia dele? Ou estaria, em um momento pós-Thomas, vendo perversões onde não existiam? Será que ia chegar lá e fazer papel de idiota? O fato de ter me resignado a ir ao jantar, de me ver incapaz de cancelar o encontro, me deprimiu imensamente. Eu *realmente* era uma masoquista.

Minha tentativa de fingir controle não terminou bem. Quando mandei uma mensagem perguntando se devia levar alguma coisa, pensei em garrafas de vinho e sobremesa. Mas a resposta foi certa e me deixou constrangida no meio do escritório.

Camisinhas. Muitas camisinhas. Bjs.

Meu Deus. Então ele estava pensando em fazermos sexo. Era um sinal promissor. Nem preciso dizer que minha matéria sobre construções não chegou nem perto do nível de atenção profissional que eu devia ter tido naquela tarde. No entanto, nunca fiquei tão alegre escrevendo um artigo.

Finalmente cheguei em uma rua que quase certamente era a dele. Estacionei o carro, torci para ser o lugar certo e fui até a porta que, se Deus quiser, era a dele. Toquei a campainha e, quando veio me cumprimentar, descalço e sorridente, sorri de volta apesar do nervoso. Fomos de escada até o apartamento. Fui tão determinada, que ele me parou no meio do caminho e disse:

— Sophie, você precisa fechar a porta.

Opa. Fiquei corada, voltei, fechei a porta e subi de novo como se nada tivesse acontecido. Numa boa. Eu sei, até eu fico impressionada com minha habilidade de ficar tranquila em situações sociais desafiadoras.

Entramos no apartamento e ele apontou para a sala. Entrei e me virei, aproveitando para dar uma olhada nas prateleiras e objetos desarrumados para tentar ter mais pistas de que tipo de homem era. Sei que isso me faz parecer uma perseguidora; justifico dizendo que são minhas tendências jornalísticas, apesar de algumas pessoas acharem que dá na mesma. Tossi para limpar a garganta.

— Feche a porta, por favor, Sophie.

Já estava no meio do caminho quando percebi que obedeci instintivamente. Fechei a porta com cuidado e, quando me virei, dei de cara com ele logo atrás de mim, invadindo meu espaço. Enroscou as mãos nos meus cabelos e inclinou a cabeça para a frente para me beijar. Fechei os olhos para curtir o momento, a maneira como se colocava na minha frente como uma torre, como passava as mãos em mim, segurando minha bunda para me aproximar dele. Era o homem

mais alto que já havia beijado. Não sou baixa, então era uma novidade me sentir tão anã. Ele poderia me proteger ou me derrotar com facilidade, dependendo da intenção. Interrompeu o beijo e fez carinho nos meus braços, que, para minha vergonha, estavam arrepiados. Ele me pegou pela mão e me levou para fora da sala. Não foi um movimento controlador. Fiquei meio decepcionada, até sentir o cheiro inconfundível de alho e alecrim vindo da cozinha. OK, dava para me virar.

Amo comida caseira. Sério. Um jantar com prato caseiro significa mais do que o restaurante mais badalado. Por morar sozinha, na maioria das vezes não me importo muito com isso, vivo de coisas refogadas, sopa e cereal. Muito de vez em quando, preparo alguma coisa elaborada, mas o que geralmente acontece é que fico entediada no meio do processo de cortar, rechear e untar, então volto para a sopa por mais três meses.

Sendo assim, estar perto de quem sabe cozinhar é sempre uma novidade bem-vinda. Fiquei sentada no banco da cozinha com uma taça de vinho enquanto ele ia e vinha, cortando vegetais para acompanhar um bife que acho que já havia temperado antes. Conversamos sobre trabalho e TV. Ele me contou que estava planejando um fim de semana com a irmã para comemorar as bodas de ouro dos pais. Em geral, a conversa foi confortável e relaxada, bem distante da ferocidade dos beijos trocados momentos antes. A mudança de atitude me deixou completamente em desvantagem, mas, como sempre, fiz tudo que pude para mostrar que não estava nada incomodada. Tive de me controlar muito para não tocar os lábios e sentir como estavam inchados.

O jantar foi ótimo, a companhia boa, assim como a conversa. No entanto, no decorrer do encontro, pelo menos três quartos dos meus pensamentos eram sobre sexo, e nunca um homem comendo bife foi tão excitante. Só de vê-lo mastigar e engolir fiquei com a boca seca. Era claro que estava louca e devia ir para casa, para minha própria segurança. Houve um momento em que tive de me esforçar para não tremer ao segurar a taça; eu estava bastante desequilibrada. Quando empilhamos os pratos na pia e, aos meus olhos esperançosos, pareceu que o beijo ia ter continuidade, já estava que nem uma gata manhosa.

A analogia até que era boa. James tinha dois filhotes de siameses que se moviam pelo apartamento como ninjas felinos. Fiquei surpresa quando os vi.

— Como você arruma tempo pra cuidar desses bebês? — exclamei e me abaixei para vê-los melhor.

Ficou meio envergonhado, o que me fez sorrir.

— Tem uma mulher que vem dar uma olhada neles.

Ri.

— É claro.

No começo os gatos me estranharam, mas depois de certo tempo o gatinho mais valente veio se sentar no meu colo. Eu não tinha um bichinho desde que saí

da casa dos meus pais, então sem querer acabei brincando com ele por um bom tempo, rindo do pequeno lambendo meus dedos com sua língua áspera. Acho que me distraí e acabei perdendo James de vista. De repente, senti um carinho na nuca, imitando a maneira como eu acariciava o gato. Tremi de leve, curtindo e respondendo — finalmente! — ao toque dele. Congelei. Não sabia como agir, não queria assustá-lo, não queria que parasse. Estava louca para dormir com aquele homem, mesmo que fosse em um estilo mais convencional. Queria explorá-lo finalmente, tentar satisfazer o desejo e a tensão que se instalou praticamente desde que nos conhecemos.

Fiquei sentada fazendo carinho no gato, olhando para seu pelo com atenção, escutando o ronronar, enquanto James fazia carinho em mim. O silêncio se estendeu. James finalmente veio para a minha frente, tirou o gato do meu colo, passou a bochecha no rosto do animal, deixou-o no chão e pegou minha mão.

— Acho que está na hora de deixarmos os gatinhos.

Minha garganta de repente ficou seca e o frio na barriga mais forte do que nunca. Como era possível sentir tanto alívio e tanto nervoso ao mesmo tempo? Finalmente ia acontecer — seja lá o que fosse. Ele me levou ao quarto e fechou a porta com firmeza para evitar visitantes felinos.

Nós nos jogamos na cama e logo estávamos espalhados, virando de um lado para o outro, cada um disputando para ficar em cima. Abri sua camisa e passei as mãos no abdômen esculpido, contente por estar ditando o ritmo. Abaixei as mãos, abri seu cinto e comecei a abrir a calça, tudo sem tirar minha boca da dele. Existem preliminares sensuais e eróticas, mas aquilo foi animal. Nenhum dos dois conseguia esperar nem mais um segundo. Ele se afastou do beijo por um instante e levantou os quadris para tirar a calça e colocar o preservativo. Tirei a calcinha e me encaixei em cima dele. Naquele primeiro momento ficamos em silêncio, sem nos movermos. Os olhos dele se arregalaram, chocados — com a sensação? Com o ritmo abrupto? Com minha impaciência? Não tinha como saber. Eu o ajustei dentro de mim, curtindo a sensação depois de tanto esperar por aquele momento. Por muito tempo ficamos lá, nosso único movimento era o da respiração. Ficou impaciente; suas mãos agarraram meu quadril e começaram a me impulsionar para cima e para baixo, iniciando o movimento, exigindo sem palavras que eu cavalgasse. Nenhuma mulher discutiria. Comecei a mover o quadril e me inclinei para baixo para beijá-lo.

Não sei por quanto tempo nos movemos para a frente e para trás, mãos passando pelo corpo do outro, dedos explorando cada centímetro, bocas brigando, quadris misturados. De repente, a mão que estava apertando minha bunda me soltou. No pequeno segundo que levou para meu cérebro registrar a mudança, bateu na curva carnuda da minha nádega. Gemi e fiquei corada. Será que percebeu o quanto aquilo me excitava?

Bateu de novo. Era um tapa leve e descontraído, mas fez meu sangue chiar.

Moveu as mãos sobre meu peito, passou os dedos na pele delicada acima da curva do sutiã antes de puxar meus seios para fora. Brincou com meus mamilos, beliscando gentilmente, girando-os um pouco — não o suficiente para que eu sentisse dor, mas certamente para que sentisse uma onda de prazer.

Sorri, curtindo o momento e o fato de que podia olhar para ele com atenção, assimilar seu olhar. Meu quadril parou por um momento. Fiquei tão entretida olhando para aquele homem enigmático que literalmente esqueci o que estava fazendo. Vi um quê de impaciência em seus olhos, e de repente ele me virou de costas na cama com a força dos quadris. Agarrou meus punhos com uma das mãos e começou a se mover na velocidade que queria. Ele se mexia cada vez mais rápido. Eu me impulsionei para cima, quadris clamando para que fosse mais fundo. Libertei minhas mãos e comecei a passar os dedos em suas costas. Adorei o pequeno tremor quando passei as unhas com carinho em sua coluna. Mas seus dedos estavam entre nossos corpos, mexendo no meu clitóris, me provocando ainda mais até que finalmente não consegui evitar o inevitável. Tive um orgasmo, e ele logo em seguida, ambos tensos e depois relaxados, plenos um do outro.

Fez carinho no meu pescoço e deu um beijo quase no ombro. Tremi, ainda sensível pela força do orgasmo. Sorriu e passou o dedo onde tinha acabado de beijar. Bati o dedo no peito dele.

— Ei!

A gargalhada vibrou na minha pele.

— Desculpa, vou me comportar.

Ri.

— Duvido muito.

— Eu também.

Ficamos deitados por um tempo, enrolados um no outro. As sombras se alongavam conforme a noite caía. Não foi um silêncio estranho, não senti uma necessidade incrível de falar. Meu cérebro estava girando, tentando encaixar a força do sexo com a graciosidade geral de James em outros contextos. Pensei sobre suas motivações, sobre um relacionamento em potencial (aquilo era um relacionamento?), sobre minha esperança de um toque D/s em qualquer romance por vir. Seria justo ficar com uma pessoa sem saber se é fundamentalmente compatível? E seria loucura tentar tomar essas decisões quando você nem sabe ao certo o que a outra parte realmente quer? Seria normal refletir sobre uma pessoa com quem você acabou de foder até que seus dedos dos pés não consigam ficar esticados? Enquanto a confusão crescia, percebi que James tinha cochilado ao meu lado. Isso me fez sorrir e meu coração ficou apertado. Parecia tão jovem e despreocupado dormindo, mas o momento foi bom para me dar uma sacudida. Aquilo poderia significar alguma coisa, mas ainda não. Um passo de cada vez. Tentei desligar meu cérebro falante e curtir o

torpor daquela bênção pós-orgasmo. Acho que até cochilei um pouco também.

Quando acordei o quarto estava escuro. James ainda estava ao meu lado, mas uma luz fraca no escuro mostrou que estava no BlackBerry.

— Oi.

Olhou para mim.

— Oi, você. Dormiu bem? — respondeu ele.

Fiz que sim e comecei a me espreguiçar.

— Mmmmm. Sim, obrigada. E você?

Teve a graciosidade de fazer cara de frustrado.

— Então realmente dormi primeiro? Que coisa mais estereotipada.

Ri.

— Tudo bem. — Eu me inclinei e dei-lhe um beijo. — Vou entender isso como um sinal de que deixei você exausto.

Deu um beijo casto na minha boca e murmurou "atrevida". Ele se esticou até a mesa de cabeceira para colocar o celular e voltou para fazer cafuné em mim. Deu um beijo mais profundo e começamos de novo. Sorri com a boca colada na dele. Definitivamente, dava para me acostumar àquilo.

Não passei a noite lá. Ofereceu, e desejei muito, mas não levei roupa para dormir porque não quis parecer pretensiosa.

— Pedi que trouxesse camisinhas. Foi um sinal, não seria presunção — disse com mau humor quando comecei a pegar minhas coisas. Mas chegar vergonhosamente no escritório com as roupas do dia anterior não ia dar. Ele me levou até o carro às duas da manhã e, depois de me beijar muito para dar boa-noite, pediu que mandasse uma mensagem quando chegasse. Discordei dizendo que ele devia descansar. Tinha de trabalhar às oito da manhã (meu Deus). No entanto, exigiu com autoridade que eu mandasse a mensagem.

Suspirei.

— Tudo bem. Mas quando estiver exausto amanhã não venha me culpar.

Ele se inclinou na minha janela quando coloquei o cinto de segurança.

— Eu com certeza vou culpar você e seu jeito tentador — disse abaixando-se para um último beijo. Fiz um sinal para que se afastasse. Dar ré em cima de seu pé acabaria com tudo.

— Quem começou foi você.

Estava sorrindo em meu retrovisor quando saí, mas com uma expressão pensativa e bem menos relaxado do que quando estava dormindo.

Nosso encontro seguinte foi um almoço. Eu estava trabalhando até tarde naquela semana, e por isso seria completamente descabido fazer qualquer plano para uma noite. Quando eu saía do trabalho, a maioria das pessoas normais — principalmente as que começavam cedo, como James — já estava se preparando para dormir. Uma parte de mim ficou tentada a ir à casa dele só

para dormir. No entanto, apesar de termos gostado do que aconteceu depois do tão esperado jantar, ele ainda não tinha sugerido uma repetição, e eu não ia dar tanto mole assim. Se bem que devo dizer que se *ele* sugerisse, estaria lá em um segundo com uma mala presunçosa para passar a noite e tudo mais.

O almoço foi ótimo. Ele escolheu um pub lindo perto do rio e — tirando vantagem do tempo estranhamente bom para aquela época do ano — tivemos a coragem de ficar do lado de fora, mesmo que a maioria dos turistas ficasse lá dentro perto da lareira. Conversamos sobre trabalho. Conteí sobre uma briga recente que Ian tinha tido ao telefone com uma leitora afrontada. Foi uma discussão tão épica que todo mundo parou por alguns minutos para ouvir descaradamente o que Ian dizia sobre as acusações cada vez mais surreais que estava escutando. Aplaudiram no final; depois de dois minutos repetindo que "se a senhora continuar me xingando dessa maneira, vou ter que desligar e acabar com a conversa", fez exatamente isso. Olhou para nós, pasmo, e disse que a adversária era a idosa sra. Vickers do conselho local. Reclamava sobre uma resenha, que nem era tão efusiva, sobre a produção teatral amadora de *Um inspetor nos chama*.

James contou mais sobre os planos de comemorar as bodas dos pais. Estava organizando o evento de acordo com uma viagem para Genebra a trabalho. Ele e a irmã estavam reservando um fim de semana em um chalé na Cornualha. Queriam que todos se juntassem e parabenizassem o feliz casal antes de um grande jantar em um restaurante de frutos do mar. Falar sobre família o deixou bem mais animado do que falar sobre trabalho. Era ótimo ter um gostinho do homem que ficava tão feliz com as primeiras palavras do sobrinho.

— Minha irmã é uma excelente mãe, e Joseph é uma ótima criança — disse ele. — Está naquela fase em que a criança faz um barulho qualquer, eu concordo brincando, mas Emily me diz, séria, que ele acabou de me pedir para pegar a colher do iogurte. Tento me controlar, mas é como se fosse aquela cena "O que foi Lassie? Timmy está preso no poço?".

Soltei uma risada.

— Aposto que ele é boa companhia pra correr no jardim.

James tomou um gole da bebida e concordou.

— Totalmente. Tenho que comprar uma bola de futebol pra ele brincar enquanto estivermos lá. Quem precisa de palavras? Palavras são superestimadas.

Sei que sou terrível, mas fiquei bastante corada pensando em outra situação na qual palavras eram supérfluas. Olhei para meu prato e esperei a vergonha passar. Pegou minha mão e, quando levantei a cabeça, estava sorrindo.

Não sabia se me sentia segura ou irritada por ele me decifrar tão bem.

Terminamos o almoço, e finalmente consegui fisgar o garçom e pagar a conta antes que James pagasse. Fiquei com uma sensação de triunfo — e foi divertido ver que ele achava isso tão incomum. Tentou, sem sucesso, fazer sinal para o

garçom, que claramente não tinha tempo para aquela bobeira. Passou a mão no cabelo.

— Obrigado pelo almoço, é um gesto maravilhoso, mas normalmente, em um encontro como este, eu pago a conta.

Fiz careta.

— Quem disse que foi um encontro?

Por um segundo, seu rosto mostrou vergonha e depois confusão, até que sorriu lembrando das palavras que me disse no nosso primeiro encontro.

— Ai. *Touché*, srta. Morgan. — Deu uma risada para si mesmo. — Pensando bem, acho que fui meio babaca quando nos conhecemos.

Concordei.

— Um pouco, mas já compensou. E pode compensar mais ainda deixando que eu pague o almoço.

Balançou a cabeça com irritação.

— As mulheres geralmente não têm problema em me deixar pagar a conta.

Ignorei o incômodo inesperado com a ideia de que havia milhões de mulheres em sua lista de almoços acompanhados. Comecei a colocar o cachecol.

— Talvez você esteja saindo com o tipo errado de mulheres.

Ele me deu uma olhada cuidadosa, que depois virou um sorriso.

— Talvez.

Quando cheguei no escritório, decidi que era hora de ser mais franca. Nosso beijo demorado antes de nos separarmos no restaurante indicou que James ainda estava interessado em algo mais do que amizade. No entanto, parecia ter dado um pequeno passo para trás depois que dormimos juntos pela primeira vez. Eu tinha certeza de que não fazia o tipo jogador — sendo bem direta, já tinha me comido e ainda estava mantendo contato —, então isso não me preocupava. Porém, considerando que discutir sobre sexo pessoalmente era meio difícil, achei menos constrangedor falar virtualmente. Pelo menos não teria de olhar nos olhos dele. Abri o Messenger.

SOPHIE: Só queria agradecer pelo almoço maravilhoso. Foi bom ver você, vamos repetir quando voltar de Genebra.

É, comecei devagar mesmo. Não dá para entrar no assunto sexo no meio do nada. Isso o assustaria. A resposta veio um minuto depois.

JAMES: Você pagou, eu que tenho que agradecer, não? Foi ótimo ver você. Com certeza, em breve.

JAMES: Obs.: obrigado.

JAMES: Obs2.: estava linda com aquela blusa.

Sorri. OK, era tranquilo gerenciar esse tipo de provocação, de flerte. Era até divertido.

SOPHIE: Você tem que superar esse negócio de pagar a conta. Você não precisa ir pra cama comigo por isso.

A resposta dele foi rápida, breve e me fez sorrir que nem uma demente.

JAMES: Mas e se eu QUISER ir pra cama com você?

SOPHIE: O melhor jeito então seria, sei lá, dar em cima mesmo. Aproveitar o momento!

JAMES: Achei que caras legais não fizessem isso.

Sorri, lembrando que, apesar de termos muito em comum e de eu realmente gostar dele, em certo nível James e eu éramos fundamentalmente diferentes. Não pense que tenho tempo ou vontade de lidar com canalhas, mas se ele não conseguia ser um meiotermo, então realmente não era meu tipo. Droga. Respondi, mas a diversão de provocá-lo passou.

SOPHIE: Acho que é possível ser legal sem ser chato. Contanto que saiba que a cantada vai ser aceita, tudo bem.

SOPHIE: Obs.: pra não ficar dúvida, seria aceita.

JAMES: Ah, mas você ainda não viu o meu melhor. Pode assustar você...

Frase promissora, mas não havia possibilidade de ele me assustar.

SOPHIE: Com certeza consigo lidar com o que você tiver pra oferecer.

JAMES: É mesmo? O negócio da calcinha não assustou um pouco?

Não me senti nem confusa, nem irritada. Não assustou, não, palhaço. Não sei se meu ultraje transpareceu na resposta.

SOPHIE: Não acho que me assustei!

SOPHIE: E você me deve uma calcinha.

A resposta demorou alguns minutos para chegar, e quando chegou soou muito menos descontraída do que tudo que veio antes.

JAMES: Você se saiu bem, mas quando cancelou o jantar achei que eu tivesse exagerado.

Fiquei surpresa e um pouco chateada por ele não ter confiado na minha honestidade. Bem, a minha honestidade — minha fraqueza ocasional — provavelmente era a coisa que mais me dava problemas na vida.

SOPHIE: Não, tive que trabalhar mesmo. Não foi desculpa, foi trabalho. Se tivesse decidido não ver você, teria dito que não queria.

Não respondeu por uns bons minutos, tempo suficiente para eu terminar um artigo, buscá-lo na impressora e voltar com uma caneca de chá. Senti que devia dizer mais, mas não fazia ideia de como melhorar a situação, se é que era possível.

SOPHIE: O negócio da calcinha foi tranquilo. Até ousado. Certamente nada além dos meus limites.

Pensei em outra coisa.

SOPHIE: Enfim, se eu tivesse ficado com vergonha ou me sentido estranha ou preocupada, por que teria ido jantar com você?

O telefone vibrou na mesa.

JAMES: Porque o bife era bom e você gostou dos gatos?

Sorri. Antes de eu conseguir formular uma resposta, mandou outra mensagem.

JAMES: O negócio da calcinha foi "ousado", então? Ousado, tipo excitante? Ou ousado do tipo que deixa seu rosto corado até as orelhas?

Fiquei constrangida só de pensar.

SOPHIE: Não podem ser os dois?

JAMES: Acho que sim, mas várias pessoas discordariam.

SOPHIE: Acho que estou no seu time.

JAMES: Interessante. Acho que você está no meu time em várias áreas. Reunião agora. Falamos mais tarde. Bjs.

Isso é que é deixar no vácuo. Queria que aquela frase significasse uma coisa específica, e sabia qual era. Senti uma pequena esperança no peito de que os sinais que estive captando subconscientemente estivessem certos, e de que James fosse um dominador no sexo. Mas era muito cínica. Fiz uma lista das ações dele que não abalavam as minhas estruturas de maneiras obscenas — e não obscenas. Torci pelo melhor, mas me planejei para o pior.

Ele me deixou esperando.

Finalmente, lá pelas nove da noite, quando já estava me arrumando para ir embora, escutei o som familiar de mensagem no celular.

JAMES: ... Então, além da calcinha teve alguma outra coisa que você achou ousada?

Sorri com esperança em relação ao objetivo dele, mas ainda cuidadosa até que se mostrasse um pouco mais. Eu sei, parece que estava jogando, e prometo que não estava, mas até conhecer seus limites não ia assustá-lo.

SOPHIE: Você parece estar querendo elogios... Quer perguntar sobre alguma coisa específica?

Imaginei a cara de indignação ao ser acusado de querer elogios. Era bem divertido.

JAMES: Que tal quanto dei os tapas?

Aqui comecei a sorrir mesmo. OK, acho que já era seguro presumir que sabia do que ele gostava. Se bem que não resisti e provoqueei um pouco mais.

SOPHIE: Gostei, mas não machucou de verdade.

Determinada? Eu? OK, um pouco, talvez. Mas era engraçado.

JAMES: Quem disse que eu estava tentando machucar de verdade?

Tá, isso me deixou com a garganta seca. Sinceramente, não sabia o que responder. Antes de conseguir organizar os pensamentos para inventar alguma coisa, o telefone vibrou na minha mão de novo.

JAMES: Você gostaria que eu machucasse mais?

Eu sabia a resposta. Tenho quase certeza de que ele sabia a resposta. Mas digitar aquelas três letrinhas era como dar um passo gigante no desconhecido. Não sabia se teria coragem. Resolvi enrolar.

SOPHIE: Você não disse que caras legais não fazem essas coisas?

JAMES: Você não disse que caras chatos não fazem essas coisas, mas que caras legais podiam fazer?

Mmmm. O tiro saiu pela culatra.

SOPHIE: Sim.

JAMES: Sim o quê? Quanto aos homens legais ou quanto a machucar mais?

O frio na barriga foi mais intenso do que nunca. Isso podia ser incrível ou seria um mal-entendido monstruoso no qual eu sairia como uma completa idiota. Tomei coragem.

SOPHIE: Os dois.

Fiquei olhando para o telefone sem saber o que queria que a próxima mensagem dissesse. Estava meio exaltada, meio assustada com aonde chegaríamos se as coisas acontecessem como eu queria. Devia ter deixado o momento passar, talvez fosse só provocação, mas não consegui. Gente curiosa tem de saber tudo.

SOPHIE: Você QUER me fazer chorar?

Só percebi que estava prendendo a respiração quando o telefone vibrou na minha

mão. Nem sabia ao certo qual resposta queria ler.

JAMES: Se você está perguntando se sou sadista, acho que não, não mesmo. Não sempre. Causar dor não me excita, mas desafiar uma submissa que gosta de dor sim, se é que isso faz sentido. Adoro a ideia de levá-la ao limite e de quebrar essa barreira até chorar.

SOPHIE: Entendo.

Ou acho que entendo. O uso do termo "submissa" me encheu de esperança. Só que não sabia mais o que falar.

JAMES: Acho que essa é a resposta mais sucinta que já vi você mandar...

Revirei os olhos. Sabia que ele tinha razão, mas conversar sobre aquilo com ele era estranho. Conversar com Thomas não era. Sei que é porque não estava preocupada com Thomas me julgando, porque não queria um namoro com ele, mas saber disso não ajudava.

SOPHIE: Estou estranhamente sem palavras.

JAMES: Acho que é falta de classe admitir que fico feliz em saber que lhe desconjuntei?

Sorri e me senti mais perto do meu normal.

SOPHIE: Sim, é falta de classe. Mas você ganha pontos extras por ter usado a palavra desconjuntar.

Passamos a tarde toda trocando mensagens. Pode parecer bobeira — podia ter dado um pulo na casa dele depois do trabalho para conversarmos —, mas acho que ambos sentiram que falar pessoalmente seria muito estranho, que dificultaria admitirmos aqueles desejos sussurrados, tão facilmente julgados por todos. Era difícil explicar para um namorado em potencial que talvez quisesse que me dominasse de várias maneiras obscenas e mutuamente prazerosas. No entanto, finalmente percebi que o contrário era bem mais difícil. James explicou o medo de ser visto como misógino, pervertido ou pior.

Conversar com ele sobre isso era fascinante. Costumava falar com Thomas sobre suas motivações em dominar uma pessoa, mas conhecer essa outra faceta de James e juntá-la ao homem trabalhador, inteligente e superfamília que eu já

havia conhecido era intrigante. Tinha tantas perguntas; ele respondeu a todas. Quis saber há quanto tempo se interessava por essas coisas. A história era hilária. Desde novo, ficava fascinado pelas enrascadas de Penélope Charmosa. Adorava vê-la capturada e amarrada, na mesma época em que eu pensava nas dificuldades de Marian. Perguntei também como criava ideias para lidar com os seus submissos.

JAMES: É claro que na maioria das vezes o sexo, até mesmo D/s, é espontâneo. Pode até começar bem careta, mas um tapinha ou um certo olhar já mudam a dinâmica, mesmo que não tenham sido feitos com uma intenção. Mas pra mim, o melhor sexo D/s acontece com bastante planejamento. Às vezes estou apenas me entregando a uma fantasia, às vezes apenas experimentando. Mas, geralmente, tenho um tipo de objetivo que quero alcançar. Se uma sub está sendo atrevida e fazendo tudo pra me provocar, chamar atenção e ser "punida", não deixo que se satisfaça. Sou capaz de amarrá-la e colocá-la num canto. Vou ignorá-la até que perceba que não posso ser manipulado pra dar o que quer.

JAMES: Ou então a sub pode ter dificuldade de falar na hora da cena D/s porque está com vergonha ou porque naquele espaço é mais difícil se comunicar. Nesse caso, crio uma situação em que será punida quando não fala e recompensada quando responde rápido.

JAMES: Gosto de ter um plano que sigo até o fim, mas às vezes também preciso ser flexível, dependendo da situação. Se sei que tem alguma coisa que é um grande desafio pra minha sub, preciso decidir se vai ser melhor forçar até o fim ou se preciso ir devagar. É muito raro fazer uma sub passar por alguma coisa que depois vai descobrir que não estava preparada pra encarar, mas de vez em quando olho pra trás e acho que recuei muito rápido — não que deixe que escapem com facilidade. Acho que sei quando minha sub quer ser desafiada e quer que eu a faça realizar essas coisas.

Tinha mais experiência do que eu; já havia passado por alguns relacionamentos caretas de longa duração e alguns casos D/s. Também estava tentando encontrar o equilíbrio entre alguém com quem praticar e alguém com quem estar. Respondeu às minhas perguntas de maneira razoável e racional, mesmo as que fizeram minha respiração ficar meio ofegante.

JAMES: Começou quando passei a fazer sexo regularmente. Um dia estava na cama com uma menina que mencionou uma surra. Já tinha pensado nisso, mas não aproveitei a oportunidade de cara, como seria o esperado. Virei o sr. Racional e conversei com ela sobre como

aquela e outras ideias similares me excitavam, mas que não faria nada se ela não tivesse certeza. Ela disse que tudo bem; então, durante o sexo, ela estava por cima e bati nela de leve. Disse que era bom e que podia bater mais forte, então bati. Quando tivemos um orgasmo, ela estava com a bunda vermelha e minha mão doía. No começo achei estranho — meus pais realmente me ensinaram que não devo bater em ninguém —, mas a reação dela foi muito positiva e logo percebi que a diferença entre isso e qualquer forma de violência está no consentimento. Ela me deu permissão pra bater nela, amarrá-la etc. O nível de quanto podia machucá-la e as coisas que eram permitidas eram escolhas dela, não minhas. Se algum dia me mandasse parar (ou se usasse a palavra de segurança, que sempre crio), pararia imediatamente. Gosto do poder, do controle e do jogo. Acho a psicologia fascinante — qual a melhor maneira de fazer com que faça o que quero que faça? Posso deixá-la curiosa, confusa, em desvantagem a cada rodada, capaz de reagir somente à minha próxima ideia. Ou posso ter avisado com uma semana de antecedência sobre o que vou fazer exatamente e deixar que você pense sobre isso várias vezes, se excitando e se atormentando, se testando antes que eu teste. Os dois funcionam em contextos diferentes pra que faça o que quero.

Eu me senti presunçosa com as ideias dele. Não me contive.

SOPHIE: Quem disse que quero fazer o que você quer que faça?

A repostagem me deixou sem ar.

JAMES: Percebi alguns sinais no começo, mas depois da noite que você cancelou, e de sua reação quando segurei seus pulsos enquanto transávamos, fiquei na dúvida se queria avançar. Mas agora tenho certeza. É claro que você quer fazer o que quero que faça. Isso vai lhe deixar feliz, e você quer me dar prazer.

Minha resposta foi petulante, mas tudo bem.

SOPHIE: É mesmo?

JAMES: Ah, por favor. E sim, é mesmo. Odeio estereotipar as pessoas, principalmente porque tachar nem sempre ajuda. Mas na minha experiência,

conheci submissas com, por falta de palavra, um exterior atrevido, que se comportavam mal pra causar uma reação, que gostam da sensação de serem dominadas e controladas apesar da rebeldia. Você é esperta e sarcástica, mas não acho que seja o seu caso. Pense no restaurante. Não forcei você a me dar a calcinha. Propus um desafio que você podia aceitar ou não. Você aceitou pra provar que conseguia. Queria vencer, o que é irônico porque me dar a calcinha significava, por outro lado, a minha vitória. Você gosta de ser desafiada a fazer coisas que acha difíceis porque gosta de superá-las. É o desafio, o jogo.

O telefone pesou na minha mão. Ele tinha razão, embora eu não verbalizasse daquela maneira. O fato de saber daquilo, de ter sido capaz de entender meu estado de espírito daquela maneira, me deixou simultaneamente excitada e com medo. Era erótico, encantador e oferecia possibilidades nas quais mal conseguia pensar. Também tive a sensação de que era o homem mais desafiador que já tinha conhecido.

Para ser justa com ele, admito que me deu segurança em relação às minhas preocupações mais sérias. Apesar de serem chamadas de "punições", ele não estava de fato me punindo por algum tipo de mau comportamento. Estava me punindo porque gostava do poder e sabia que eu gostava da dor — parece bobo, mas isso me deixou mais segura. Principalmente porque a ideia de um relacionamento no qual dez minutos de atraso viravam dor não era a minha; de alguma maneira, isso parecia um desdobrar errado da prática.

Prometeu também que ia pegar leve comigo. Provavelmente tínhamos ideias bem diferentes do que era pegar leve, mas estava intrigada e mais do que feliz em tentar.

Ele foi para Genebra por quatro dias. No final desses dias já tínhamos nos enlouquecido com perguntas, pensamentos provocantes e e-mails tarde da noite. Decididos a pelo menos tentar, rascunhamos as regras da relação em termos bem gerais. Como disse James em uma mensagem à noite, "não que seja necessário fazermos um contrato", mas discutimos palavras de segurança, limites intransponíveis e limites flexíveis. Decidimos que eu iria para a casa dele na primeira noite depois de seu retorno.

O tom das nossas conversas não tinha mudado tanto, o que era confortável. Não havia sentimento de superioridade nas conversas diárias, nem seriedade exacerbada, e ele continuou tão interessado nas minhas opiniões e experiência quanto sempre foi. Fica parecendo que não me exigiu muito mentalmente, e olhando hoje percebo que definitivamente exigiu, mas na época me senti aliviada. Apesar da dança de dominação e submissão que tínhamos iniciado, a dinâmica geral da nossa amizade, do nosso relacionamento, sei lá o que era,

permaneceu inalterada.

A única diferença veio na forma de um jogo pedante que começamos a jogar depois que chamei a atenção dele em relação a um erro de digitação em um e-mail (eu sei, me perdoe, é a fascista da gramática dentro de mim). Respondeu mostrando um erro meu — que, só para constar, aconteceu porque a previsão de texto estava acionada, portanto foi completamente diferente. As alfinetadas bem-intencionadas começaram a virar outra coisa. Toda vez que eu cometia um erro ou apontava um erro dele que no final não procedia, adicionava cinco pontos a um total que seria transformado em ações quando voltasse de viagem. Toda vez que ele cometia um erro que eu indicava corretamente, cinco pontos eram retirados. Nossos e-mails e mensagens de repente viraram verdadeiras guerras de palavras. Os dois tentavam retratar erros antes que o outro tivesse a chance de apontá-los. Era bobo e engraçado. Era o tipo de competição provocativa que me garantiu que James era uma pessoa com quem eu podia lidar — quando finalmente chegasse na casa dele para iniciar essa coisa que estávamos começando, não me levaria para um porão isolado para me torturar. Era um homem, no geral, gentil, encantador, engraçado, e detestava o mau uso de apóstrofes tanto quanto eu.

Bem, ele não me levou para um porão quando nos reencontramos. Na verdade, mal me deixou entrar. Eu estava muito nervosa. Animada, bem animada com o rumo da noite, mas também um pouco incomodada. Estava indo visitar meu amigo ("namorado?", perguntou a voz interna) depois de uma semana sem vê-lo. Mas dessa vez também faria sexo intenso com meu suposto novo dominador. Estava animada, porém com medo. Não dele, mas de não ser capaz de aguentar o que tinha planejado fazer. Ter ciência disso me deixou ainda mais nervosa, porque ele viu esse meu lado antes mesmo que eu pudesse mostrá-lo.

Estava lindo quando abriu a porta. Vestia uma camisa fina branca de botões, calça informal, sem sapatos. Sorriu e me levou para dentro pelo braço, fechando a porta atrás de nós com um clique suave.

Passei por ele para subir as escadas, mas pegou meu punho e me puxou para perto; me deu um abraço com umas das mãos e colou a boca na minha. Nós nos beijamos. Suspirei, degustando seu sabor, a dança das nossas línguas, a proximidade depois do que pareceu uma eternidade, depois de tanta ansiedade. Fiquei de pé olhando para ele, tentando sentir se o clima era diferente agora que sabia que seus interesses eram tão parecidos com os meus.

Achei que estivesse tudo bem, nada estranho entre nós. Ele se inclinou para a frente e veio com a boca na minha direção. Levantei a cabeça achando que ia ganhar outro beijo, mas as mãos nos meus ombros me travaram para que ele pudesse chegar ao meu ouvido.

Tinha a mesma veemência de sempre; sua voz ainda fazia meus batimentos acelerarem. Quando sussurrou no meu ouvido, meu coração começou a bater mais forte por um motivo completamente diferente.

As palavras fizeram cócegas na minha orelha.

— Nós dois sabemos que você passou a semana toda com pensamentos pervertidos. E quero explorar todos eles. Mas antes disso quero que faça uma coisa pra mim. Vou deixar você me provar antes do jantar. Fique de joelhos. Agora.

Ele se afastou um pouco para ver minha reação. Tudo estava em silêncio. Parado. Nós nos olhamos por longos segundos. Ergueu uma das sobrancelhas de

modo que parecia estar tirando sarro e me desafiando ao mesmo tempo. Meu lado argumentativo se irritou e quis bater de frente com ele, mesmo que achasse aquilo — e ele — sensual. Desde que nossas conversas ficaram obscenas, a submissão passou a ser inevitável. Queria me entregar a ele, sonhava com isso, imaginava como era se submeter a alguém quando há um laço emocional. Sabia no coração o que estava sentindo, sabia o que ia fazer, mesmo quando minha cabeça disse que era loucura, arriscado, bobo. No entanto, quando me olhou com aquela certeza de que eu ia me ajoelhar, fiquei furiosa. Nem tinha tirado a porra do casaco ainda.

Quis mandá-lo à merda, e tenho certeza de que meu olhar rebelde mostrou isso. Olhei em seus olhos. Sabia que a única maneira de descobrir se era o que eu estava esperando era obedecendo-o naquele momento. Imediatamente. Era hora de botar para quebrar ou botar o rabo entre as pernas.

Botei para quebrar. Ou, melhor dizendo, "botei para fora".

Suspirei baixinho quando me abaixei, entusiasmada, porém irritada pelo sorriso de satisfação em seu rosto enquanto me ajoelhava aos seus pés.

Fez carinho nos meus cabelos.

— Boa menina.

Ser chamada de menina é uma das coisas que mais me deixa puta na vida. Porém, enquanto parte de mim se irritava com a natureza condescendente do elogio, outra parte festejava o comentário. Queria lhe mostrar exatamente como era boa. Eu me inclinei para a frente, abri a calça e puxei o pau para fora com cuidado. Fui no meu ritmo; passei a língua para cima e para baixo antes de colocar tudo na boca e chupar. No entanto, quando fiz isso, pegou a parte de trás da minha cabeça e começou a se enfiar em mim, deixando que eu ficasse sem ar com o pau na boca. Estávamos lutando para tomar o controle do ritmo. Fiz de tudo para prevalecer, mas teve seu prazer no ritmo que queria. Eu me engasguei e ele tirou o pênis de mim; momento de alívio.

Minha respiração foi desacelerando. Passou o pau em mim, lambuzando meu rosto com nossas secreções misturadas. Parece que não foi nada, mas meu primeiro instinto foi de total fúria. Senti-lo esfregando a pele gosmenta no meu rosto me fez morrer de raiva. Fechei os punhos, lutei para controlar a voz alta na minha cabeça berrando para se rebelar, para sair. Ninguém nunca tinha me tratado daquele jeito, e era tão degradante que exigi tudo de mim para que não reagisse, para deixá-lo continuar. Havia um lado meu que estava gostando, mas grande parte de mim estava furiosa. No entanto, não queria que aquela parte vencesse. Estava irritada tanto comigo por ter uma reação violenta ao seu primeiro ato de dominação, quanto com ele por fazer algo tão degradante.

A força da minha reação me deixou perplexa. Lutando para me controlar, fechei os olhos para bloquear a cena e mascarar minha reação. Respirei fundo várias vezes e fiz de tudo para continuar minha submissão, apesar do meu

impulso. De olhos fechados, fiquei surpresa com o tapa. Não chegou a doer, mas foi forte o suficiente para que abrisse os olhos para checar o que tinha feito — fui rápida o suficiente para ver que tinha me batido com o pênis. Gemi em resposta à humilhação, e continuou o ultraje. Segurava meus cabelos, colocando-me na posição certa para me usar; alternava as batidas com a esfregação no meu rosto. Fiquei com nojo, me senti humilhada, e no entanto — para minha surpresa — ah, muito molhada. Ajeitei minha posição.

Bateu mais uma vez antes de pegar um chumaço de cabelo e forçar o pau na minha boca. Abri o máximo que podia para acomodá-lo, movendo minha língua com a mesma rapidez que ele fodia minha cara. Depois — tão repentinamente que quase engasguei com o primeiro jato no fundo da garganta —, gozou na minha boca. Quando engoli e comecei a lamber para limpá-lo, ele se afastou e fechou a calça.

Fiquei ajoelhada aos seus pés sem ter certeza do que ia acontecer, mamilos duros embaixo do sutiã e gosto de porra na boca. Fez carinho nos meus cabelos e depois me segurou para me ajudar a levantar.

— Deixe que levo seu casaco. Agora vamos fazer o almoço e relaxar um pouco.

Fiquei me sentindo como Alice caindo em um buraco sensual e espantoso. Tirei o casaco e segui James até a cozinha. Estava na casa havia cerca de dez minutos. Não tinha como não notar a diferença de quando estive lá na visita antes dessa.

Comemos. Conversamos. Cada um tomou uma taça de vinho e não mais, pois os dois sabiam que o que estava por vir pedia sobriedade. Certa sobriedade, pelo menos. Achei a mudança de clima meio espantosa, mas estava me segurando na conversa, apesar de estar contando os minutos até que ele me levasse ao quarto para que pudéssemos transar. O momento finalmente chegou.

Os gatos pareciam querer brincar também. Eles nos seguiram para dentro do quarto; James os pegou, um de cada vez, brincou com eles e depois com gentileza, mas com firmeza, os levou para a porta do quarto, sussurrando, e fazendo carinho em suas orelhas enquanto os colocava no corredor. Era muito fofo de ver, e fez com que a mudança de tom, quando fechou a porta e se virou para mim, ficasse ainda mais incongruente. Mandou que eu me despiasse e se sentou para assistir enquanto eu tirava as roupas.

Toda mulher, não interessa o quão perfeita, não gosta de alguma parte do corpo. Mas, em geral, tento não me preocupar. Tenho uma dieta saudável, vou à academia pelo menos três vezes na semana e sou otimista. Acho que a maioria dos homens no calor da paixão estão preocupados com muitas, muitas coisas, mas *não* com o fato de sua barriga estar meio molenga.

Sendo assim, ser obrigada a ficar nua na frente de alguém que você gosta, e que (a) permanece absolutamente vestido e (b) não faz mais nada a não ser olhar intensamente enquanto você se despe, é uma coisa muito desconcertante.

Economizando nos movimentos e com muito pouca graciosidade, tirei a blusa, abaixei a calça — tirei as meias ao mesmo tempo, porque de fato são essencialmente nada sensuais — e fiquei parada por um tempo reunindo forças para o próximo passo.

Olhei para ele enquanto me olhava, vi o sorriso no canto da boca e decidi que era hora de jogar seu jogo. Eu era capaz. Era possível fingir ter a confiança que não tinha. Fazia isso para o trabalho de vez em quando, claro que por razões nada a ver com nudez, e ninguém nunca percebeu. Sendo assim, sorrindo de leve e torcendo para que minha vergonha não estivesse estampada no rosto quanto achei que estava, coloquei as mãos nas costas, abri o sutiã e o tirei. Sem pausa, fui direto para a calcinha e coloquei os dois itens em cima de tudo na cama. Eu me virei para ele, lutando com todas as fibras do meu ser contra a vontade de cruzar os braços sobre o peito.

Ficamos assim por alguns minutos. Eu, sentindo a brisa que vinha pela janela aberta e meu corpo nu, e James sentado, assistindo. A luz do começo da noite iluminava o quarto, e o som de portas de um carro se abrindo e fechando e de crianças jogando futebol lá fora deram um tom surreal à cena. Mas continuei firme e forte.

Finalmente, ele se moveu.

Atravessou o quarto e me envolveu com os braços para pegar minha bunda. Eu me curvei dentro dele, precisava daquilo, precisava dele. Ele se abaixou para me beijar e todo o resto desapareceu, exceto a sensação das mãos no meu corpo e dos lábios nos meus. Aí me afastou, tirou uma mecha de cabelo do meu ombro e sorriu.

— Mmmmm. Antes de fazermos qualquer coisa você tem que receber sua punição.

Senti uma onda de rebeldia e fúria. Meu Deus, que compulsão por me manter em desvantagem. Tinha de ser o tempo *todo*? Que saco. Olhei para ele com medo. Sabia que, graças às loucuras da previsão de texto e a uma aposta mal-explicada sobre quem seria o próximo treinador da Inglaterra, já havia cem pontos no total. Nem sabia o que significavam, mas fiquei bem nervosa. Estava esperando pelo menos por uma noite de sono antes.

— Temos que fazer isso agora? — perguntei, esperançosa.

— Não, se você quiser espero entrar no clima. — Fiquei olhando para ele com raiva; balançou a cabeça, apesar de estar fazendo carinho no meu rosto. — Só está piorando as coisas pra você. Quer ou não ver aonde vamos chegar, Sophie? Aproveitar o momento, lembra?

Estava sorrindo. Acho que estava brincando, mas mesmo assim senti uma pontada. E sabia que a escolha que ia fazer era importante. O problema é que já sabia que eu iria obedecê-lo *de novo*, e isso ainda me incomodava. Por que me irritava tanto me submeter a alguém de quem realmente gosto, que acho atraente

e com quem gostaria de namorar? Ele estava me olhando com atenção. Dei um suspiro.

— Tá, tudo bem, o que tenho que fazer?

Seu sorriso fez meu estômago virar. Ele estava tão feliz, e isso me deixou feliz. Pelo menos até ele falar de novo. Ele me levou para o outro lado do quarto, para um tapete em frente à lareira.

— Quero que você se abaixe. Pode colocar as mãos nos tornozelos ou nos joelhos, o que for mais confortável. Mas não pode se mexer depois. Vai contar até cem e agradecer por cada batida. Está claro?

Minha voz ficou abafada com os cabelos no rosto quando coloquei as mãos nos joelhos. Minha mente zumbia imaginando o que usaria para as cem batidas. Pela primeira vez, me senti genuinamente apavorada de receber tamanha dor dessa forma. Como aguentar tanto?

Bateu na minha bunda em sinal de alerta e me acordou do pânico crescente.

— Desculpa. Sim... sim, entendi.

Tencionei o corpo para receber a primeira pancada, mas veio para a minha frente, inclinou-se e procurou pelos meus olhos embaixo da cortina de cabelos. Ficamos olhando um para o outro por bastante tempo. Quando finalmente falou, sua voz foi calma e estranhamente tranquilizadora.

— Vou usar a chibata em você, Sophie. Vai conseguir aguentar, prometo, mas se por alguma razão quiser parar, é só falar a palavra de segurança. Você se lembra dela, né?

Fiz que sim. Achei que não era o momento certo para contar para ele que meu subconsciente já estava berrando a palavra. Sorrii, e naquele momento ele era James, eu era Sophie e estava tudo bem. Então começou.

As primeiras dez nem doeram. Conteí todas e agradei por cada uma sem nem me incomodar com as pancadas na bunda. Já estava pensando no que aconteceria assim que essa punição boba acabasse, aliviada por não estar doendo tanto quanto temi.

De repente alguma coisa aconteceu. O ângulo que estava usando mudou imperceptivelmente, ou encontrou o ritmo certo, ou sei lá, mas de repente começou a doer tanto que fiquei sem ar. Continuei contando, fiquei reta e firme. Em um determinado momento, pegou com tanta força no ponto onde a bunda encontra a coxa que me desequilibrei e tive de usar as mãos para me ajeitar. Fiz isso bem rápido e me desculpei desesperadamente, antes que ele decidisse adicionar mais pancadas por eu ter mudado de posição. Felizmente, não foi o caso.

Eu agradecia a cada porrada, se bem que na de número cinquenta meus dentes estavam rangendo e minha voz não emitia gratidão nenhuma. Doía muito mais do que tinha esperado e a porra da determinação era a única coisa me mantendo de pé e contando. O ritmo era incansável e focava somente na minha nádega

esquerda. Conforme batia no mesmo ponto, a dor começou a ser tamanha que ficou mais e mais difícil forçar um obrigada a sair da minha garganta seca.

No sessenta, parou um pouco. Pegou meus cabelos e levantou meu rosto para olhar nos meus olhos.

— Está chorando? Parece que sim.

O meu lado orgulho teimoso, zero autopreservação, respondeu antes que o resto pudesse ao menos pensar.

— Não.

Olhou bem de perto, olhos procurando os meus para confirmarem que estava quase me superando. Esse contato me fez sentir mais segura e calma, apesar da dor que estava processando. Assentiu com a cabeça em resposta ao que viu no meu rosto.

— Precisa parar?

Meu queixo se levantou e ouvi minha voz como se viesse lá de longe, mais determinada do que me sentia.

— Não. Estou bem. — Que idiota.

Quando soltou meus cabelos e retomou a posição, só consegui pensar na mamãe sempre dizendo que minha teimosia seria a causa dos meus problemas, se bem que não era essa situação que ela tinha em mente. Voltou a me bater e — ainda bem — os pensamentos voltados para mamãe desapareceram assim que comecei a tentar processar a dor de novo, desesperadamente.

Quando chegamos ao oitenta eu só conseguia ficar de pé. Eu me mantive na posição — uma vitória para a teimosia —, mas em cada pancada meu monólogo interno berrava "faltam vinte, faltam 19, faltam 18". Minhas pernas tremiam e eu estava em agonia. Quando chegamos ao cem, o alívio me tomou. E comecei achando que não estava doendo tanto.

James permitiu que eu me levantasse, veio para a minha frente e beijou minha testa com carinho. Tremi, sentindo a dor e a adrenalina pulsando em mim.

— Boa menina. Muito bem. Você foi muito corajosa.

Escondi uma careta diante daquela complacência detestável e ele passou um dedo entre minhas pernas. Gemi de prazer e me encostei nele, curtindo aquela exploração do meu corpo. Riu do quanto eu estava molhada, do quanto minhas pernas começaram a tremer enquanto me levava — de maneira ridiculamente fácil — à beira do orgasmo. Depois se afastou. Consegui segurar um choro — não queria fazer nada que o levasse a pegar a chibata de novo —, mas meus olhos com certeza delataram a frustração, pois ele se sentou na cama, abriu a calça e me mandou ajoelhar na frente dele.

Olhei para ele com esperança. Esperava, inconscientemente, por um sinal de aprovação, até que finalmente abriu minha boca para tomá-lo. Lambi com fome, amando a sensação de suas mãos nos meus cabelos, sentindo-o fechando e abrindo os dedos enquanto eu o venerava em minha boca. Eu me perdi

completamente na tarefa. Até a dor na bunda diminuiu enquanto chupava.

De repente ele me afastou puxando pelos cabelos, pegou meus braços, me levantou e me levou de volta ao tapete. Meu cérebro entrou em curto-circuito. Entendi o que estava querendo e só conseguia pensar na chibata e na dor. Não conseguia formar palavras, muito menos frases, e em vez disso me ouvi dando um miado no fundo da garganta. Era um pedido e uma recusa. Falou comigo, mas por alguns segundos não consegui entender, de tão profundo que foi meu pânico de voltar à punição. Beijou minha testa de novo e fez carinho com a mesma ternura que mostrou com os gatos, e de alguma maneira entendi que queria aliviar meu medo em meio ao som alto na minha cabeça. Finalmente consegui entendê-lo.

— Não vou punir você de novo. Quero que fique de pé pra poder transar com você.

Ah.

Deixei que me levantasse e retomei a posição de antes. Colocou um preservativo e começou a me comer, segurando meu quadril para ter certeza de que ia o mais forte possível, batendo na minha bunda dolorida a cada pressão. Foi incrível. Ainda estava na onda de adrenalina da punição; não pensava em nada, apenas respondia a ele e reagia aos seus comandos. Esticou a mão e começou a me masturbar. Gozei nele.

Quando voltei à realidade, tinha me levado para a cama. Estava deitada com ele (de lado; colocar pressão na bunda seria desconfortável por uma semana). Olhei para ele com uma vergonha repentina por ter saído de mim, por vê-lo sorrindo. Fez carinho nos meus cabelos e deu outro beijo na testa.

— Você foi maravilhosa esta noite. Boa menina.

Sorri e fechei os olhos por um segundo para saborear a delicadeza de seus lábios. Posso afirmar que não estava mais incomodada com o tom condescendente. Em vez disso, só conseguia me sentir vitoriosa, orgulhosa de ter dado prazer. Sentimento de trabalho bem-feito.

Mal sabia que era só o começo.

Tenho orgulho de não cair nos clichês do namoro. A maioria dos meus amigos é assim também. Não tem isso de "essas são as regras de quando você pode ligar ou não"; somos pessoas diretas e sensatas. Se você gosta de alguém, qual o objetivo de ficar de palhaçada?

Sendo assim, você nunca vai me ver preocupada com quando fazer ligações. Se quero ver alguém, falo. Se quiserem me ver também, ótimo. Se não, bem, é uma pena e minha segurança fica meio balançada, mas me recupero.

Com James não foi assim.

Honestamente, não me baseio em estereótipos de gênero e tento não virar aquele clichê bobo, do tipo *mando mensagem ou é exagero? Se mandar, quantos beijos coloco no final? Peraí, ele não mandou beijo, mas costumava mandar; o que significa isso?* Mas se achava que etiqueta do namoro é ruim, ficou muito pior com um poderoso elemento D/s. Sugerir que nos encontremos de novo é forçar a barra? Um gesto não submisso? Devo esperar que ele combine alguma coisa? Se não combinar, continuo esperando? Em que momento devo desistir e aceitar que não está interessado? O fato de eu ser uma das pessoas mais impacientes que conheço pode me causar problemas?

Conhecer James coincidiu com um momento no trabalho em que tive de ser a Sophie raladora, sem diversão. Várias pessoas estavam de férias e o grande almoço de uma nova publicação estava a caminho. Isso fez com que minhas horas de trabalho fossem tais que dormir embaixo da mesa do escritório fosse uma ideia tentadora. Fez também com que eu ficasse meio, bem, distante. Conversava com James por e-mail todo dia e o achava tão interessante quanto sempre achei, mas, no decorrer de uma semana ou duas, as coisas passaram de fervendo para, bem, um pouco mornas. Eu ficava reclamando do trabalho o tempo todo e mandava alguns links que recebia, mas e as putarias? Elas se dissiparam em algum momento. Pensei: "Droga, ele obviamente não está interessado em mim do mesmo jeito que eu." Sendo assim, como é do meu feitio, decidi que o melhor a fazer era não falar nisso, fingir que estava tudo bem

e deixar para lá. Até que... não conseguisse mais me conter e a coisa estourasse em uma torrente assustadora. Ótimo.

Era uma quinta-feira à tarde. A última quinta-feira antes do lançamento de The Big ProjectTM, aquele momento do processo em que todos os problemas pareciam insolúveis, apesar de você saber que serão resolvidos porque têm de ser resolvidos. Aquele momento em que vai persistir até que seus olhos explodam, até que não consiga mais pensar em nenhum jogo de palavras para manchetes.

Estava parcialmente no Messenger. Parcialmente porque estava decidindo as cores finais para as chamadas de diferentes seções da revista com nosso designer-chefe. Conversava com James em outra janela enquanto tentávamos lidar com alguns detalhes financeiros.

A conversa começou de um jeito meio inconsistente, mas um comentário passageiro que normalmente deixaria passar me chamou a atenção.

JAMES: Vamos ver o que acontece quando nos encontrarmos de novo.

SOPHIE: Vamos. Se bem que quando vai ser isso? Não combinamos nada ainda... : P

Sim, uma linguinha alegre esconde todo o desejo permeando cada sílaba da frase. Ai, ai. Melhor explicar.

SOPHIE: Não que esteja resmungando.

SOPHIE: Só estou falando.

SOPHIE: E se você não quiser me ver de novo — porque já faz certo tempo — tudo bem. Sério.

Merda, ficou parecendo que não estou interessada nele?

SOPHIE: Quer dizer, é claro que eu *gostaria* de ver você de novo.

Por que comecei a pensar na cantora Vera Lynn? Como me meti em um buraco tão grande? Como saio dele?

SOPHIE: Mas se não quiser, tudo bem. Só prefiro saber.

Nossa. Parece difícil soar distante e carente ao mesmo tempo, mas acho que consegui. Brilhante.

Quando achei que me desconectar e colocar a culpa em problemas técnicos (e talvez em uma lobotomia parcial) era a melhor maneira de interromper a conversa sem piorar as coisas, ouvi o som da resposta. Certamente não seria uma resposta dizendo se a melhor cor para "estilo de vida" era verde ou lilás, mas mal consegui olhar para a tela.

JAMES: É claro que quero ver você. Por que pensou que não?

JAMES: Só achei que, como nessas últimas vezes você pareceu estar estressada, ficar em cima que nem um Dom fanático não seria a melhor atitude.

JAMES: Posso entender isso como uma indicação de que está livre e quer se divertir em breve?

Ah. O pior dia de trabalho passou a não me incomodar tanto, e me peguei sorrindo para a tela de um jeito que assustou meu colega de trabalho. Foi a primeira vez em umas duas semanas que abri um sorriso.

E foi assim que acabei passando 24 horas sob o controle de James. Seguindo sua sugestão, peguei uma folga um dia depois do lançamento do grande projeto. Mandamos dentro do prazo e sem perder a sanidade. Foi uma ótima ideia porque, depois de um grande lançamento, tudo que você faz é ficar sentada bebendo café e rezando para que o telefone não toque — quando toca, geralmente é alguém dizendo que você fez algo errado, mas não há como consertar. Passar um dia sozinha com ele sem saber exatamente o que ia acontecer, gastando o excesso de energia, era uma ideia relaxante e excelente. Ou pelo menos foi isso que achei até perceber onde tinha me metido — e que "relaxar" não estava mesmo entre os adjetivos que descreveriam aquilo.

Cheguei às 19h30 depois de um chá de cadeira no trânsito. Toda a curiosidade em relação a como ia começar teve fim abruptamente. Eu o segui para dentro do apartamento e me abaixei para dar oi aos gatos. Quando me levantei, passei a pequena mala para a outra mão. Quando viu a mala, veio até mim e a pegou.

— Não vai precisar disso.

Ele me levou para a sala, onde botou a mala no chão, e se jogou no sofá. Fiquei de pé na frente dele me sentindo estranha, sem saber o que fazer. Esticou-se no

sofá sem deixar espaço para mim. Fiquei na dúvida, até que falou e tudo fez sentido.

— Tire a roupa pra mim. Agora.

Olhei para ele, relaxado e sorrindo como em um comercial de sofás, seguro por saber que ia obedecê-lo. Como sempre, o começo foi a parte mais difícil. O ar de arrogância dele, esperando que me movesse, sabendo que eu obedeceria, me fez ranger os dentes enquanto tirava os sapatos e começava a abrir a camisa.

— Espere, pare.

Minhas mãos pararam no terceiro botão. Olhei para ele. Era melhor se decidir logo — queria ou não que me despirse?

— Que foi? — Minha voz soou um pouco aguda até mesmo para mim. Sabia que era de vergonha, mas fiquei com medo de achar que era atrevimento. Abaixei o tom. — Que foi?

Seus olhos brilharam quando falou comigo, gerando uma onda de afeição mesmo quando causava frio na barriga. O frio ficou mais intenso com o que disse depois.

— Nas próximas 24 horas você é minha. Só minha. Tudo que fizer é pra mim. Seus desejos, necessidades, até sua dignidade, não contam. Vai fazer tudo que eu mandar da melhor maneira possível, do jeito que você sabe que vai me dar mais prazer. Fui claro?

Tive de engolir a saliva antes de falar. As consequências imediatas disso começaram a brotar na minha mente e fiquei corada.

— Sim.

— Então, você não acha que tem que ir mais devagar e tirar a roupa de um jeito que sabe que vou gostar?

Achei que não conseguiria falar, então apenas concordei com a cabeça.

— Boa menina. Então vamos lá, tire a roupa pra mim. Não de um jeito funcional, mas sensual. Mostre seu corpo pra mim. Mostre minha propriedade.

Apesar de racionalmente saber que estava me instigando para provocar uma reação, tive de me forçar a não desistir, principalmente com a ideia de ser uma "propriedade". Mas foi o acordo que fizemos, e — na verdade — grande parte de mim queria se render a ele daquela forma para ver no que dava.

Meus dentes estavam trincados e os dedos nervosos quando comecei a brincar com a blusa aberta pela metade. Dei uma olhada no sutiã quando passei as mãos pelo corpo, pelo quadril e pela saia antes de começar a me despir lentamente.

Os cinco minutos seguintes foram uma eternidade. Se não fosse pelo fato de ter ficado tão envergonhada de olhar para James que olhei para a parede, que por acaso tinha um relógio, poderia jurar que durou quase uma hora.

Não tenho problema com meu corpo, mas tenho noção de que está longe de ser perfeito, e não sou o tipo de pessoa que gosta de ficar no centro das atenções. Forçar a me despir daquele jeito me fez sentir ridícula, constrangida, tratada

como um objeto. Todos os instintos me diziam para ir rápido, apesar de saber que devia ir devagar, instigar e provocar da melhor maneira possível.

Quando cheguei na calcinha, um rubor de vergonha tinha nascido em meu peito e no rosto; me escondi atrás do cabelo da melhor maneira que pude. Acho que nunca tinha me sentido tão vulnerável, e a sensação era espinhosa, desagradável. Minha garganta fechou e, inexplicavelmente, estava quase chorando.

Finalmente tirei a calcinha e fiquei de pé na frente dele, pelada física e emocionalmente. Depois de algum tempo, veio até mim.

— Sua postura é mesmo uma atrocidade, sabia?

O rosto dele estava indecifrável quando se inclinou para mim, mão nas minhas costas para empurrar as omoplatas; isso empinou meus seios, e os mamilos encostaram no algodão áspero do pulôver dele.

— Sei que é porque tem vergonha do tamanho dos seus seios — passou um dedo na frente vulnerável do meu peito —, mas realmente não precisa fazer isso, e se curvar não diminui o tamanho. E nem devia escondê-los.

Eu me senti tímida, o que foi ridículo.

— Desculpa.

Discordou e beliscou meu mamilo em sinal de repreensão.

— Estou vendo que vamos ter que arrumar um jeito de você usar as palavras certas comigo.

O quê?

— Nas próximas 24 horas, vai me chamar de senhor. — Olhei desconfiadamente para ele. Chamá-lo daquele jeito não era um limite difícil, mas já havíamos discutido sobre isso e falei que achava ridículo. Seu sorriso e olhos brilhando sugeriram que também se lembrou da conversa. — Só nas próximas 24 horas.

Olhei para ele; não conseguia lhe negar nada.

— Tudo bem.

Beliscou meu mamilo de novo, com mais força.

— Desculpa. Tudo bem. Senhor.

Ele sorriu e minha sensação de enjoo desapareceu, dando lugar a um orgulho tanto chocante quanto caloroso. Saber que tinha lhe agradado fazia com que a estranheza sumisse. Mesmo assim, quanto mais rápido ficasse pelado também, melhor para mim.

Tirou os cabelos do meu rosto; fiquei paradinha esperando o que vinha depois. Beijou meu ombro e foi para atrás de mim.

Ouvi o barulho de algo sendo procurado, uma porta de armário se abrindo e depois um som metálico que me fez virar para ver, mesmo sabendo que não devia. Fiquei de pé, ombros para trás, esperando com nervosismo pelo que aconteceria depois.

Voltou para a minha frente. Não trouxe nada que me fizesse ficar louca. Na verdade, não estava segurando nada.

— Confia em mim?

— Confio. — Minha resposta foi rápida, firme e certa. Realmente confiava.

A última coisa que vi foi o sorriso, e depois colocou uma venda, que estava escondendo em uma das mãos, sobre meus olhos.

— Que bom.

Nunca havia sido vendada antes do sexo — pensando bem, só fui vendada para brincar de gato mia nas festas de aniversário quando era criança. Fiquei surpresa com a sensação de vulnerabilidade.

Apesar de ter deliberadamente evitado o olhar dele durante o striptease, não conseguir ver nada não me fez sentir menos constrangida ou tímida, e sim mais exposta. E, é claro, fazia menos ideia ainda do que ia acontecer.

Esperei.

O som metálico reapareceu. Ele estava atrás de mim, pegou meus punhos e os algemou com alguma coisa gelada e resistente. Meus tornozelos foram presos com alguma coisa ainda mais apertada, alguma coisa de pano, que dava um pequeno espaço para me mover, mas não muito.

Eu o senti se esticando atrás de mim. A voz sussurrada diretamente na minha orelha me fez pular.

— Acho que vamos dar um jeito na sua postura agora, querida. Sei que fica com vergonha de se mostrar pra mim, mas é isso que quero agora. Vou pegar uma taça de vinho e ficar admirando você um pouco enquanto decido o que fazer.

Mordiscou minha orelha e riu quando tremi.

— Tantas possibilidades. Tantas ideias. Simplesmente não sei por onde começar. Fique de joelhos.

Ajoelhar-se com os tornozelos presos e as mãos para trás, o que tira ainda mais o equilíbrio, demora um pouco; fiquei me sentindo meio desajeitada.

Perdi a noção de onde ele estava, nem sabia ao certo se tinha ido à cozinha pegar vinho, e mesmo assim ainda sentia seus olhos sobre mim. Finalmente consegui me ajoelhar. Coloquei os ombros para trás para empinar os seios, me sentei e esperei.

E esperei.

Cada movimento e mudança no local me davam um susto. Era ele? Era um dos gatos? Se fosse, como ia espantá-lo?

De repente, as mãos de James tocaram meus cabelos e a voz soou no meu ouvido de novo, dando um susto.

— Abra as pernas pra mim. Quero ver você.

Eu me movi em cima do tapete, abrindo as pernas um pouco.

O som de reprovação — agora na minha frente — me assustou, e senti seus pés

empurrando meus joelhos, o que fez com que me abrisse mais, de um jeito obscuro.

— Melhor. Quero ver o quanto fica excitada por ser tratada assim, mesmo que involuntariamente, mesmo que não tenha tocado você ainda. Está corada — mas não sei se é de vergonha... se bem que pode ser. Está excitada. Seus mamilos parecem querer meu toque ou meus dentes. E o resto do seu corpo está reluzente.

Fiquei grata por estar vendada porque sabia, apesar — ou talvez em consequência — do meu desconforto, que estava certo. Era possível sentir a umidade entre minhas pernas.

Ele me arreganhou ainda mais com o pé e me perguntei por que não estava sentindo a fúria que geralmente sentiria. As amarras, a venda, alguma coisa tinha mudado na dinâmica, e isso era surreal. Uma hiper-realidade. Alguma coisa.

— Sua secreção está no meu sapato. Safada. Eu devia mandar você lamber isso. Seria justo, não seria?

OK, a fúria voltou. Não discuti, mas o tom da minha voz foi mais rebelde do que gostaria que fosse.

— O que você quiser, senhor.

Riu.

— Boa resposta. E gosto mesmo da ideia da sua língua no meu sapato lambendo a prova da sua excitação. Mas agora estou gostando mais de olhar pro meio das suas pernas.

Fechei os olhos, mesmo vendados. Ouvi um gole — presumo que fosse o vinho.

Ele me falou que esteve pensando em como seria me testar. Como toda a troca de mensagens, o jantar relativamente tranquilo, o jogo inicial, tudo levava àquele momento. Como eu não sabia o que viria, não fazia ideia de onde tinha me metido, que era dele agora. E apesar de saber que ele estava no controle e que podia confiar nele, senti um pouco de medo. Não podia me mover, não podia ver. Quis estar sem a venda, quis olhar em seus olhos por um instante e encontrar conforto neles. Daquele jeito, me senti um pouco em pânico, e no entanto mais excitada pela sensação de impotência.

Fiquei em silêncio, lábios unidos para evitar o tremor, esperando para ver o que ia acontecer. Senti seu olhar sobre mim — acho eu —, e cada momento me fez me encolher um pouco na espera de um toque, de alguma coisa.

Ouvi outro gole e minha garganta ficou seca. Engoli a saliva.

— Está com sede? — A pergunta vinha da direção do sofá. — Quer beber alguma coisa?

Fiz que sim e pensei melhor.

— Sim, por favor. — Não respondeu. Depois de alguns segundos, entendi por quê. Droga. — Senhor.

Senti James se inclinando na minha direção.

— Boa menina. Estou tentado a encher uma tigela com água e ver se consigo

fazer você beber que nem um animal. — Acho que era possível ficar sem beber por enquanto. Alguma coisa no meu comportamento deve ter mostrado que fiquei infeliz com essa sugestão. Riu da minha reação. — Mas vou ser bonzinho desta vez.

Colocou um copo nos meus lábios. Encostei meio sem jeito. Que bebida seria? Virou o copo, e tive de engolir rápido para evitar que caísse no meu peito.

Era água com gás com gelo e limão, uma delícia. Virou o copo mais rápido e tive de beber logo para evitar que me molhasse toda. Senti raiva por estar demonstrando seu poder sobre mim até nas coisas mais simples.

Voltou ao sofá e ouvi o barulho crocante de comida. Aquela posição e o fato de eu ter virado um tipo de show às escuras enquanto ele lanchava me deixaram furiosa. Ainda bem que tinha a venda para me esconder.

— Está tudo bem aí, querida? Quer falar alguma coisa?

Então estava escondendo bem. Sabia que estava tentando me irritar. Você pode até achar que ter consciência disso me ajudava a manter uma calma zen, mas não ajudava.

— Não, obrigada. Estou bem.

Ele alisou meu cabelo.

— Se você está dizendo. Detestaria sentir que você não está falando o que pensa.

Sabia que falar o que estava pensando causaria vários problemas, então balancei a cabeça e pressionei os lábios para me conter.

— Está com fome? É esse o problema? Quer que alimente você?

Pensei na ameaça de beber água em uma tigela. Não queria comer de maneira similar; definitivamente, era muito rebaixamento. Abri minha boca para dizer não, mas seus dedos estavam em meus lábios, colocando alguma coisa lá dentro. Um cubo de um tipo de gelo. Mastiguei devagar, curtindo. Engoli e os dedos voltaram, dessa vez com uma azeitona. Oleosa, doce. Engoli e os dedos voltaram à minha boca, vazios dessa vez. Sem nem pensar, chupei os dedos e os lambi para ficarem limpos. Não queria ser humilhada ou tratada como um animal, mas de repente me senti como um dos gatos.

Tirou os dedos e voltou a fazer pressão na minha boca, mas dessa vez foi com o pênis. Abri a boca para recebê-lo, sedenta, chupando com prazer, até que segurou meus cabelos e me colocou em uma posição melhor para foder minha boca. Movi os braços rapidamente. O pânico de começar a me engasgar me fez esquecer que não podia mexer as mãos para nada. Comecei a fungar desesperadamente tentando respirar, inclinando a cabeça para me afastar só um pouquinho. Senti a grossura aumentar na boca enquanto lutava, o que piorou as coisas. Tentei fazer sinal para indicar que estava demais, que precisava me dar um segundo. Só que não conseguia fazer gestos nem falar, e apesar da venda estar molhada com minhas lágrimas, acho que não percebeu. Ou na verdade se

importou.

Quando gozou na minha boca, engoli da melhor maneira que pude, mas quando saiu respirei forte para recuperar o fôlego. Senti alguma coisa — o esperma dele ou minha saliva — escorrendo pelo queixo. Que elegância.

Puxou meus cabelos e me arrastei meio que cambaleando no chão da melhor forma que pude, toda amarrada. Fomos em direção ao sofá para que pudesse fazer carinho em meus cabelos ao se sentar. Fiquei um pouco mais calma. Os batimentos cardíacos ficaram mais lentos, mas ainda me sentia bem e realmente em desvantagem.

Não sei por quanto tempo ficamos lá sentados, mas foi o suficiente para nossa respiração ficar mais branda. O cafuné era quase hipnotizante, e fiquei tranquila enquanto descansávamos em silêncio. Até que ele falou de novo.

— Ainda temos que dar um jeito na sua postura. E na sua maneira de se dirigir a mim. Não é?

Droga. De onde vem isso? Quantas vezes usei "senhor" para falar com ele na última hora? E a postura estava tão curva assim? Eu me estiquei. Seria tarde demais? Possivelmente, mas tentar não custa nada, certo?

Beliscou meu mamilo, o que me tirou do pânico.

— Não é?

— É.

— É?

Ai, que saco.

— É, senhor.

Ele me levantou e liberou minhas mãos. Eu me alonguei um pouco e me senti mais feliz e mais no controle — por meio segundo, até amarrar minhas mãos de novo na frente do corpo.

— Abaixei o tronco.

Meu coração já estava disparado porque aquela postura era a que James mais gostava para me punir.

Merda.

A voz estava no meu ouvido. Era dura, mas provavelmente teria sido menos intimidadora se pudesse vê-lo. Senti uma descarga de medo puro.

— Não vou falar de novo. Incline o tronco.

Tremi ao tomar a posição, mas não pensei em desobedecer. Era um progresso ou estupidez? Não tinha certeza. Começou a me bater; não com o chicote, com outra coisa. Alguma coisa maior, com mais pegada e que machucava tanto que o ar saía dos meus pulmões a cada pancada em tempo sincronizado com o som do objeto cortando o ar e atingindo minha bunda.

Acertava uma nádega e depois a outra. Não havia ritmo, nada para contar, nenhuma indicação de quanto tempo levaria. Não faço ideia de quantas vezes me atingiu, só sei que doeu. Doeu muito. Cada pancada doía e a sensação deixada

pelos golpes era como uma agonia em chamas, camada e mais camada de dor conforme continuava. A punição de Charlotte ficou leve em comparação, e não saber quanto ia durar fez com que fosse impossível de aguentar.

Finalmente parou. Apertou minha bunda, o que me fez sugar ar pelos dentes.

— Vai lembrar agora?

Minha resposta foi confusa, desesperada, rápida.

— Vou. Vou. Com certeza.

Rápida e idiota. Eu me dei conta do erro e ele se afastou de novo.

— Desculpa. Senhor. Vou, senhor.

Recomeçou. As pancadas foram mais rápidas do que meu tempo de processamento. Do que podia aguentar. Cada uma fazia um corte na bunda, deixando uma linha de agonia. Com certeza estava sangrando, não dava para imaginar aquela quantidade de dor sem que tirasse sangue.

Eu queria parar, mas não queria decepcioná-lo. Não queria usar a palavra de segurança. Dava para aguentar. Não só por causa de um orgulho teimoso, mas porque era a coisa mais desafiadora que já tínhamos feito. Não queria fracassar. Mas doía muito; não sabia quanto tempo ia durar e simplesmente não dava. Depois do estresse e das dificuldades das últimas semanas de trabalho, da humilhação e da vergonha de fazer um striptease mais cedo, da privação sensorial que me impedia até de olhar para ele para me sentir mais segura, aquilo foi exagerado.

Comecei a chorar, soluços arrogantes e guturais. Era um som alienígena, chocante até mesmo para mim. Soei violada, desesperada, machucada. Bateu mais duas vezes, e depois ouvi um som da coisa que estava usando para me bater caindo no chão. Tinha parado. Mas eu não conseguia. Chorei enquanto desamarrou meus punhos e tornozelos, tirou a venda dos meus olhos, pegou um lençol em algum canto, sei lá de onde. Chorei quando me levou para o sofá em que havia se sentado; deu um tapinha na própria perna e me incentivou a me deitar ao seu lado com a cabeça no colo. Chorei quando cobriu meu corpo nu com carinho e cuidado para não tocar na bunda. Chorei até minha garganta arranhar, até os soluços virarem fungadas e depois soluços esparsos. Chorei até sentir que não conseguia mais. Eram lágrimas catárticas liberando uma tensão que nem eu sabia que estava carregando. Senti como se tivesse sido destruída e reconstruída. Não eram lágrimas de aborrecimento, mas não conseguia controlá-las. Chorei, e ele apenas fez cafuné e esperou.

E depois dormi.

Acordei em uma poça da minha própria saliva. Na perna dele. Que elegância. Deve ter achado que eu era completamente louca, dado o contexto geral. Tudo que aconteceu antes veio à minha mente em um segundo, e fiquei horrorizada.

Não me lembrava da última vez que tinha feito tamanho papelão e me senti idiota, e constrangida e chorosa e enjoada. Queria colocar minhas roupas e fugir e nunca mais olhar para ele, mas isso envolveria me mover e falar e ter de olhar para ele. Sendo assim, fiquei deitada bem quieta sob a luz trêmula da TV, que deve ter sido ligada em algum momento enquanto eu dormia. Tentei adivinhar o horário e pensar no que fazer.

— Acordou?

O tom era solícito; não havia risada nem preocupação com o fato de ter convidado uma louca para dentro de casa. Nem com o fato de a louca ter se sacolejado de um jeito nada sedutor. Ter quase morrido engasgada com um pênis. Ter surtado em um ataque de pânico e caído no sono em um tsunami de baba.

A vontade de fingir estar dormindo era forte, mas achei que ele já sabia, pois perguntou dez segundos depois de eu acordar. Devo ter roncado, como se não bastasse o resto. Meu Deus, não tinha como me encontrar com aquele homem de novo.

Falei com a voz calma.

— Não.

As vibrações da risada dele me fizeram chacoalhar de leve em sua perna.

Fez carinho nos meus cabelos e me senti agraciada pela conexão.

— "Não, senhor". Tem certeza?

Merda. Eu me sentei. Queria deixar tudo claro antes que começasse de novo. Na pressa, consegui bater o pé na bunda e doeu tanto que choraminguei. Comecei a me desculpar dizendo "senhor" a cada palavra, desesperada, tonta, horrorizada, olhando para ele com olhos de súplica, buscando alguma segurança. Ele me calou com um dedo sobre minha boca. Estava sorridente, terno.

— Shhhhh. Tudo bem. Está tudo bem. Acabou por enquanto. E você se saiu muito bem. Muito bem mesmo.

Ele me beijou e mexeu o cobertor para que se ajustasse melhor a nós dois.

Acho que foi nesse momento que comecei a me apaixonar por ele.

Daquele ponto em diante, James e eu entramos nos primeiros sinais típicos de um quase relacionamento. Em um acordo não verbal, não definimos a relação. Talvez porque subconscientemente sentíssemos que, se fizéssemos isso, a mágica se dissiparia como uma bruma matinal. No entanto, nos divertimos muito. Nós nos falávamos todos os dias por telefone ou e-mail, e mandávamos mensagens em momentos inusitados quando as outras formas pareciam insuficientes. Vimos inúmeros filmes, andamos à beira do rio, passamos horas conversando, tomando vinho e comendo queijo em um bar subterrâneo de vinhos, e no geral fizemos os tipos de coisas que descrevem bem um relacionamento em ascensão. Exceto pelas partes em que íamos para a casa de um ou do outro e transávamos, chupávamos, mordíamos e nos divertíamos até os dois ficarem exaustos, até eu ficar marcada e chorando.

Não me entenda mal, não vivíamos grudados. Visitei Ella e Thomas, dei um pulo em casa para o fim de semana do aniversário do meu pai, e tive uns dois plantões que envolveram sábados e domingos no escritório. No entanto, por mais que dissesse ao meu subconsciente que aquilo ainda não contava como um novo relacionamento, pensava em James que nem uma adolescente apaixonadinha. A ponto de meu primeiro instinto quando queria falar sobre meu dia, ou compartilhar alguma coisa boa, ser ligar para ele ou mandar mensagem. Ficamos quase permanentemente conectados durante seis semanas. Nossos contatos tinham apenas alguns minutos de intervalo, sempre. Mas tive de viajar a trabalho.

Imediatamente após o lançamento de *The Big Project* (que miraculosamente não virou catástrofe), me pediram para passar uma semana visitando outra parte da empresa para a qual trabalho, em outra parte do país, para ajudá-los a lançar algo similar. Bem no estilo jornalismo, seriam dias longos e noites intermináveis, o que significava que não ia falar com James na mesma frequência que vinha falando naquela semana. Senti saudades dele. Não era tanto pela putaria, se bem que meus dias eram tão cheios que a falta dele me deixava melancólica quando me deitava na cama à noite e finalmente podia soltar a imaginação. Mas a vida estava tão ocupada que não conseguimos nos falar. Não havia tempo para

escrever minha fantasia explícita do que faríamos na primeira noite depois do meu retorno. Prometi mandar isso por e-mail enquanto estivesse fora. Sendo sincera, depois de passar dez horas em cima do laptop em uma mesa quente, simplesmente não estava no clima para nada sexy quando voltava para o hotel — sempre depois de algumas taças de vinho, de histórias e fofocas sobre amigos e conhecidos do mundo incestuoso do jornalismo. E no final da minha estadia, já estava bem perto de reencontrá-lo, então poderíamos nos falar pessoalmente. Ainda mais porque perguntou cerca de duas vezes por telefone e por mensagem, mas depois disso não mencionou mais nada.

Ele ligou não muito depois de eu chegar do pub. Tinha acabado de sair do banho e estava encolhida na cama com o *Newsnight* baixinho na TV quando seu nome apareceu no telefone. Atendi com um sorriso na voz, que morreu lentamente quando ouvi seu tom. Respondeu às minhas perguntas sobre seu dia, contou sobre as fugidas dos gatos e perguntou educadamente sobre o lançamento. Mas foi brusco de uma forma que me deixou ligeiramente tensa.

Logo descobri o porquê.

Nossos silêncios geralmente eram tranquilos, mas quando o nada na linha ecoou em meus ouvidos e esperei que falasse alguma coisa, não consegui pensar no que dizer. A julgar pelo fato de que tinha ligado, era óbvio que queria falar sobre alguma coisa específica, mas esperar até que começasse era doloroso. Nos longos segundos de espera, fiquei enjoada com a convicção de que havia se tornado uma parte importante da minha vida em tão pouco tempo. Comecei a me perguntar se conseguiria lidar com a tristeza de perder esse relacionamento indefinido, caso estivesse caminhando para um fim. Se bem que... como poderia terminar comigo? Nem havíamos decidido direito o que estava acontecendo.

Finalmente falou.

— Tem alguma coisa que queira me dizer?

Minha mente congelou por um segundo e de repente me senti culpada. Eu sei, é ridículo. Não me lembrava de ter feito nada errado, mas ainda assim fiquei preocupada. O que esperava que eu dissesse? O que fiz? Eu era uma das pessoas mais entediantes que conhecia — o maior segredo que tinha era o aspecto D/s de minha vida, e ele sabia de tudo a esse respeito. Meu coração disparou, mas não fazia ideia do que devia dizer. Reconhecer minha ignorância me fez sentir completamente fraca — e não do jeito que geralmente faria meu pulso acelerar.

— Alô? — Não achei que a voz dele soaria mais irritada, mas soou.

Respirei fundo e tentei falar. Não tinha nada em mente. Soltei a respiração e tentei pelo menos soar calma.

— Tipo o quê? Tá tudo bem?

Alguns segundos se passaram.

— Você acha que está tudo bem, Sophie?

Merda. O que quis dizer com "tudo"? O mundo? Nossa relação, que não era um

relacionamento? Precisava de pistas, alguma coisa menos vaga.

— Acho que sim. Por quê? Você não? Aconteceu alguma coisa?

A resposta foi rápida.

— Não, Sophie, não aconteceu nada, o problema é exatamente esse.

Prefiro acreditar que, em um dia normal, quando minha cabeça não estivesse nebulosa por causa do vinho e da preocupação por ter usado meu nome duas vezes seguidas — já tinha aprendido que isso era sinal de problema à vista com James —, teria adivinhado logo. É claro que não era o caso, e isso me traria problemas.

— O que está querendo dizer?

— O que acha que estou querendo dizer, Sophie?

Três Sophies.

Era sério. E eu ainda não estava entendendo.

Tentei abafar o som da frustração, sabia que só pioraria a situação, mas o momento era delicado. Soltei as palavras — esse tipo de impotência me dá vontade de chutar tudo.

— Não sei, é por isso que estou perguntando.

Suspirou. Senti uma dor por chateá-lo, apesar de estar me chateando tanto que teria sido melhor não atender e dizer depois que estava dormindo.

— O que você tinha que ter feito esta semana, Sophie?

Ah. Droga. Ele não tinha esquecido. É claro que não.

— O e-mail, claro, o e-mail. Desculpa não ter escrito, é que o trabalho tem estado insano e a conexão no hotel é uma droga. Não tenho me sentindo sensual e fico tão cansada toda noite... — Parei de falar. Minha voz soou chorosa até mesmo para mim.

A voz dele foi tão baixa que tive de tapar a outra orelha para escutá-lo.

— Pedi que você fizesse uma coisa, Sophie. Você fez?

Senti um bolo na garganta e uma dor no coração. Quis com toda a força do mundo ter uma resposta diferente. E aquilo não era uma brincadeira, não era divertido. Era eu me sentindo mal por tê-lo decepcionado, por — talvez — tê-lo machucado sem querer, por não ter feito uma coisa para provar que estava pensando nele enquanto estava longe, e por não ter obedecido como deveria. Era estranho. De certa maneira, achei que era um sentimento irracional, mas definitivamente era profundo.

Falei com calma.

— Não, não fiz. Perdão.

Não ouvi nenhum barulho na linha, só o ruído do silêncio que fez com que a sensação de culpa e de tê-lo decepcionado pesassem sobre mim.

— Coloquei uma coisa no bolso de fora da sua mala. Vá pegar.

Não sei o que estava esperando ver quando abrisse o saco de papel. Meu nervoso passou quando puxei quatro pares de hashis, os pauzinhos de madeira que

dão nos restaurantes de comida oriental.

— E aí, encontrou o quê?

Não consegui esconder a surpresa.

— Hashis. Tem tanto que dá pra fazer uma festa.

Riu e, por um segundo, voltou a ser meu James. Apesar de estar puto, fiquei menos preocupada. Voltou ao tom determinado logo em seguida.

— Você vai precisar de três pares e dos elásticos.

Elásticos? Eu os catei no fundo da bolsa. Mmmmm.

— Prenda um elástico nas pontas de cada um dos três pares. Com força. — Comecei a obedecer sem ter certeza de aonde aquilo ia parar, tentando consertar a situação.

— E quando terminar, tire a roupa.

Opa.

O tom de sua voz era razoável. Sem raiva, sem a irritação de antes. Estava resoluto e calmo. O que estava prestes a acontecer era inevitável. Se ia lhe dar prazer, não sei, mas aquilo era uma formalidade, tinha de ser feito, como uma aula. Soube disso antes que dissesse; ouvi a explicação de como em breve eu ia me punir.

Para ser honesta, não sabia se daria certo porque sou muito fraca para infringir dor em mim mesma. Não faço minhas sobrelhas porque dói muito. Mesmo assim, por outro lado, seria tão difícil? Qualquer coisa que eu causasse em mim seria bem menos forte do que se fosse James, caso estivesse lá. Certo? É claro que o subestimei. Quando explicou como eu ia prender meus mamilos nesses grampos improvisados, percebi que não era tão simples quanto imaginei. Ele me mandou colocar o primeiro.

Um segundo antes de os elásticos que seguravam os hashis se acomodarem na pressão, achei que ficaria tudo bem. Mais uma prova, se é que preciso, de que sou uma imbecil. Doe. Muito. Respirei fundo, tentando processar a dor por meio da respiração, controlando a sensação. Esperei desesperadamente para que virasse uma dor boba à medida que meu mamilo ficasse dormente, em vez de pegando fogo, como naquele momento. Quando isso aconteceu, eu estava ofegante e tentando não chorar.

Finalmente me julguei capaz de falar.

— Coloquei.

— Sério? Interessante. Não sabia que você fazia telepatia. Porra, você sabe ler mentes, Sophie?

— O quê? — Realmente não conseguia me concentrar no que estava falando por causa da dor no mamilo.

— Você perguntou em que direção quero que coloque o grampo?

Ai, que droga.

— Não, não perguntei.

— Menina boba. Colocou como?

Já estava percebendo aonde queria chegar e senti medo e raiva. Respondi com revolta por saber que qualquer posição estaria errada.

— Está horizontal na frente do peito.

Fez um som alto de reprovação. Ainda bem que não estávamos no mesmo lugar, pois sabia que não conseguiria evitar um olhar raivoso para ele, o que me causaria ainda mais problemas.

— Coitada. Se tivesse perguntado antes. Quero na diagonal, em direção aos ombros. Gire os palitos. Agora.

Aquela voz interna que sempre fica tecendo comentários durante a submissão perguntou por que estava concordando com aquela agonia, se James estava tão longe e não podia me ver. Mas o resto de mim queria agradá-lo, consertar meus erros, ser forte, deixá-lo orgulhoso. E era exatamente o que ia fazer assim que minhas mãos parassem de tremer.

Tive de abrir os hashis rapidamente para girar o grampo. Soltar o mamilo emitiu uma onda de agonia. Não contive um choro, nem mesmo depois de colocá-los no lugar.

Murmurou em sinal de aprovação.

— Boa menina. Agora coloque o outro.

— Em qual direção você quer? — Retruquei na hora, não me contive.

Ainda bem que riu, ignorando meu tom.

— Boa pergunta. Simétrico ao primeiro. Faça direitinho e não vai ter que mexer mais.

Peguei o outro par de hashis e os abri, me preparando para a dor.

Fiquei na cama, pelada e sem me mover, por uns dez minutos antes que ele falasse de novo. Depois de ter colocado o segundo par e o terceiro, só consegui ficar sem me mover, segurando o telefone, ouvindo sua respiração calma a quilômetros de distância. Minha respiração, por outro lado, estava ofegante. Não gritei de novo; estava concentrada em lidar com a dor observando os grampos subindo e descendo com a respiração.

Colocar os hashis no segundo mamilo causou mais tremor do que no primeiro porque sabia o quanto ia doer. Meus mamilos estavam tensos, vermelhos, doendo com uma dor pulsante que vinha em ondas latejantes. Quanto ao meu clitóris, o pobre receptor do terceiro e último grampo, estava inchado, ferido e dolorido, preso com firmeza no meio das minhas pernas abertas.

Fiquei deitada tentando não me mover, não fazer nada que exacerbasse a dor percorrendo o corpo. Aguentei sabendo que, de um jeito estranho que talvez só fizesse sentido para nós, devia isso a ele. Tentei me manter firme, determinada a não decepcioná-lo de novo. Quase deixei o telefone cair quando ele disse:

— OK, acho que agora podemos começar a punição, você não acha, Sophie? Começar? Socorro.

Sua voz era encantadora, razoável. Não parecia estar com raiva, foi apenas direto quando disse que sabia que eu não conseguiria escrever meu dever de casa, que para alguém cuja carreira dependia tanto de prazos eu protelava muito, deixando as coisas para em cima da hora ou perdendo o controle por completo. Disse que colocou os hashis no bolso da minha mala na última noite em que nos vimos na esperança de não precisar usá-los. Que me perguntou como ia o processo de escrever na esperança de que tivesse feito alguma coisa. Que se decepcionou cada vez mais comigo à medida que ficou claro que eu não só não tinha me dado ao trabalho de escrever, mas ainda estava desconversando quando fazia perguntas sobre isso. Que isso mostrava falta de respeito.

Deitada, corpo doendo, fiquei ouvindo com atenção, cheia de remorso por tê-lo decepcionado, esperando pelo momento de me desculpar. Só que me perguntou o quanto eu estava molhada. Não soube o que responder. Mesmo com a dor no clitóris — ainda bem que a dor nos mamilos ficou mais fraca com o passar do tempo —, eu sabia que estava molhada. Mas, afinal de contas, aquilo era uma punição. Era melhor admitir? Ou isso pioraria as coisas? Enquanto meu cérebro confundido pela dor debatia — seria pior mentir ou admitir a verdade? —, James riu.

— Tudo bem, querida. Sei que está. Você não consegue controlar isso, consegue?

Fiz um som de discordância no fundo da garganta mas depois, sinceramente, pensei melhor.

— Coloque um dedo entre as pernas. Cubra o clitóris com a sua secreção. Consegue fazer isso?

Eu me movi de um jeito inseguro, com medo de bater em um dos grampos nos seios. Enfiei um dedo em mim e comecei a massagear o clitóris de leve dentro da prisão dos hashis. Doe. Apesar disso, comecei a gostar da sensação deliciosa que se misturou à dor. Mas quando minha respiração mudou, delatando minha sensação, James me mandou parar. Contive o som da frustração — achei que seria mais seguro naquelas circunstâncias, e acabou que estava certa.

— Por que estou punindo você?

— Por não mandar o e-mail que prometi. Estou muito arrependida.

— E vai ficar mesmo, isso eu prometo. Mas não é só isso. Que mais?

Merda. O que mais? O que mais eu tinha feito? Realmente não consegui pensar em nada, mas se dissesse isso e estivesse errada...

Enquanto pensava desesperadamente sobre o que se referia, James soltou uma exclamação de reprovação em meu ouvido.

— Você nem lembra, né? — Meu coração começou a quicar. — Não só não fez o que pedi — o pequeno detalhe no meio de todas as coisas que você tem feito esta semana —, como me disse que estava fazendo nas três vezes que perguntei. Em uma das vezes, você mandou uma mensagem dando a língua pra

mim... — fez voz de quem nem acredita que eu ousaria fazer tal coisa — ... só porque sugeri que você não faria o que pedi.

Meu Deus. Comecei a pedir desculpas de novo, mas me interrompeu.

— Não quero que fale até eu mandar. Sinceramente, não confio em nada que sai da sua boca. E isso me leva à punição.

Leva à punição? Se tivesse fôlego teria perguntado o que a cena toda até aquele momento tinha sido. Hoje sei que foi melhor não ter perguntado.

— Tire o grampo do clitóris. Agora.

Fiquei aliviada com a ordem. Ainda bem que o que viria depois não envolveria a dor latejante no clitóris também. Minhas mãos foram afobadas e, apesar da exclamação quando tirei o grampo, fiquei em silêncio enquanto o sangue voltava ao meu pobre clitóris torturado. Eu me retorci na cama com o aumento da dor.

A mudança na minha respiração foi notada.

— Boa menina. — Senti carinho no elogio, mesmo no meio da punição, o que me fez cair em uma sensação falsa de segurança. — Agora pegue o grampo e o coloque em volta da língua.

A segurança se esvaiu que nem neblina e não consegui ficar em silêncio.

— O quê?

— Você ouviu. Sua língua sarcástica colocou você nesta confusão e vai ter seu castigo. Coloque a língua para fora e prenda o grampo. O mais fundo que puder. Agora. Prenda pra mim.

Minhas mãos tremiam. Fiquei furiosa. Constrangida. Culpada. Envergonhada. Fiquei me perguntando por que estava deixando que fizesse aquilo. Mas sabia que ia obedecer, que seria minha penitência. Não saber o quanto doeria me deixou com medo, mas devia isso a ele e só torci para ser capaz. Sim, eu ficaria com cara de idiota, mas ninguém veria. E James não conseguiria me escutar. Tudo bem. Eu era capaz. Era sim.

Conseguí.

A primeira coisa que senti quando o grampo improvisado tocou minha língua foi o gosto da minha secreção. Um segundo depois, a sensação de dor veio. Chorei, e sinceramente não conseguiria dizer qual das suas sensações era a mais irritante — bem, na verdade não conseguiria dizer nada. Tentei mexer nos hashis na língua para que ficassem mais confortáveis entre meus dentes, como a cela de um cavalo inquieto.

— Colocou?

Eu, muito idiota, assenti com a cabeça antes de murmurar um sim.

— Aposto que está sentindo seu gosto, não está?

Sei que queria uma resposta, mas meu segundo murmúrio foi mais baixo e, se é que isso é possível, cheio de vergonha.

Riu.

— Vamos lá, Sophie. Você sabe as regras. Responda direito.

Que ódio. Fechei os lábios sobre o grampo da melhor maneira possível, considerando que minha língua estava toda para fora.

— Você consegue falar com um grampo desses, Sophie, e vai falar. Tenho a noite toda e você só está piorando sua situação.

Fiquei em silêncio.

— OK. Dê um tapa no meio das suas pernas. Três vezes. Com força suficiente pra que eu consiga ouvir. Se não ouvir, vou mandar fazer de novo até que eu escute.

Não pensei em desobedecê-lo, mas o pânico estava aumentando. Os comandos só pioravam e isso me dava medo.

Meus punhos fechavam e abriam acima da cabeça enquanto reunia coragem para dar o primeiro golpe. Dei o tapa com mais força do que pretendia, atingindo o clitóris. Mordi a língua acidentalmente ao tentar suprimir um gemido. O segundo tapa foi OK — se é que a tortura cruel de si pode ser chamada assim —, mas o terceiro foi insuportável porque bati no grampo no mamilo esquerdo quando abaixei a mão. Não consegui conter os berros e ouvi a reprovação dele no telefone. Esses sons estavam começando a me irritar seriamente, mesmo quando lutava para obedecê-lo.

— Você está sendo rude esta noite, Sophie, e desobediente também. Você sabe que deve me agradecer a cada pancada que dou.

Não conseguia falar. Não ousaria. Disse uma coisa que me encheu de um terror que não consegui dominar.

— Podemos ficar assim a noite toda. Agora você vai se bater seis vezes. E se não contar as vezes e me agradecer por cada uma vou dobrar o número, e dobrar de novo, e vamos continuar até que me dê o que quero. Então a escolha é sua. Posso ficar aqui a noite toda ouvindo seu desespero; é até bem divertido. Mas você vai ser punida de um jeito ou de outro. E vai falar comigo.

Senti ódio por ele naquele momento. Aquilo não era submissão para desafiar, ou para excitar a mim ou a ele. Estava me tirando da zona de conforto para nosso prazer mútuo. Mas estava me humilhando e me diminuindo de uma forma inédita. Realmente senti ódio, mas vinha misturado com uma vergonha aguda e um sentimento genuíno de culpa. Abri a boca para falar, tentei formar palavras com a língua imóvel, tentei engolir um pouco da saliva se acumulando nos cantos da boca. Era como estar à beira de um precipício. Sabia o que ele queria. Sabia que a escolha era minha. Sabia que não queria fazer aquilo, que meus instintos berravam para que não fizesse, para que desligasse. Mas queria compensar, queria lhe dar prazer. Queria ganhar pontos em vez de fracassar com ele, comigo. A escolha foi minha. Por outro lado, isso deixava a submissão mais humilhante, mais aguda, mais tensa. A escolha era minha e escolhi aceitar o castigo, ser avacalhada daquela maneira. James sabia que aceitaria apesar de odiar cada segundo.

Bati em mim. Com tanta força que fiquei sem ar. E de um jeito artificial, voz cheia de lágrimas, consegui dizer:

— Um. Obrigada.

Na verdade, não foi isso que eu disse. Foi alguma coisa ridícula. Som chiado e ininteligível, a não ser pelo fato de que tinha o número certo de sílabas. Ou devia ter. Senti uma onda de vergonha e humilhação e, na tentativa de ignorá-la, bati de novo. Ouvir minha voz uma segunda vez foi pior do que a primeira, não sei bem explicar por quê. Minha fala ainda estava estranha e, quando ouvi aquela voz ridícula, comecei a chorar, o que dificultou ainda mais a compreensão. Continuei batendo e contando e agradecendo (não sei se a gratidão foi convincente), e quando cheguei no sexto tapa estava soluçando de tanto chorar, torcendo para que aquela indignidade inusitada acabasse logo.

Punições são engraçadas. Muito da dinâmica D/s gira em torno da dor — causá-la, aguentá-la. Receber uma surra de mão ou de vara por alguma razão espúria da prática é divertido, me excita, mas aquilo era diferente. Fiquei tão mal por tê-lo decepcionado, tão triste por ter previsto isso a ponto de ter colocado implementos de punição na minha mala. De repente, deitada em uma cama de hotel longe de casa com mamilos doloridos e língua inchada, sendo obrigada a fazer coisas aviltantes e horripilantes, me senti péssima e só. E sim, sei que é isso que a punição deve causar. Só não estava esperando que seis pauzinhos e alguns elásticos fizessem isso tão bem.

Depois de algum tempo, consegui controlar o choro e tentei limpar as lágrimas sem bater em nenhum dos hashis. Meu choro virou pequenas fungadas e James falou.

— Você entende por que puni você dessa maneira?

Engoli a saliva com os hashis no meio e chiei um "sim". Fechei os olhos quando ouvi o som ridículo.

— Puni você dessa forma porque é uma menininha boba e é assim que menininhas bobas são punidas.

Se estivesse no meu estado normal de atrevimento teria dito alguma coisa, ou pelo menos revirado os olhos pelo uso da palavra "menininha". Naquele contexto, fiquei deitada em silêncio vergonhoso, tentando não babar, língua inchada doendo desesperadamente na boca.

— Você é uma menininha boba, não é?

Ah, não, pensei, por favor, não faça isso. Ser chamada de boa menina era difícil, e até causava uma alegria preocupante, mas isso... senti meus lábios tensos em volta do grampo em minha língua estendida em um sinal silencioso de rebelião.

— Bata de novo.

Mesmo formando pensamentos de raiva, minha mão se moveu diante do comando. Agradei.

— Fale.

Suspirei. Abri a boca. Fechei. Tentei de novo. Os hashis pareciam ter travado nos dentes. Não estavam daquele jeito antes.

A vergonha foi nítida mesmo que as palavras não fossem, graças à língua imobilizada.

— Sou uma menininha boba.

— Meninhas bobas dão a língua e soltam o ar pra ela tremer, não é mesmo?

Gemi em assentimento a tudo que dizia, concordando desesperadamente com qualquer coisa que desse fim àquilo. Doía demais e era muito humilhante.

— Dá pra fazer careta e tremer a língua com o ar agora?

Comecei a tagarelar palavras incompreensíveis a não ser pelo tom chiado do desespero.

— Não, não consigo.

— Tente — chiou ele.

Vamos, Sophie, vai acabar logo. Não dá pra ficar pior do que isso. Com lágrimas escorrendo pelo rosto, tentei. Desesperadamente, repetidamente, soprei o ar para fora respirando de um jeito patético, lábios separados, impossíveis de serem unidos. Estava desesperada pelo fim, para fechar minha mandíbula dolorida.

Depois disso, é claro que piorou.

— Coloque uma das mãos entre as pernas. O que sente?

Fiquei corada. Sabia que ia sentir que, apesar de tudo, estava molhada. O som molhado da palma da mão enquanto batia em mim já tinha mostrado isso, mesmo sem que meus dedos ficassem reluzentes.

— Está muito tímida pra dizer? Coloque o dedo nessa sua língua esticada. Prove o seu gosto. Conte pra mim.

Levei a mão à boca dolorida e transferei o gosto da traição do meu corpo para minha língua latejante. Contra minha vontade, falei o que ele já sabia.

— Estou molhada.

— O quê?

Naquele segundo, detestei James mesmo querendo obedecê-lo. Queria superá-lo com minha submissão. Na minha cabeça, aquilo era uma competição e só conseguiria vencer se não desistisse naquele momento. Louca? Provavelmente. Boto a culpa na falta de sangue na língua. Contra minha vontade, repeti as palavras.

— Estou molhada.

— Boa menina.

Meu nojo se dissipou e senti um surto de orgulho antes de um leve pânico ao perceber o quanto estava ficando condicionada.

— Agora faça com que você goze. Quando eu ouvir seu orgasmo, deixo tirar os grampos.

Sinceramente, não sei se gozar com facilidade diante do tratamento dele era

melhor ou pior. De qualquer forma, a dor na língua e as dificuldades de engolir a saliva, além do sentimento profundo de humilhação e remorso, dificultaram minha concentração e não consegui gozar com facilidade. Quando implorei que me deixasse ter o orgasmo com a voz aguda, desesperada e ininteligível, corpo ferido e dolorido, senti como se tivesse me desprovido de tudo. Era totalmente dele, na alegria e na tristeza, e nunca mais cometeria um erro como aquele de novo.

Quando voltei a mim e removi os grampos com cuidado, senti muita dor enquanto o sangue voltava a pulsar na pele. Eu me senti exausta, totalmente exaurida e chateada de um jeito estranho. Queria falar com ele, mas não sabia o que dizer. Senti tanta vergonha — tanto por tê-lo decepcionado quanto por ter feito todas aquelas coisas humilhantes sob seu comando com minhas próprias mãos — que não tinha como afastar o sentimento e conversar normalmente. Senti a língua mais travada do que com a droga do grampo.

Foi solícito de um jeito incongruente, porém reconfortante, perguntando se eu estava bem, se precisava de gelo para minha língua inchada. É ridículo, mas sua doçura fez meus olhos se encherem de lágrimas de novo.

Minha voz estava rouca quando tentei falar, e minha boca, seca depois de forçada a ficar aberta por tanto tempo.

— Vou ficar bem, obrigada. — Sabia que ia, mas também sabia que essa lição ficaria na minha mente por um bom tempo, e que nunca mais veria hashis do mesmo jeito de novo.

— Boa menina.

Engoli a saliva com calma e, com uma melancolia que não conseguia disfarçar, eu disse:

— Não fiz por mal.

Sua voz estava calorosa, reconfortante.

— Eu sei. E se quiser, posso dar outra tarefa pra você compensar.

Antes que terminasse a frase eu já estava concordando, pedindo minha oportunidade de me redimir. Ele me mandou voltar à mala, dessa vez ao bolso da frente. Logo me dei conta de que devia prestar mais atenção ao que tinha ali dentro. Havia uma pequena bolsa de corda, que me mandou abrir. Tirei um pequeno vibrador, um *plug* e um sachê de lubrificante.

Enquanto analisei o conjunto de objetos que coloquei na ponta da cama, meu coração começou a bater forte de novo; não tinha certeza se conseguiria aguentar mais naquela noite depois de tudo que havia acontecido. Ele disse que queria que eu plugasse no meu próprio ânus, enfiasse o vibrador dentro de mim e escrevesse outra tarefa. No entanto, em vez de contar sobre minha fantasia para quando eu voltasse, queria que eu explicasse como me senti durante cada momento humilhante da punição que tinha acabado de aguentar, tudo enquanto estivesse desesperada para gozar. Não podia ter um orgasmo antes de acabar e

mandar o resultado para ele. Tinha de ter no mínimo 2 mil palavras — a não ser que gozasse antes de terminar; nesse caso, teria de escrever mil palavras a mais para cada "acidente". E se não recebesse o e-mail em poucas horas, antes de terminar meu trabalho e voltar para casa para vê-lo, me castigaria de novo pessoalmente. Talvez usasse o grampo da língua, agora que sabia o quanto o detestei. Ficou até animado com a ideia de me ver tentando falar com a língua presa enquanto levava uma surra de vara.

Minha boca ficou seca quando olhei tremendo para o *plug*, que era significativamente mais grosso do que qualquer outra coisa que já tinha colocado no ânus. Minha voz tremeu.

— É quase uma da manhã.

Imaginei o sorriso.

— Eu sei. Melhor eu ir dormir, amanhã começo cedo. E é melhor você começar logo.

Coloquei os objetos em mim e, com o corpo todo dolorido, me sentei à pequena mesa do quarto anônimo de hotel. Escrevi durante horas, desesperada para me explicar, me desculpar, para agradá-lo. A responsabilidade pesou e, finalmente, quando terminei de escrever alguma coisa que me deixou satisfeita, tive apenas algumas horas para dormir antes do último dia de trabalho.

Fiquei bem nervosa na volta para casa. Desde o começo, tive certeza de que não queria um relacionamento no qual os eventos quotidianos da namorada ou do namorado tivessem um toque D/s, no qual, se eu o irritasse por alguma coisa na vida normal, ele retribuiria por meio de dor e humilhação. Não achei que a noite anterior tinha sido isso, mas não tinha certeza; definitivamente estava mais perto do limite do que gostaria. Não respondeu nem indicou que tinha recebido meu e-mail. Foi inevitável achar que de repente eu tinha passado dos limites. Ou ele. Simplesmente não conseguia ver como as coisas voltariam à sua normalidade relativamente tranquila.

Saí do trem, puxei minha mala pelo corredor tentando segurar a bolsa que ficava escorregando do ombro, e dei o bilhete para o homem na saída. Tentei decidir como ia para casa e se devia ligar para James quando chegasse. De repente, lá estava ele, sorrindo na minha frente. Ele me deu um abraço e me beijou muito, até que estivéssemos sedentos e precisando de um canto privado. Ele me deu uma das mãos e pegou minha mala com a outra. Começou a me levar para fora da estação. Meu nervosismo opressor quanto à volta para casa de repente passou, e tudo o que senti foi a alegria de tê-lo ali, de estar com ele. Quer dizer, isso e aquele desejo de sempre...

O desejo entre nós com certeza ainda estava rolando. Eu já tinha passado por fases de lua de mel em vários relacionamentos, e com Thomas tive a sensação palpável de que experimentei coisas bem diferentes. Mas com James a tensão sexual era diferente. Era constante. Sem dúvida, em parte isso acontecia porque eu o achava atraente, porém, de alguma maneira, o elemento D/s do relacionamento contaminava todo o resto; tudo era carregado de possibilidades. Era divertido e — muito mais do que em encontros sexuais convencionais — me dava um sentimento de segredo compartilhado; de que tínhamos esses momentos especiais que ninguém devia conhecer, nos quais ninguém devia interferir.

A energia entre nós podia se transformar a qualquer momento, e então, repentinamente, as coisas mudavam. Podíamos estar aconchegados no sofá vendo TV e ele se curvava para fazer cócegas em mim. Eu o cutucava nas costelas para que parasse, e de repente pegava meus pulsos. Ficávamos vendo TV enquanto ele segurava minhas mãos firmemente, apertando de leve quando me movia para testar, em silêncio e de brincadeira, se me libertaria. Ou desaparecia da sala e voltava com uma corda para envolver meus punhos. Ele os prendia com firmeza na frente do meu corpo, mas não de maneira que causasse desconforto, até sairmos do sofá. Era uma dinâmica estranha que borrava os limites entre sexualidade e momentos tranquilos de um relacionamento, momentos em que você curte sair e ficar junto para fazer qualquer coisa. Mas eu achava aquilo inebriante. Deitados em um silêncio companheiro, lendo o jornal ou fazendo outra coisa, faríamos um pequeno sinal de sim com a cabeça, aceitando o elemento menos convencional da relação. Esses momentos sutis deixavam o ar pesado de tanta expectativa; com minhas mãos presas, me inclinava de um jeito estranho para a frente para pegar o chá, o que James adorava. Amava me ver ultrapassando as dificuldades que colocava em meu caminho e inventava maneiras piores de me desafiar mais. Às vezes, colocava a mão no meu ombro por dentro da blusa enquanto eu ficava sentada, restringida. Mas esse apagamento da divisão entre os dois contextos — sexo e vida "normal" — formava uma mistura intrigante. Tudo podia mudar a qualquer momento, e até cenas simples, como eu deitada no chão na frente da TV e ele sentado no

sofá, de repente tomavam outro significado, assumiam um duplo sentido peculiar. Assistir ao programa *Question Time* nunca foi tão divertido.

Com o passar das semanas, entramos mais ainda no ritmo da vida a dois. Não estávamos juntos o tempo todo — nossos empregos nos ocupavam bastante, e envolviam reuniões em horários extras e socialização. Mas nos encontrávamos pelo menos uma noite por semana e nos fins de semana quando eu não estava trabalhando. Era tranquilo e divertido; o elemento D/s do que estávamos fazendo aumentava e diminuía, mas de um jeito bom e seguro. Em algumas noites, nos deitávamos e conversávamos. Ele fazia massagem nas minhas costas se eu tivesse passado muito tempo no carro e estivesse com dores. A dualidade parecia ser realmente boa. É claro que isso significa que quando você fica sem chão novamente, as coisas se tornam ainda mais intensas...

Fora o fiasco da língua grampeada, diria que sou boa com prazos. Uma jornalista tem isso naturalmente. Não extrapola prazos. Nunca. Não tem se, mas, talvez. Um prazo é um prazo e ponto final. É isso. Não importa a pressão ou se está no limite; a adrenalina aparece e consegue cumprir o prazo. Porque não tem meio-termo, ou você consegue ou não. E se não consegue é fim de jogo, não interessa se errou por um milímetro ou por um quilômetro.

No entanto, funciona dessa forma quando estou finalizando uma matéria em destaque, ou quando tenho de colocar algo inédito em um de nossos websites. Às vezes, com a maior boa vontade do mundo, outros prazos parecem quase inatingíveis.

Estava chorando. As lágrimas desceram pelo meu rosto em córregos até cair em meus seios nus. Foram pequenas gotas que não amenizaram a vermelhidão do meu peito, que sinalizava excitação e vergonha. No fundo, acho que era um pouco de perversão também, mas, considerando que minhas mãos estavam algemadas atrás do corpo, não havia maneira discreta de me livrar daquele sinal. Quando ele se mexeu, qualquer semelhança entre mim e a mulher do *Bruxa de Blair* passou a ser a menor das minhas preocupações. James pegou meus cabelos com crueldade e puxou minha cabeça; fui forçada a encará-lo e ver seu domínio refletido na minha submissão.

Foi de tirar o fôlego, aterrorizante. Ficou difícil retomar os vestígios fragmentados do meu equilíbrio.

Eu respirava em pequenos soluços, que tentei esconder da melhor maneira possível. Mordi o lábio e olhei para além de sua orelha na tentativa de me organizar, de processar as sensações e emoções conflitantes pulsando em mim. Dor. Medo. Excitação.

A voz de James, tão próxima de mim que seu hálito beijou meu rosto, me fez pular de verdade.

— Entendeu?

Quis fazer que sim com a cabeça, mas segurava meus cabelos com tanta força que machucaria. Então forcei as palavras a saírem dos meus lábios ressecados e trêmulos.

— Sim, senhor.

Chamá-lo de "senhor" era bem mais fácil, a ponto de me referir a ele mentalmente dessa forma. Ele me fez chamá-lo de "mestre" umas duas vezes, mas isso irritava. Naquela noite, eu o chamaria de grão-vizir Smorgasbord do planeta Zarg se achasse que isso ajudaria. Mas não ajudaria. Era um novo nível de dominação que pedia um novo nível de submissão. E mesmo que o acúmulo de secreção lá embaixo provasse que eu estava gostando de passar para outro estágio, estava mais em desvantagem do que nunca. Isso estava me afetando mais do que o grampo na língua. Mais do que as noites cada vez mais intensas desde que voltei daquela viagem, noites que aconteciam em meio a momentos divertidos, idas ao cinema e ao pub, e cozinhar juntos. Era liberador, aterrorizante, desafiador.

Sua voz foi graciosa.

— Ótimo. Bem, não contamos até agora, então vou presumir que já tenha batido vinte vezes. É razoável?

Concordei com rapidez e ansiedade. Não fazia ideia do número, mas me pareceu uma contagem alta o suficiente. Já devia estar acabando; acho que nunca tinha me castigado tanto antes, então...

— Se contarmos até cem, acho que vai ser justo.

Com essas palavras, comecei a tremer de novo, mais do que nunca. *Qual era o problema dele com o número inteiro, com o cem?*

A meu ver, começou com uma surra relativamente arteira. Ele me fez tirar a roupa e me sentar na cadeira de costas altas, e depois abrir a perna no assento frio para que pudesse amarrar meus tornozelos em cada perna da cadeira, o que me deixou exposta para que me observasse — e me tocasse. Seus olhos brilharam quando mostrou as algemas, puxou minhas mãos para trás da cadeira e me prendeu. Mas foi só quando voltou da cozinha com uma colher de pau e dois prendedores de roupas que meus alarmes começaram a soar. A essa altura, não tinha muita coisa que pudesse fazer a não ser relutar em vão.

Para começar, brinco com meus seios, passando as mãos em cima e em volta deles. O toque era tranquilizador e me deu segurança. Beliscou meus mamilos sem força e os observou ficando duros; meu corpo se deleitava com sua atenção. Botou a boca em torno do meu mamilo, lambendo e chupando fundo até que fechei os olhos de prazer.

Devia ter previsto. Logo que relaxei com seus movimentos, mudou. Tomou meus mamilos nos dentes e mordeu até que eu berrasse. Mas meus gemidos de dor não o fizeram parar. Ambos os meus seios estava molhados com sua saliva e

vermelhos por causa das mordidas e das sugadas fortes quando colocou os pregadores. A pele já estava ferida e, considerando que os prendedores eram feitos de madeira robusta, machucaram mais quando fizeram pressão, causando uma nova camada de agonia. Abri e fechei as mãos algemadas tentando me acostumar à dor. Fiquei com vergonha de como olhava para meus seios, que quicavam com o movimento da respiração profunda que forcei para aguentar as sensações.

Estava tão focada em lidar com a dor aguda e quente nos mamilos, que logo viraram o centro da minha atenção, que me esqueci da colher de pau. Até que bateu nos meus seios com ela. Já havia batido com a mão, mas isso, especialmente depois das mordidas e das chupadas, realmente doeu. As camadas de dor estavam se sobrepondo como correntes conflitantes, como ondas em minha cabeça. Naquele momento, meu mundo estava concentrado no barulho — e na dor nos mamilos.

Então bateu com força entre minhas pernas com a colher.

Berrei. Não deu para controlar. O silêncio depois de minha voz tomar a sala foi mais alto do que o barulho em si. Tudo estava quieto, meus olhos estavam cheios de lágrimas e só havia silêncio, a não ser pelo som da minha respiração ofegante. Não perguntou se eu estava bem. Apenas me observou, olhou dentro dos meus olhos, enquanto — certamente — o encarei furiosa, não só por estar me causando dor mas pela parte de mim que, apesar de tudo, desejava aquilo. Depois de alguns segundos, deve ter visto o que queria, pois senti um movimento no ar e ele se mexeu.

Quando se aproximou, fechei os olhos, não era capaz de ver a segunda pancada. É claro que isso indicava que não estava pronta. O som do impacto ecoou pela sala e a dor que senti foi diferente de todas as outras. Lá no fundo, uma voz em pânico dizia "não aguento", mas antes que pudesse fazer qualquer coisa para detê-la (ou até mesmo para detê-lo — estava mais próxima de fazer isso do que nunca), a terceira pancada veio e me engasguei na dor e nas lágrimas. Cada fibra do meu ser estava concentrada no homem à minha frente e tentava controlar as ondas de dor que causava.

Não sei se acontece com outras pessoas, mas geralmente depois de algumas pancadas, com qualquer implemento que seja, meu corpo consegue se ajustar à dor e abarcá-la. Continua doendo, é claro, mas alguma coisa muda na minha cabeça e a dor começa a trazer um prazer delicioso. Porém, conforme James continuou o ritmo implacável da surra de colher de pau, só senti dor e mais dor. Mexi meus tornozelos presos, desesperada para juntar as pernas e bloquear aquele ataque, mas não dava. A única coisa que podia fazer era aguentar, resistir e torcer pelo melhor, para que não fosse uma coisa com a qual não conseguisse lidar, para que não tivesse de pedir para parar, o que nos decepcionaria. Não tinha certeza de que conseguiria ir até o fim, de aguentar, muito menos de curtir.

Mas ele tinha uma opinião diferente.

Foi quando definiu meu prazo.

Colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha e explicou o que aconteceria depois. E meu mundo sacudiu quando tentei entender o que estava falando e o que queria.

— O negócio é que, mesmo quando você chora e geme e treme, fica molhada.

Abri a boca para argumentar, mas antes de conseguir falar, colocou a curva da madeira na minha boca. Senti meu gosto, corei e fechei os olhos para esconder a prova da traição do meu corpo. Quando afastou a colher, fechei os lábios e engoli a negação; a discrição era a melhor parte da coragem; valia a pena ficar calada.

— Acho que se bater em você por tempo suficiente, você goza.

Meus olhos se abriram e olhei para ele; estava sorrindo, a imagem da presunção. Quanto mais brincávamos, mais ele conhecia meus limites. Às vezes, isso era incrível porque, quando me levava ao desconhecido, era como se eu estivesse voando. Mas em outros momentos — como esse, quando ficava arrogante e me empurrava alegremente no abismo —, poderia muito bem ter mandado ele se foder. Se bem que, como sempre, a voz interna que já estava desejando uma repetição daquilo me manteve quieta. Por enquanto.

— Então vou dar um prazo pra você. Um certo número de pancadas, até lá você tem que gozar. Se não gozar, vou fazer coisas muito piores com você. E se não gozar, bem, pra mim não vai ter importância. Porque eu vou gozar, seja com você me chupando ou com a bela trepada que vamos dar. — Passou a mão no meio das minhas pernas, o que me fez forçar o peso para cima dele da melhor maneira que pude dentro dos limites do *bondage*. — Depois vou punir você de maneiras que nem imagina. Você vai implorar, e não vai nem saber se está implorando pra que eu pare ou continue. Mas vou usar você do jeito que quiser e por quanto tempo quiser, até que você só queira fugir para se recuperar. Nós não temos que voltar ao trabalho até o começo da semana, então pode levar bastante tempo. Entendeu?

Senti medo, excitação e — ridículo — o tipo de explosão de adrenalina que sempre sinto quando recebo um trabalho novo para fazer. Sim, sou um clichê jornalístico. Já estava querendo gozar e era competitiva o suficiente. Faria uma tentativa, independentemente de qualquer coisa. Era capaz. A dor não ia durar muito. Falei com voz baixa, mas prefiro achar que tinha determinação.

— Sim, senhor.

— Ótimo. Bem, não contamos até agora, então vou presumir que já tenha batido vinte vezes. É razoável? Se contarmos até cem acho que vai ser justo.

O que pegou foi o ritmo. Até com a dor — e acredite que foi um tipo de agonia que nunca tinha sentido antes — o ritmo insidioso das batidas começou a espalhar uma quentura em mim. Ele me fez contar as batidas e agradecer por elas, e o ritmo era tão rápido que eu estava cuspidando os agradecimentos o mais rápido

possível, tão rápido quanto conseguia processar a dor. Na batida 63 as sensações mudaram. Ele me bateu mais forte do que nunca, mas o barulho foi úmido. O som da minha excitação era óbvio. E a cada batida ficou mais ainda, até que fechei os olhos com vergonha. As lágrimas de constrangimento caíam pelas pálpebras fechadas. No entanto, a poça cada vez maior sobre a qual eu me contorcía, cobrindo a parte de trás da minha bunda e minhas coxas, provava que, apesar da mensagem contrária do meu cérebro, aquilo estava funcionando profundamente.

Na batida 69 abri os olhos e o vi terminando o golpe do qual ainda estava me recuperando. Havia um rastro líquido do meio das minhas pernas até a colher quando se afastou. A evidência visível do quanto a dor estava me excitando me chocou e congelou meu cérebro. Quando bateu em mim de novo, não consegui pensar em um número. Estávamos no 69 ou no setenta? Ou no 69? Merda. Chutei 69. Balançou a cabeça, não muito contente, e me disse que voltaríamos ao sessenta para compensar o erro. Tive de morder o lábio para conter um choro com a ideia de nove pancadas extras.

Quando chegou no 85, mudou de posição para que cada batida tivesse impacto máximo no clitóris. Foi o tratamento mais intenso que já recebi e meu corpo caminhava para o orgasmo, cuja força temi. Perto do cem, minha respiração estava descontrolada. Meus seios ainda grampeados quicavam com os engasgos, e minhas coxas tremiam conforme o orgasmo se aproximava.

Na centésima batida, gozei. Teria reprovado o fato de ter me transformado em um clichê ridículo de condicionamento obsceno, mas, depois de ter aguentado o que aguentei, depois de cada grama de sentimento ter sido arrancada do meu corpo, dane-se. Queria tanto gozar que me consumiu. Só sentia esse gosto, esse cheiro, precisava mais disso do que de respirar.

Meu orgasmo foi cruel e doloroso. Eu me debati nas amarras de um jeito que fiquei com marcas nos pulsos e nos tornozelos. Tive de escondê-las com mangas compridas e calças por alguns dias. Os sons agudos que saíram do fundo da minha garganta não pareciam vir de mim. Quando gozei, pulsando em torno da colher, James teve de segurar a cadeira, pois quase a derrubei junto com meu corpo, de tão forte que me movimemente.

Quando voltei a mim, foi como sair de um transe; ainda tremia com os abalos sísmicos da intensidade do que tinha se passado. Tirou a calça e veio na minha direção. Enfiou o pau em mim com força, botando peso no meu centro ainda pulsante, inchado, machucado e dolorido. Não contive um berro. Começou a foder comigo em um lembrete cruel do ritmo da colher alguns minutos antes; as sensações foram tão dolorosas e intensas que forcei o peso para longe dele, fiz de tudo para afastá-lo. Algemada e amarrada, não foi o suficiente.

Veio mais fundo e depois parou de se mexer. Pegou meus cabelos e me deu um beijo profundo, depois mordeu meu lábio inferior com força até que eu

sentisse gosto de sangue. Torceu os prendedores dos mamilos, ajustando e apertando até que senti o corpo todo pegando fogo. Chorei muito, as lágrimas corriam pelo meu rosto e, quando voltou a me comer, sussurrou:

— Você gozou no 109 porque voltamos quando você errou a contagem. Perdeu o prazo.

Por meio de uma neblina de dor e de prazer intenso, percebi o que isso significava. E tremi com a certeza de que nos próximos minutos, horas, dias — por quanto tempo ele quisesse —, seria levada a extremos mais longínquos do que já havia visitado.

Não tem se, mas, talvez. Nunca se perde um prazo.

Os dias seguintes foram os mais desafiadores da minha vida. Ele me usou, abusou de mim, me humilhou. Ele me fez chorar. Sentir dor. Forçou os limites. Não acabou comigo, mas em alguns momentos achei que estivesse tentando. Fodia comigo quando queria, como queria, e quando estava tão exausta que não conseguia reunir forças para fazer nada além de ficar deitada, um mero buraco para o prazer dele, me batia no rosto e puxava meus cabelos para que eu movesse o corpo exausto. Quando terminou, estava toda marcada, como uma pintura abstrata documentando nossos momentos juntos: as marcas de mordidas nos seios; a vermelhidão raivosa dos mamilos; os hematomas nos braços; nádegas com feridas cruzadas e vermelhas que me fizeram me contorcer, que me deixaram molhada durante semanas pensando no que tinha acontecido; o esperma secando nos meus cabelos e seios. No final, as lágrimas tinham apagado a maquiagem e meu cabelo estava uma zona. Eu estava uma zona. Demoliu minhas defesas.

Foi liberador e catártico, e, no entanto, aterrorizante em alguns momentos. Ele me levou aos limites do que eu sentia que era aceitável. Com o passar das horas e dos dias, só queria saber dele — dar prazer, satisfação, não fazer nada que desse motivos para me punir. Ele era meu mundo, e pela primeira vez realmente compreendi o tipo de submissão que consome, porque, pela primeira vez, a voz interna que declamava minha vergonha e perguntava por que estava fazendo aquilo ficou em silêncio. Eu me senti conectada a ele de um jeito que nunca tinha me sentido com outra pessoa — me entendia completamente, até quando eu não me entendia. Quando chorei e implorei que parasse de me surrar com a vara, dizendo que não aguentava mais, e ele continuou mesmo assim, senti ódio dele. No entanto, levou meu rosto ao dele, mãos firmes no meu queixo, e enquanto eu o encarava com nojo, perguntou se eu lembrava da palavra de segurança. Muito a contragosto, disse que sim. À medida que lutava contra o orgulho teimoso e o espírito competitivo que me fizeram calar a boca, mandou implorar para que recomeçasse. Ele me surrou com a vara até que doeue tanto que não consegui

respirar, até que tivesse certeza de que estava sangrando, e depois, quando não dava mais, passou o dedo distraidamente na minha boceta. Gozei com o toque mais gentil. Quando voltei à realidade, saciada, porém confusa diante de um orgasmo tão sinistro causado por uma surra de vara, eu o vi sorrindo. Ele se inclinou e me deu um beijo, e disse que teria de me punir por ter gozado sem pedir permissão.

Quando finalmente terminou, me prendeu ao pé da cama como um animal, com os punhos atrás das costas. Ele me deixou dormir o sono dos justos toda enrolada e desajeitada, tentando arrumar um lugar do corpo sobre o qual pudesse me deitar confortavelmente.

Pode soar estranho que tamanha crueldade e humilhação tenha inspirado a ideia, mas quando o fim de semana acabou eu sabia que amava esse homem pervertido, inteligente e terno. Esse homem que ficava chateado com pessoas que eram cruéis com animais, mas que gostava de fazer coisas horríveis comigo. Compreendia partes de mim que eu mal conseguia articular, e as levava a atingir e aguentar coisas incríveis e catárticas. A intensidade me deixava sem fôlego — era como se ninguém nunca tivesse me conhecido como ele; ninguém era capaz de entender minha natureza e personalidade melhor do que James.

O que acontece depois da experiência sexual mais intensa da sua vida, a que lhe deixa doendo de desejo, mental e fisicamente afetada por dias?

Bem, pelo visto, nada.

Quando nos despedimos, estava quieto. Não mais do que estaria normalmente em face ao prospecto de voltarmos às nossas casas para terminar o fim de semana e começar o trabalho. Pelo menos foi o que pensei quando me estiquei para beijá-lo, curtindo a quentura do abraço de adeus antes de cada um tomar seu caminho.

Mandei mensagem quando cheguei em casa, como sempre. Não tive resposta, mas achei que fosse porque era tarde e ele já estava dormindo. Começava cedo no dia seguinte. No entanto, não tive notícias no dia seguinte. Estranho — James e eu havíamos passado meses tendo vários contatos ao dia, e aquele silêncio não me deixou outra saída a não ser ficar preocupada achando que tinha alguma coisa errada. Mandei outra mensagem perguntando se estava bem. Nada. Então tentei mandar um e-mail, um link para uma matéria que eu achei que ele ia gostar. Não queria parecer grudenta, apesar de ter enviado tanto para o endereço do trabalho quanto para o de casa, mas queria uma resposta.

Nada.

Fiquei chocada por três dias. Textos e uma mensagem de voz (no estilo casual e alegre, só que não) ficaram sem resposta. Continuei vivendo normalmente. Fui ao trabalho, saí para comemorar o aniversário de uma amiga, mas no fundo só pensava em James. Estava bem? Por que não tinha feito contato? Na manhã do quarto dia, não dava mais para aguentar. Liguei para o escritório dele. Não dei meu nome, e talvez isso me faça parecer uma perseguidora louca. A recepcionista ajudou muito: sim estava lá, ela o tinha visto naquela manhã, já se encontrava trabalhando mas estava em outra ligação. Gostaria de deixar uma mensagem, ou tinha seu endereço de email?

Falei que tinha o e-mail e desliguei educadamente.

Fiquei furiosa. Chateada. Confusa. Era tão atípico. Foi difícil decidir qual a melhor maneira de lidar com aquilo. Sabia que qualquer tentativa de falar com ele no trabalho era perda total de tempo, então passei a maior parte do dia

pensando em como exprimir minha preocupação sem parecer uma pentelha enfurecida. Havia a dinâmica D/s para considerar também. Depois da intensidade do que passamos juntos, não queria ser desrespeitosa, mas também não queria deixar passar, como se eu fosse uma flor murchando. Mas o que fazer?

No final daquele dia, ainda não tinha a resposta.

Resolvi mandar uma mensagem casual, sem ser rabugenta.

Ei, está tão quieto desde o fim de semana. Espero que esteja tudo bem, vou ligar hoje à noite.

Não recebi resposta. No fundo, no fundo, não estava esperando que respondesse, mesmo que ainda não fizesse ideia de que merda estava acontecendo.

A descrição clichê das separações é: depois de desprezada pela sua cara-metade, você cai em um fosso de desespero acompanhada por um sorvete de qualidade, ouvindo pop rock brega das décadas de 1970 e 1980. Se isso funciona para você, maravilha. Mas para mim, parafraseando uma música de Billy Ocean, *when the going gets tough, the tough get baking* — isto é, quando a vida fica difícil, cozinhar é a solução.

Liguei duas vezes à noite, mas entrou na caixa postal. Fui para o computador e, graças às maravilhas das redes sociais, descobri que esteve on-line em várias páginas naquela noite e que conversou alegremente, mesmo que não estivesse disposto a falar comigo. Quando encontrei uma mensagem postada por ele em uma página obscura sobre música pedindo ajuda com alto-falantes — "estou aqui deitada com o coração e a cabeça doendo me perguntando o que houve, e você está refazendo o sistema elétrico da sala?" —, entendi que era hora de sair de cena e fazer outra coisa.

Não sou uma cozinheira nata. Quando você mora sozinha, qualquer coisa que não seja comida pronta é muito trabalho e desperdício, e geralmente acabo comendo o que sair durante o processo de cozinhar. Mas amo assar coisas no forno. Acho que em parte porque biscoitos, bolos e afins são pratos rápidos e bons, mas em parte porque gosto de como são diretos. Se você pesar os ingredientes corretamente, se bater a manteiga com o açúcar até tomarem a consistência certa, se assar pelo tempo adequado, pode criar algo adorável. E pode oferecer os frutos do seu esforço para outras pessoas, como se fosse um pedido silencioso de desculpas por estar permanentemente emocionada e com o rosto tão corado quanto uma bunda surrada.

Decidi fazer biscoito de gengibre quando já era uma da manhã. Não sei por

que pensei em gengibre especificamente, mas estava convencida. Já tinha bebido quase uma garrafa inteira de vinho, então dirigir não era uma opção. Coloquei o casaco e fui até a lojinha do posto 24 horas para comprar o que precisava.

Nunca fui o tipo de pessoa que compra combustível — na verdade, nem combustível nem mais nada — em postos de gasolina tarde da noite. Descobri então que trancam as portas e atendem por uma janela de vidro com uma grade. Fica parecendo que você está visitando alguém na prisão. Entregam os produtos por baixo de uma fenda — bem pequena — na base do vidro. Isso fez com que explicar minhas necessidades de cozinhar naquela hora fosse ainda mais difícil.

Para começo de conversa, o cara atrás do balcão insistiu que não podia me vender nada além de combustível, cigarros ou camisinhas. Ele me ouviu argumentando durante cinco minutos, e falou com mau humor que deviam ter farinha. Depois de conseguir isso, ficou mais fácil pedir açúcar. No entanto, quando pedi que me mostrasse as manteigas para checar se eram sem sal, ele já estava com uma expressão de ódio nos olhos. Ele me ignorou quando perguntei se tinham gengibre — admito que seria difícil, mas a tristeza e a bebedeira não derrotaram meu lado otimista. Acabou me vendendo uma barrinha de fruta com nozes e chocolate para que eu a esmigalhasse e a usasse em vez de gotas de chocolate. Paguei aquela compra exageradamente cara por baixo da fenda, e ele passou uma bolsa e cada item separado para que eu ensacasasse tudo. Fiquei tão efusivamente grata que meus olhos se encheram de lágrimas diante da gentileza dele. Quando fui para casa tropeçando, acho que ficou emocionado também, só que de alívio pela louca que estava comprando ingredientes para fazer biscoitos ter ido embora, deixando-o com carros para abastecer e chapados na larica.

Acordei no dia seguinte no chão da sala. Desmaiei vendo DVDs enquanto esperava que a segunda leva de biscoitos esfriasse na geladeira antes de ir para o forno.

Acordar de ressaca por ter sido dispensada é ruim (se é que era o caso; difícil dizer, quando a pessoa que você está namorando — quer dizer, quase — é tão otária que lhe deixa na dúvida). Mas acordar em uma fornalha — deixei o forno ligado a noite toda, obviamente — e ver um caos na cozinha é pior ainda. Tinha farinha no chão, manteiga na bancada por causa do meu grande entusiasmo em untar, e todas as vasilhas e colheres de pau foram usadas e espalhadas pelos cantos. Era como se minha casa tivesse sido invadida. Por padeiros. Para piorar, havia a ressaca de vinho tinto, a falta de sono e a massa no cabelo, que descobri quando arrastei minha lamentável pessoa para o banho. Estava me sentindo muito mal.

Fui trabalhar, mas não estava concentrada (as porções de biscoito ajudaram a minimizar a zoação dos meus colegas de trabalho por não estar fazendo a minha parte). Tentei não pensar em James. Mas pensar em não pensar em James provavelmente não contava.

Nas semanas seguintes, meus colegas, amigos e família lucraram muito com meu coração partido. Fiz inúmeras variações de biscoitos e mudei para pão de ló quando o editor-assistente ficou preocupado com o efeito do açúcar no colesterol. Fiz bolo de cenoura, bolo de frutas, biscoitos. Enquanto batia os ovos, mexia a massa e esperava para que cozinhassem, revi cada elemento do meu relacionamento com James, obscenos ou não tanto. Isso me fez chorar e me fez ficar molhada e, mais do que tudo, me fez sentir raiva. Não conseguia definir se o que havia acontecido entre nós foi fundado na mentira de que estava tão interessado em mim quanto eu nele, ou se simplesmente ficou entediado, se fiz alguma coisa para irritá-lo, sei lá. Analisando por qualquer ponto de vista, ele tinha jogado fora uma coisa que, pelo menos para mim, parecia ser bem especial. Era patético — me fazia sentir patética —, mas eu estava carente e queria chorar. James ainda não tinha feito contato, mas uma mistura de orgulho teimoso e vergonha me fez parar de contatá-lo. Sabia que estava vivo e bem, e acima de tudo sabia que não queria falar comigo. Sendo assim, não queria falar com ele. Já estaria frustrada de tanto mandar mensagem antes de ele perceber o quanto tinha me magoado.

Estava ralando queijo quando Thomas me ligou. Perguntou como estava. Falei que estava bem, porque já estava de saco cheio de explicar a profundidade ridícula dos meus sentimentos. Sua resposta me deixou chocada, com pedaços de queijo Wensleydale na mão.

— Bem é o cacete. Você não está bem.

Fiquei sem ter o que dizer; o tom de voz estava tão cheio de raiva e frustração. Tentei falar que estava bem — já era minha resposta-padrão —, mas achei melhor não fazer isso porque só atestaria que sabíamos que não era verdade.

— Chega de sofrer, Sophie. Já passou do limite. Sinto muito por você estar magoada, e ele é um merda, mas chega de chorar e de ficar fazendo comida. Charlotte e eu vamos aí no fim de semana. Vamos levar filmes e vinho e vamos comer comida normal. Sem discussão. Na verdade, vou levar a palmatória, e se você não se animar vai apanhar.

Dei o primeiro sorriso não forçado de semanas. Nós dois sabíamos que ele não tinha a intenção de fazer isso, que nosso relacionamento sexual tinha mudado, mas ainda assim sorri. Eu me senti segura por saber que havia um grupo de pessoas nas quais podia confiar, mesmo que — fora Thomas e Charlotte — ninguém soubesse por que estava me lamentando.

— Meu Deus, melhor eu me esforçar então.

Não tinha como impedi-los. Até minha ligação depois, quando falei para Tom

que estava bem e que não precisavam se preocupar, foi ignorada. O mais perto que chegamos de uma discussão sobre a viagem foi debater quais DVDs trariam. Escolhemos explosões e intriga política, nada que me deixasse chorando com a taça de vinho que nem uma Bridget Jones pervertida.

Acabou sendo ótimo. Percebi que estava me massacrando com a tristeza. A vida de dor é exaustiva, deprimente e chata demais depois de certo tempo. Quando o furacão Thomas e Charlotte entrou no meu apartamento, com bebidas, filmes e chocolate caro, logo estava pronta para passar por cima. Ou pelo menos para começar a tentar. O vinho e a Pringles ajudaram, assim como o programa de ação mais ridículo que já vi na TV, que ficou ainda pior com a bebida. Chegaram na sexta-feira à noite. Começamos a ver TV cedo. Thomas ainda era um dos meus melhores amigos, porém era homem, então assim que percebeu meu queixo tremendo quando James foi mencionado, começou a falar sobre TV e evitou um tsunami de lágrimas. Depois de vários DVDs (e de várias garrafas), deixei que Thomas e Charlotte ficassem na minha cama e fui dormir no sofá da sala, pronta para voltar a assistir a filmes na manhã seguinte — se bem que prometi que primeiro tentaríamos achar um lugar para tomar café da manhã completo britânico.

Quando a campanha tocou às oito e meia do sábado, dei um gemido. Estava esperando uma encomenda da Amazon, então sabia que tinha de correr para recebê-la logo. Mas era muito cedo, meu cabelo estava uma zona e a campanha provavelmente tinha acordado Charlotte e Thomas.

No entanto, quando abri a porta vi que não era o entregador. Era o homem que menos esperava ver na minha porta, nunca, jamais. Sei que devo ter feito cara de surpresa, mas a raiva... raiva foi a única coisa que senti. Teve a decência de se mostrar constrangido, mas deu um passo para trás como se também estivesse assustado. James sempre foi esperto.

— Oi. Desculpa vir tão cedo.

Na verdade, queria enforcá-lo, mas no final acabei cruzando os braços e fiquei olhando com ódio. Como jornalista, tenho total noção do poder do olhar. Não falei nada e aproveitei para analisá-lo. Parecia estar cansado, apesar de sensual o suficiente para me dar dor no coração — mas não tanto para que eu não quisesse chutá-lo. Não consegui decidir se isso era bom ou ruim.

Depois de alguns segundos, falou.

— Aposto que não estava esperando me ver.

Brilhante. Esperei durante semanas. Que vontade de socá-lo. Não de um jeito sexual, divertido; de um jeito violento mesmo, que causasse dor. Tive de me esforçar muito para soar tranquila.

Levantei os ombros, despreocupada.

— Pedi uns livros pro aniversário da minha irmã. Achei que você fosse o

entregador.

— É aniversário da sua irmã hoje?

— Ainda não.

— Ah. Claro. — Longa pausa. — Não vim entregar nenhum livro.

Minha mandíbula estava tão tensa que doía.

— Percebi.

Ficou em silêncio. Estávamos em um impasse, mas não me deu vontade de aliviar a conversa. Finalmente queria falar? Bem, então foda-se, que falasse. Mas não estava falando. Ou não conseguia. Olhava intensamente dentro dos meus olhos, procurando por respostas de um jeito que lembrou quando me olhava para checar se aguentava mais punição. Fez meu coração doer.

O negócio piorou quando Thomas abriu a porta do quarto e veio até o corredor, colocando a camiseta para dentro da cueca.

— Sophie, tudo bem?

Por um segundo, meu mundo congelou. James falou com voz firme e drástica pela primeira vez desde que o conheci.

— Ah. Desculpa, não sabia que estava acompanhada.

Eu me senti irada e injustiçada, primeiro por ter imediatamente pensado no pior e segundo por achar que tinha algum direito de ficar puto daquele jeito. Foi obsceno e imundo e sensual e perverso, e assim que me apaixonei me dispensou sem nem dizer por quê. Ele me transformou em uma cozinheira de coração partido e ainda assim teve a audácia de ficar chateado achando que eu tivesse partido para outra? Realmente não sabia o quanto gostava dele? Não consegui me segurar.

— Qual o seu problema?

Ele chegou a tremer com a fúria na minha voz.

— Sério. Qual o seu problema, James? Se tem uma coisa que ficou bem óbvia neste mês é que você não está interessado em explorar o que estava acontecendo entre nós. Tudo bem. Não dá pra fingir, se bem que achei que você tivesse maturidade emocional suficiente pra pelo menos me avisar se não quisesse mais me ver. — Ficou constrangido. Abriu a boca e achei que fosse falar, que finalmente eu teria algum tipo de explicação, mas olhou para Thomas, que havia chegado mais perto de mim. Era estranho mas sua presença me dava segurança, mesmo que eu não conseguisse distinguir se queria me dar apoio ou só ouvir a fofoca. James fechou a boca, engoliu a saliva e deu uma pequena balançada na cabeça, que presumi mostrar que não ia falar nada naquele momento. Senti uma onda de raiva.

— Quer saber de uma coisa? Não estou nem aí. Sério, não estou. Você não é a pessoa que achei que fosse. Achei que fosse sério, que me complementaria — senti Thomas dando um passo para trás para se proteger de um ataque emocional —, até que me completaria, se não for uma ideia muito idiota. Achei que fosse

essa pessoa, mas percebi que não é. E agora eu não quero mais saber. Me apaixonei por uma pessoa que no final das contas não existe. Erro meu por ser ingênua e por ter acreditado no que você falou. Vou aprender com isso. Mas não ouse tentar me fazer sentir culpada. Não ouse.

Tudo ficou em silêncio. Nunca perco o controle desse jeito. Nem lembro quando isso aconteceu pela última vez. Thomas estava de boca aberta e os olhos de James estavam arregalados.

Deu um passo à frente e esticou a mão para tentar tocar meu braço.

— Sophie, eu...

Andei para trás como se tivesse sido queimada. Empurrei James com tanta força que fiquei chocada comigo mesma e quase o derrubei.

— Não me toque. Acabou.

E bati a porta na cara dele.

Quando me virei, a expressão de Thomas parecia um quadro. Nunca tinha me visto em um momento tão emotivo e parecia estar genuinamente sem saber o que fazer. Senti meus lábios começando a tremer e vi uma expressão de pânico passar pelo rosto dele. Ele se preparou para o ataque, veio até mim e me tomou nos braços. Chorei um pouco, depois me recuperei, fui diminuindo o choro e com vergonha limpei a manga úmida da camisa dele. Thomas fez chá para todo mundo. Coitada da Charlotte, acordou com a porta batendo enquanto eu urrava que nem na novela. Ele contou a história toda para ela, como me sai bem e como o cabelo de James era estranho. Não sei se tinha razão, mas o tempo passou e meus olhos ficaram menos inchados. Nós nos certificamos de que James já tinha desistido e ido embora antes de nos aventurarmos a tomar café da manhã em algum lugar. Não achei, nem por um segundo, que ficaria por ali esperando, mas senti uma pequena dor porque queria que tivesse ficado. Comi panquecas; achei que era um bom dia para isso.

Muito raramente perco o controle de verdade. Sou tão suscetível a dar um ataque quanto qualquer mulher, mas geralmente sou bem calma. Meu confronto com James foi completamente atípico, a ponto de até Thomas e Charlotte se surpreenderem.

Ficaram o restante do final de semana, como planejado, mas havia um buraco no formato de James bem no meio das coisas. Vê-lo depois de tanto tempo me deixou fora de controle. Fiquei furiosa, furiosa mesmo, com a sua reação ao ver Thomas saindo do quarto. Sei que pareceu suspeito, mas se havia um terreno da moralidade o sr. Altamente Intenso que Desaparece Sem Deixar Rastro não estaria nele, principalmente porque não fazia contato havia semanas — desculpa se estou batendo na mesma tecla, mas nesse caso me pareceu um argumento importante. Qual a importância do que eu estava fazendo ou com quem? Estava esperando que fosse ficar em casa sozinha e chorando? Sei que fiquei, mas a questão não é essa, e eu não tinha a mínima intenção de que ele soubesse disso.

Admito que agora me arrependo de ter batido a porta. Foi muito bom quando o fiz e ele com certeza merecia. Mas o silêncio se perpetuou e percebi que ele não ia voltar a bater à porta, e eu não fazia ideia do motivo pelo qual tinha ido me ver. Ideia alguma. Não vejo problema em gestos dramáticos, são bons conceitualmente, mas a curiosidade me queimava quase tanto quanto o sentimento de injustiça. Ainda queria — tudo bem, precisava — saber por que tinha desaparecido tão abruptamente. E mais do que isso, uma parte de mim estava intrigada para saber por que tinha mudado de opinião de repente e voltado. É claro que minha imaginação um tanto zelosa demais estava desenfreada, como ficou durante o silêncio dele. No entanto — que droga ser cínica —, duvidava que tivesse voltado porque sentiu saudade e de repente se deu conta que não conseguia viver sem mim. Na verdade, se a expressão em seu rosto quando abriu a porta indicava alguma coisa, eu teria achado que foi à minha casa porque esqueceu o segundo jeans favorito, ou alguma coisa assim. Definitivamente, não havia uma expressão urgente em seu rosto, apenas um ar de chateação. Pelo menos até Thomas aparecer.

Fiquei tão confusa. Como é que um homem tendo um ataque de ciúmes — não

estava sendo egoísta, foi realmente o que pareceu — vira uma coisa boa? Desde quando passou a ser o sinal mais próximo de que gostava de mim? Que porra sem sentido era aquela? Esse tipo de drama emocional era a última coisa que queria em qualquer tipo de relacionamento — então por que ainda pensava nele depois de tudo que tinha feito?

Minha mente ficou rodando, até mesmo enquanto assistíamos a filme após filme. Mas não falei muito. O restante do fim de semana com Thomas e Charlotte no apartamento foi tão tranquilo que chegou a ser um anticlímax. Depois do café da manhã, voltamos para ver mais filmes e beber bastante chá antes de sairmos para jantar em um restaurante maravilhoso. Era especializado em molho curry e ficava na esquina do meu prédio. Prefiro achar que estava agindo de maneira leve e despojada, mas percebi Charlotte e Tom trocando olhares preocupados em vários momentos, então talvez não fosse o caso. No geral, estava bem. Tirar tudo do meu peito foi estranhamento catártico e me ajudou a colocar um limite nas coisas. E nem pensei em cozinhar uma porção de bolinhos, então já era um avanço.

É claro que bons amigos enxergam além da fachada. Arrastei meu cobertor para uma segunda noite no sofá, mas Charlotte tocou meu ombro.

— Sophie, não precisa dormir no sofá se não quiser.

Olhei para ela, confusa. As coisas que havíamos feito pareciam ter acontecido em outra vida, uma vida da qual não me arrependia, mas que certamente não queria revisitar. O que ela quis dizer? Tossi e tentei pensar em uma maneira delicada de dizer não. Ela de repente pareceu entender a causa do meu engano e balançou a cabeça.

— Não, não falei nesse sentido. Só achei que a gente podia abrir espaço pra você na cama. Pra não dormir sozinha hoje.

Olhei para meu sofá cheio de buracos e lembrei da falta de sono na noite anterior, até mesmo antes do episódio de manhã cedo. Sorri.

— OK.

Thomas resmungou atrás de mim.

— Muito legal, maneiro e fofo, mas não é a maior cama do mundo e com certeza eu é que vou ficar desconfortável.

Charlotte bateu em seu braço.

— Cale a boca e seja gentil. É a cama dela, cara. Pode ficar no sofá se preferir.

A resposta rápida de Thomas — "Não amor, você tem razão" — me fez rir, e pela primeira vez desde aquela manhã não senti como se estivesse forçando nada.

Acordei na manhã seguinte me sentindo surpreendentemente bem. Charlotte estava ao meu lado e nós duas estávamos bem confortáveis embaixo do cobertor. Vestíamos pijamas. Abri os olhos e vi Thomas apertado na parede segurando um

tiquinho da ponta do cobertor. Sorri e senti um carinho enorme pelos meus amigos nada convencionais.

Foram embora naquela tarde e chorei um pouco depois de saírem. Quando você só perde a calma a cada dois anos, fica com ressaca emocional, e sozinha no apartamento não consegui afastá-la. Fiquei deitada na frente da TV na esperança de tirar a melancolia do sistema revendo filmes ruins e tomando chá. Torci para que funcionasse — porque, entre outros fatores, depois de tantas semanas de angústia já estava ficando de saco cheio. Ou pelo menos foi o que achei até acordar na manhã seguinte e checar meu celular.

Oi, sei que estava acompanhada ontem, mas podemos nos encontrar? Só pra conversar? — J Bj. Bj.

Li e reli o texto. Dois beijos? Isso sugeria alguma coisa, não é? O que o impedia de me enganar de novo no futuro? E o que estava achando que "acompanhada" significava? Achou que Thomas e eu estávamos dormindo juntos? Por que não demonstrou se importar com isso? Achou que eu não estava mais disponível? Estava aliviado? Tinha fobia de compromissos? Será que assumiria se tivesse? Eu estava mesmo me importando tanto? Era irritante, mas só sabia a resposta da última pergunta e, ironicamente, queria muito que não soubesse.

Havia duas correntes diferentes de pensamento, resumidas muito bem por Thomas e Charlotte. Tom achava que a melhor coisa era me recusar a encontrar James — em suas próprias palavras doces, dizer para James "vazar e morrer", dar um fim naquilo e começar a caminhar de novo. Charlotte achava que eu devia ir, ser amigável mas não dar mole, usar uma roupa matadora e fazer com que se arrependesse de ter desistido de mim. Depois de uns dois dias de indecisão — chega de responder a mensagens em menos de meia hora —, decidi optar pela segunda estratégia. Sim, isso prova minhas tendências masoquistas.

Lá estava eu indo para a cidade tomar drinques, com um decote um pouco maior do que o normal. E por quê? Nem agora sei dizer. Só senti que precisava saber o que tinha acontecido e tentar entender. Precisava de algum tipo de fechamento, se é que isso existia fora dos programas bregas norte-americanos.

Nós nos encontramos. Ele foi solícito. Pedimos café e conversamos educadamente, primeiro sobre o melhor tipo de café, depois sobre o aniversário da minha irmã, sobre as bodas dos pais dele. Tudo menos o principal. Com o passar do tempo, fiquei com vontade de rir — lá estávamos como se nada estranho tivesse acontecido. Era surreal. Estava exausta e muito mais confusa pelas minhas emoções e comportamentos do que pelos dele. Por que eu ainda estava lá?

No entanto, não fui a única com dificuldades de explicar o que estava pensando. James finalmente falou alguma coisa que não tinha nada a ver com família. Ele se concentrou em ficar mexendo a colher no café e falou com uma voz ainda casual, como quem fala sobre o tempo.

— Não sei se você notou que me afastei no meio do nada.

Fiquei com a boca aberta diante da frase tão óbvia e depois ri, não deu para controlar. Foi uma risada amarga e ele ficou meio incomodado, mas continuou falando. Coragem ou loucura? Eu já não sabia mais.

— Sei que me comportei mal. E não tinha como explicar pra você, não sabia direito o que estava acontecendo. Sei que é idiota. Mas alguma coisa aconteceu e só entendi no fim de semana.

Então me contou. Disse que eu era incrível e que intelectualmente me achava uma das pessoas mais inteligentes e interessantes que conheceu em anos, que o fazia rir, que gostava muito de ficar comigo — todas as coisas fofas que afastei naqueles dias horríveis em que me senti um lixo. Quando já estava me preparando para a parte do "mas" que explicaria, apesar de todas as coisas boas, por que saiu correndo como se as bestas do inferno estivessem atrás dele, falou uma coisa que me fez levantar a cabeça, confusa, e achar que escutei errado.

— Quanto mais gosto de você, quanto mais passamos tempo juntos, é mais difícil lhe dominar, Sophie, lhe machucar. Quando brincamos a primeira vez e vi a apreensão nos seus olhos, ouvi você gemendo, fiquei excitado. Mas agora me chateia. E lamento.

Ele lamentava? Fiquei puta. Não parecia estar realmente lamentando, mas já, já iria.

— Você é um idiota, sabia disso? — Levantou a cabeça, surpreso. Não sei quantas pessoas já haviam dito isso para ele. Talvez parte do problema fosse esse. — Pra uma pessoa tão brilhante que consegue entender minhas reações como ninguém, que sente orgulho de entender o que me instiga, como foi tão idiota? Como não viu que o que fez, que ser insensível e sem escrúpulos e ficar em silêncio, ia me machucar muito mais do que qualquer coisa que fez com as mãos, ou com qualquer objeto que pudesse me machucar fisicamente?

Balançou a cabeça.

— Eu sei. Sei mesmo. É que... — Parou de falar.

O que dizer nessa situação? Bem, depois da minha explosão inicial, falei bem pouco. Até porque, se tivesse pensado em uma lista de possíveis razões para o que aconteceu entre nós, aquilo nunca apareceria entre as cem primeiras. Era insano. Mais tarde, sentiria respeito por ele ter conseguido pensar em uma coisa que nem eu — com minha imaginação fértil — concebi. Porém, naquele momento, fiquei na minha. Chocada. E conforme continuou pedindo desculpas e mais desculpas com tanta vergonha que era como se estivesse admitindo ter ejaculação precoce, meus primeiros instintos raivosos e minha tristeza foram

diminuindo, até que senti pena dele. Genuinamente parecia precisar de um abraço, e de alguém para dizer que ia dar tudo certo.

Ficamos em silêncio por um tempo. Meu cérebro finalmente funcionou o suficiente para formular uma pergunta: por que não foi um problema no início?

Passou a mão nos cabelos e me falou que nunca tinha dominado uma pessoa com tanta violência quanto comigo. Que me respeitava mais do que qualquer outra mulher com quem brincou, no sentido de que eu era mais capaz, mais igual a ele. E apesar de ficar excitado me dominando — daí os e-mails terem soado tão sinceros —, estava cada vez mais difícil quando o encarava ou quando meus olhos se enchiam de lágrimas. Pediu desculpas de novo. Várias vezes. Tanto que dei um abraço nele e ficamos bebendo café. Ainda estava furiosa, principalmente por ele não entender que seu comportamento nas últimas semanas machucou mais do que a punição com o chicote, com a colher de pau, com qualquer instrumento. Porque, graças ao comportamento dele, as coisas mudaram entre nós de uma maneira que não sei se poderia ser consertada. Mas pelo menos agora eu sabia. Podia começar a entender.

Ele estava encarando a xícara quando finalmente arrumei os pensamentos o suficiente para falar. Não sabia se minhas palavras iam ou deveriam fazer alguma diferença, mas senti mais do que nunca que as peças finais do quebra-cabeça estavam se encaixando, e que talvez James precisasse ouvir o que tinha a dizer, mesmo que fosse difícil falar. Quem estava nervosa agora era eu. Falei com cuidado. Era insano ter sentido o que eu senti (nós?) mas nunca ter dito essas coisas básicas ao vivo. Sinceramente, nunca estive tão vulnerável — nem quando estava chorando, impotente, sendo levada ao limite. Finalmente falei. Minha voz estava calma e ridiculamente constrangida.

— Gosto quando você me machuca. Até desejo que faça isso. Não sei se consegue perceber isso quando olho pra você com raiva, quando choro, quando fico corada, até quando não consigo esconder o medo só de pensar nas coisas terríveis que vai fazer. Estar tão completamente em desvantagem, ser rebaixada, machucada, diminuída, é o que curto. Sentir suas mãos nos meus punhos, na minha garganta, meus cabelos, sentir você tomando controle de mim, me dominando, faz minha respiração ficar mais rápida. E me deixa molhada. Às vezes fico deitada em casa pensando nisso.

Dei um gole grande no café. Falar era muito mais difícil do que implorar para ter um orgasmo e, de alguma maneira, senti que era uma das conversas mais importantes da minha vida, independentemente do final. Dei uma olhada por cima da xícara para ver a reação dele e continuei.

— Sim, você me machuca. Mas com a minha permissão. Eu imploro para que faça isso, literalmente às vezes. Você me machucar não é uma coisa ruim nesse contexto. O fato de você ser você — o James doce, inteligente, educado, gentil — é o que me faz ter confiança suficiente para que lhe dê permissão. Não daria

esse poder sobre mim pra mais ninguém. Dou pra você. Na verdade, o nível de poder que lhe dei nunca dei pra mais ninguém, nem mesmo pra Thomas. E lhe entrego esse poder por causa do seu lado mais comum. Se fosse tão impiedoso e duro comigo o tempo todo, que nem é quando está me esganando, não brincaria com você.

"Não me entenda mal. Quando você está fazendo isso, quando ergue as sobrancelhas pra mim, quando me faz chorar, isso é tão gostoso que fico sem ar só de pensar. Mas gosto do paradoxo. Gosto dos seus dois lados. Gosto de confiar em você pra me machucar, de ter prazer quando me faz chorar, ao mesmo tempo em que é cuidadoso e fofo o suficiente pra me dar um abraço depois. Pra checar se estou física e mentalmente bem, pra pegar um vinho ou um suco. Isso é uma coisa boa. Seus dois lados não são contrários. Eles se encaixam perfeitamente, e ambos mostram que você tem consideração e que se liga nas necessidades dos outros. Machucar alguém que quer ser machucado não é só uma coisa ruim, é praticamente uma delicadeza catártica."

Estava sentado sem se mexer. Coloquei a mão em seu braço, tentei fazer com que entendesse. Temi que minhas palavras não fossem boas o suficiente, o que, depois de tudo, seria até irônico.

— Como falei, espero que já saiba disso. E não se preocupe, não estou tentando arrumar um relacionamento com você. — Percebi que sem querer soei distante. Tentei esclarecer. — Não me entenda mal, isso não quer dizer que não estou interessada em tentar; não é todo dia que conheço uma pessoa como você. Eu me divirto muito e gosto bastante da sua companhia, dentro e fora da cama. Mas não sei se está no momento de ter um relacionamento agora, mesmo que estivesse interessado em ter alguma coisa comigo especificamente, e também não estou presumindo isso. Mas se nada mais acontecer entre nós, fora algumas trocas de gemidos por e-mail e cervejas de vez em quando, acho que você tem que ouvir isso mesmo assim.

Coloquei a xícara na mesa.

— Sim, você é sádico. E talvez precise lidar com isso, ver se está contente sendo essa pessoa. Estou feliz por você ser tanto o homem que minha mãe gostaria que levasse em casa quanto o que apontaria como perigoso, tudo em um pacote complexo e fascinante. E estou feliz por ser quem sou: na necessidade de ser machucada, querendo isso, amando ser desafiada, impulsionada para a frente e às vezes para trás.

Ficamos em silêncio. Quando ficou claro que não estava pronto para responder, decidi que estava na hora de encarar o trânsito para casa. Peguei minha bolsa do chão e meu casaco das costas da cadeira.

— Se perceber que está feliz com quem é da mesma maneira que estou feliz com quem sou, ligue.

E fui embora. Porque tudo fez sentido, até mesmo no meio das emoções

escrotas e complicadas causadas pela confusão entre nós. Se fosse minha alma gêmea, a pessoa com quem ficaria, meu Dom, meu parceiro, isso aconteceria como resultado daquela conversa. E se não fosse, bem, pelo menos fui honesta com ele e sabia o que queria. Sabia também que valia a pena esperar.

Epílogo

Foi uma semana daquelas.

Daquelas em que não consigo me desligar, em que os afazeres da vida cotidiana foram tão demasiados que sexo é a última coisa na minha mente. Só de sobreviver sem que meu cérebro implodisse já foi uma vitória. Tenho feito malabarismo para combinar dias longos, atarefados e estressantes de trabalho com noites escrevendo para terminar este livro dentro do prazo. Tenho pensado bastante sobre minha natureza — submissa e não submissa — e tentado colocar tudo em palavras que sejam sensuais e verdadeiras, mesmo quando tomar consciência de mim mesma me deixa sem palavras. Ironicamente, essa semana atribulada fez com que aproveitasse meus orgasmos da maneira mais pura para conseguir ter o alívio do sono.

Então quando entrei no quarto e o vi, estava sentado na frente do meu computador lendo um capítulo que eu havia descartado dias antes, não achei que fosse ser um prelúdio para uma tarde de amassos.

No entanto, como toda submissa sabe, geralmente não é você quem escolhe.

Entrar no estado mental sub é mais fácil em alguns momentos do que em outros. E agora, com minha cabeça entupida com as merdas que têm acontecido na última semana, estou a anos-luz do meu melhor como submissa obediente — e vamos admitir que tenho um problema constante com esse lado. Se ao menos ele não fosse tão sensual. Isso definitivamente faz com que o próximo acontecimento seja uma conclusão dispensável.

— Então está quase no fim do livro.

Concordo.

— Só mais algumas partes pra ajeitar aqui e ali. Estou quase lá.

Ele sorri.

— É uma leitura interessante.

Fico constrangida.

— Obrigada. Deve ser estranho ler essas coisas todas que não são relacionadas a você, não é?

Ele sorri e mexe as sobrancelhas antes de ficar com pena da minha expressão um pouco preocupada. Ele me chama para perto, me inclino para baixo e recebo

um beijo, primeiro de leve na testa e depois com mais pegada na boca.

— Nada. Eu diria que foi pesquisa, mas nas partes sobre você não preciso ler o manual.

O convencimento dele me faz rir. Ele me faz rir. Estou mais feliz do que nunca. E então, enquanto olho para ele, alguma coisa muda em seus olhos. Um brilho de luxúria, um toque de ameaça. Sua voz muda para aquele timbre que me dá frio na barriga.

— Fique de joelhos.

Não me mexo imediatamente. A semana foi longa e, apesar de isso ser divertido, não estou no clima certo. É uma grande ironia, eu sei, mas não estou mesmo. Evidentemente, ajoelhar-me na frente dele enquanto está sentado me dá uma visão ótima. Dane-se, penso, e me abaixo.

O problema é que ainda sou uma droga em esconder qualquer sentimento. E dar importância a isso só atrai problema.

— Então você virou os olhos para cima.

— Virei não. — Merda. Por que estou discutindo? Foi um erro também. Cale a boca. Droga.

— Virou sim. E acho que acabou de revidar.

Juro por Deus que tenho de mastigar as palavras para não discutir. Consigo engolir tudo, mas é delicado. E tenho certeza de que ele percebe, apesar de estar mais entretido do que puto. Logo volta ao que interessa.

— Tire a roupa, menos a calcinha, e volte pro chão.

Meus movimentos são econômicos. Não é um striptease: sei que já estou encrencada então obedeço rapidamente. Mantenho a cabeça baixa quando volto ao chão. Não quero que nenhum virar de olhos, real ou imaginário, me cause mais problemas ainda.

A virilha dele está a centímetros do meu rosto. Minhas mãos se fecham ao lado do corpo no esforço de não se moverem, de não tocá-lo.

— Belisque os mamilos pra mim. Com força. Mostre os seios. Vamos.

Começo a puxar e apertar meus mamilos, levantando o peso dos meus seios. Ficar pelada à mostra na frente dele quando está totalmente vestido, como se estivesse pronto para um jantar, é o tipo de pequena humilhação que o alegra, e é uma coisa que ainda hoje é difícil para mim. Fecho os olhos com vergonha, sinto que estou ficando um pouco corada. A calcinha já está meio úmida no meio das pernas.

Bate na minha mão, segura e torce meus mamilos. Meus olhos se abrem com o choque, e não consigo parar de berrar de dor quando puxa meus seios ainda mais para cima, fazendo com que me estique para amenizar um pouco da tensão.

— Seu beliscão é patético. Foi isso que pedi. — Torce com crueldade para exemplificar o que está falando. Respiro fundo para tentar processar a onda de dor. — Agora faça direito. E fique com os olhos para baixo.

Não sei se isso é uma coisa que outras pessoas com tendências submissas acham, mas tudo bem aguentar a dor que outra pessoa causa — iria até mais longe e diria que quando estou nesse contexto, tenho boa tolerância. Mas pedir que eu cause dor em mim? É mais difícil de aguentar. Não consigo depilar minhas pernas porque a dor não me deixa arrancar a cera. Está muito putó agora, então torço os mamilos, que já estão vermelhos e inchados, com mais força, olhos no chão.

Honestamente, não sei quanto tempo ficamos ali. Não há movimento no quarto, a não ser por ele se acariciando, no limite da minha visão periférica. Estou desesperada para olhar, mas encaro um ponto no chão de tábuas entre os pés dele.

— Que imagem linda. Mas não sei onde gozar. Estou com pena de gozar nos seus cabelos, acabou de lavar. Talvez nos seios. O que acha?

Dou uma olhadinha para checar se devo responder e vejo que está olhando para mim. Volto para seus dedos dos pés antes mesmo de terminar o berro mandando olhar para baixo. Minha voz é hesitante. Tento pensar em uma maneira de dizer que quero que goze na minha boca. Adoro chupar seu pau. Mas sem equilíbrio do jeito que estou, fico sem saber qual a melhor maneira de dizer. Minha frase sai como uma pergunta, o que o diverte.

Ajoelhada aqui na frente dele, olhando para seus pés, sinto meu estado de espírito mudar um pouco. O peso da semana está indo embora e tudo que sei é que esse cara está me deixando frustrada, que estou desesperada para dar prazer a fim de receber prazer (sei que não é a ideia da submissão, mas me perdoe por ser comodista). A ideia de ele me tocar, de deixar que o toque, é algo que quero tanto que tudo mais some.

— Levante-se.

Fiquei ajoelhada por tempo suficiente para que demore alguns segundos para me equilibrar de pé. Mexe nos meus ombros para me posicionar como quer, e depois seus dedos passam pela minha boceta, enfiando o algodão pegajoso da calcinha dentro de mim. Ri do quanto estou molhada. Ficar de pé olhando para a frente é uma batalha enquanto passa seus dedos provocantes em mim. Para e desenha uma linha na minha coluna, o que me faz tremer. Tira minha calcinha. Finalmente. Dou um passo para fora dela e ele segura meus cabelos, que estão em um rabo de cavalo na nuca, puxa com força e me joga no chão de maneira desajeitada. Quando me reposiciono de joelhos, me puxa para perto da cintura e me coloca na posição certa.

— Você ainda faz coisas que não pedi. Não quero que mostre iniciativa. Neste momento, não quero que faça nada a não ser o que eu mandar, e quando mandar. Quando fizer uma pergunta você responde na hora e com educação. Você é uma menina inteligente, são coisas simples. Entendeu?

A condescendência me dá raiva. Minha garganta está seca.

— Sim. Perdão.

O silêncio aumenta. Estou presa na posição pelos cabelos, inclinada na direção dele enquanto se prostra de pé como um herói conquistador.

— Certo. O que acha que vai acontecer agora?

Eu sei. E como sei. Mas não quero ser muito específica para não colocar ideias na cabeça dele. Está usando cinto hoje? Lembra onde guardo meus brinquedos? Puxa meus cabelos.

— Hein?

— Você vai me punir.

— Isso.

Sou levada para o braço do sofá. Chuta minhas pernas para abri-las e se concentra na minha bunda. Passa os dedos na curva sensível das nádegas, o que me faz tremer enquanto espero pela primeira pancada.

Receber as surras da vara e do cinto em suas mãos já me fez chorar. Mas quando quer impressionar, até mesmo uma surra pode doer muito. Quando o som da primeira porrada reverbera no quarto e sugo o ar por entre os dentes para ajudar a controlar a dor, percebo que essa vai doer bastante, que não vai ser uma sessão qualquer e irreverente de surra.

O negócio é que, enquanto as pancadas vêm e me seguro na mesma posição, lidar com a dor esvazia a minha cabeça. Não estou pensando na semana de merda nem na contagem de palavras e nos parágrafos. Não estou preocupada com minha aparência, estando pelada com a bunda para cima. Nem penso em como estou excitada (só para registrar, estou achando a surra muito gostosa). Estou apenas controlando as ondas de dor e suportando o ataque porque, neste momento, sei que é tudo que tenho de fazer para lhe dar prazer. Minha mente está limpa e um peso saiu — e só custou umas boas porradas em uma nádega.

Para rapidamente e pergunta quantas vezes já bateu. Só consigo chutar e tento não tremer quando passa um dedo na minha bunda, que agora está quente. Ele me faz contar a segunda nádega e agradecer por cada pancada. Pode ter certeza de que dessa vez não virei os olhos para cima; estou muito concentrada em ficar reta e na posição certa com pernas tão bambas.

Quando termina, afasta-se e enfia os dedos em mim por trás sem cerimônia. O ataque nada digno me faz choramingar e, à medida que move os dedos, jogar o peso para cima dele como um animal. Faz questão de bater com o dedão na minha bunda dolorida a cada enfiada. A sensação é intensa. Ele entra e sai de mim com facilidade e me leva para mais perto de um orgasmo, mais forte, mais forte, enquanto massageia meu clitóris com tanta força que o prazer intenso é quase doloroso. Depois de ficar direitinho na posição certa durante o castigo, o prazer é insuportável e acabo gozando com força nos dedos dele. Caio no chão, onde me encolho por um segundo e tento recuperar o fôlego. Acho que não existe orgasmo ruim, mas esse é o alívio perfeito depois de uma semana pesada.

É como se tivesse sido destruída e reconstruída.

Quando volto a ter noção dos arredores, me levanto do chão e vejo que está de pé em cima de mim. Vem ao meu encontro, finalmente, e mexo a cabeça para tomá-lo na boca. A dor no couro cabeludo traz lágrimas quando me puxa.

— Só quando eu falar que pode.

Abro a boca de novo, para me desculpar dessa vez, mas imediatamente pega minha nuca e enfia o pau entre meus lábios, me deixando na luta para recebê-lo sem me engasgar. Minha boca começa a trabalhar nele, lambo e chupo com vontade, curto a grossura, escuto sua respiração mudar. Naquele momento, o foco do meu mundo todo é ele, sua satisfação. Nada mais importa e a simplicidade disso é emocionante. Quando goza, sorrio para mim. É um momento surreal de paz contemplativa.

Ser submissa é apenas uma faceta da minha personalidade. Mas é um traço fundamental de ser quem sou, assim como a importância que dou aos amigos e à família, o amor pelo trabalho, minha independência e teimosia, e até meu amor por Marmite.

De repente, minha semana ruim e tudo mais que parecia tão urgente vinte minutos atrás estão lá longe. Agora, neste momento, com minha bunda dolorida e seu gosto na garganta, ele é o centro do universo. E, porra, como eu amo isso.

[1] Palavra de segurança ou safe word — palavra ou gesto combinado entre os parceiros para que, quando utilizada/o, a cena pare.

[2] Uma espécie de melado feito de extrato de levedura, é um dos produtos britânicos mais populares. Com odor forte e um sabor característico, costuma dividir a opinião entre os que o odeiam e os que o amam.